

Thriller policial

O MISTERIOSO CASO NA ESCÓCIA



por ALEC BAURER



O MISTERIOSO
CASO NA
ESCÓCIA



COLEÇÃO ALEC BAURER

O VALETE DO CRIME

[Prólogo](#)

[Certo Detetive Austríaco](#)

[No Castelo Keynsworth](#)

[Uma Investigação Noturna](#)

[A Duquesa dá um Grito](#)

[Miss Cox-Langley](#)

[Uma Proposta para Fëll](#)

[À Beira do Loch Ness](#)

[Mensagem no Espelho](#)

[Em Edimburgo](#)

[Um Tiro na Soirée](#)

[A Morte da Duquesa](#)

[Vem o Inspetor Burd](#)

[A Irmã da Vítima](#)

[Miss Ambros Fala](#)

[O Inspetor Burd Ri](#)

[O Laudo](#)

[Diálogos](#)

[A Segunda Morte](#)

[A Torre Leste](#)

[O Jovem Boliviano](#)

[Mrs. Samossa Depõe](#)

[Miss Cox-Langley Depõe](#)

[O Coronel e a Esposa](#)

[Miss Ambros Depõe](#)

[Em Resumo...](#)

[O Revólver](#)

[Após o Funeral](#)

[O Terceiro Atentado](#)

[A Pessoa Errada?](#)

[Os Fatos](#)

[... Mais Fatos](#)

[Epílogo](#)

Prólogo



DUQUESA DE VAHLE!

— Esse é o nome! — disse o Sr. MacPaterson, tocador de gaitas de fole, em voz alta.

O Sr. MacPaterson estava sentado no *Tigerlily*, e de sua mesa dava para ver todo o tráfego da George Street.

— O quê? Quem? — perguntou o rapaz inglês, sardento e de mãos ossudas, ao seu lado.

O Sr. MacPaterson apontou o Bentley que tinha estacionado em frente do restaurante butique.

— Aquela ali! É a duquesa de Vahle.

— E daí?

— *E daí?* Ela é mãe daquele ator... Roy *Qualquer-Coisa*...

Seu amigo, o jovem inglês, era um rapaz bonito, dezoito anos, alto e forte. Ex-capitão da equipe de beisebol da escola, fora o primeiro de sua turma na escola secundária.

Agora, quando o Sr. MacPaterson pronunciou o nome “Roy *Qualquer-Coisa*”, o jovem olhou para ele na maior incredulidade.

— Roy? Está falando de Roy Dumsley? Ele fez aquele filme “*Ameixas Amargas*”. Uma porcaria! Deviam prender o cara que escreveu aquele roteiro... Nunca vi uma coisa tão sem noção!

Lá fora, o motorista abriu a porta do Bentley e segurou uma sombrinha para a mulher que saiu pela porta traseira. Ela tinha um rosto enrugado, mas firme e determinado. Apertando a gola do casaco de *vison* por causa da chuva, a velha dama entrou no restaurante com passos rápidos e seguros.

— O marido caiu daquela montanha na Malásia — disse o Sr. MacPaterson. — Ficou viúva e agora vive como uma rainha em seu palácio de cristal.

— Ouvi dizer que ela é linha dura...

— Seja como for, tem um título de nobreza. O pai era oficial da Marinha

Francesa... Uma rigidez militar dentro de casa, você queria o quê? Ela teve sorte em casar com o Duque de Vahle. Um castelo, dinheiro, bens...

Eles seguiram com os olhos os passos da duquesa. Ela foi até uma mesa dos fundos e lá se dirigiu a um homem de boina xadrez e casaco *plus size*. O homem, por sua vez, se levantou da cadeira e deu um abraço nela. Depois de pagar a conta, os dois saíram do restaurante. Embarcaram e, logo em seguida, o carro partiu com as luzes acesas.

O Sr. MacPaterson deu um assovio.

— Um homem... Ela veio atrás de um homem?

O jovem inglês riu.

— Ora, não me diga que o senhor não reconheceu o sujeito!

— Não... não reconheci.

— Estava meio disfarçado, mas era o filho dela.

— O tal ator? — perguntou o Sr. MacPaterson. — Achei que ele fosse mais gordo!

— Ele *era* mais gordo. É um exibido, isso sim.

O velho tocador de tocador de gaitas de fole comentou:

— Para quem não gosta de filmes, você até que sabe muita coisa desse cara. Eu fiquei mais interessado na mãe. Viúva, rica, enxuta... Ah! Se eu fosse um milionário!

2.

Uma nota nas páginas do *Scots Independent* dizia o seguinte:

“Ontem à noite, em Edimburgo, houve a pré-estreia do filme “Crepes e Bananas”, estrelado por Sir Roy Dumsley. Depois de alguns fracassos arrasadores no currículo do ator escocês, Sir Dumsley usa o filme para questionar valores falsamente puritanos e o preconceito contra etnias diferentes e aparentemente estranhas. É um avanço para quem, há um ano, fazia questão de revelar posições xenófobas e ultraconservadoras”.

3.

A viagem com o Bentley durou meia hora em uma estrada sinuosa pelos campos, até que, por fim, *Sir Roy Dumsley* viu a casa.

O Castelo Keynsworth.

O lar de sua infância.

A verdade era que *Sir Dumsley* detestava lembrar o passado. Não queria lembrar as inúmeras ligações que fizera para o pai e que ficaram sem ser atendidas. Não, não queria se lembrar de nada disso.

— Estamos nos aproximando pelo leste — explicou Lady de Vahle, ajeitando o casaco de *vison*. — Portanto, seus aposentos ficam ali, Roy — disse ela, apontando para a direita. — Lado sul.

Lady de Vahle, mais conhecida como Pennélophe MacSullivan... a esposa do Duque de Vahle. Lady de Vahle, filha de um empresário, despachante de voo da companhia aérea Air France, e de Lucile Sand Diviner, uma ex-assistente de bordo. Lady de Vahle, que crescera numa pequena aldeia em Bucklebury, a cerca de 45 quilômetros de Londres. Lady de Vahle, a mãe de *Sir Roy Dumsley*.

O carro já ia diminuindo a velocidade e *Sir Dumsley* pôde ver todos os serviçais enfileirados no pátio. Parecia uma recepção digna de um embaixador!

O ator desceu do carro e ergueu a mão para a mãe. Lady de Vahle apeou, cumprimentando o grupo de criados com um sorriso.

— Morgan! — cumprimentou *Sir Roy Dumsley* e, rindo, cutucou a barriga do homem no início da fileira. Era Morgan, o mordomo de longa data da família.

Morgan fez uma reverência com o corpo rígido.

— Estamos encantados, Sir. Para nós, será uma honra servi-lo.

Morgan era o arquétipo perfeito do empregado sério e eficiente.

— Ainda apostando em cavalos, Morgan?

— Não, Sir — disse o mordomo.

— Muito sensato, meu caro. Dê meus cumprimentos a Mrs. Morgan! — *Sir Dumsley* virou-se para a cozinheira. Apertou os olhos: — E a senhora, Mrs. Coleen? Podemos esperar salmões com verdura para o jantar?

— Não, Sir. Sua mãe quer que eu faça *steak pie*, Sir.

— Oh, gente! Parem de me chamar de Sir. Sou eu... Roy! Vamos esquecer esses títulos, por Deus!

— Deixe isso para lá, filho — disse Lady de Vahle. — Está todo mundo contente que você esteja de volta.

Sir Dumsley cumprimentou os outros empregados e entrou no castelo.

— Oh, muito bem! Chegamos — disse o ator, passeando o olhar pelo saguão. As cortinas cor-de-rosa... os vasos de bronze com crisântemos... o pequeno jarro de violetas... — Os brasões e as armas!... Ah, papai e seu orgulho bobo! “*Os de Vahle devem manter viva a memória de seus ancestrais!*” O que eu acho é que isto aqui merece uma boa reforma! Mandarei vir um decorador de Stirling, mamãe!

— Pare de falar assim! — ralhou a duquesa. — Venha, vamos nos aquecer ao fogo.

Lady de Vahle era uma mulher prática, pouco dada a sentimentalismos. Tinha olhos cinzentos e expressivos. Conhecia as esquisitices do filho, a sua ambição e o seu gosto pelo luxo. Por isso, ela reservara uma pequena surpresa.

Dali a um minuto, Sir Dumsley parava no limiar da porta da sala de estar, a boca aberta.

— Uau, o que é isso, mamãe? Sistema de ventilação... Aquecimento central... Esta sala foi reformada.

— Ah, muitas vezes — disse Lady de Vahle.

Ele disse:

— A senhora a deixou... maravilhosa.

— Sim, espero que sim.

— Amei, amei... Retiro o que eu disse sobre o decorador! Entrando no universo *fashion*, mamãe? Um sopro de ar moderno na casa dos *Neandertais*. Maravilhoso! — repetiu.

Ele se jogou no sofá.

Aquela sala... os móveis... a propriedade... Tudo lembrava o seu tempo antes do estrelato, da fama. Da fama medíocre — quanto a esse ponto, Sir Dumsley não tinha ilusões. Não era um sucesso de bilheteria, mas o que importava era o salário.

Lady de Vahle disse:

— Pensei que sua noiva viria com você, Roy.

— Felicia está em Milão. Virá essa semana.

— Dizem que vocês já marcaram a data do casamento.

— Não exagere, mamãe. Não marcamos nenhuma data. Isso é boato dessa gente das revistas.

— Que pena! — suspirou a mãe. — Pelas fotografias, sua namorada parece

ser muito bonita!

— É muito bonita, sim — disse Roy Dumsley. — E eu gosto de Felicia.

— Fico tão aliviada! Quero tanto que você seja feliz!

— Eu sei, mamãe. A senhora vive repetindo isso.

A duquesa mordeu o lábio.

— Espero que ela não seja muito exigente...

O filho caiu na gargalhada.

— Está brincando, mamãe? Isto aqui é um castelo! Felicia vai amar. Ninguém resiste a essa atmosfera medieval. E agora, com aquecimento central... É divino! É fabuloso!

O mordomo de Lady de Vahle entrou na sala. Pediu licença baixinho, e serviu duas xícaras fumegantes de chá.

— Obrigada, Morgan. Está com um aroma delicioso.

— Dois torrões de açúcar, Sir... Mr. Roy?

— Sim, por favor.

O mordomo mergulhou dois cubos de açúcar no chá. Depois, com suas maneiras pontificais, saiu majestosamente da sala.

— *Dois torrões de açúcar*, Sir? — arremedou Sir Dumsley, engrossando a voz.

— Esse Morgan é meio maluco, mamãe. Parece um daqueles fósseis de mamute. Qual a idade dele? 70? 80?

— Não implique com ele, querido. Morgan sempre zelou pelo bem-estar de nossa família. Bom e velho Morgan. Como é fiel! É ele que dá corda no relógio suíço, você sabe!

— Ah, claro, o relógio...

Sir Dumsley se aproximou da lareira para dar uma olhada. O relógio suíço... ali pendurado há dezenas de anos... com aquelas pedras preciosas nos ponteiros... Qual seria o valor daquilo?

— Deve valer uma fortuna.

— É claro que vale! Cerca de cinquenta mil.

— Quanto dinheiro! Não tem medo de ser roubado?

— Eu mandei instalar um sistema de alarme, não sabia? E, de qualquer maneira, o relógio está no seguro.

— Sistema de alarme? Que emocionante.

— Tempos modernos — respondeu Lady de Vahle, achando graça.

— Por que a senhora não faz um leilão? — acrescentou Sir Dumsley, meio sonhador.

— Roy! É claro que não!

A duquesa olhou para o filho, sentindo a secreta satisfação de vê-lo ali ao seu lado. Ela sabia o que a imprensa dizia a seu respeito... de como falavam mal de suas interpretações... das coisas que inventavam sobre ele.

Lady de Vahle inclinou a cabeça e perguntou:

— Você se lembra de sua tia Stephany?

— Tia Stephany? Tia Stephany? Lembro-me vagamente do nome. Ela não mora na América do Sul?

— Sim, na Bolívia. Ela ligou ontem de manhã e disse que virá nos visitar na semana que vem. Faz anos que Stephy não vem para Edimburgo. Ela disse que quer conhecê-lo, Roy.

Sir Dumsley riu.

— Ora essa! Mas que boa notícia! E eu que pensava que todo mundo tivesse raiva de mim.

4.

— Olá, titia! — exclamou Roy Dumsley, atravessando o gramado molhado para ajudar a tia a apear do grande e velho Daimler.

Stephany Samossa, uma mulher de sessenta anos, estendeu a mão e, depois de ficar de pé, deu um suspiro triunfante.

— Ufa! Finalmente!

Stephany Samossa afastou da testa duas rebeldes mechas grisalhas. Deu uma olhada para *Sir Dumsley* e acrescentou:

— Meu Deus, você é muito mais bonito ao vivo!

Sir Dumsley sorriu.

— É muita bondade, titia! Espere, pegue o guarda-chuva. Eu cuido de sua bagagem.

— Oh, que bom! — disse Mrs. Samossa.

Seus olhos se fixaram, sem pestanejar, no rosto sério e leviano do rapaz alto e ruivo que, depois do deslizar do banco traseiro, remexia no porta-malas do carro.

— Cuidado com as minhas coisas, Hector! — disse ela, quase ao mesmo tempo em que seu filho advertia:

— Vá pra dentro, mamãe! Vá logo!

As bochechas de Hector Samossa tremiam de indignação, e seus olhos míopes soltavam faíscas de raiva. Empurrou os óculos para cima e começou a tirar as coisas do porta-malas.

— Ai! Estou tão emocionada! — disse Mrs. Samossa. — Voltar para cá depois de tantos anos!... Não se esqueça de trazer meu porta-joias, Hector.

Mrs. Stephany Samossa era assim. Pequena, elétrica e impulsiva. Até mesmo seu chapéu *floppy* cor de vinho combinava com seu espírito jovial e expansivo!

Ela olhou o castelo por alguns segundos e então, erguendo o guarda-chuva, saiu saltitando na direção da porta de entrada.

— Que figura! — exclamou *Sir Dumsley*. — Agora entendo porque mamãe passou a vida falando nela.

Atrás de *Sir Dumsley*, Hector resmungou:

— Ah, é? Daqui a uma semana vocês estarão implorando para que a gente vá embora. Mamãe é muito cacete!

Sir Dumsley olhou para ele, curioso.

— E aí? Então você é que é meu primo!

— É o que dizem — disse Hector secamente.

Hector agarrou duas malas e, de mau-humor, lançou-se ao encalço da mãe. Não fazia a mínima questão de ocultar a raiva. Vir para aquele lugar... naquela época do ano? Neve, neve... Para qualquer lado que se olhasse, só se via neve.

“Esquentadinho, o rapaz!” murmurou Roy Dumsley.

Lá dentro, Mrs. Samossa foi conduzida à enorme sala de estar, e Morgan anunciou, com sua habitual voz sem inflexão:

— Mrs. Samossa.

Lady de Vahle largou distraidamente uma revista e atirou-se de braços abertos sobre a irmã.

— Stephany!

— Penny!

Quando, dali a um minuto, Hector apareceu, as duas já estavam conversando animadamente.

— Mamãe!

Lady de Vahle se virou para o rapaz, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Mrs. Samossa apresentou:

— Este é meu filho, Penny. Hector, esta é a sua tia!

Lady de Vahle reagiu rapidamente, naquele seu modo característico, e apertou a mão do apatetado Hector.

— Hector? Hector? Então você é meu sobrinho?

— Acho que sim — retrucou o rapaz, de má vontade.

Lady de Vahle virou-se para a irmã e murmurou:

— Querida! Fico tão feliz! Parece um bom rapaz.

— Muito bonzinho, sim — concordou Stephany Samossa. — Mas tão revoltado! Hector criou um *blog* e agora decidiu escrever sobre os governos corruptos da América do Sul. Acredita nisso, Penny? Falar de comunistas, ateus e tiranos! Eu vivo com o coração na boca. — Fez uma pausa e disse: — Ah! Há quanto tempo que eu não venho para cá! Desde que casei e fui para a Bolívia. Pobre papai! Foi derrame, não foi?

— Foi sim.

— Uau, você está tão bem, Penny! Que palácio! Eu sempre soube que você acabaria se casando com alguém rico e de sangue nobre. Vejam só... Agora você é viúva, tem uma saúde de ferro e uma vida inteira para viver.

Lady de Vahle sorriu. A personalidade espalhafatosa de sua irmã continuava ali, intacta. Qual era mesmo seu apelido desde a infância?

A rainha doidinha!

Mrs. Samossa prosseguiu:

— Oh! Penny, eu acabei de conhecer seu filho. Oh! Eu gosto muito dos filmes dele. Principalmente... oh, como é o título? “O assassinato na sauna em Paris”!

— “Assassinato na sauna...”? Acho que não vi este.

— Nem a senhora, nem ninguém — disse Hector, zangado. — Mamãe vive trocando os títulos dos filmes.

— É mesmo? Oh! Seja como for, seu filho precisa me dar um autógrafo, Penny!

— Ah, a senhora é adorável, titia! — gritou *Sir Dumsley* do saguão. — Vou levar sua bagagem para o quarto e depois falaremos sobre isso...

— Ele é tão educado! — suspirou Mrs. Samossa. Virou-se para o filho: — Hector! Hector! Você estava tiritando de frio... Veja, a lareira está acesa!

— Eu vi, mamãe... Não sou cego!

Roy Dumsley voltou, secando as roupas úmidas com o lenço. Olhou com simpatia para tia Stephany. Sobrancelhas em forma de asas de gaivota? Bem, talvez fosse moda no continente americano.

— Então a senhora gosta de meus filmes, hein? Permita-me dar um beijo, Madame.

— Oh, Penny, seu filho não é um amor?

Hector Samossa olhou para *Sir Dumsley* com viva contrariedade. “Há qualquer coisa de falso nesse cara!” Passou então a ocupar-se com a opulência da sala de estar.

“*Por que tantas pedras?*” pensou Hector. “*Tantos tecidos... Cortinas... Lustres caríssimos!*” Imaginou aquela riqueza sendo vendida e o dinheiro distribuído entre os pobres. “*Seria um modo melhor de aproveitar as coisas. Tão poucos com tanto nas mãos!*” Era injusto... Uma vergonha!

Em pensamento, Hector murmurou:

— Seja o que Deus quiser! Pior do que está, não fica.

Ele não sabia o quanto estava errado...

5.

Felicia Ambros havia recém-tomado seu café da manhã com torradas quando o celular tocou em sua bolsa.

Felicia Ambros atendeu.

— Sim, quem é?

A voz de *Sir Roy Dumsley* chegou com uma entonação clara e límpida aos seus ouvidos.

— Oi, Felicia! Você já saiu de Milão?

— Não. Agendei minha passagem para hoje à tarde.

— Ótimo. Já sabe o horário de sua chegada?

— Estarei em Edimburgo às 20h30.

— Certo. Estarei no aeroporto... Sinto sua falta, amor.

Felicia Ambros riu, atirando a cabeça para trás. Felicia Ambros era uma mulher de porte elegante, esguia e com lábios carnudos como uma ninfa grega.

Seu riso foi tão alto que chamou a atenção das pessoas no saguão do Hotel Brunelleschi Milano. Ao responder, baixou ligeiramente o tom de voz:

— Já estou indo, Roy querido. Já estou indo.

— Quer que eu prepare um banho com sais? — perguntou a voz de Roy Dumsley.

— Oh, Roy, seria maravilhoso!

Rebelde, alheia às convenções, e de quem os jornais e revistas gostavam de falar, Miss Ambros conhecera Roy Dumsley durante as filmagens em Cingapura. Quinze anos mais velho — um homem de maneiras cordiais e insinuantes. Tinham voltado a se ver em eventos sociais e numa festa promovida pelo estúdio. Todos os jornais escoceses publicavam fotos de *paparazzi* do casal Ambros-Dumsley. Uma chatice!

— Deixe comigo! Eu dou um jeito nisso... Mamãe tem frascos e mais frascos de essências e perfumes.

— Melhor não, querido! Não quero que sua mãe brigue comigo já no primeiro dia!

— É... Nisso você tem razão, Felicia.

— Vou desligar agora, Roy. Depois falo com você.

Antes de guardar o celular, Miss Ambros mandou uma mensagem de texto. “Espere por mim!” dizia, seguida de uma fileira de *emoticons* sorridentes, animados e jogando beijinhos.

Como se andasse nas nuvens, a mulher foi para o balcão pagar a conta do hotel.

6.

— Ouça essa, Arthur — disse Mrs. Strohheimer ao marido.

O coronel Arthur Strohheimer encarou a mulher, pacientemente, mas sem grande interesse.

— O que foi, meu bem?

Mrs. Strohheimer suspendeu o *The Press Journal* e disse:

— Aquele ator... Roy Dumsley... está noivo. Aqui diz: “A noiva, de 35 anos, foi atriz no filme ‘Deserto em Chamas’.” É claro que só podia ser uma atriz! Ele nunca casaria com uma camareira ou uma diarista... Ouça, ouça, Arthur, a descrição dela: “Felicia Ambros é delicada, com um sorriso estonteante, e parece ter arrebatado o coração do controverso e canastrão ator de Edimburgo”.

— Canastrão... Quem? — perguntou o coronel Strohheimer.

O coronel Strohheimer, como sempre, mal escutara a esposa. Estava olhando pela janela — lá longe dava para ver o telhado das casas de Aberdeen.

— Aquele ator, filho de Penny MacSullivan — disse a mulher com vigor. — Os MacSullivan eram nossos vizinhos em St. Andrews... Penny era tão magrinha, tão feinha! Depois acabou se casando com um conde... ou será duque? O filho dela está noivo... Veja, a foto dos dois! Que mulher... que charme...

— Charme?

— É, Arthur. Você fica aí sentado, repetindo o que eu digo!

Margareth Strohheimer era gordinha, muito virtuosa, mas tinha um instinto infalível para rastrear as fofocas mais picantes dos famosos.

— Ah, esses artistas são tão infiéis! Ele já namorou tantas mulheres que deve ter perdido a conta! Sempre rodeado de belas atrizes, tendo do bom e do melhor... Ele não é bom ator, mas você sabe como são as mulheres, Arthur. Caem aos pés de qualquer homem com fama e dinheiro. Principalmente dinheiro. Depois engravidam e ficam choramingando, se lamentando pelo resto da vida. Está me ouvindo, Arthur?

O coronel Strohheimer sorriu, complacente.

— Sim, sim, Gerry... Estou ouvindo.

— Olhe só os dois aqui! Meia-idade, esbanjando saúde... E estão se beijando na boca, o que é uma pouca vergonha! Parecem felizes, como se estivessem numa carruagem de abóbora. Felizes, felizes! Eu não vou pelas aparências. Eles podem ter brigado... mas é claro que não falaria disso em público! Ou talvez

estejam pensando em se separar... e continuam fingindo que vai tudo bem. Essa gente não me engana. Eu digo a você, Arthur, esse namoro não vai longe.

O Coronel Strohheimer era quieto, quase um zero-a-esquerda. Já se acostumara a responder por monossílabos às opiniões de sua esposa.

— Por que não, Gerry?

— Ora, porque não! Veja esses sorrisos... E essa pose! Que esquisito, ela usa uma saia crepom... Eu nunca usaria uma saia crepom. Arthur, lembra quando nós namorávamos? Papai ficava na cozinha, vigiando a gente. Era tudo muito ético! Hoje não existe mais respeito entre ninguém. Dormem juntos já na primeira noite, argh!

— Ético, pois sim — fungou o coronel, torcendo a ponta do bigode.

— Ético, sim senhor. Você é que nunca gostou de papai. Dizia que ele era um marxista, ou chauvinista...

— Um *porco* chauvinista, Gerry!

Houve um breve silêncio.

Mrs. Strohheimer voltou a se concentrar no jornal:

— Um paletó bege... É engraçado como os homens gostam de cores mortas! A única coisa bonita aqui é a gravata... Como é mesmo o nome da mulher? Felicia Am-bros... Deve ser inglesa, ou sueca. Eu gostaria de conhecê-la, Arthur. Arthur, você está me ouvindo?

— Estou, Gerry. Estou ouvindo.

— Que é que você acha de...

— Acho o quê?

— Está decidido, Arthur — anunciou Mrs. Strohheimer com energia. Os seus olhinhos brilhavam: — Eu vou visitar Penny! Eu vou, e você vai comigo. Sim, e vamos hoje. Vou começar a arrumar as coisas.

7.

O trem da *East Coast* faz o trajeto Londres — Edimburgo em 4 horas e vinte minutos.

Francis Brad-Burg consultou o relógio. Fazia três horas que o trem saía da estação de *King's Cross*... Ainda demoraria um pouco, portanto, até chegar à *Waverley Station*, em Edimburgo. Os campos planos... as ovelhas... os rios — tudo parecia monótono e igual. A única vez que Francis Brad-Burg olhara pela janela fora no norte da Inglaterra, perto de York e Newcastle, para ver o mar...

Francis Brad-Burg tinha seus vinte e nove, um rosto cheio e inteligente. Os olhos eram verde-acinzentados, um pouco oblíquos, mas amistosos. Enquanto mastigava a batatinha frita e o *shortbread*, Francis pensava em *Sir Dumsley*.

Eles se conheciam há... quanto tempo mesmo?... dois anos. Tinham trabalhado juntos num filme de terceira categoria, mais pelo prazer de atuar do que pelo salário ínfimo pago pelo estúdio. Depois disso, tinham se encontrado casualmente em alguns coquetéis ou festinhas empresariais. Aos poucos, nascera uma amizade e, conseqüentemente, uma maior afinidade entre eles. E agora, aqui estava ele, Francis Brad-Burg, indo visitar seu amigo em seu suntuoso castelo na Escócia. Era quase lúdico. Ou, no mínimo, uma *maluquice*.

Como a internet *wi-fi* funcionasse super bem dentro do trem, o rapaz pesquisou as mais recentes notícias sobre *Sir Dumsley*. *Seu noivado havia sido oficializado... A mulher dissera que ele era um homem romântico e atencioso... Seu último filme fora bom, ou, pelo menos, estava acima da média das outras produções... Lady de Vahle já falara na alegria de ser avó... Corriam especulações sobre a possível data do casamento... Corriam especulações sobre o comprimento da cauda do vestido... Sobre o tamanho do buquê de flores... Sobre a cor das flores... da quantidade de convidados... se haveria uma carruagem ou não... se a lua-de-mel seria em Paris... Indonésia... Micronésia... ou Chatonésia... se haveria feriado nacional... mundial... ou se a Terra entraria em outra era glacial...*

Francis Brad-Burg leu tudo isso sem muito interesse. Ele rolou a página até o início do artigo. Olhou para a foto nítida e bem destacada de Roy Dumsley e Felicia Ambros, “o sorridente casal”, abraçados. Ao fundo deles, um verde e viçoso pé de rododendro — a moldura perfeita para o par de pombinhos apaixonados.

Pensativamente, Francis ficou olhando a fotografia durante alguns minutos.

Depois seus olhos se levantaram, e um sorriso fino surgiu em seus lábios.

8.

Goa, República da Índia.

Victoria Cox-Langley cruzou apressadamente o quarto e, enfiando a mão na gaveta de baixo da cômoda, jogou uma pilha de roupas na mala sobre a cama. Vestidos, um xale leve para o caso de esfriar, uma bolsinha com uma pequena quantia em dinheiro...

Pouco depois, seu irmão George, ao entrar no quarto, encontrou-a fechando e afivelando a mala.

— Por favor, Victoria, não vá! Não vá, por favor! Pense, criatura! Não faça isso!

— Pare de falar, Pinky! — retrucou Victoria Cox-Langley. — Eu já me decidi!

Pinky, ou melhor, George “Pinky” Cox-Langley era um rapaz de queixo quadrado, olhos negros e braços musculosos (“Uso esteroides e vitaminas, e daí?”). Mas ali, olhando para sua irmã, o rapaz parecia perdido. Totalmente perdido.

— Victoria, pense bem!

Resmungando algo ininteligível em resposta, Victoria Cox-Langley disse:

— Pensar bem, Pinky? Acho que você ainda não percebeu o que está acontecendo! Eu vou ferrar com ele! Eu vou ferrar com ele assim como ele ferrou comigo.

Victoria tinha 28 anos. Sem ser linda ou mesmo bonita no sentido estrito da palavra, era uma visão impressionante devido à raiva e energia com que pronunciava aquelas palavras. O cabelo desalinhado... os olhos ferozes... a mão direita crispada... Tudo nela contribuía para realçar o ódio que palpitava em seu coração.

George olhou-a com espanto.

— Você está louca, Vicky! Você quer vingança! Vingança! Isso é loucura, você sabe, não é? Vicky! Vicky! Não faça uma coisa dessas.

— Se não quiser ir comigo, Pinky, fique aqui. Acho até melhor. Sim, fique aqui. Eu irei sozinha.

George corou e mordeu o lábio.

— Não... Não... Claro que não. Eu apenas quis dizer...

Parou. Sua irmã olhou para ele.

— O quê?

— Quis dizer — George fez uma pausa, escolhendo a frase seguinte com cuidado — que nós não devíamos ir para a Escócia, *mulher*. Esqueça o passado. Já faz três anos... Três anos! Não seja tão extremista.

Victoria enrubesceu de cólera.

— Então você acha que eu estou sendo extremista? *Muito obrigada!* Olhe... Eu só quero ver a cara *dele*. Quero olhar dentro dos olhos *dele*. Só isso, Pinky!

George balançou a cabeça.

— Eu não estou dizendo que você está errada, Vicky. O que estou dizendo é que essa situação precisa acabar! É possível que você ainda tenha alguma atração por aquele sujeito. Desista. Encare os fatos. Ele ama outra mulher. Livre-se dele, Vicky.

Victoria baixou o olhar até o chão. Até que falou, sem elevar a cabeça:

— Meu querido irmãozinho. Eu sei que você se preocupa comigo. Você cuidou de mim quando papai fugiu com aquela prostituta alemã.

— Ela não era uma prostituta. Papai frequentava um *spa* e...

— Tanto faz! Pinky, o que eu quero dizer é que Roy acabou comigo. Ele me destruiu! Eu era feliz e bonita!

— E continua bonita.

— Não com *isto*, Pinky! Não com estas cicatrizes!

Victoria puxou as mangas do tecido e deixou à mostra as marcas de queimadura em seu antebraço.

— Bobagem, Vicky. Você está se rebaixando. Se eu amasse uma mulher... amasse de verdade... não ligaria para essas coisas.

— Oh, pelo amor de Deus, cale-se — gritou Victoria. — Cale essa maldita boca!

George se aproximou da irmã e deu um tapinha em seu ombro.

— Vai ficar tudo bem, Vicky. Não se preocupe. Você sabe que eu sempre vou apoiá-la.

— Você sempre vai me apoiar, Pinky?

— É claro que sim.

Victoria olhou para ele, e então balançou a cabeça, suplicante.

— Então, venha comigo! Vamos sair de Goa. Por favor!

George fez um gesto de desprezo, mas não respondeu. Ela prosseguiu.

— Preciso ver meu ex-marido pela última vez. Preciso vê-lo... Você acabou de dizer que me apoiaria!

George balançou a cabeça, pensativo.

— Que Deus nos ajude — murmurou. Depois acrescentou: — Se vamos mesmo fazer isso, Vicky, temos que arrumar mais agasalhos. *De lã... Couro... Tricô...* Está nevando em Edimburgo.

9.

Castelo Keynesworth.

Meia-noite...

Na sala da lareira, Felicia Ambros esticou as costas e tirou seus sapatos de saltos muito altos.

— Está cansada, querida? — perguntou *Sir Dumsley*.

— Muito — disse Felicia Ambros.

Ele riu.

— Quer ir embora? Se quiser, partimos amanhã de manhã!

— Oh, Roy, não seja ridículo. Eu adoro isto aqui. É como um conto-de-fadas. O tipo de sonho que eu sempre sonhei tornou-se realidade.

— Sim, eu sei que é uma beleza... Mas aguentar toda essa gente! É dose!

— Quando estivermos casados, vai me trazer para cá, Roy?

— Por que não? Mamãe gostou de você, Felicia.

Miss Ambros franziu a testa.

— Por falar nela, o que aconteceu com sua mãe? Ela parece tão... preocupada.

— Oh, não é nada — garantiu *Sir Dumsley*. — Ela acha que fui eu que atraí toda essa gente para cá. Um homem com o meu perfil, meu amor!

— Exibido! Se ela quer culpar alguém, que culpe a sua tia. Meu Deus, sua tia é insuportável! Ela fala, fala, e não termina nunca.

— Eu sei, Fê, eu sei. Titia está assim por causa do traste do filho dela. Já notou que Hector vive fuçando a *internet*... mexendo em seu maldito *blog*? E se ele for um guerrilheiro?

— Que horror! — exclamou Felicia. — Vire essa boca para lá.

Sir Dumsley sorriu e beijou a ponta de seu narizinho.

— Calma, meu bem. Se ele for um guerrilheiro, eu cuido de você, sabe disso, não é?

A porta se abriu e Francis Brad-Burg entrou. Era alto e louro, de aspecto tranquilo. Olhou em volta, com ar surpreso.

— Alô — disse. — Parece que não sou o único que está sem sono.

Sir Dumsley levantou o corpo do sofá. Olhou para o amigo com desaprovação.

— Aí está você, Francis! Aonde, caramba, você se meteu?

Francis Brad-Burg se aproximou da lareira.

— Ah, cara, nem queira saber! — suspirou. — O coronel Strohheimer é doido! Ele queria me mostrar um taco de críquete. Dá para acreditar? Um taco de críquete!

— Um taco de críquete? Não brinque, Francis.

— Pois é a pura verdade. Fiquei bobo de ver!

Os dois se entreolharam. Depois riram. Era mesmo muita coragem do coronel Strohheimer!

— Escuta... — comentou Francis. — A sua mãe não gosta muito de mim, não é?

— E você queria o quê? Você só fala em festas, festas...

— Eu gosto de festas, e daí?

Sir Dumsley disse, com certo sarcasmo:

— A mulher do coronel acha que você é um devasso!

— Eu? Um devasso? Essa é boa!

Os dois conversaram, com prudência, sobre o coronel Strohheimer e a esposa. Outros nomes foram mencionados.

Felicia Ambros bocejou. Sentia-se pesada e zozna de tanto sono e mal conseguia ficar de olhos abertos.

Felicia Ambros olhou para ambos os homens. Eles estavam tão descontraídos, tão relaxados. E, no entanto...

Felicia balançou a cabeça. Certas coisas tinham que ser feitas... Tinha que acontecer!

— Acho que vou me deitar — disse ela.

— Uma ótima ideia — disse *Sir Dumsley*.

Mal a moça desapareceu, Francis assobiou baixinho.

— Você é um cara sortudo, meu caro. Essa mulher é louca por você!

Sir Dumsley deu de ombros.

— E eu sou louco por ela. Mais clichê, impossível...

Certo Detetive Austríaco



Dois dias depois...

Eram 21h.

Hupert Saborsky jantava no Stravaigin, de Glasgow. Tinha pedido *tortellini* de esquilo com espinafre, trufas e *pignole*. Era a segunda vez que Mr. Saborsky comia *tortellini* de esquilo. A carne tinha um gosto adocicado e lembrava vagamente as carnes de pato e de carneiro.

Mr. Saborsky era dramaturgo e, naquela noite, estava estudando as pessoas no restaurante, atrás de trejeitos ou tipos que dessem vida aos personagens de sua próxima peça. De repente, Mr. Saborsky distinguiu uma figura conhecida na mesa nº 30. No começo viu apenas a cabeça. Uma cabeça revestida por uma pastosa camada de gel. Abaixo do gel, um pedaço oval de vidro com uma correntinha de ouro — um monóculo.

Mr. Saborsky quis se lembrar da pessoa por trás do monóculo. *Nell... Mell... Fell...* Não, era *Föll. Edmund Föll*. Um camarada que conhecia de longa data. Desde o tempo em que Föll trabalhava na polícia vienense. Talvez... Sim, quem sabe... Talvez o homem ainda fosse detetive... Isso seria excelente!

Resolveu ir até a mesa de canto.

— Olá, meu velho. Que milagre vê-lo aqui!

O homem sentado piscou os olhos, tentando se situar. Olhou para Mr. Saborsky. Premeu os lábios, grunhiu, salivou, grunhiu de novo... Fez uma expressão de desagrado, como se o fato de não saber quem era seu interlocutor fosse imperdoável para alguém com suas capacidades mentais superiores.

— *Entschuldigung! Wer sind Sie?*

— Viena... óleo de bálsamo... a esmeralda do faquir — citou o dramaturgo, alegremente. Puxou uma cadeira e acrescentou: — Eu... o senhor... uma moça que sofria de epilepsia...

— A esmeralda do faquir, *sicherlich* — disse Edmund Föll, batendo a mão espalmada na testa. — Saborsky! Mr. Saborsky! *Wie eine Überraschung!*

— Ah, eu sabia que se lembraria! Confesso que fiquei exultante quando o vi, Mr. Föll. Sim, exultante. Acho que o senhor caiu do céu. Acho que é a única

pessoa que pode realmente me dar uma ajuda.

— Quem morreu? — perguntou Fëll com paciência.

— Morreu? Não, não, o caso ainda não chegou a tanto. Mas é algo que me preocupa, sabe?

— Naturalmente, todos nós temos nossas vulnerabilidades — disse o austríaco, condescendente.

— Exatamente! — disse Mr. Saborsky. — O senhor falou tudo! — Fez uma pausa e acrescentou: — Bem... Onde o senhor mora atualmente?

— Como sabe, eu me aposentei há cerca de cinco anos — disse Fëll. — Aposentadoria vitalícia. Mudei-me para Bad Hofgastein. Investi num escritório de investigação particular.

Mr. Saborsky abanou a cabeça com firmeza:

— Isso aumenta ainda mais o meu entusiasmo! Eu achava que tivesse abandonado a área investigativa, mas, pelo que vejo, continua praticando o seu método apurado de observação e dedução! É o hábito, eu sei. Eu e o senhor somos iguais! Minha mulher quer que eu me afaste dos palcos, mas quem disse que é fácil? A noite de estreia... o magnetismo da assistência... a cortina se abrindo... os atores no palco... É mágico! Simplesmente mágico!

A impressão de Edmund Fëll era que ele não conhecera apenas um Mr. Saborsky, mas uma dúzia de Mr. Saborskys em toda a sua vida, sendo que todos eles, mais cedo ou mais tarde acabavam dizendo a mesma frase: “É mágico! Simplesmente mágico!”.

— Eu já estive na apresentação de uma de suas peças, *meinen Freund* — disse Fëll.

— Oh! O senhor ainda se lembra daquele desastre? A peça não durou nem duas temporadas! Disseram que era um pouco crua. Sei lá o que eles quiseram dizer com isso — *crua!*

Fëll afastou seu prato à base de batata e *hadock*. Olhou para o escritor irlandês.

— Creio que quer me dizer alguma coisa, Mr. Saborsky — encorajou Fëll.

— Ah, sim! É isso mesmo...

— Bem — disse Fëll —, já descartamos a possibilidade de assassinato... Qual é o problema?

Mr. Saborsky olhou para ele com ar afetado. Readquirindo o domínio de si, disse:

— Tenho uma amiga... a duquesa de Vahle... A duquesa de Vahle ficou viúva há alguns meses e herdou algumas terras — com charnecas, um parque e um modesto castelo que pertence à família há séculos. Lady de Vahle é uma mulher

muito boa, e gosta de apoiar projetos culturais. Anos atrás, ela financiou duas ou três de minhas loucuras teatrais. Cenografia, figurino... essas coisas. Não conheço todos os detalhes, mas, em poucas palavras, Mr. Fëll, o caso é o seguinte: parece que, na última semana, a duquesa caiu nas malhas de uma engenhosa rede de ladrões. Primeiro foi um camafeu. Depois, uma tiara com pedras preciosas, que sumiu durante a noite do porta-joias na gaveta da penteadeira. Realizou-se uma busca meticulosa por todo o castelo, sem qualquer resultado. As joias parecem ter literalmente desaparecido em pleno ar.

— Algum suspeito? — perguntou Fëll.

— É aí que as coisas se complicam. Não existe *um* suspeito. São *vários* suspeitos. Parece que metade do mundo teve a ideia de passar uns dias por lá. Primeiro veio o filho, *Sir Dumsley*, um ator muito badalado, mas sem talento à altura do nome. Ele trouxe... ou ela veio mais tarde, algo assim... a namorada, Miss Ambros, uma moça londrina... ou será sueca? Dali a um ou dois dias, veio uma irmã de Lady de Vahle. Essa irmã, pelo que sei, mora na América do Sul. Eu anotei o nome dela... Aqui está! É Mrs. Samossa. Ela tem um filho... Hector Samossa... um jovem com ideias revolucionárias. Esse Hector, aliás, tem um *blog* que culpa a democracia por todas as mazelas do mundo, esse gênero de coisas. Um louco, em minha opinião. E tem também... deixe-me ver... um casal de velhos que veio de Aberdeen. Os Strohheimer! Mrs. Strohheimer é uma mulher mandona, que fala pelos cotovelos. O marido, por sua vez, é coronel reformado, uma personalidade apagada e sem muitos predicados. Estou esquecendo alguém? Aqui... aqui... Sim. Francis Brad-Burg. Também é um ator, amigo de *Sir Dumsley*. A julgar pelo ouvi dizer, Mr. Brad-Burg é um *boa-vida*.

— Empregados?

— Um mordomo e a cozinheira.

— Qual é, posso saber, o seu plano? — perguntou Fëll.

— Meu plano é ir até lá — disse Mr. Saborsky.

— E a polícia?

— Fora de questão. Ninguém sabe do desaparecimento das joias, exceto a duquesa e, claro, o ladrão.

Fëll estremeceu. Caçar um ladrão não era bem sua definição de umas férias agradáveis. E em um castelo escocês do século quinze ou dezesseis! Seus olhos vagaram pelo restaurante. Risos. Vozes. Som e luzes. Sim. Ali era o seu lugar. Longe do trabalho, longe de ladrões de camafeus, longe de chateações!

Por outro lado...

— E como explicarei minha presença lá? — perguntou Edmund Fëll.

Mr. Saborsky sorriu cordialmente.

— Isto, meu amigo, fica por minha conta — disse. — Posso garantir que, com meu talento de dramaturgo, farei a sua presença parecer a coisa mais natural do mundo.

Fëll murmurou alguma coisa para si mesmo: “*De re irreparabile ne doleas*” e, em voz alta, disse:

— Está bem... Eu aceito.

No Castelo de Keynsworth



Eram duas e meia da tarde. Protegida contra o ar do norte, Lady de Vahle estava podando algumas rosas tardias. Carregando um maço de flores, entrou pela porta lateral.

— O camafeu foi roubado, não foi, Penny?

Lady de Vahle teve um sobressalto e olhou para a irmã, sentada no sofá da sala de estar verde.

Stephany, na opinião de Lady de Vahle, tinha muitas qualidades: era uma criatura afetuosa, uma mãe devotada e uma amiga leal. Mas a sorte não fora generosa com a irmã. Pobre Stephany, tão esforçada, sempre ansiosa para ajudar todo mundo, tão orgulhosa e contente por se sentir útil, mas estava claro que ela era uma mulher bastante desequilibrada!

— Que camafeu, Stephy? Fale baixo...

— Oh — desculpou-se a irmã. — Eu não queria... Ninguém sabe, não é? Mas o camafeu foi roubado, não foi?

— Roubado? Não. Por que você acha isso? — perguntou Lady de Vahle, apanhando um vaso chinês e começando a arrumar as rosas nele.

— Eu ouvi você falando com seu filho. Acho que... talvez... seja uma brincadeira. Uma brincadeira de mau gosto.

— De mau gosto?

— É. Alguém pode ter escondido o camafeu. Quer dizer... escondido em algum lugar... aqui... no castelo.

Lady de Vahle pareceu perplexa, mas só por um momento, e, enquanto a irmã a encarava com óbvia convicção, Lady de Vahle inclinou-se para ela:

— Acho que você tem razão, Stephy — disse. — Alguém escondeu o camafeu. Mas onde?

— Eu não gosto nada disso — disse Stephany Samossa. — As pessoas não deviam fazer essas coisas. É tão... assustador!

— Bobagem — replicou Lady Vahle. Pobre Stephy, tão confusa e... imaginativa! — Se for uma brincadeira, não é nada demais.

— Mas acontece que eu não gosto — disse Mrs. Samossa. E acrescentou,

triumfante: — Eu sei! Eu sei que você também não gosta!

— Mas, Stephy, querida...

Parou. Houve o toque de uma buzina e o ruído de um carro estacionando no pátio.

Mrs. Samossa exclamou:

— Penny... Penny... você ouviu isso? Quem será que é?

Sem responder, Lady de Vahle saiu apressada.

No pátio, Mr. Saborsky e Edmund Fëll já estavam fora do Bentley, modelo esporte, de dois lugares. Lady de Vahle apareceu e recepcionou os dois homens na escadaria.

Mr. Saborsky se adiantou para cumprimentá-la, e começou a conversar com ela.

Dali a um minuto, Mr. Saborsky se virou e apontou para o detetive em seus calcanhares.

— Espero, Penny, que não faça objeções ao fato de eu ter vindo com Mr. Fëll. Se ele não puder recuperar seu camafeu, ninguém mais poderá.

A duquesa olhou para Fëll, em dúvida.

— Mr. Fëll? — disse ela.

— Lady de Vahle! — exclamou Fëll, avançando na direção dela e inclinando-se de maneira galante. Tocou a ponta de seus dedos, num gesto de cavalheirismo quase sobre-humano. — É um prazer, Madame.

Fëll analisou as feições de Lady de Vahle. A impressão de vitalidade e força era enorme. Durante a cansativa viagem até ali, Mr. Saborsky havia colocado à disposição do detetive todos os fatos relevantes sobre Lady Penny de Vahle. Sua formação, seu casamento, sua viuvez, sua condição financeira e, principalmente, seu jeito impulsivo e imediatista.

Fëll disse, amavelmente:

— A senhora sabia que eu viria, não sabia?

— Ah, sim, sim... — gaguejou ela. — Eu acho.... quero dizer... Hupert me ligou ontem à noite avisando sobre... o senhor.

Depois, como se cumprisse seu dever de anfitriã, Lady de Vahle se virou para Hupert Saborsky.

— Deixe as malas com Morgan, Hupert. Ele é muito bem-treinado. Venham, entrem.

Edmund Fëll deu um último olhar pelos campos. Montes e montes de neve. Neve a perder de vista. Brrr...

Lady de Vahle entrou e Mr. Saborsky e Fëll a seguiram.

— Que bom que esteja aqui, Hupert — disse a duquesa por cima do ombro. — Não achei que você me levaria a sério.

— Claro que eu levei a sério! — disse o teatrólogo irlandês. — Eu já passei por isso. Já tive minha casa arrombada, lembra-se?

Lady de Vahle conduziu os dois homens ao longo do *hall* e abriu uma porta à direita.

Era um escritório. Móveis estofados... Decoração vitoriana... Janelas altas... Num canto, uma grande coleção de retratos autografados de artistas e dignitários escoceses.

Em um porta-retratos de prata, estriado pelo tempo, Fëll contemplou um jovem austero e com bigodões, ao lado de sua elegante noiva em vestido de gala. Outros retratos de oficiais da Marinha, do Exército, emolduravam a parede atrás da escrivaninha.

— Sentem-se — convidou Lady de Vahle.

— *Danke!* — agradeceu Fëll.

A duquesa encarou Fëll pensativa. “Que homem estranho!”, pensou. Os cabelos úmidos e gelatinosos, alto, de aparência bastante distinta, o monóculo com uma correntinha que ia até o bolso do agasalho...

Parecia um aviador do século passado.

— O senhor é um detetive?

— É uma de minhas qualificações — disse Fëll. — Permita-me — e apresentou o seu cartão.

Ela leu em voz alta:

— *Herr* Edmund Fëll. Oh! — ela prendeu a respiração. — O famoso Mr. Fëll? O grande detetive? Eu... Eu não sei se o senhor poderá ou não me ajudar, Mr. Fëll. É... É uma situação muito extraordinária.

Fëll refletiu por alguns momentos. Depois disse:

— Mesmo assim, Madame, pode estar certa de que farei tudo o que estiver a meu alcance para ajudá-la. — Fez uma pausa. — Aquele ali — apontou o porta-retratos com o jovem de bigodões — era seu marido?

— Sim — respondeu Lady de Vahle, acompanhando o olhar do detetive. — É meu marido. Lindolf... Lindolf de Vahle. Isso foi há quarenta anos. O dia de nosso noivado.

— Ele morreu, não morreu?

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Dois anos — respondeu a duquesa. — Lindolf estava escalando o

Matterhorn, na Suíça. Uma corda se partiu e ele caiu numa ravina.

Ela fechou os olhos por um momento.

— Ah — fez Fëll. — O duque era um alpinista devotado?

— Lindolf era um grande atleta — disse Mr. Saborsky —, uma das maiores autoridades vivas no assunto. Veja ali... os troféus ganhos por ele.

— Você foi uma vez com ele, não foi Hupert?

— Sim. Fui.

Fëll apontou outro retrato que mostrava um garoto bem-apessoado e uma menina enfeitada com lacinhos de fita.

— Filhos?

— Sim — disse Lady de Vahle. — Minha menina, Justine. Justine está na Suíça, num conservatório de música. E o menino é meu filho. Roy. Roy Dumsley.

Lady de Vahle parecia um pouco impaciente.

— Deseja me fazer alguma pergunta? Sobre o roubo... quero dizer.

Alguma surpresa deve ter transparecido no rosto de Fëll, pois ela se apressou em acrescentar:

— É a maneira mais fácil de saber de tudo a respeito do caso, não é mesmo? Gostaria de examinar pessoalmente alguma coisa? Se quiser ver o quarto de onde o camafeu foi roubado...

Mr. Saborsky e Fëll se entreolharam.

Mr. Saborsky disse:

— É uma boa ideia, não é, Mr. Fëll?

Fëll abanou as mãos.

— Claro. Por que não?

Ela acompanhou os dois homens por um corredor e um pequeno lance de escada que levava ao seu quarto.

Intimamente, Edmund Fëll preferia não ter vindo. Tudo parecia simples, sim, muito simples. Um roubo... meia dúzia de suspeitos... um local isolado! Simples até demais. E provaria isso! Acharia logo uma solução para aquele caso. Depois disso prosseguiria viagem rumo à Belgrado.

— Por favor — disse Lady de Vahle, abrindo a porta do quarto com uma chave presa ao pescoço com uma correntinha —, não contem a ninguém a razão por que estão aqui.

— A senhora não discutiu com ninguém as suas intenções?

— Não.

— Nem mesmo com seu filho?

— Não.

Fëll sorriu.

— A senhora, sem dúvida, prefere agir em sigilo, Lady de Vahle.

— Acho que em geral dá mais resultado — replicou a mulher.

— Tudo bem, Penny — interveio Mr. Saborsky gentilmente. — Não vamos alarmar os seus hóspedes, não é?

— Entrem...

O quarto era fabuloso. Construído em plena era vitoriana, possuía cortinas de brocado rosa, uma cama com dossel e lareira a gás.

— Agora, os fatos — disse Fëll, sem cerimônias. — Creio que, em linhas gerais, Mr. Saborsky já me apresentou o caso. Preciso solicitar, porém, que conte novamente toda a história, Madame. Horários, detalhes, pessoas envolvidas...

Assim tratada, Lady de Vahle balançou a cabeça e começou a falar:

— Há três dias, vim para cá depois do jantar para buscar o camafeu. Eu queria mostrá-lo para Miss Ambros. A camareira estava preparando a cama...

— Com licença, senhora, mas como assim: “A camareira estava preparando a cama”? À noite?

— Sim. Elsie arruma o quarto pela manhã, e volta logo depois do jantar para afofar os travesseiros, ajeitar as cobertas, essas coisas.

— Entendo, entendo... — disse Fëll.

Lady de Vahle retomou o relato:

— Como eu estava dizendo, vim para o quarto. Fui até o gaveteiro... — fez uma breve pausa, apontando para as gavetas, do lado direito da penteadeira — e apanhei o estojo de joias. Parecia tudo normal... mas o camafeu não estava lá!

— O camafeu era autêntico? — perguntou Fëll. — A senhora sabe que camafeus são joias que recentemente voltaram à moda, mas, por conta da sua popularidade, há muitas imitações.

— O camafeu é autêntico sim — disse Lady de Vahle. — É antigo e tem um broche com presilha em c. Não existe outro igual. Nenhum dinheiro pode compensar sua perda!

Fëll grunhiu:

— Diga-me... Quando viu o camafeu pela última vez?

— Dois dias antes do roubo.

— Quem trancou o estojo de joias?

— Fui eu mesma. Guardo a chave na cornija da lareira.

Ela caminhou para a lareira e extraiu uma chave de um dos frisos. Fëll examinou-a rapidamente.

— O ladrão deve ter uma duplicata da chave. O que fez depois de trancar a

caixa de joias?

— Guardei-a no friso da lareira, como sempre.

— Não trancou o gaveteiro?

— Não. É algo que nunca faço.

Fëll correu os olhos pelo quarto. Parecia estar avaliando as principais características do quarto.

Porta... cama com dossel... penteadeira... cômoda... guarda-roupas... lareira.

— E esta porta? — perguntou Fëll, indo para a porta na parede dos fundos. — Dá para a suíte contígua?

— Sim — disse Lady de Vahle. — Era a suíte do meu marido. Seja como for, está trancada.

Fëll tentou abrir a porta. Puxou o ferrolho.

— Sim. Trancada. Bem, isso limita as nossas possibilidades.

Aproximou-se da lareira, examinando meticulosamente a altura da boca de fogo.

— E aqui também... nada. Pouco provável que o ladrão conseguisse escalar a tubulação da chaminé.

Nesse momento, houve uma batida na porta. Mr. Saborsky foi atender.

Com uma energia surpreendente para uma pessoa tão volumosa, Mrs. Samossa entrou, avaliando os dois visitantes com curiosidade.

— Tudo bem, Penny? — perguntou Mrs. Samossa.

Fëll teve uma impressão estranha quando viu a recém-chegada. Como se ela desconfiasse deles... Como se temesse alguma coisa...

— Senhores, esta é Stephany Samossa — apresentou Lady de Vahle.

— Ora, eu me lembro desse nome — disse Hupert Saborsky.

— O... o senhor já ouviu falar de mim?

— É claro que eu já ouvi falar na senhora. Quem não ouviu? A senhora vive no Peru... ou Bolívia?

— Sim — respondeu Mrs. Samossa cautelosamente.

— Esses são nossos novos hóspedes, Stephy — informou Lady de Vahle. Em seguida, perguntou: — Você quer alguma coisa?

— Não, não, Penny. Eu só vim ver o que estava acontecendo.

Houve um intervalo de silêncio.

Com diplomacia, a duquesa disse:

— Stephany. Precisamos... Nós...

Mrs. Samossa olhou para ela e pestanejou vivamente.

— Oh, Penny! Eu não queria... Com licença!

Ela saiu toda atrapalhada.

— Sua irmã? — perguntou Mr. Saborsky, só para confirmar suas impressões.

— Sim — foi a resposta da duquesa. — Há mais alguma coisa que o senhor queira... ou precise... ver? — ela olhou para Fëll.

Fëll perguntou:

— A senhora chegou a pensar que algum dos seus hóspedes possa ter roubado o camafeu?

— Não sei. É que eu não quero dizer nada que possa... — ela preferiu não completar a sentença.

— Mas a senhora deve desconfiar de alguém. Vamos lá, fale francamente conosco, Madame.

— Eu não posso acusar ninguém... — repetiu Lady de Vahle.

— Sim, a senhora não pode acusar ninguém. Mas qualquer coisa é melhor do que nada. Se tivermos um gancho, alguma coisa... Fale conosco extraoficialmente, Madame. Poderia pelo menos dar o nome de seus hóspedes?

— Por quê?

— Se for necessário, eu gostaria de falar com eles.

Por um momento Fëll pensou que a mulher recusaria, mas ela cedeu.

— O coronel Strohheimer e a esposa. Francis Brad-Burg. Felicia Ambros. Minha irmã e o filho, Hector.

Enquanto Fëll apanhava uma agenda marrom e anotava os nomes, no corredor, a cabeça de Mrs. Samossa girava vertiginosamente. Quem eram aqueles homens? O que estariam fazendo ali?

Mrs. Samossa olhou de um lado para o outro, como se decidisse o que ia fazer em seguida. Depois, foi até a extremidade do corredor, passando diante da pequena alcova onde ficavam as respectivas camareiras e valetes de cada ala, e quase colidiu com Miss Ambros, que vinha na direção oposta.

— Oh! Perdoe-me...

— Não foi nada — disse Felicia, sorrindo. — Eu é que deveria andar mais devagar... O que foi? A senhora está bem?

— Sim, sim... Estou procurando Hector.

— Lamento — disse a moça —, mas não vi seu filho. Acho que ele está no outro pátio.

— No outro pátio? — repetiu Mrs. Samossa, embaraçada. — Obrigada. Muito obrigada — e se afastou.

“Pobrezinha”, pensou Miss Ambros. Ela sabia reconhecer uma mulher de

classe. E Mrs. Samossa certamente era uma mulher de classe! Pena que fosse tão impetuosa, tão fogosa.

— Essa mulher é meio doida, não é? — disse uma voz masculina atrás de Miss Ambros.

Miss Ambros se virou e deu de cara com o coronel Strohheimer.

O coronel Strohheimer tinha uma cara muito vermelha e a aparência geral de um sapo empalhado. *O homenzinho de sobrancelhas engraçadas!* É assim que ela passara a chamá-lo. Ali parado, na moldura da janela lateral, as sobrancelhas do homem pareciam ainda mais engraçadas.

— Mães! — acrescentou o coronel Strohheimer e revirou os olhos com um jeito que o tornou extremamente cômico.

Uma Investigação Noturna



O jantar foi esplêndido.

Sobre a comprida mesa de mogno estavam dispostos os pratos mais extraordinários e vistosos: *cullen skink* (uma sopa de bacalhau com batatas e cebolas), carne de ovelha, carne de porco, filés e alguns tipos de frutos do mar. Para beber, Morgan escolheu *blended Scotch*. Como sobremesa, Mrs. Colleen fizera *red pudding*, que todos aprovaram com “Mms, mms” de satisfação.

Risos discretos. Facas. Taças. Paris estava em festa.

Mas Fëll, que não vivia apenas para a satisfação do estômago, estava mais interessado no ingrediente humano da farta ceia.

Naquele exato momento, o detetive tinha um objetivo específico em mira — descobrir o misterioso ladrão do camafeu de Lady de Vahle.

Avaliando primeiro o velho coronel Strohheimer, Fëll pensou consigo mesmo: “Está ficando bem velhinho, pobre homem.” O coronel Strohheimer era magro e parecia um gavião com a asa quebrada. Poderia ter setenta, oitenta ou mesmo noventa anos.

Refletindo consigo mesmo sobre o precário estado de saúde do militar, Fëll olhou de maneira aprovadora para Mrs. Strohheimer.

Mrs. Strohheimer era uma idosa encantadora, por quem as pessoas tinham tanto carinho como respeito. Ela fazia uma figura elegante em seu vestido liso e branco. Fëll gostava dos traços bem marcados, a linha de cabelo grisalho que começava em suas têmporas e os olhos que, apesar dos óculos, eram intensamente verdes-opala.

Os olhos do detetive seguiram até Mrs. Stephany Samossa. Mrs. Samossa era uma senhora de meia-idade, com brincos de argola e cabelo curto com uma franja falsa. Espalhafatosa sim, mas feia, não. O xale de seda verde-claro bordado sobre os ombros... Definitivamente, o xale não combinava com ela. Por outro lado, Mrs. Samossa parecia ser uma boa mãe para o filho, cuidando da sua saúde e das suas necessidades nos mínimos detalhes — talvez até demais.

Quanto ao filho, Hector Samossa? Não, Fëll não gostara do que havia visto em Hector Samossa!

Fëll seguiu em frente, deixando os Samossa, e transferiu sua atenção para Miss Felicia Ambros. Quem era mesmo Miss Ambros? Ah, sim, Miss Ambros era namorada de Roy Dumsley, o filho de sua anfitriã. Bela garota, linda, na verdade, um rosto muito marcante. Atriz. Atriz de filmes independentes, ou alguma bobagem assim. Ela e Sir Dumsley namoravam há cinco ou seis meses. Sir Dumsley! Um homem bonito. “E sabe que é”, pensou Fëll que, em geral, tinha ressalvas pessoais contra atores e atrizes.

Instintivamente, Fëll olhou com desaprovação para Francis Brad-Burg, com seu cabelo loiro e charme de galã de quinta categoria. Outro ator!

Olhos cor de avelã quase dourados, um sorriso superior mas atraente. Havia algum problema real com Francis Brad-Burg? Apenas excesso de confiança, suspeitava Fëll.

Por último em seu exame, Fëll chegou a Lady de Vahle. A suposta vítima do roubo. Ele duvidava que Lady de Vahle tivesse passado por dificuldades financeiras alguma vez na vida. E agora ali estava ela: viúva, com um corpo *fitness* e vestindo um conjunto azul, fino e artístico, decorado com contas de âmbar negro. Por definição, uma duquesa!

Cada rosto, uma história! Que variedade de expressões... e maneirismos...

De repente, Fëll franziu a testa... Havia algo errado naquela cena.

Algo...?

Alguém...?

— O senhor é um empresário, Mr. Fëll?

Aquela pergunta à queima-roupa trouxe o detetive de volta à realidade. Fëll balançou a cabeça e olhou para Hector Samossa, na cadeira à sua direita, que olhava fixamente para ele.

— *Entschuldigung*? — murmurou Fëll.

— Eu perguntei se o senhor é um empresário — repetiu o rapaz de cabelos ruivos.

— Não, não — disse Fëll. — Sou sócio em uma companhia itinerante — mentiu. — Em Londres.

— Ah! — disse Hector. — Teatro. Parece, aliás, que todos aqui têm uma ligação com cinema ou teatro. Menos eu e mamãe.

— *Wie Schade!* Quem é a sua mãe?

— Aquela ali, perto da duquesa.

— Com o vestido...?

— Sim, o vestido cor de abóbora! Trágico, não é?

Fëll disse:

— Vocês não são da Escócia. O sotaque...

— Mamãe é escocesa. *Eu* nasci na Bolívia.

— Sim, sim, a Bolívia — disse o detetive cordialmente. — É um belo país, a Bolívia.

— É sim — disse Hector. — Se bem que, aqui na Europa, as pessoas estejam mal informadas sobre os latino-americanos. Que idiotice! Há muita gente livre por lá! Nem todo mundo é manipulado pela máquina estatal.

— Ora, ora — disse Föll.

Hector olhou com visível desprezo para o austríaco. Um sujeito que vivia em seu casulo, como se a vida fosse uma mera representação teatral. *Föll!* Até o nome era patético!

— Bem — disse Föll, com tato. — O que você faz, meu rapaz? Além de viajar e conhecer o mundo...

Föll quase acrescentou “e contrabandear joias”.

Hector balançou a cabeça, aborrecido.

— “Além de viajar?” O senhor acha que mamãe e eu somos ricos? Está enganado, muito enganado! Papai tem uma *hacienda* e é dono de uma maldita mina de prata. Eu e mamãe não temos nada. Se fosse por mim, nunca teria vindo para cá! Conhecer essa gente hipócrita... Deus me livre!

A exclamação assustou Föll.

— Gente hipócrita? Quem...?

— Todos! — retrucou Hector. — Todos nesta sala! Veja... Olhe só para os três ali! Miss Ambros está namorando o meu tio. Está vendo? Está vendo como ela pisca o olho para o outro!

— Que outro?

— Francis Brad-Burg.

O detetive analisou o trio... Miss Ambros era *une belle femme*, claro. E ela e Sir Dumsley faziam um casal bonito.

Mas...

Será que Miss Ambros estava mesmo se engraçando com Mr. Brad-Burg?

— Acho que eles são amigos — disse Föll.

— Eles *são* amigos, aí é que esta! E desde quando amigos agem assim entre si?

— Ah — disse Föll cautelosamente.

Hector prosseguiu:

— Outra hipócrita: Mrs. Strohheimer.

— Quem?

— Mrs. Strohheimer. Aquela velhinha ali!

Fëll se virou na direção indicada.

Pelo jeito, Mrs. Strohheimer estava furiosa com o marido, que parecia ter derramado *Scotch* na toalha da mesa. O coronel Strohheimer estava encolhido como um tatu-bola e olhava com vergonha para a esposa.

— Segure direito a taça, Arthur! — dizia ela.

— Sim, Gerry.

— E ponha um guardanapo na lapela.

— Já vai, Gerry, já vai.

— A múmia e o arqueólogo! — comentou Hector em voz baixa.

Terminada a refeição, todos se encaminharam para a biblioteca. Morgan ofereceu copos de xerez em uma bandeja de prata.

Nessa hora, conforme combinado, Lady de Vahle se adiantou e disse:

— Como vocês viram, temos a visita de Hupert Saborsky e de seu colega, Mr. Fëll! Eles fizeram uma longa viagem e gostariam de se recolher mais cedo. Morgan, pode mostrar os alojamentos, por favor?

— Perfeitamente, Madame!

Fëll percebeu de imediato o silêncio geral provocado pelo anúncio. Todos os olhos se voltaram para ele e Mr. Saborsky com uma incrível expressão de curiosidade.

A coisa chegava a parecer tola. Mas, para Fëll, não era tola... Atrás da curiosidade ele sentia alguma coisa... talvez medo?

Fëll curvou-se:

— Peço-lhes desculpas, *Herren und Damen*.

A porta foi aberta, e os três homens saíram da biblioteca.

— Notável... — disse Fëll, pensativo.

Ele se calou, sem dar qualquer explicação sobre o que tinha achado tão notável.

Guiados pelo mordomo, subiram até o primeiro andar e, após percorrer um extenso corredor, pararam na frente de uma porta.

— O quarto de Hector Samossa, cavalheiros!

— Tem a chave? — perguntou Mr. Saborsky.

— Naturalmente, senhor — disse Morgan.

O mordomo abriu a porta.

— Fique aqui, Morgan, montando guarda.

— Sim, senhor.

Fëll e Mr. Saborsky entraram no quarto. A porta fechou-se às suas costas e

eles acenderam a luz.

— E se alguém...? — começou Mr. Saborsky olhando com apreensão para Föll.

— Fique calmo, *mein Freund*! — disse Föll. — Os hóspedes estão reunidos na biblioteca. Os empregados estão nas dependências da criadagem. Ninguém virá para cá.

— Qual o procedimento?

— O procedimento é revirar e recolocar as coisas no mesmo lugar.

Edmund Föll foi ao armário e começou a vasculhar os bolsos das calças e casacos pendurados nos cabides.

— Se Hector Samossa for o ladrão — disse Föll —, deve ter guardado o fruto de seu roubo no fundo falso de uma pasta ou mochila.

— Boa — disse Mr. Saborsky. — Um fundo falso...

Mas não obtiveram êxito. Apesar de revistar as duas ou três mochilas, não encontraram o menor rastro do camafeu e da tiara. Havia calças de ginástica, um *laptop*, alguns frascos de água-de-colônia e recortes de jornal (com artigos sobre greves e passeatas na América do Sul). Em uma gaveta, Föll se surpreendeu ao ver uma adaga prussiana.

Föll examinou a adaga, se perguntando sobre a utilidade daquela arma nas mãos de uma pessoa com tendências revolucionárias. Autodefesa?

Por fim, reviraram a mobília que, com sua pintura dourada, imitava o barroco francês. Tudo limpo e sem vestígios. Foram para o toalete.

— Torneiras de ouro! — assobiou Föll.

— Imitação — grunhiu Mr. Saborsky.

Föll balançou a cabeça. Observou o mármore italiano, o *box*, os enfeites dourados.

— Nada.

Primeiro cautelosamente, depois com mais atenção, tatearam todo o comprimento do piso, centímetro a centímetro. Föll bufava e, com a mão aberta, apalpava atrás dos móveis e quadros. Apesar do esforço, quinze ou vinte minutos se passaram sem qualquer resultado.

— Talvez ele tenha outro esconderijo — sugeriu Föll.

— Qual?

— O quarto da mãe, por exemplo.

— Não é uma má ideia.

Morgan tinha a chave. Acompanhados pelo mordomo, Föll cruzaram o corredor e entraram no quarto de Mrs. Samossa.

Havia um divã com coberta verde-esmeralda em seda e diversas almofadas prateadas e douradas. Deixando de lado os vestidos e os trajes menores, Fëll se concentrou no conteúdo da cômoda. Era ali que Mrs. Samossa guardava a maior parte de seu tesouro: cintas, cartões-postais, algumas penas de avestruz, moldes de tricô, conselhos de corte e costura e um turbante indiano. Enquanto isso, Mr. Saborsky tomou conta da penteadeira: pentes de madeira, grampos, *curvex* para cílios e *kit* facial — tudo estava meticulosamente organizado diante do espelho ovalado.

— Veja quanta coisa! — disse Mr. Saborsky, separando com cuidado os objetos em diversas categorias. — Daria para embelezar toda guarnição de guardas britânicas.

— Que estranho! — concordou Fëll. — *Was möcht das bedeuten?*

Terminada a perícia, gastaram alguns minutos para apagar os traços de sua passagem e saíram.

— E? — perguntou o impassível Morgan.

— Nada — disse Mr. Saborsky. — Não encontramos nada, nem lá, nem aqui.

Fëll deu uma espiada no relógio e viu que já passava das 10h.

— Certo — disse Fëll. — Acho que podemos dormir agora.

Tomando a dianteira, Morgan conduziu os dois homens para seus respectivos quartos.

Quando se deitou na cama, cansado demais para adormecer, Fëll tentou bolar a tática que adotaria na manhã seguinte. Revistar os alojamentos? Ou interrogar cada um do seu grupo de suspeitos? Então adormeceu.

A Duquesa dá um Grito



Edmund Fëll acordou antes do nascer do sol.

Levantando-se da cama, ele abriu as cortinas e começou a se vestir.

Depois de enrolar um cachecol no pescoço, esgueirou-se do quarto e dirigiu-se ao andar térreo.

Por causa do sistema de aquecimento central, a temperatura na sala de estar estava confortavelmente em torno dos dezenove graus. Fëll encontrou Lady de Vahle fazendo um arranjo de botões cor-de-rosa e brancos.

— Bom dia, Lady de Vahle.

— Bom dia — respondeu ela.

O detetive olhou para ela. A mulher parecia cansada. Havia olheiras sob os seus olhos.

— Aconteceu alguma coisa, Madame? — perguntou Fëll.

Lady de Vahle largou o vaso alto e estreito e apertou os dedos na têmpora.

— Não, não. Na verdade, estou ansiosa para saber o que o senhor descobriu.

— Temo não ter boas notícias, Madame — disse Fëll. — Fizemos uma busca exaustiva, mas não achamos o camafeu. Ainda não. Eu lamento.

— Oh! — exclamou Lady de Vahle. — Não vão desistir, suponho.

— *Nein*, longe disso. Nossa pequena aventura pode ter fracassado. Mas é cedo para jogar a toalha.

Ela se virou e olhou para ele com expressão interrogativa.

— O que farão agora?

— Em primeiro lugar, temos que levar em conta que pode não ter sido seu sobrinho, Madame. Ele não tem, se não me engano, uma reputação muito boa, não é? — disse Fëll delicadamente.

— Ih, mas não tem mesmo! Uma péssima reputação!

— E Mrs. Samossa está ciente disso?

— Está — respondeu Lady de Vahle. — Stephy está ciente sim. Mas de que adianta? Nunca adianta, não é verdade, dizer às mães que os filhos são esquisitos. Só serve... só serve para estimular seus instintos maternos.

— A senhora tem toda a razão — disse Fëll. — Mas, por mais que seu

sobrinho seja esquisito, não temos provas contra ele. Ignorando a possibilidade de que um ladrão tenha vindo de fora, uma teoria conveniente demais para ser aceita, acho que é hora de considerar uma terceira possibilidade. Outro hóspede pode estar implicado no roubo. É triste, mas não podemos fazer vista grossa à realidade dos fatos.

Lady de Vahle balançou a cabeça e se sentou em uma das cadeiras Chippendale, enquanto murmurava:

— O senhor não entende, Mr. Fëll. Eu conheço minha irmã como a palma de minha mão. Lembro-me que meu pai e minha mãe temiam que Stephany fosse doida. Eles quiseram interná-la num sanatório, imagine! Stephy tinha um desequilíbrio psiquiátrico, e vivia furtando coisas das pessoas. O senhor não consegue... o senhor não pode avaliar a vergonha de papai! “A pequena ladra”, era assim que as pessoas chamavam minha irmã. Ou: “A diabinha”! “Lá vem a diabinha”. “Cuidado com os calçados! A diabinha está vindo.” Essa era Stephy... *Uma diabinha* em forma de gente. Uma noite, um rico general (que serviu na Índia ou em Bangladesh, não sei) jantou em nossa casa. Aliás, o general e a esposa. A esposa uma criatura arrogante e cheia de frufus. Quando estavam prontos para ir embora, o horror! O chapéu da mulher tinha sido picado em mil pedacinhos. Felizmente, aos dezessete anos, Stephy conheceu um jovem boliviano. Depois de casados, ela partiu com ele para a Bolívia. Foi um milagre! Stepany constituiu família e nunca mais voltou para cá. Até a semana passada. Por um lado, fiquei feliz por rever a minha querida irmã. Afinal, ficamos separadas por tantos anos! Mas, por outro lado, senti um aperto no coração. Odiei Hector assim que pus os olhos nele. E o senhor saber, Mr. Fëll, que o fruto nunca cai longe do pé. O senhor entende o que eu digo, não é? Entende, não é?

Fëll sorriu amavelmente.

— Madame, eu entendo. Entendo às mil maravilhas. E não posso reprová-la por isso. E quanto a Miss Ambros? A senhora acha que ela...?

— Oh! Eu não sei. Mas, é claro, Felicia está aqui há apenas alguns dias. Eu não a conheço tão bem assim. Vou confessar uma coisa, Mr. Fëll. Eu gosto de Felicia. Não quero dizer que eu gosto dela *racionalmente*, mas vejo a simpatia dela, sim. Ah, e como! Eu consigo ver o que Roy vê nela. Mas sou uma mulher bastante velha, e tenho muita experiência para saber que a gente não deve confiar nas aparências.

Fëll quis responder alguma coisa, mas, com o rabo do olho, viu Roy Dumsley entrando pela porta.

— Bom dia, Mr. Fëll — disse ele, atravessando a sala em largas passadas e

apertando com firmeza a mão do detetive.

— *Sir Dumsley!*

Sir Dumsley deu um beijo na mãe.

— Oi, *mamma*.

— Olá, querido!

Com uma acrobacia de sobancelhas, Lady de Vahle olhou para o relógio e disse:

— Oh! Sete e meia. Preciso falar com Mrs. Coleen.

— Deixe que eu faço isso — disse *Sir Dumsley*.

— Nada disso, meu filho. Fique aqui com Mr. Föll.

— Eu vou, mamãe!

— Não, senhor — respondeu ela, energicamente. — Eu vou! Fique. Seja um bom anfitrião.

E sorrindo, ela saiu da sala.

Sir Dumsley, com uma calça cinza folgada e um boné tipo caçador, olhou pensativo para o detetive.

— Mr. Föll, desculpe a minha franqueza, mas o senhor poderia me dizer o que está acontecendo?

— Nada... que eu saiba — disse Föll, confuso.

Sir Dumsley examinou Föll com atenção.

— Entendo... O senhor não quer falar. Minha mãe... deixe-me ser sincero... minha mãe não é uma mulher normal, no sentido mais estrito da palavra, bem entendido. Ela tem uma certa mania de perseguição, sabe? E essa história não é de hoje. Por uns tempos, até papai achou que fosse verdade. Ele chegou a contratar uma equipe de seguranças armados para escoltar mamãe! E sabe qual foi a conclusão depois de dois ou três anos de investigação e vigilância? Que nada daquilo era real... Não havia perseguidores, nem espiões, nem sequestradores. Tudo era coisa da cabeça dela! “Um distúrbio genético”, foi o que disse o psicólogo.

— Certo — disse o detetive devagar. — Está bem, Sir. Creio que o senhor merece saber o que está acontecendo.

Föll fez um ligeiro resumo dos fatos (incluindo sua conversa com Hupert Saborsky no *Stravaigin*, em Glasgow).

Por fim, *Sir Dumsley* disse:

— Isso é inacreditável! O camafeu foi roubado? Daqui de casa? E mamãe não me disse nada? Eu teria tomado as ações cabíveis e... Bem, e agora? O senhor e Mr. Saborsky vão continuar a investigação?

— É a única alternativa — disse o austríaco delicadamente.

— Bem... se precisarem de assessoria... — ofereceu-se *Sir Dumsley*.

— É muita gentileza, Sir. *Es ist gut zu wissen!*

Fëll analisou os gestos daquele homem, a sua espontaneidade, os olhos fulgurantes, sua voz de barítono. Dizia-se que era um bom ator, mas longe de se igualar a Sean

Connery ou a Gerard Butler.

Alegando que precisava levar Miss Ambros para um passeio, *Sir Dumsley* saiu pela porta à direita.

Bem nesse momento, pela outra porta, apareceu Mr. Saborsky. Ele fez uma pequena pausa, atravessou a sala com ar decidido e parou ao lado de Fëll, diante da lareira. Não havia nada de ostensivo, nada fora de propósito em sua conduta, e, no entanto, sua primeira frase foi:

— Escute, estive pensando, Mr. Fëll. Acho que deveríamos confrontar o rapaz e exigir que ele devolva o camafeu.

Fëll levantou a cabeça. Quase que involuntariamente, fez um pequeno movimento, perplexo.

— Confrontar o rapaz? Que rapaz?

— O tal Samossa. Hector Samossa — disse Mr. Saborsky.

— Poderia explicar melhor? — pediu Fëll, com educação.

— Oh, sim, explicarei sim. É muito simples. Pense bem. Se o rapaz for ladrão, deveria saber que, mais cedo ou mais tarde, alguém faria uma busca e que seria insensato esconder o camafeu em seu próprio quarto. É óbvio, portanto, que ele deve ter algum outro esconderijo. Vamos confrontá-lo! Vamos fazê-lo falar! O que acha?

Fëll respondeu, pensativo:

— Acho que interrogar o jovem Samossa é prematuro e desnecessário.

— Hum — fez Mr. Saborsky. — Está bem... O que acha, então, de uma busca imediata em todo o castelo?

— Dessa forma, mostraríamos nossas cartas. Devemos agir com bastante cautela. Venha, vamos formular uma estratégia em outro lugar.

Mr. Saborsky olhou para seu companheiro.

— Espera aí... Eu ainda não comi nada!

— Nem eu. Não se preocupe. Morgan virá nos chamar.

O irlandês concordou. Os dois foram para o salão oval.

Ato simultâneo, e quase que por ironia, Mrs. Samossa entrou na sala de estar. Vestia um *tailleur* extravagante e tinha uma pele *pedigree* jogada sobre o casaco

azul.

Via-se aflição em seu rosto, como se estivesse procurando alguém.

Quando, dali a alguns segundos, Lady de Vahle voltou, Mrs. Samossa deu um grito de júbilo e correu para os braços da irmã.

— Oh, Penny! Penny! Você está bem?

Lady de Vahle tomou um susto.

— Meu Deus, criatura! O que aconteceu?

Mrs. Samossa agarrou-se ao seu braço. Os olhos verdes dilatados assumiram, de repente, uma expressão trágica.

— Eu fico pensando... naqueles dois homens... ontem à tarde... Eles estão aqui por algum motivo, não é? Oh! Penny! Foi você quem pediu que eles viessem, não foi?

— É mesmo? E por que eu faria isso?

Lady de Vahle hesitou. Imaginou o que Stephany diria se soubesse que Hector, seu filho, estava sendo investigado por suspeita de roubo.

— Alguém quer matar você, não é, Penny?

— É claro que não! Que bobagem!

Stephany Samossa emendou:

— Você não me engana, Penny! Eu sempre soube quando você mentia, se lembra? Eu sempre fui boa nisso, Penny. Muito boa. E você está mentindo! Está sim.

A duquesa deu uma gargalhada.

— Stephy, você não existe!

Mrs. Samossa susteve um soluço, emocionada.

— Em todo caso, se estiver em apuros, conte comigo.

— Ora, é claro que sim. Somos irmãs, não somos?

Mrs. Samossa jogou-se sobre ela beijando-a com exuberância.

— *Minha querida Penny!* Você é a melhor irmã do mundo! Eu sabia. Nunca me desapontou. Nunca! Amo você. Adoro você.

E saiu, reconfortada e tranquila.

A duquesa ficou sozinha por alguns minutos. Pobre Stephy! Uma mulher com a capacidade mental de uma criança e, no entanto, estranhamente sensata, quase que por instinto.

Um súbito ruído de passos.

A duquesa se virou, alarmada.

— Opa! Desculpe pelo susto, Madame.

Era Francis Brad-Burg. Ele coçou a nuca e avançou alguns passos pela sala.

Se Francis tivesse sido educado na Escócia, poderia ter se sentido pouco à vontade ao iniciar uma conversa com a duquesa. Mas Francis era um camarada franco, distinto, alegre e cordial, que falava com qualquer pessoa em qualquer lugar.

Ele sorriu sem qualquer embaraço e disse:

— Escócia é um lugar terrível nessa época do ano, não é?

Lady de Vahle olhou para aquele rapaz que tinha se tornado tão amigo de seu filho.

— Ah, sim. Roy não gosta.

— Nem eu.

Francis disse:

— A senhora não é escocesa, é?

— Sou escocesa, mas da Ilha de Skye.

— Ah, sei, é por isso.

Francis percebeu que a duquesa olhava por sobre seu ombro, para algo atrás dele. Francis se voltou.

Felicia Ambros estava parada na porta, vestida para sair. Calçava luvas *helanca* e uma calça *skinny*. Um furor!

— Olá, Felicia! — cumprimentou Francis. — Vai sair?

Felicia deu de ombros.

— Roy e eu vamos dar um passeio.

Francis disse:

— Que bom!

Miss Ambros riu. Foi um riso estranho, como o espocar de várias rolhas de champanhe.

Francis tinha se aproximado da janela. Não nevava no momento, mas nevara bastante durante a noite e, por toda parte, havia um tapete espesso de neve.

Francis viu, a algumas centenas de metro dali, um vulto se movendo na estrada branca.

— Venha cá, Felicia! Olhe ali... Perto do curral!

Voltando-se, acenou para que ela se aproximasse.

Felicia obedeceu e olhou pela janela. Seus olhos se abriram.

— Oh! Parece uma mulher, não é?

Francis disse:

— É uma mulher! Espere... Veja! São duas pessoas. Tem mais alguém lá atrás.

Felicia apurou a visão.

— É, tem razão. Creio que os dois vêm para cá.

Lady de Vahle veio para junto deles. Parecia preocupada.

— Conseguem ver quem são?

Francis disse:

— Não.

— E estão vindo para cá?

— Sim. Devem estar aqui em uns dez minutos.

Lady de Vahle tocou uma sineta que estava sobre a mesa ao seu lado.

Morgan apareceu de imediato. Lady de Vahle disse:

— Teremos visitas, Morgan. Vá ver quem é.

Morgan saiu, e Francis comentou:

— Esse sujeito é rápido!

Felicia deu de ombros.

— Eficiente.

Lady de Vahle deixou a sala.

Francis e Miss Ambros ficaram sozinhos no posto de observação. Depois de olhar para a moça, o inglês quebrou o silêncio:

— Tudo bem até agora?

Felicia disse:

— Sim.

— Quer desistir?

— Vamos até o fim.

Francis disse:

— Não quero que você se machuque.

— Não vou me machucar — disse Felicia com convicção.

— Como quiser, querida.

Esse diálogo enigmático foi tudo o que disseram entre si. Os dois se separaram, seguindo para lados opostos.

Pouco depois, a campainha do *hall* soou de maneira agressiva.

Morgan franziu a testa e foi atender a porta. Que modo mal-educado e impaciente de se tocar a campainha no castelo de uma dama!

Com a porta aberta, uma voz feminina, grave e autoritária disse:

— Bom dia! É você, Morgan?

Morgan encarou a mulher parada à sua frente. Quem seria ela? Queixo erguido e arrogante... esquis debaixo do braço... cabelos soltos... óculos de aviador.

— Receio não conhecê-la, Miss...?

Em vez de responder, a mulher entrou no saguão, deixando os esquis nas

mãos do mordomo.

— Como está Lady de Vahle, Morgan?

— Está muito bem, Miss. Eu...

O mordomo parecia ultrajado. Suas costas tensas expressavam protesto. A mulher deu uma palmadinha no ombro.

— Acalme-se, homem! Não sou uma sequestradora. Poderia chamar a sua patroa, por favor. Eu gostaria de falar com ela.

Antes que o infeliz mordomo pudesse esboçar qualquer reação, a duquesa apareceu.

— Oi. Algum problema, Morgan?

— Essa mulher, senhora. Ela...

A mulher com os óculos de avião bateu os flocos de neve da lapela. Havia algo ameaçador na solidez de sua absoluta segurança.

Ela disse:

— A senhora é a mãe de Roy Dumsley, imagino.

Lady de Vahle disse:

— Sim. E você... quem é?

Mas a pergunta ficou sem resposta.

A porta se abriu novamente, e entrou um rapaz louro, forte e musculoso, de cara fechada e nitidamente constrangido.

Lady de Vahle repetiu a pergunta, agora no plural:

— Posso saber que são vocês?

A mulher sorriu para ela, um sorriso súbito e travesso.

— Quem somos nós? A senhora não se lembra de mim? Eu sou Victoria Cox-Langley!

Lady de Vahle soltou uma exclamação.

— Victoria... Cox-Langley! Santo Deus!

Ela recuou um passo e cobriu a boca com a mão. Parecia prestes a passar mal.

— Não, não pode ser! Você... aqui!

O que se seguiu foi uma cena totalmente surreal. Primeiro, um berro. Em seguida, a duquesa caiu para o lado, quase em câmera lenta.

Quando Fëll e Mr. Saborsky chegaram ao saguão, Lady de Vahle já estava no chão. Agachada perto dela, uma mulher desconhecida levantou a cabeça.

— Alguém aí é médico? — perguntou ela ironicamente. — Acho que a duquesa acabou de ter um colapso nervoso.

Miss Cox-Langley



Os dez minutos seguintes foram de caos total.

— Vamos levá-la para o sofá! — comandou Mr. Saborsky, que incluía noções de primeiros socorros entre suas muitas habilidades.

Fëll e Mr. Saborsky, juntos, ergueram e carregaram Lady de Vahle pelo *hall* e a repousaram no sofá mais próximo.

Plenamente calmo e dono de si, Mr. Saborsky dirigiu-se para o mordomo:

— Morgan, traga álcool, um pano, qualquer coisa... Rápido!

— É para já, senhor.

Morgan saiu em busca de alguma coisa para socorrer sua patroa.

Depois de ajeitar a cabeça da mulher na almofada, Fëll checkou seu pulso. Normal.

Com a volta do mordomo, Fëll passou um lenço embebido em conhaque diante do nariz de Lady de Vahle. Ela tossiu e arregalou os olhos.

Mr. Saborsky tocou o ombro do detetive.

— Permita-me, eu falarei com ela. Penny... Penny... Está tudo bem. Tudo bem, ouviu?

Lady de Vahle respirava convulsivamente. Seus olhos, arregalados e cheios de apreensão, percorriam e tornavam a percorrer o círculo de rostos que se formara em torno dela.

O irlandês disse, em tom macio:

— Já está ficando boa, Penny. Você se assustou, só isso.

— Eu desmaiei, Hupert? — perguntou ela.

— Sim.

De repente, Lady de Vahle viu Victoria Cox-Langley. Seu rosto ficou verde outra vez, e um gemido de pavor escapou de sua boca:

— Oh, não! Oh, não! Essa mulher... Tirem essa mulher daqui!

Fëll virou-se para Victoria Cox-Langley, o olhar sério e perscrutador. Quem seria aquela mulher?

Uma jovem morena e esbelta.

Fëll viu-se dominado por emoções contraditórias. Sentia-se profundamente

curioso, mas, ao mesmo tempo, bastante contrariado. Que expressão irônica no rosto da jovem morena.

— A senhora... — disse Föll. — O que a senhora está fazendo aqui?

— Eu? — retrucou Miss Cox-Langley. — Eu estou aqui para rever o meu marido.

— E quem é seu marido? — perguntou Föll.

— Roy Dumsley — disse ela secamente. — Posso falar com ele? Aposto que Roy está lá nos fundos. Com licença...

Dizendo isso, Miss Cox-Langley passou por eles e entrou em um corredor à direita.

Lady de Vahle ficou petrificada numa imobilidade total. Passou a língua pelos lábios secos, abriu a boca... mas as palavras não saíram.

Föll transferiu sua atenção para o rapaz louro que, aparentemente, era o acompanhante da impetuosa Miss Cox-Langley.

— Acho que sobrou só você, meu jovem. Quem é você?

O rapaz estremeceu. Era evidente que semelhante abordagem parecia muito inesperada.

— Eu sou George Cox-Langley, senhor — disse. — Irmão de Vicky, senhor. Eu peço que desculpem Vicky por todo esse transtorno! Quando ela põe alguma coisa na cabeça...

— Ah, você é irmão de Miss Cox-Langley.

George abanou a cabeça.

— Sim. E estou preocupado com ela. Vicky é muito, muito amável. Mas está tão infeliz!

— Por causa de *Sir* Dumsley? — perguntou Föll.

— Sim.

— *Sir* Dumsley é marido dela?

— Ex-marido — disse George com franqueza.

— Por quanto eles estiveram casados?

— Por exatos cinco dias.

Föll hesitou, admirado.

— Cinco dias? Cinco dias de vinte e quatro horas?

— Sim, senhor — disse George.

— *Heiliger Strohsack!* — exclamou Föll.

Mr. Saborsky se divertiu com a expressão de espanto do detetive.

— Casamento de artista não dura, não é o que se diz?

Föll virou-se para Lady de Vahle.

— Isso é verdade, Madame? Miss Cox-Langley é... *era* sua nora?

— Era sim — suspirou a duquesa. — Infelizmente.

Quase ao mesmo tempo, puderam ouvir gritos agudos vindo do salão interno do castelo.

Gritos de consternação, misturados a uma risada histérica e vitoriosa. Aos poucos, os gritos foram aumentando de volume e, em seguida, três pessoas apareceram em cena.

À frente do trio, *Sir Dumsley* pisava duro. Parecia furioso. Logo atrás vinha Felicia Ambros, falando com ele e exigindo explicações. Por último, a causadora da discórdia, Miss Cox-Langley, com um sorriso sarcástico e maligno nos lábios.

— Eu quero saber, Roy! — dizia Miss Ambros. — Você tem que me dizer... Quem é essa vadia?

— Por favor, Felicia! — replicou *Sir Dumsley*.

— Pois bem! Então fale! Quem é ela?

— Não seja tão má com ele, meu bem! — disse Victoria Cox-Langley. — Deixe que eu me apresente! Sou a ex-mulher dele, prazer.

Roy Dumsley rugiu:

— Cale essa boca, Victoria! Cale essa boca, estou avisando. Dessa vez você foi longe demais.

— Eu fui longe demais, Roy? Uma ova, Roy. Uma ova!

Por um instante, pareceu que Felicia iria explodir de raiva, mas, com esforço, ela acabou se contendo.

— Você foi casado com essa... louca? Ela foi sua esposa, Roy? Diga que é mentira, Roy. Diga!

— Ué, você não sabia? Até parece! *Mr. Dumsley, o galã, o conquistador, o maior!* Acho que você devia se atualizar, queridinha.

Felicia insistiu:

— Diga alguma coisa, Roy! Ela foi sua esposa? Foi ou não foi?

Sir Dumsley disse:

— Foi, Felícia. Sim, ela foi minha esposa. Satisfeita agora? Nós fomos casados, eu e essa louca.

Victoria Cox-Langley riu. Ela se adiantou alguns passos, esbanjando uma determinação a toda prova, como se estivesse desfilando numa passarela. O corpo magro, longilíneo, e o rosto bem definido. Causava uma impressão e tanto!

— Louca, eu? — perguntou Miss Cox-Langley. — Não era assim que você me chamava, era? Cadê o: “Oh, *my sweet honey!*”, ou o: “*My darling!*”?

A discussão estava em vias de tomar proporções catastróficas.

Com energia, Fëll interveio:

— *Bitte! Bitte!* Um momento...

Como uma onda sísmica, aquela única frase produziu uma reação imediata. Todos os olhares se viraram para o austríaco que, ali de pé, parecia Salomão prestes a emitir um julgamento.

— *Sir Dumsley*, a sua mãe acabou de sofrer um desmaio. Acho que seria melhor moderar a linguagem.

O ilustre ator ficou aturdido.

— Desmaio? Oh! Mamãe! A senhora está bem? Venha, dê-me a mão. Vou levá-la para o quarto. Felicia! Por favor, ajude-me a levar mamãe para o quarto.

Muito a contragosto, Felicia Ambros obedeceu.

Com esforço, a velha dama se levantou e, com a ajuda da dupla de voluntários, saiu arrastando os pés.

Victoria Cox-Langley abriu as mãos:

— Que azar! Eu mal chego aqui e quase mato a velha megera de susto!

George disse ofegante:

— Vicky, eu avisei você! Não deveríamos ter vindo dessa maneira! Teria sido melhor se tivéssemos...

Miss Cox-Langley encolheu os ombros:

— E daí, Pinky?

— Pois eu acho que seu irmão tem razão, Miss Cox-Langley — disse Fëll secamente. — Se o seu plano era matar Penelope de Vahle, meus parabéns! A sua ousadia quase custou a vida dela!

Ela disse, chocada:

— Não, por Deus. Apesar das aparências, não sou tão má assim! Parece que o senhor não conhece essa mulher e do que ela é capaz.

George veio em apoio da irmã:

— Nós não viemos matar ninguém! Vicky só pretende falar com *Sir Dumsley*... Depois disso vamos embora, não é mesmo, Vicky?

Victoria Cox-Langley acariciou o queixo.

— Não estou bem lembrada dessa parte, Pinky. Mas, já que estamos aqui, vamos ficar. Ei, você nunca viu um castelo por dentro. Guarde o esquí, Pinky, e venha comigo.

Antes que alguém tivesse tempo de responder, ela avançou para dentro do corredor que ia dar nos aposentos interiores do castelo.

O resto da manhã foi uma continuação da tempestade.

E a tempestade obviamente se converteu numa enxurrada de teorias. Por que razão aquela mulher tinha vindo até ali?

Mrs. Strohheimer fincou os dentes na teoria de uma suposta paternidade:

— Eles tiveram um filho... Um filho explica tudo. Deu para ver nos olhos dela, a fúria com que ela entrou e desafiou a pobre Penny. Para mim, Roy é culpado. Homens do meio artístico são assim mesmo! Andam atrás de qualquer rabo-de-saia e, no fim, são obrigados a sustentar uma porção de filhos ilegítimos!

De maneira um tanto tímida, o coronel cometeu o erro de dizer:

— Ela não é *qualquer* rabo-de-saia, Gerry. É a ex-mulher dele!

A resposta da esposa foi fulminante:

— Deixe de ser besta, Arthur. Casamento que durou menos de uma semana não é casamento! Ela teve um filho, isso sim! Um filho. E agora veio para exigir que Roy reconheça oficialmente a criança e que comece a pagar a pensão alimentícia. Fico imaginando o que ela e aquele irmão grandalhão estão fazendo por aí. E se, antes de virem para cá, eles tiverem passado em uma loja e comprado dinamite, ou algum artefato explosivo?

— Ninguém compra dinamite numa loja, Gerry.

— Não, Mr. Föll?

Föll disse:

— Receio que não, Madame.

— Você também acha isso? — perguntou Mr. Saborsky mais tarde ao amigo.

— Acha que Miss Cox-Langley veio pedir dinheiro?

Föll se inclinou para frente e disse:

— Não, seria tolice. Questões de paternidade são resolvidas através de meios legais e não assim, vindo intimidar o mau pagador *vis-à-vis*.

Já Mrs. Samossa foi curta e grossa: os Cox-Langley tinham vindo para matar sua irmã!

— Os senhores tem que impedi-los! Eles devem ter trazido uma arma! Eles vão usá-la! Os senhores precisam fazer alguma coisa! Precisam...

Föll disse:

— Calma, senhora! Prometo que faremos o possível para que ninguém machuque sua irmã, está bem?

Ofegante, Mrs. Samossa continuou:

— Essa mulher é uma chantagista! Ela só quer o dinheiro de Penny!

— Se for isso — disse Föll —, Lady de Vahle não tem nada a recear. Tenha um bom-dia — acrescentou e se afastou apressadamente.

“Essa gente vive com a cabeça na Ilha da Fantasia!” pensou o detetive

tristemente. — “*Por qualquer toma-lá-dá-cá começam a falar em assassinato. É bomba, medo de atentado, tiro... O que mais será que vão inventar?*”

Uma Proposta para Fëll



— Mr. Fëll!

Fëll estava no *hall* de entrada. Olhava os quadros e brasões da família de Vahle, tentando assimilar a mentalidade daquela gente. Tanta riqueza devia ter uma origem. Despojo de alguma guerra tribal do século 16? Fraude?

Fëll girou sobre os calcanhares quando ouviu seu nome sendo chamado. Viu a mulher parada a alguns passos de distância.

— Lady de Vahle! — disse Fëll.

A duquesa estava usando um vestido de seda em roxo e alaranjado, enrolado ao corpo, em estilo oriental.

Fëll sentiu muita pena da viúva.

— Vamos a um outro aposento? — disse ele. — Este deve trazer recordações extremamente dolorosas.

Lady de Vahle balançou a cabeça.

— Não — respondeu ela rapidamente, e acrescentou: — Eu aguento.

— A senhora é uma mulher de grande coragem, Madame. Bem sei o choque terrível que deve ter sido...

Ela interrompeu.

— De fato, a princípio foi um choque — disse em tom sereno e coloquial. — Afinal, o senhor sabe, essa situação é intolerável.

Antes que o detetive pudesse dizer qualquer coisa, ela acrescentou:

— A verdade é que Roy deveria ter resolvido esse problema há muito tempo! Mas isso não importa. O que está feito, está feito. Eu peço... não, eu suplico... eu suplico que o senhor faça alguma coisa. O senhor precisa eliminar o mal que entrou em nossa casa, entendeu, Mr. Fëll?

Edmund Fëll encarou por alguns instantes a nobre dama. Adivinhou o que ela queria dizer — por isso mesmo duvidou que tivesse ouvido direito.

— Mas, Madame, eu não...

— Não faça corpo mole, Mr. Fëll! O senhor é um homem vivido e experiente. Já lidou com todo tipo de assunto cabuloso, não é? Pessoas querendo encontrar um ente querido, mães querendo saber como os filhos morreram, homens

procurando por suas belas amantes desaparecidas. Sim, o senhor é um homem vivido, já deve ter visto e ouvido de tudo. Acho até que o senhor já foi obrigado a matar! Matar alguém que se tornou um estorvo, alguém que tentou paralisar a sua investigação, ou apenas por defesa pessoal. Ou matou por mero instinto, por saber que era justo, por saber que era a melhor forma de encerrar um de seus casos.

A voz de Penny de Vahle tremia de excitação. Uma luz negra brilhou em suas pupilas.

Por incrível que pareça, Fëll ficou sem fala por alguns segundos.

— Madame, o que está pedindo é... assassinato.

— Assassinato? Não, não é assassinato. Não... não... Eu vou dar uma definição melhor. Assassinato é planejar e matar uma pessoa de bem, uma pessoa que serve à sociedade e que nunca fez mal a ninguém. Não, o que eu quero se chama justiça. Justiça por mim e pelo meu filho. Não vou ser humilhada em minha própria casa, Mr. Fëll! Não vou ser um brinquedo nas mãos dessa mulher. Se há uma coisa que os de Vahle prezam é a dignidade, Mr. Fëll. Dignidade é tudo. Sem dignidade não somos nada. Se o senhor for capaz de fazer isso por mim, tudo bem. Se não puder, muito bem. Falarei com outra pessoa.

— Madame, *langsam!* — disse o detetive com a máxima cautela. — Eu vim para cá a pedido de um amigo. Desde o início, a senhora pareceu ser muito gentil, muito ponderada e lúcida. Quero que mantenha essa imagem: a imagem de uma pessoa boa, uma pessoa que ama o seu próximo! Por isso, Madame, não me peça uma coisa que contraria o respeito que tenho pela vida humana.

— As circunstâncias mudaram, Mr. Fëll.

— Não sou pistoleiro — disse Fëll.

— Também não sou uma assassina, se é assim que encara as coisas. É um ato de bondade. Bondade a favor da sociedade.

Fëll não gostou do raciocínio.

— Vai mesmo fazer isso, Madame?

— Dúvida de mim? — perguntou Lady de Vahle. — Pense em uma mulher que pertence à ralé, que não tem onde cair morta! Pense nessa mulher invadindo a sua residência e dizendo coisas contra o senhor, coisa que ferem a sua honra, que ferem o seu amor próprio! Como o senhor se sentiria? Feliz? Não, tenho certeza que não. O senhor se defenderia, faria *qualquer* coisa para calar a boca da mulher. Pessoas normais agem assim... Elas lutam e zelam pela sua integridade! E é isso o que eu pretendo fazer, Mr. Fëll! Lutar pela minha integridade! Lutar pela integridade do nome da família de Vahle!

— Por que não recorre aos meios legais, Madame?

— A justiça dos homens é falha, Mr. Fëll. Falha e tardia.

— Talvez seja — disse Fëll. — Mas é menos sangrenta.

— E daí? Quem se importa?

— Eu me importo, Madame.

Penny de Vahle deu uma gargalhada.

— O senhor me surpreende! Achei que fosse me ajudar...

— Ajudo — disse Fëll. — Contanto que não envolva a ideia de um crime.

— Um crime? Doenças graves requerem remédios fortes!

Fëll sorriu tristemente.

— Pode ser. Mas prefiro não arriscar.

— Vai ou não cooperar comigo?

— Não posso, mesmo que quisesse. Deixe-me fazer uma pergunta, Madame.

Quem é Miss Cox-Langley?

Lady de Vahle respondeu com frieza:

— Ela fez uma ponta num dos filmes de Roy. Era uma enfermeira, ou coisa que o valha. A única fala dela era: “O paciente morreu!” Grande coisa, o senhor vê. Artisticamente falando, é uma atriz de terceira classe. Mas Roy sempre teve uma queda por moças frágeis e desamparadas! Ele ficou encantado e em pouco tempo casou com ela. Grandessíssimo erro! Dali a duas semanas, estavam assinando os papéis do divórcio. Miss Cox-Langley! Miss Cox-Langley! Quem ela pensa que é?

Fëll murmurou:

— Tudo o que ouvi da senhora é muito coerente. Mas há um detalhe que continua sem explicação.

— Que detalhe?

— Por que motivo Miss Cox-Langley está aqui?

Lady de Vahle deu de ombros:

— Porque é uma pessoa que nunca pensou no futuro. Gastou todo o seu dinheiro em festas e bebedeiras. Esbanjou, viveu como uma rainha e finalmente se deu conta de que ficou sem nenhum tostão. Victoria Cox-Langley está aqui porque acha que Roy vai ajudá-la financeiramente! Ela sempre exerceu um enorme poder sobre ele.

Fëll tossiu.

— Ela não é uma feiticeira, Madame. Não acha que está subestimando o seu filho?

Lady de Vahle respondeu com voz de quem perdoa tamanha ignorância:

— Conheço Roy, Mr. Fëll! Conheço meu filho. Eu sei que ele não resistirá se Victoria for ronronar no ouvido dele. Roy é altamente patético quando se trata de mulheres! Fica de queixo caído, e vira um cachorrinho na mão delas. Ah, o senhor não sabe quantas vezes tive que intervir para tirá-lo de uma enrascada!

Fëll piscou os olhos:

— Muito bem. Vamos supor que a senhora consiga eliminar Miss Cox-Langley. E quanto ao irmão dela?

— George? George é uma nulidade. Tem músculos, mas não tem neurônios.

A duquesa deu de ombros e saiu:

— Bom, Mr. Fëll. Pode avaliar minha proposta e, se ela for favorável, me avise.

Mas, para Fëll, não era necessário avaliar nada. Ele já tinha tomado sua decisão.

À Beira do *Loch Ness*



Na manhã seguinte, alguém organizou uma excursão ao Lago Ness. Conforme previsto, Victoria Cox-Langley teimou em ir junto. De saia amarela, óculos escuros e perfume *Pierre Cardin*, a moça sorriu maldosamente quando viu que não era bem-vinda no comboio.

— Eu vou, Roy, e ninguém vai me impedir — disse ela.

Sir Dumsley deu um suspiro impotente.

— Victoria... Victoria...

E assim, ignorando os protestos, Miss Cox-Langley assegurou seu lugar na comitiva. Mexendo as mãos como um palerma, George embarcou ao lado dela no carro do coronel Strohheimer.

Mais tarde, Fëll viu a mulher caminhando à beira do lago.

Resolveu se aproximar dela.

— Gostando da vista, Miss?

— Não. Essa água é igual a todo o resto da água do planeta.

— Então não acredita no monstro?

— Depende.

Miss Cox-Langley fez esta comunicação em voz absolutamente calma.

— Refiro-me ao monstro do lago — disse Fëll com um sorriso.

— Não, nesse eu não acredito.

— Acredita nalgum outro monstro?

— O quê?

— A senhorita disse *depende*. Quer dizer que acredita em monstros.

Ela lançou um olhar para a loja perto da rodovia. Lá estavam *Sir Dumsley*, Miss Ambros, o coronel e a esposa. Mrs. Samossa, o filho e Mr. Saborsky pareciam estrelas solitárias atrás do grupo.

— Mr. Fëll, monstros existem — disse Miss Cox-Langley pensativamente.

Fëll disse:

— Concordo com a senhorita. Há muitos monstros soltos no mundo. Não estou falando de dragões, bestas voadoras ou de minotauros. Refiro-me a pessoas. Os nazistas que promoveram o massacre judeu, o Khmer Vermelho, os

terroristas no Afeganistão e...

— O senhor está sendo muito genérico.

— *Entschuldigung?*

A moça disse:

— Eu estou me referindo a monstros que moram em nossa vila, em nossa rua ou até mesmo em nossa casa. É desses que tenho medo. E eles existem.

Miss Cox-Langley voltou a olhar a lojinha.

— Posso dar um aviso, Miss? — perguntou Fëll.

— Um aviso?

— Está fazendo um jogo que pode acabar mal, senhorita. Temo pelo que pode acontecer.

— Que jogo? O senhor acha que estou jogando?

— E não está?

— Muito pelo contrário — disse a moça. — Até agora o senhor não me viu fazer nenhuma loucura, viu?

Fëll olhou para ela:

— Eu a vi fazer uma grande loucura, Miss, se me permite a franqueza.

— O que foi que eu fiz?

— Vir até aqui. A sua mera presença é uma provocação, e a senhorita sabe disso.

Ela fez um gesto aborrecido.

— As pessoas têm o direito de ir e vir, Mr. Fëll. Se quisesse ir para a Cochinchina ou a Rússia eu poderia ir, não acha?

— Mas aqui não é a Cochinchina — disse Fëll com tato. — Existe esse pequeno detalhe geográfico.

— E daí? Lá ou aqui, que diferença faz?

— Para algumas pessoas, faz uma diferença substancial.

— Está se referindo a Roy?

— Também — disse Fëll.

— Parece que a velha andou fazendo a sua cabeça, Mr. Fëll. Gostaria que a língua dela apodrecesse, e que ela ficasse cega. O senhor quer ouvir a minha história? Posso contar, se quiser.

Miss Cox-Langley fez a pergunta num tom de desabafo.

— Sem dúvida, Miss — concordou Fëll com decoro. — Conte-me tudo.

— Venha, vamos nos sentar ali.

Ela tirou um lenço da bolsa e o ajeitou cuidadosamente numa rocha.

— Conheci Roy nos Marrocos, durante as filmagens de *Um Xeque das*

Arábias. Eu tive uma participação numa das cenas... ah, uma *pequena* participação, vamos dizer. Na época, eu era uma atriz iniciante, e Roy já tinha um currículo apreciável. Meu pai era da Catalunha, um lugar que Roy tinha visitado anos antes. Ele era tão bonito! Aqueles olhos cinzentos... a voz rouca... os cabelos grisalhos! Era o príncipe que qualquer mulher gostaria de ter! E eu tinha conseguido! Eu, no meio de uma legião de mulheres, havia flechado o coração do grande Roy Dumsley! É claro que fiquei muito orgulhosa. Depois disso tudo aconteceu muito rápido. Oficializamos nosso casamento longe dos holofotes e do nariz bisbilhoteiro da imprensa. Daí, no terceiro dia, eu contei para Roy que estava grávida. Achei que ele ficaria feliz, que me beijaria e rodopiaria comigo pela sala, fora de si de alegria. Todos os homens querem ser pais, não é? Todos... menos Roy. Em vez de ficar feliz, de me beijar, Roy olhou para mim completamente perplexo. “Você fez o teste?”, perguntou ele. “Sim, sim, deu positivo duas vezes”, respondi. “Roy, vamos ter um filho, não é demais?” O rosto dele estava pálido e branco como aquela neve. Nessa noite, a duquesa veio falar comigo — aquela víbora nojenta! Ela começou dizendo que Roy não poderia ter um filho, e que seria melhor que eu desse um jeito em minha gravidez. Eu fiquei apavorada. Simplesmente apavorada. Era desumano. Diabólico! Ela queria que eu matasse o bebezinho que estava crescendo dentro de mim! Um aborto!... Respondi que não, que não mataria aquele pedacinho de gente... o *meu* pedacinho de gente! “Pobre menina!”, disse ela com raiva. “Não percebe que isso vai atrapalhar o futuro de seu marido? Que ele não pode ter um filho agora?” Achei que a velha estivesse delirando. Como é que o nascimento de um bebê poderia atrapalhar alguém? Muito menos o homem que eu amava! Fui falar com Roy. “Você quer que eu faça o aborto? Seja sincero comigo, querido.” “Não, é lógico que não”, disse Roy. “Fique calma, *okay*? Tudo ficará bem.” Foi um grande alívio! Ah, se eu tivesse desconfiado! Naquela madrugada, acordei com os braços pegando fogo. A pele ardia... Comecei a gritar feito uma louca. Eu me debati de um lado para o outro. E a dor! A dor era cada vez maior. A dor... O cheiro de carne queimada... Quando consegui acender a luz, Roy estava ao lado da cama e olhava para mim com a cara mais estúpida do mundo. Eu o odiei tanto! Quis avançar nele. Mas aí, perdi os sentidos. Lembro-me que... quando voltei a mim... um médico estava enfaixando meus braços. Roy... eu vi Roy. Ele estava num canto e olhava para fora pela vidraça. O médico estava muito sério. “Acho que deveria chamar a polícia, senhorita”, disse ele. “Mas por quê? O que aconteceu comigo, doutor?” Ele se inclinou para mim e acrescentou: “O seu marido... ele jogou ácido na senhorita!”.

— Ácido? — interrompeu Föll. — Não pode ser.

— O senhor não acredita? Veja, aqui estão as marcas...

Miss Cox-Langley puxou as mangas e mostrou os braços nus. As horríveis feridas negras rasgavam a pele alva e esbranquiçada.

— *Donnerwetterkeil!* — exclamou Föll. — A senhorita fez exame de corpo delito?

— Não. Eu deveria ter feito, não é? Mas eu estava tão tonta, tão confusa... E Roy veio falar comigo. Ele disse que faríamos um acordo amigável. Disse que ele cuidaria de todas as despesas de meu tratamento. Aceitei todas as propostas, mas com uma condição: que entrássemos logo com a ação de divórcio. Eu queria sair... ir embora... Dar à luz o meu filho em um lugar pacífico, longe dali.

— Pela maneira como fala, deduzo que seja um menino.

— Sim. Erik é tão lindo, Mr. Föll, o senhor deveria ver.

— E onde está Erik?

— Em Düsseldorf, com minha irmã. Miriã se tornou tutora dele... por enquanto.

Victoria Cox-Langley retesou o corpo e encarou o detetive:

— Pinky me implorou para que ficássemos em Goa. Mas eu não podia, o senhor entende? Eu não podia deixar para lá. Fui rejeitada, fui desonrada, ferida.

— De fato, agora é tarde — disse Föll tristemente. — Mas deixe-me pelo menos preveni-la, Miss. Está se metendo numa situação muito perigosa.

— A culpa é dessa velha! — disse a moça encolerizada. — Foi ela quem pressionou Roy a me largar. Foi ela quem nunca quis que eu me tornasse membro da família. Se fosse por ela, eu teria matado meu bebê, Mr. Föll!

Föll hesitou.

— Deixe-me só fazer uma pergunta. Por que, em nome de Deus, a senhorita não desiste dessa perseguição e vai embora?

— Em primeiro lugar, não estou perseguindo ninguém. Como eu disse, sou uma cidadã do mundo e tenho o direito de estar onde quiser. Além disso, não ameacei Roy... Eu quero só que ele saiba o quanto me feriu, o quanto me prejudicou! Prejudicou a mim e ao *nosso* filho!

Föll moveu a cabeça lentamente:

— É sua última palavra?

— É sim.

— Muito bem — disse Föll levantando-se da rocha. — *Tun Sie was Sie wollen...* Eu a aconselho a deixar as coisas como estão, Miss. Vá, parta, e continue a sua vida. A senhorita é jovem, é bonita, tem saúde. Poderá arrumar

um bom marido, alguém que a ame, que a proteja desse mundo mau e perverso. Mas receio que a senhorita não vá me escutar.

— Lamento, Mr. Föll.

“Eu também lamento”, pensou o austríaco. “Mas, como diz o ditado, cada um é responsável pela consequência de seus atos. Só espero que as consequências não sejam trágicas.”

Mensagem no Espelho



De noite Roy Dumsley abordou Fëll antes do jantar.

— Pode me conceder alguns minutos?

— *Ganz sicher*, Sir.

— Por aqui.

Tomando a dianteira, Roy levou o detetive ao vestíbulo e de lá até o fim do corredor à esquerda. Abriu a porta de comunicação com a peça que servia de escritório.

— Quero que veja uma coisa.

— *Was ist?*

Havia livros, uma mesa-secretária e uma lareira. Mas o dedo do ator apontou o espelho que ocupava a parede dos fundos.

— Lá!

— Uma mensagem... — disse Fëll ajeitando o monóculo.

Em vermelho vivo, a frase escrita no vidro dizia:

Prepare-se para perder o que você mais ama!

— Notável! — disse Fëll. — *Wunderlich!*

— Não é mesmo?

— Quando foi que encontrou isso?

— Meia hora atrás, mais ou menos — disse Sir Dumsley. — Eu vim pegar alguns papéis e vi que a porta estava entreaberta. Logo que entrei vi esses rabiscos infames.

— Tem ideia do que signifiquem?

— Nenhuma.

— *Perder o que você mais ama* — repetiu o austríaco pensativo. — Parece ser algum tipo de ameaça. Deve se referir a alguém ou a alguma coisa.

— O que eu mais amo... Eu amo o meu trabalho — teorizou Roy Dumsley.
— Mas creio que isso seja algo muito subjetivo.

— Seu trabalho está ameaçado, de alguma forma?

— Que eu saiba não.

— Hmm... — fez Föll.

— Acha que esteja se referindo a uma pessoa?

— É provável... Quem é a pessoa que o senhor mais ama atualmente, *Sir Dumsley*?

— Felicia, sem dúvida. Estamos noivos...

— Certo... — disse Föll. — E pelo que ouvi dizer, vocês já marcaram a data do casamento. Essa união causaria desconforto a alguém?

Havia rugas no rosto do ator. Estava profundamente perturbado e perplexo. Ele balançou a cabeça:

— Bom, em vista do que o senhor viu e ouviu nos últimos dois dias, acho que não preciso responder que sim.

— Miss Cox-Langley, entendo — disse Föll. — Isso se enquadra no perfil dela. Há ainda outra coisa... Essas palavras foram escritas com batom.

— Parece tudo muito claro — concordou o ator.

— Sim.

Föll pôs as mãos atrás das costas:

— O caso, portanto, é o seguinte: há algum tempo, o senhor foi casado com uma mulher. A coisa durou uma semana ou menos. Daí veio a separação e, consequentemente, o divórcio. Os anos passam e então, sem qualquer aviso, a mulher reaparece. Ninguém sabe por que, nem quais são suas intenções. Mas uma coisa é certa — ela está cheia de raiva e rancor. Eu pergunto ao senhor: qual será a razão de tanta raiva e rancor? Uma pessoa sensata não nutriria sentimentos tão fortes sem uma razão, *nicht wahr*? Eu tentei entendê-la e descobrir qual é o propósito por trás de sua vinda para cá. Assim sendo, hoje de manhã falei com Miss Cox-Langley. Enquanto ela falava, vi que havia uma amargura imensa em seus olhos. Uma amargura cujas causas são mais do que justificadas. Causas que envolvem uma história sobre coação para fazer um aborto clandestino e um terrível atentado com... ácido.

Sir Dumsley fez um gesto taxativo com a mão.

— Pare, Mr. Föll! Pare... eu peço! Eu sei o que o senhor vai dizer. Que fui um cafajeste, que sou o responsável indireto por toda essa desgraça. Sim, concordo que fiz muitas coisas erradas na vida. Casar com Victoria foi um erro! Mas nada justifica que ela venha até aqui e afronte a minha mãe. Ela... ela mostrou os ferimentos?

— Sim — respondeu Föll secamente.

— Pois bem... Sei que fiz uma grande besteira e...

— Essa é uma forma simplista de ver as coisas!

— Mas o fato é que nos fizemos um acordo — respondeu *Sir Dumsley*. — Ela não contou que eu arquei com as despesas da clínica de restauração?

— Os resultados não foram muito satisfatórios — disse Fëll.

— Acontece que o corpo dela rejeitou os enxertos. Fizemos todo o possível mas... não importa. Ela queria ter o filho, e não me opus a isso. Victoria contou essa parte?

— Contou. Muito bem, por sinal.

— Contou, é? Parece que o senhor se tornou amiguinho dela bem depressa, hein?

— Eu não me tornei amiguinho dela, Sir — retrucou Fëll. — Achei que tinha o dever de falar com ela e falei.

— E o que Victoria disse?

— Ela disse que não recuaria.

— Isso é bem típico dela. Uma mulher determinada, que não teme o perigo. Admiro isso nela... sim, de verdade. Admiro essa coragem de espírito. Dói saber que ainda poderíamos estar juntos... eu e ela.

— Dói? É uma contradição ouvi-lo dizer isso, Sir. Levando-se em conta que foi o senhor que pôs tudo a perder.

— E acha que não estou arrependido? Eu fui um canalha, fiz uma coisa indefensável... Se eu pudesse, voltaria no tempo e faria tudo diferente.

Fëll indicou a frase no espelho:

— Acha que isso foi obra de Miss Cox-Langley?

Roy Dumsley curvou o pescoço.

— Difícil dizer. Essa grafia... Veja ali: *Prepare-se para...* É uma expressão sofisticada. Não creio que Victoria diria as coisas nesses termos.

— Suspeita de outra pessoa?

— Não sei. Talvez.

— O coronel Strohheimer ou a esposa...

— Não, imagino que não. Não somos muito amigos, sabe? Eles têm mais amizade com mamãe.

— Sua tia ou o filho dela? — sugeriu Fëll.

— Não, tia Stephy é muito estúpida para conceber uma coisa dessas. E Hector... Não me interprete mal, mas Hector tem mais cara de *jihadista* do que autor de ameaças melodramáticas.

— E sua namorada, Miss Ambros?

Sir Dumsley franziu a testa.

— Felicia? Não vejo como...

— Se foi Miss Ambros quem escreveu isso, creio que a mensagem é clara — explicou Fëll. — Ela ficou chateada com toda essa situação e está querendo deixá-lo.

— Felicia... me deixar? Que pensamento pessimista! Não, Felicia nunca seria tão egoísta. Eu a amo e ela me ama. Felicia já sabe de tudo referente ao meu caso com Victoria.

— Como ela reagiu?

— Resignadamente, acho eu.

— Resignadamente?

— É.

— Ou seja, excluímos Miss Ambros?

— Até prova em contrário, sim.

Fëll disse:

— *Kein Problem...* Quem tem acesso a este aposento?

— Ninguém deveria ter entrado, se é o que o senhor quer saber. Eu costumo trancar as portas. Não sei como, mas hoje à tarde foi uma exceção. Nós voltamos do *Loch Ness*... Quando saí para o chá, esqueci-me de chavear a porta.

— O que quer dizer que qualquer pessoa poderia ter entrado — filosofou Fëll. — Isso praticamente ata as nossas mãos. Não se pode combater o inimigo quando não se conhece a sua identidade. Temos que esperar para ver se surge algum indício novo.

— Tudo bem.

Roy Dumsley olhou o austríaco com visível interesse:

— O senhor não é sócio de Mr. Saborsky, é? Há alguma coisa no senhor... Não sei dizer o que é. Mas logo vi que gosta de investigar. Seja sincero comigo, Mr. Fëll, o senhor é da polícia?

Fëll observou o homem atentamente:

— E se eu fosse, Sir?

— Se o senhor for da polícia, tudo bem, não é? Sempre tive boas relações com a lei. Posso supor que essa pergunta confirma a minha tese?

Fëll disse:

— Até certo ponto. Na realidade sou detetive.

— Detetive? Ah, estou entendendo! O caso do camafeu... O senhor já conhecia minha mãe ou...?

— Até anteontem eu nunca tinha visto sua mãe, Sir. Quem me contou a história das joias foi Mr. Saborsky.

— Ah sim? — perguntou *Sir Dumsley* admirado. — A coisa está ficando emocionante. O senhor não é desses que mete o nariz em tudo, é?

— Depende das circunstâncias... Já houve casos em que tive de bisbilhotar descaradamente a vida íntima das pessoas. O marido traía a mulher, e a amante tinha planejado matá-lo porque não se conformava por ficar em segundo plano. Coisas assim...

— Um detetive... — repetiu *Sir Dumsley*. — Bem, e já descobriram alguma pista sobre o paradeiro do camafeu?

— Não temos nenhuma pista, lamentavelmente.

— Por que não vistoriam o quarto dos outros hóspedes?

— Ainda não tivemos chance — disse *Fëll*. — Depois da vinda de *Miss Cox-Langley*... e de tudo o que aconteceu... a nossa investigação teve uma súbita queda de produtividade. Em todo caso, antes de qualquer coisa temos que pedir a autorização de *Lady de Vahle*.

— Vão pedir a autorização de mamãe? O senhor deveria trabalhar numa embaixada.

Fëll encarou o ator com certa irritação.

— Tento respeitar a privacidade das pessoas, *Sir*.

— Bem — disse *Sir Dumsley*, um pouco embaraçado. — Não fique chateado, eu não queria ofendê-lo, *Mr. Fëll*.

Fëll não deu atenção ao pedido de desculpas:

— Creio, no entanto, que devido aos fatos mais recentes o roubo das joias assuma um lugar secundário. A vinda de sua ex-mulher e agora esta mensagem de significado duvidoso... bem, parece que o foco de minha investigação está se alargando. Claro, desde que o senhor aprove que eu me envolva nisso.

— Sem dúvida, sem dúvida. Eu ficaria muito mais tranquilo sabendo que um perito na área está cuidando do caso. Seja como for, eu estava mesmo querendo contatar a polícia.

— *Das dient mich!* Vamos coordenar os esforços, *Sir*. Talvez assim consigamos impedir o assassinato, não é?

Roy Dumsley deu um pulo:

— Assassinato?

—... ou qualquer outra coisa que tiver sido programada — disse *Fëll*. — Temos que considerar todas as hipóteses viáveis.

— Ah! Por um instante o senhor me assustou... Assassinato, essa é boa.

O ator consultou o relógio:

— Ficamos combinados, então. Venha, está na hora da ceia.

Fëll assentiu com a cabeça.

Ele olhou para o espelho pela última vez. *Prepare-se para perder o que você mais ama!* Victoria Cox-Langley tinha vindo para punir o ex-marido. Miss Ambros era a nova namorada de Sir Dumsley.

Perder o que você mais ama!

“Temos o cenário, os atores, a iluminação”, pensou o detetive. “Falta só saber que papel cada um vai representar.”

Em Edimburgo



Sir Dumsley e Miss Ambros foram para Edimburgo às 8 e meia da manhã. Aproveitavam assim as primeiras horas do dia para fugir da presença incômoda de Miss Cox-Langley.

Edmund Fëll assistiu à partida do carro de seu quarto. Miss Ambros usava uma calça com modelagem *flare* e, jogada em seus ombros, uma echarpe de musseline cor de musgo. Um *look* alegre e atraente, avaliou o austríaco.

Fëll se arrumou e desceu para o térreo.

No vestíbulo, Mrs. Samossa estava ao telefone. Fëll ouviu que ela conversava baixinho com alguém, aparentemente em inglês.

Mas Mrs. Samossa notou a presença de Fëll. Ele viu que ela tentou esconder uma folha com a mão. Como que por milagre, a voz da mulher ficou ofegante e, num tom bem mais alto, disse:

— *Sí, estamos bien. No, no, Hector está caminando en el campo.*

As pálpebras de Fëll tremeram um pouco.

“Isso é espanhol! Mas segundos atrás... eu achei que...”

Na sala de estar, o detetive austríaco encontrou Francis Brad-Burg. O rapaz tinha se arrumado para sair.

— Aonde vai, meu jovem?

— Quero sair daqui — disse Francis. — O clima anda meio pesado. Vou visitar alguns monumentos, ver algumas coisas exóticas. O senhor vem comigo, Mr. Fëll?

Fëll ficou surpreso com o convite. Mas por instinto viu ali uma oportunidade... sim, a oferta era tentadora. Talvez aquele rapaz... não seria má ideia se...

Fëll resolveu ir junto.

— Ye-é! — disse Francis. — É assim que se fala. Roy disse que poderíamos ir com o Bentley. Vai ser divertido...

Além de bom motorista, Francis Brad-Burg era um sujeito extrovertido. Enquanto dirigia, ia falando sobre o clima escocês e sua cultura — numa profundidade de detalhes que chegou a embaralhar a mente meticulosa do

detetive.

Depois de meia hora, Francis estacionou o carro aos pés do St. John's Hill.

— Gosta de escalar, Mr. Fëll?

Fëll olhou para o aclave da montanha e quase teve um ataque cardíaco.

— Nós... não... hoje...

— É, presumo que não — murmurou Francis.

Batendo no braço de Fëll, ele deu uma sonora risada. Engatou a marcha e guiou para o centro da cidade.

— Aqui estamos... Esta é a principal avenida — a Princess Street. Aquele é o monumento a Sir Walter Scott, um escritor, ou historiador, algo assim. Não leio muito, mas é o que dizem. Gente para todo lado... Ah, o senhor não imagina como estou aliviado! Achei que ia acabar ficando louco naquele castelo... Opa! Uma vaga de estacionamento! Ótimo, podemos esticar um pouco as pernas.

Dali a dez minutos estavam passeando pela rua.

Francis prosseguiu:

— A propósito, obrigado por vir comigo, Mr. Fëll. Aquela mulher que apareceu por lá não deixa ninguém em paz! Que criatura persistente! Não sei como ela não se toca... Dá até medo! Se eu fosse Roy, já teria expulsado ela de lá! A não ser que ele ainda goste dela, por que prolongar a agonia, o senhor não acha?

— Talvez — disse Fëll discretamente.

— Talvez? Ora vamos, isso não é resposta. Pense na cara de Roy com essa fulana por perto. Ele parece uma vaca atolada. Não vai para frente nem para trás. Se fosse comigo eu já teria dado um jeito nisso. Sabe o que eu faria? Iria falar com ela, explicaria tudo tim-tim por tim-tim (para que não restasse nenhuma dúvida) e então: "*Hasta la vista, baby*"! Pronto, fim da guerra! Mr. Fëll, para mim este caso é de uma notável simplicidade: ciúme! O fato de Roy ter começado a namorar pelas costas dela aponta claramente para uma crise de ciúme feminina.

E acrescentou, demonstrando excitação:

— Imagine o senhor! Vir assim do nada é um mau sinal. Um sinal que mostra que essa Miss Cox-Langley é uma mercenária. Essa mulher só vai sossegar quando receber dinheiro. Rios de dinheiro. Garanto que neste exato instante Roy está no banco pleiteando um empréstimo ou sacando as últimas economias, o pobre imbecil.

— Achei que eles tivessem ido fazer compras — disse Fëll, sem convicção.

— Compras? Isso foi só um pretexto. Não, eu conheço Roy. Ele é um

moleirão. Um fracote... o senhor me desculpe a expressão. É claro que Miss Ambros está muito braba com ele. E ela está certa. Muito certa. Mas eu sei, o senhor sabe, enfim, todos sabem que eles não podem simplesmente dar um tiro em Miss Cox-Langley. Aquele irmão desmiolado dela é um brutamonte. Pense no que ele faria se alguém tentasse alguma coisa contra ela! Seria um Deus nos acuda.

Uma ruga de perplexidade começou a se formar entre os olhos de Föll.

— Dar um tiro em Miss Cox-Langley, Mr. Brad-Burg?

Francis deu de ombros.

— Um tiro, uma facada ou uma cutilada de caratê, qualquer coisa. Eu não aguentaria esse desaforo por nada desse mundo. Certo tipo de gente não conhece outra linguagem. Basta uma bala e estaria tudo liquidado.

— *Und schwerend komm noch dazu...* — suspirou Föll. — Essa solução seria um pouco drástica, não acha?

— Drástica? Olhe... Pelo visto, o senhor e eu vemos as coisas por outro ângulo. A minha sugestão é dar um fim a esse impasse. De qualquer forma! O senhor está inclinado a negociar, a encontrar uma saída menos violenta. Não acho que as ideias difiram tanto assim.

— Mas tirar a vida de Miss Cox-Langley, Mr. Brad-Burg?

Francis deu de ombros outra vez.

— Eu passei um tempo no reformatório quando era criança, Mr. Föll. Vi as maiores desgraças que uma pessoa poderia ver, acredite em mim. Se dependesse de mim, eu meteria uma bala naquela mulher. Veja! Vamos ter companhia.

Por entre a multidão, Francis indicou uma echarpe verde-claro vindo pela calçada. Föll reconheceu logo os traços joviais de Miss Ambros.

Miss Ambros se aproximou, acenando para eles.

— Bom dia!

— *Guten Morgen*, Miss Ambros.

— Ué, vocês por aqui!

— É mesmo muita coincidência — assobiou Francis.

— É mesmo — disse Felicia Ambros corando de leve. — Oh, a verdade é que eu falei para Roy que ia dar uma olhada nas lojas e... oh, sinto tanta vergonha... acho que acabei me distanciando dele!

Francis piscou o olhos para o detetive.

— Está vendo, Mr. Föll? Parece que vamos ter que bancar os bons samaritanos.

Os três se puseram a procurar o bazar onde Felicia vira *Sir Dumsley* pela

última vez.

— Vocês não trouxeram aquela gata borralheira, espero — disse Felicia após alguns segundos.

— Não, Miss — respondeu Fëll.

— Que bom! Oh! Como eu gostaria de jogar aquela galinha debaixo de um automóvel. Ódio! Que ódio! Gostaria de torcer o pescoço daquela praga e pisar nela até arrancar o sorriso irônico daquele rostinho de boneca, arrogante e cheio de confiança. Ah, se eu pudesse! Se eu pudesse...

Fëll ficou um pouco chocado com o desabafo de Miss Ambros. Aquilo não era digno de uma atriz de cinema!

Felicia agarrou-se a Francis e começou, então, a chorar livremente, chegando a soluçar.

— Oh! Francis! Francis! Você tem que fazer alguma coisa. Ela vai tentar me matar! Eu não quero morrer. Você vai impedir, não vai?

O rapaz olhou desconfiado para Felicia.

— Morrer?

— Eu vi... no espelho... estava escrito. Roy me mostrou e... Oh, estou tão apavorada!

Dessa vez, Francis virou os olhos para o detetive.

— Do que ela está falando?

— De uma pequena brincadeira — disse Fëll, evitando abrir o leque de detalhes. — Alguém escreveu umas palavras bobas no espelho.

— O senhor viu?

— Sim — disse Fëll.

— O que diziam essas palavras?

Felicia exclamou com mais veemência:

— Diziam que Roy ia perder a pessoa que ele mais ama. Ele acha que posso ser eu. Roy disse que aquela vadia vai querer me matar.

— Besteira — disse Francis. — Isso é besteira! Ninguém se arriscaria a matá-la, Felicia! Ninguém.

Fëll balançou a cabeça.

— Besteira? Devo lembrá-lo, Mr. Brad-Burg, que o mundo está cheio de pessoas capazes de qualquer vilania!

Francis riu.

— Não me diga, Mr. Fëll... Não me diga que acredita nessa baboseira! Acha que Miss Cox-Langley vai matar Felicia? O senhor acha isso?

Fëll fez uma careta.

— Não foi o que eu disse! Eu apenas acho que, em vista do que foi escrito no espelho, Miss Ambros deveria tomar cuidado, bastante cuidado!

— Ei, ei, calma aí! — exclamou Francis. — Deixe-me ver se entendi! Nós estamos aqui, em plena manhã de sol, numa cidade esplendidamente linda, discutindo se Felicia Ambros vai ou não vai ser morta? Nem o diretor mais prolífico pensaria num enredo desses!

Agora, os três percorriam a rua de lojas. Felicia Ambros olhava ansiosamente os letreiros para ver se conseguia se orientar. Depois de uns bons quinze minutos...

— Aí está você, querido! — comentou Felicia, virando a cabeça ao perceber a chegada de Roy Dumsley. O homem estava um pouco ofegante, como se tivesse caminhado depressa.

— Felicia! Graças a Deus! Por que você não atendeu às minhas ligações?

Roy Dumsley percebeu dois pares de olhos masculinos sobre ele e, de imediato, acrescentou:

— Caramba, ainda bem que vocês estavam com ela! Achei até que tinha acontecido alguma coisa. Não sabia que viria para cá, Francis!

Francis disse:

— É que foi meio por acaso. O plano era fazer a trilha no St. John Hills, mas o meu amigo Fëll quase caiu de costas quando falei a respeito.

Fëll olhou para a moça à sua frente. Felicia estava pálida.

Sir Dumsley acompanhou o olhar do detetive e, de repente, soltou uma exclamação:

— O que foi, Felicia? Você está ficando... branca.

Felicia balbuciou:

— Não... é... nada. Bem, agora já que nos reencontramos, podemos ir para o alfaiate? Vou encomendar um terno bem lindo para você.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Claro, querido. Vamos lá, estou tão ansiosa para ver o tecido!

Mas Sir Dumsley não se deixou vencer pelas evasivas da namorada.

— Algum de vocês pode me dizer o que aconteceu?

— Pouca coisa — disse Francis. — Ela falou um negócio sobre um espelho... palavras... algo assim.

— Isso é verdade, Felicia?

Roy Dumsley parecia chateado e relutante.

Felicia teve uma nova crise de choro. Fëll revirou os olhos. *Vai começar tudo outra vez!*

— Oh, Roy! Você prometeu que tiraria aquela mulher de lá. Eu não gosto dela... Ela fica o dia inteiro rondando atrás de nós. Pronta para dar o bote. Não quero mais isso! Não quero...

Sir Dumsley enrubesceu, sem saber o que dizer.

— Acha que é tão simples, Felicia? Eu faço um gesto e Victoria evapora! O que você quer que eu faça?

— Tire-a de lá, Roy.

— Posso jogá-la no fosso, se você quiser!

— Não, não... Mande-a sair de lá, só isso. Você disse que ela pode acabar nos matando, não disse? Peça a ela que pegue suas coisas e vá embora. Você fará isso por mim, Roy? Você fará?

Havia uma súplica tão grande no olhar de Felicia que Sir Dumsley fez um gesto, irritado.

— Ora, que papelão! Está todo mundo olhando para nós!

— Pois que olhem? Imagine só a manchete: “*Ator escocês deixa mulher em prantos em avenida da cidade!*” A capa colorida... letras enormes... E embaixo, a nossa foto. Todos vão culpar você, Roy.

Sir Dumsley mordeu o lábio.

— Está bem, já chega! Vou falar com Victoria. Eu falo com ela, se é isso o que você quer.

Felicia deu um pulinho de exultação.

— Obrigada, Roy! Você é um amor!

Os quatro seguiram pela calçada.

— Que tal irmos ao *Duncan's Monument*, Mr. Fëll? — perguntou Francis, virando-se para seu companheiro. — O senhor, que é um homem das artes, vai gostar de lá.

Ao seu lado, o rosto de Roy Dumsley enrugou-se pelo sorriso.

— Ele não é um homem das artes, Francis!

O jovem ator inglês franziu a testa, confuso.

— Não?

— Mr. Fëll é um detetive — disse Sir Dumsley.

Francis olhou desconfiado para o austríaco.

Muito animado, Roy Dumsley começou a detalhar a verdadeira missão do detetive.

Fëll seguiu atrás deles, balançando a cabeça, inconformado.

Um Tiro na *Soirée*



Naquela noite, a duquesa de Vahle promoveu uma *soirée* no Salão do Arco-Íris.

Mrs. Strohheimer entrou no salão usando um *chemisier* com um clipe de brilhante e sapatos de cromo. Depois de quarenta minutos na mesa de Lady de Vahle, onde riu e falou até gastar a saliva, Gerry Strohheimer achou que já tinha se divertido o suficiente. O coronel ainda não havia descido e ela procurou outro lugar vago em torno da pista de dança.

Fëll encolheu o corpo quando viu que ela vinha diretamente para sua mesa.

— Mr. Fëll, o senhor está sozinho?

— Sim, Madame.

— Que bom! — disse Mrs. Strohheimer muito ativa. — Vou ficar com o senhor enquanto Arthur se arruma. Com licença!

— Encantado, Madame — disse Fëll.

Mrs. Strohheimer se ajeitou na cadeira com a pompa de uma czarina da Rússia antiga. Ela olhou em volta e, apontando os violinistas que tocavam num tablado, perguntou:

— O senhor gosta?

— Eu prefiro harpas — respondeu Fëll.

— Harpas? Oh! Que curioso! Eu gosto de piano... Richard Clayderman, o senhor já ouviu? Mas Arthur não suporta. Arthur fica todo agitado! Eu sempre digo para ele: “Azar o seu! Eu não vou abdicar de meu gosto musical só porque você não gosta. Não senhor!” Eu sou assim, Mr. Fëll.

— Muito apropriado, Mrs. Strohheimer.

A velha ciciou, muito satisfeita.

— Não é mesmo? Amo tanto aqueles *shows* e musicais antigos. Esses filmes de hoje só mostram sexo e violência. Antes de tudo, sexo — eu simplesmente detesto! Antigamente, prevalecia o enredo, a história, a arte e emoção. Hoje os filmes só servem para arrecadar dinheiro! Que saudade da Vivien Leigh, do lindíssimo Robert Taylor. Eles sim eram artistas!

Fëll, que não era muito fã de longas-metragens, fez uma careta.

— Bravos! — disse ele, embora houvesse, talvez, algo de patético no seu entusiasmo. — *Ich meine das auch*.

— É uma pouca vergonha — acrescentou Mrs. Strohheimer. Estufou o peito: — Uma pessoa precisa ter princípios. Princípios, Mr. Föll... E compostura.

O detetive repetiu seu chavão:

— Bravos, Mrs. Strohheimer.

Ela olhou aprovativamente para ele:

— O senhor é um homem de características elementares, Mr. Föll. Oh! Meu Deus, quando eu penso naquela cabeça oca de Mrs. Samossa! Oh! Ela é a mulher mais tediosa que já conheci... Ela não faz a mínima ideia de como o mundo funciona. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — O senhor sabia que Arthur e eu vamos embora amanhã de manhã?

— É mesmo, Madame? — perguntou Föll.

— Oh, sim. Mas a culpa não é nossa, sabe? É que aconteceu uma coisa... uma coisa... Oh! Eu nem quero lembrar! — Ela se inclinou para frente e em voz baixa disse: — A culpa é daquela moça ali, Miss Cox-Langley. Imagine o senhor que Penny quer vê-la morta.

— Vê-la morta? Como assim?

Mrs. Strohheimer encarou o detetive e disse, impaciente:

— Morta *morta*, ora.

Föll fingiu uma adequada demonstração de surpresa:

— Não diga!

— Mas é verdade! Penny veio falar com Arthur. Ela queria que Arthur fizesse o serviço, o senhor imagine!

— O quê? Seu marido... matar Miss Cox-Langley?

— Ai, pobre Arthur! — (o ai de Mrs. Strohheimer soou mais como o balido de uma cabra.) — Ele é um homem tão sensível, quase morreu do coração. Não é bonito ouvir atrás da porta, mas é que eu estranhei quando Penny disse que queria conversar com ele a sós. Eu estava no outro aposento e... e...

Ela hesitou, e Föll gentilmente completou a frase:

— A senhora *sem querer* ouviu a conversa.

— Sim, sim... Acho que não é crime quando a gente ouve alguma coisa sem querer, não é mesmo, Mr. Föll?

— Claro que não, Madame.

Mrs. Strohheimer continuou:

— Eu ouvi quando Penny perguntou a Arthur se ele tinha trazido o revólver. Ele foi combatente e tem muita intimidade com armas de fogo. Eu morro de

medo, mas Arthur foi um *sniper*, sabe? Ele já matou um homem!

— Matou? Eu sinto muito.

— Não foi nada demais, não se preocupe. Foi durante uma batalha na Suécia ou na Irlanda, esses países menores. Como eu ia dizendo, Arthur foi *sniper* e tem uma ótima pontaria. Felizmente, ele percebeu as intenções de Penny e recusou.

— Intenções? Que intenções, Madame?

— Atirar em Miss Cox-Langley, lógico!

Fëll balançou tristemente a cabeça.

— Pobre mulher!

Enquanto Fëll tentava apaziguar a escrupulosa Mrs. Strohheimer, duas coisas aconteceram simultaneamente. Primeiro, ouviu-se uma tosse lenta, asmática, sufocante, e depois o coronel Strohheimer apareceu.

O coronel estava lacrado num fraque preto e empunhava uma bengala de cabo de marfim.

— Mr. Fëll!

— Coronel Strohheimer! *Setzen Sie sich, bitte.*

Depois de se sentar, o coronel disse afavelmente:

— Creio que teremos muito frio hoje à noite. Aposto com vocês que amanhã de manhã teremos uns sessenta centímetros de neve.

Fëll se recostou na cadeira. Ele encostou as pontas dos dedos umas nas outras e murmurou:

— A sua mulher estava me contando que o senhor passou por maus bocados, coronel.

O homenzinho olhou para ele com ar de dúvida. Aborrecido, resmungou:

— Nem queira saber, Mr. Fëll. Nem queira saber.

E virando-se para a esposa, disse:

— Você está cansada, Gerry, é melhor ir para a cama.

— Não estou cansada, Arthur.

— Está sim, Gerry. Eu sempre sei quando você está cansada. Você já aprontou as malas, Gerry? Vamos sair de manhã cedo.

— Oh, Arthur! Não poderíamos esperar até o meio-dia?

O grande militar lançou um olhar para a esposa. Mas o olhar foi mais de pai do que de marido, foi um genuíno olhar paternal, protetor e preocupado.

O segundo acontecimento foi mais empolgante. Lady de Vahle fez um gesto para Morgan, que ordenou aos serviçais que servissem as bebidas. Risos. Aplausos.

À sua maneira, Edmund Fëll era um perito em termos como “mistura de

padronagem”, “*color block*” e “*animal print*”. Ele sempre notava e criticava mentalmente o vestuário feminino.

Lady de Vahle, observou Fëll, usava um vestido de tafetá amarelo muito sóbrio. O casaco de peles marrom de Felicia Ambros era feito sob medida, avaliou o detetive. Sapato preto, luvas pretas e uma boina preta completavam o *look*. E Miss Cox-Langley? Ora, Miss Cox-Langley era uma moça ousada. Ela estava usando um vestido de acrílico com algodão. No dedo anular direito, um anel de resina com cristais.

No mesmo tom azedo, o coronel disse:

— Quanto fingimento! Vejam só isso. Todos se comportam como se tudo estivesse bem. A sacrossanta Lady de Vahle, bah! Parece uma deusa que detém o controle sobre todos os elementos naturais.

Mrs. Strohheimer arregalou os olhos.

— Arthur, não fale tão alto! Está vendo, Mr. Fëll? Depois que essa moça veio para cá, todo mundo enlouqueceu.

— Humpf! — O militar hesitou, então olhou na direção de Fëll. — Posso perguntar, Mr. Fëll, qual é exatamente a sua profissão?

O cartão de visita do detetive entrou em ação.

Ao ler o nome e as qualificações, o coronel Strohheimer mostrou-se devidamente impressionado.

— Edmund Fëll? Esteve em Aberdeen há pouco tempo, não esteve?

— Na primavera passada.

— Ora, eu lembro. O caso do primeiro-ministro francês, não é? O seu nome é um dos mais distintos da sua profissão e, na Europa, está no topo da lista, na sua especialidade.

Fëll agradeceu o elogio.

Fëll notou a veia que saltava na têmpora do coronel, o ligeiro tremor nervoso e espasmódico de suas longas mãos delicadas.

Os violinos tocavam furiosamente. Mozart. *Sir Dumsley* e Miss Ambros dançavam. Mais aplausos.

— *Das ist wunderbar!* — disse Fëll baixinho. — *Sehr wunderbar...*

Todos estavam confraternizando, se divertindo e rindo. Menos Miss Cox-Langley e o irmão, que tinham sido estrategicamente alocados em uma mesinha de canto.

Mas Fëll viu muito mais. Viu que na mesa da duquesa de Vahle estava Mrs. Samossa. Mrs. Samossa olhava para a irmã com uma expressão que se aproximava da idolatria.

Fëll continuou olhando as pessoas.

Fizera frio o dia todo, apesar das aberturas de sol. Embrulhado como um gato, Hector Samossa estava sentado junto de sua mãe. O som daqueles violinos! — parecia mais o miado de um bando de gatos selvagens. Intimamente, Hector queria ir para a sala, para perto da lareira.

Empurrando a cadeira, Hector se levantou.

Mrs. Samossa quase teve um chilique. Sua boca se abriu e ela perguntou:

— O que foi, Hector? Aonde você vai?

— Estou com frio, mamãe. Vou lá para dentro.

— Não vá, querido, por favor — disse ela. — Não vá, fique comigo.

Disse não é a palavra certa. Na verdade Mrs. Samossa suplicou — suplicou pela permanência do filho.

Vermelho e indignado, Hector deixou-se cair de volta na cadeira.

— Céus, mamãe! A senhora, hein?

Fëll relanceou um olhar pelo aposento para tomar nota dos ausentes.

Mr. Saborsky não estava no Salão Arco-Íris.

— Ah, mas que interessante... — disse Fëll com suavidade.

Quase em seguida, Hupert Saborsky apareceu na porta e se aproximou da mesa do detetive. Tinha um brilho nos olhos, um brilho amigável e satisfeito:

— Coronel Strohheimer! Mrs. Strohheimer! Mr. Fëll!

— Mr. Saborsky! — exclamou Fëll, apertando a mão do irlandês. — Que prazer em revê-lo.

— Ah! Meu bom amigo! — exclamou Mr. Saborsky. — Venha. Preciso trocar algumas palavras com o senhor. Em particular, se possível. Claro, se o coronel e a esposa não se importam!

Margareth Strohheimer respondeu pelo marido:

— Oh, mas é claro que não! A gente não se importa, não é mesmo, Arthur? Vocês, empresários, têm muitas obrigações. É sobre alguma nova peça teatral?

— S-sim, Madame. Uma peça nova e deslumbrante.

— O senhor é um brincalhão, Mr. Saborsky. Ele é muito bem-humorado, não acha, Arthur?

— É, é, muito — rosnou o coronel sem o menor entusiasmo.

— *Bitte!* Coronel!... Madame!...

Fëll levantou-se, pediu desculpa ao casal Strohheimer e deixou o salão em companhia do dramaturgo.

Era evidente que acontecera algum fato extraordinário.

— O que aconteceu? — perguntou o austríaco. — Não me tirou de lá por mera

solidariedade, presumo.

— Não, certamente que não — disse Mr. Saborsky.

— Então? — insistiu Fëll. — Achou alguma pista das joias?

— Muito melhor.

— Melhor?

Mr. Saborsky se calou e, com a maior gravidade, disse:

— Sim, melhor! Apenas isto, meu amigo: eu encontrei as joias.

Roy Dumsley e Miss Ambros pararam de dançar e foram se sentar. Ela jogou a cabeça para trás e riu.

Foi uma risada alta e trinada. Soou como um desafio brutal no espaço confinado do salão.

De seu lugar, Francis Brad-Burg observava o casal com os olhos dissimulados. Então, um movimento atrás dele fez com que Francis parasse de olhar e se voltasse bruscamente. Ele não ouvira ninguém se aproximar, mas ali parado, em silêncio, estava George Cox-Langley. Ele olhava para Francis com uma expressão de cão sofredor no rosto.

— Ora — disse Francis —, e aí, cara?

George balançou a cabeça, sem jeito.

— Olá, Mr. Brad-Burg — disse ele.

Eles se entreolharam por algum tempo. Victoria Cox-Langley tomou fôlego e pensou:

“O que Pinky pensa que está fazendo? Porque ele não diz alguma coisa? Por que os dois ficam só se olhando?”

Por fim, Francis propôs uma partida de pôquer — se é que George sabia jogar pôquer! Para sua surpresa, George sabia. Os dois começaram uma partida.

Os músicos tocavam uma sonata. Em ré menor. Os lustres clareavam suavemente o salão.

— Mais vinho, senhorita? — perguntou Morgan zanzando entre as mesas.

— Sim — disse Victoria Cox-Langley. — Enche!

Ela estava um pouco embriagada. Morgan se lembraria muito bem desse detalhe durante o inquérito.

De repente, Lady de Vahle disse que iria se recolher.

Stephany Samossa olhou preocupada para a irmã.

— Quer que eu vá com você, Penny?

— P-por favor, Stephy...

— Oh, me dê a sua mão! Você está sentindo alguma coisa, Penny? Hector!...

Lady de Vahle gesticulou com as mãos, como se praticasse alguma técnica oriental ancestral.

— Não, não! Ninguém precisa vir conosco. Eu estou bem.

— Sim-se-nho-ra! — disse Hector dando de ombros.

As duas irmãs saíram, uma amparando a outra.

— Você joga bem, meu chapa! — disse Francis, elogiando seu colega de jogo.

— Sorte — respondeu George.

Os minutos se arrastaram. Meia hora depois o coronel e a esposa também se recolheram. Fëll e Mr. Saborsky tinham sumido do salão.

Victoria Cox-Langley abaixou os olhos para as próprias mãos. Os nós dos dedos estavam ficando roxos. Santo Deus, o casamento de Roy seria dali a alguns meses.

Agora, *Sir Dumsley* e a namorada balançavam ao ritmo de uma valsa. Seus pés se moviam em compasso perfeito com o ritmo — *um-dois-três um-dois-três*.

Um pouco trôpega, Miss Cox-Langley se levantou.

— Mais um trago, Morgan!

O mordomo parou com um solavanco.

— Miss, eu não aconselho...

A mulher riu, fechando os olhos por um minuto, antes de voltar a encarar o mordomo. Ele a observava, quase a estudava, e sua expressão... era...

De medo.

Miss Cox-Langley olhou para baixo, perguntando-se por que medo parecia ser um sentimento tão decepcionante.

Não parecia certo.

Ela bufou:

— Mais um trago, Morgan!

Miss Ambros tinha se encostado ao ombro de *Sir Dumsley*. Ao ouvir a voz de sua rival, ergueu a cabeça, intrigada.

— Que porcaria! — praguejou ela. — Parece que sua amiga, Roy, vai arrumar confusão.

Victoria Cox-Langley se aproximou da pista de dança e, elevando o copo, fez um brinde:

— Salve as pessoas que amam e mentem! Tim-tim...

Francis e George pararam de jogar.

George foi para junto da irmã, o rosto lívido e vermelho:

— Vicky... Vicky... Puxa! Você... você bebeu demais. Venha, eu levo você

para o quarto!

— Vá você! — grasnou Miss Cox-Langley. — E tire essas patas de mim, Pinky! Vá lá, jogue outra partida com o seu amigo. Vá!

— Esqueça, Vicky — disse George. — Você vai comigo, nem que eu tenha que carregá-la nas costas.

Subitamente, os acontecimentos tomaram um rumo inesperado.

Como em resposta à ameaça de George, que segurava a irmã, disposta a *carregá-la nas costas*, caso necessário, Sir Dumsley se antecipou, caminhando para a área das mesas.

— George — exclamou o ator asperamente —, você está fazendo um papel ridículo! Largue ela!

George olhou para Sir Dumsley, perplexo.

— O que você disse, cara?

— Eu disse para você largá-la! Agora!

O rapaz abriu as mãos grossas que pressionavam o antebraço da irmã. Balbuciou alguma coisa, como:

— Mas eu só queria...

Sir Dumsley virou-se e falou com Miss Cox-Langley:

— Você vai se deitar agora, ouviu, Vicky?

A mulher permaneceu parada, as mãos estendidas ao longo do corpo.

— Eu... deitar?

Ela piscou os olhos, como se precisasse se concentrar nas palavras de Sir Dumsley. Depois começou a rir histericamente:

— Eu, deitar? E quem é você para mandar em mim, Roy?

Morgan, com a testa molhada e os olhos arregalados, disse:

— Senhor, eu tentei impedi-la...

— Tudo bem, Morgan. Só tire a taça dela.

Victoria Cox-Langley moveu a boca como um peixe fora d'água.

— Tirar minha taça? E quem vai fazer isso? Você vai fazer isso, Morgan?

O mordomo se manteve à distância.

— Sir, eu...

Roy Dumsley não escondeu seu aborrecimento. Quis esticar a mão para a taça de Miss Cox-Langley.

— Afaste-se dela, cara! — ameaçou George.

— Pinky, o que você está fazendo? — perguntou a irmã.

— Nada... Estou só cuidando de nós dois. Agora venha!...

— Eu já disse a você para largar ela, seu Frankenstein sem cérebro!

A voz de Roy Dumsley ressoou pelo salão. Os violinos subitamente ficaram dois compassos à frente do piano.

George olhou fixamente para o ator, surpreendido por seu tom de voz.

— Ah, agora você está do lado dela?

— É, eu estou do lado dela! E daí?

— O quê? Você-gritou-comigo, cara?

— Sim, *cara* — disse Roy Dumsley. — Eu gritei... Por quê?

George deslizou a mão para dentro do paletó. Houve uma faísca e uma arma com cabo de madrepérola se materializou em sua mão direita.

— Essa foi sua última cartada, amigo!

George deixou escapar um guincho...

E puxou o gatilho.

De repente um som chegou aos ouvidos de todo mundo, o som de um tiro.

O cheiro da pólvora se espalhou rapidamente...

Depois, alto e claro, veio um grito — um grito agudo e lamentoso, que morreu em um engasgo de dor.

— Ahhh!

Sir Dumsley escancarou os olhos, como se tivesse sido atingido em pleno peito.

— Maldição! V-você atirou em mim...

George olhou para *Sir* Dumsley, surpreso.

— Ah, meu Deus! — murmurou Felicia Ambros.

Soltando o baralho, Francis deu um salto e deteve a mão do assassino. George olhava para a arma, quase que hipnotizado.

— Eu... eu não queria...

— Seu cretino! — vociferou Francis dando um empurrão no parceiro de jogo.
— Você atirou nele. Por que fez isso?

O empurrão foi tão forte que George, apesar de sua massa muscular, foi projetado para trás.

— Vicky — gaguejou George de novo. — Eu não queria matá-lo! Sinto muito...

— Não sinta, Pinky, você fez a coisa certa — respondeu Miss Cox-Langley friamente.

Francis virou-se e gritou:

— Alguém... alguém chame um médico...

— Roy! Roy! Querido... — começou a chorar Miss Ambros. — O que foi que fizeram com você? Sua... sua ordinária! Eu vou acabar com a sua raça...

Num impulso frenético, Felicia se antecipou e tentou cravar as unhas na garganta de Miss Cox-Langley.

Miss Cox-Langley se desviou do ataque, um sorriso sarcástico no rosto.

— O que foi, queridinha? Ficou braba, é? Achou mesmo que eu ia deixar meu ex-marido com uma cadela como você? Achou, hein?

Gemidos...

Apertando a barriga, *Sir Dumsley* caiu de joelhos. Mas, por mais que procurasse, não via nenhum traço de sangue na camisa. Ele balançou a cabeça, incrédulo:

— Ei, gente... Acho que ele errou! Acho que ele errou!

Todos olharam para ele.

Felicia Ambros bufava, os cabelos em desalinho. Soprou uma mecha revolta e olhou para o namorado.

— Isso... é verdade? Roy, você está bem?

— Sim, sim, estou bem! A bala... ela não... eu não senti o impacto... George... deve ter errado...

— Tem certeza? — perguntou Francis desconfiado. — E as dores... dizem que...

Sir Dumsley murmurou, com a voz fraca:

— Nada, nada... A bala deve ter passado de raspão. Eu me sinto ótimo!

Miss Cox-Langley disse para o irmão:

— Você deveria ter mirado o coração, Pinky!

George engoliu em seco.

— Vicky, eu nunca fiz aulas de tiro ao alvo... Mirei e... só!

— Oh, céus... Você é mesmo uma besta imprestável!

Silêncio... Todos acompanhavam atentamente o desenrolar daqueles fatos estranhos.

Sir Dumsley cochichou para Francis:

— Francis, pelo amor de Deus... os músicos... Diga que está tudo bem... diga que não aconteceu nada...

Francis assentiu com a cabeça. Foi até o tablado, para acalmar os músicos que, assustados, tinham começado a guardar seus instrumentos.

— Está tudo bem! — disse. — Está tudo bem! Podem continuar o *show*.

Os violinistas pareceram perplexo, mas depois se tranquilizaram. E, após uma breve hesitação, atacaram um *foxtrote* dançante.

Levantando-se do chão, *Sir Dumsley* correu em direção de George Cox-Langley.

— Me dê essa arma, George! Você e Vicky vão ser presos!

Para alívio dele, a arma desprendeu-se dos dedos nervosos do rapaz, caindo no chão com um ruído metálico. Roy Dumsley tirou o lenço do bolso, enrolou a mão nele e então pegou o revólver.

Miss Cox-Langley deu de ombros.

— Eu vou ser presa, Roy? Só me diga uma coisa. Do que você vai me acusar?

Felicia Ambros aproximou-se, descontrolada.

— Sua cínica cara-de-pau! Você acabou de dizer que George deveria ter acertado o coração de Roy! Todo mundo é testemunha disso.

Miss Cox-Langley sorriu, mostrando os dentes.

— Eu disse, não nego... Mas eu disse isso *depois* que o tiro foi dado. Vocês não têm provas de que *fui eu que mandei atirar*! É ou não é, George?

George olhou para a irmã quase fora de si.

— É-é — assentiu ele. — A ideia foi minha. Minha... — repetiu com vigor.

Felicia Ambros deu uma risada.

— Tenha dó, meu filho. Essa é a história mais idiota que já ouvi.

— Calma, meu amor — disse *Sir Dumsley*. — Depois a gente vê isso. Venha cá, Francis. Tire esta arma daqui. Guarde-a num lugar seguro, sim?

Francis apanhou a arma com cautela e disse:

— Imaginem o que esse brinquedinho é capaz de fazer! — e saiu.

Miss Cox-Langley perguntou:

— E quanto a nós? O que pretende fazer conosco?

— Vocês dois, Vicky, fiquem aí. Morgan! Vá chamar Mr. Fëll. Ele deve estar no andar de cima.

— Sim, senhor.

O mordomo saiu.

Fëll e Mr. Saborsky apareceram dali a dois minutos.

Sir Dumsley andava de um lado para outro, em visível estado de agitação.

— Ah! Mr. Fëll, até que enfim o senhor chegou. Muito obrigado por isso. Este negócio é o fim da picada. É o fim da picada!

E o ator, correndo os dedos pelos cabelos de modo frenético, parecia ter tudo, menos a aparência de um par do reino escocês.

— O que aconteceu? — perguntou Fëll, de maneira incisiva e profissional.

Aliviado pela objetividade da pergunta, *Sir Dumsley* fez um resumo razoável dos fatos.

Fëll olhou para Miss Cox-Langley.

— E então, Miss? Isso é verdade?

— Eu não fiz nada — disse ela. — Nadinha de nada.
Fëll coçou o queixo.
— Ah, então a senhorita alega inocência?
— Totalmente — garantiu Miss Cox-Langley.
Fëll estreitou os olhos com um ar de complacência e pena.
— Ela está mentindo — interveio Felicia, agitando o punho. — Essa mulher merece uma boa surra!
Sir Dumsley disse:
— Por favor, amor, chega de violência.
E voltando a olhar para o detetive, perguntou:
— O que o senhor propõe, Mr. Fëll?
— É um assunto delicado — disse Fëll, sério. — São 23h40. Sugiro mantê-los num quarto separado esta noite.
— Quer dizer, colocá-los em confinamento.
— *Jawohl...*
— E se tentarem escapar? — perguntou Mr. Saborsky.
— Alguém ficará de guarda — disse Fëll.
— Tem um calabouço no porão — sugeriu Hector Samossa, dizendo alguma coisa pela primeira vez. — Com chave e tudo.
— Acho que não é necessário sermos tão extremistas, meu jovem! — exclamou Fëll, com um gesto de horror bastante estrangeiro.
Acompanhando tudo com especial interesse, Miss Cox-Langley deu um bocejo.
— Não sei quanto a vocês, mas eu vou para o meu quarto.
— Não vai, não — disse Miss Ambros.
— Felicia, calma... — disse Roy Dumsley. — Deixe-a ir.
Victoria Cox-Langley soprou um beijo para o ator.
— Obrigada, Roy. Você é um amor!
Os empregados abriram espaço e Miss Cox-Langley passou caminhando como uma deusa grega.
— E eu? — perguntou George num tom queixoso. — Vão... vão me prender?
Fëll balançou a cabeça.
— Você, meu rapaz, vá com ela.
George saiu atrás da irmã.
— Que concessão generosa! — disse Mr. Saborsky olhando para seu colega.
— Não é perigoso deixá-los soltos?
— Eles não estão soltos. Mantendo os dois num mesmo lugar, é mais fácil

ficarmos de olho neles.

Mr. Saborsky ia formular outra pergunta, mas a entrada do Coronel Strohheimer esfriou a conversa.

— Senhores...

O garboso militar usava um pijama com listras pretas e duas pantufas enormes. A ponta do bigode estava eriçada de excitação.

— Ah, Coronel Strohheimer! — disse *Sir Dumsley*. — Aconteceu alguma coisa?

O coronel não disse nada. Seus olhos levemente saltados, de um azul muito claro, avaliaram todo mundo com desconfiança.

— Eu e Gerry... Gerry e eu ouvimos um grito...

— Um grito? — perguntou *Sir Dumsley*, muito surpreso. — Ué, que estranho!

— Veio de algum lugar aqui dentro — insistiu o coronel.

— Mas que tipo de grito era?

— “Socorro! Você atirou em mim!”

— “Socorro! Você atirou em mim!” — repetiu o ator. — Coronel, eu acho que seus ouvidos pregaram uma peça. Quem é que atiraria alguém aqui?

Houve uma pausa. O coronel prosseguiu:

— E... um tiro!

— O quê? Um tiro? Poxa!

O coronel Strohheimer mexeu os bigodes, desconfiado.

— Então não aconteceu nada?

— Nada, nada. Pode dormir sossegado, viu?

Franzindo as sobrancelhas, o coronel se retirou.

Sir Dumsley balançou a cabeça, insatisfeito.

— Venha cá, Morgan.

— O que foi, senhor? — adiantou-se o mordomo.

— Tranque o quarto de Vicky. Chaveie bem, você entendeu? Ela e o irmão não podem sair!

— Sim, senhor.

Fëll gostou da medida preventiva. “*Uma tentativa de homicídio... Miss Cox-Langley dizendo que pretendia punir Sir Dumsley... Tomara que não tenhamos outras surpresas desagradáveis para esta noite.*”

A Morte da Duquesa



Edmund Fëll estava abotoando os punhos da camisa, quando alguém bateu vigorosamente na porta.

— Entre.

Quem entrou foi Hupert Saborsky, quase sem ar.

— Tem que vir comigo, meu caro. Agora. Aconteceu uma coisa terrível.

— Aconteceu alguma coisa? Mas o quê? — perguntou Fëll impressionado.

— Eu... meu amigo... Atiraram em Penny de Vahle! A bala atravessou o peito. Foi morte instantânea. Ela está lá na cama. Oh, é melhor o senhor vir pessoalmente.

— O quê? Lady de Vahle... morta!

— Acho... acho que alguém a matou. Tem... tem sangue e... oh, venha, por favor!

— Mas é claro. Mas é claro. Irei neste minuto.

Com grande habilidade, Fëll enfiou os pés no sapato e vestiu um casaco forrado de pele.

Espantado, Fëll lembrou-se de três coisas que tinham acontecido na véspera. Lembrou-se da duquesa lançando olhares de ódio para Miss Cox-Langley... depois, o disparo feito por George contra Roy Dumsley... por último, lembrou-se de Francis Brad-Burg com o revólver na mão e dizendo:

— Imaginem o que esse brinquedinho é capaz de fazer!

Será que aquela arma tinha envolvimento com a morte de Lady de Vahle?

Nein, das wäre verrückt! — pensou Fëll.

— A duquesa morta — murmurou Fëll. — Quem descobriu o corpo? O senhor?

— Por Deus, não! — exclamou Mr. Saborsky. — Não. Foi a arrumadeira.

Fëll grunhiu.

— *Das Zimmermädchen...*

— Sim. O senhor entende, estava escuro quando ela chegou. Encaminhou-se diretamente para as janelas e abriu as cortinas. Quando olhou para a cama, ela estranhou que a patroa estivesse tão imóvel.

— Algum hóspede já foi informado sobre... o fato?

— Creio que a maioria já saiba — disse Mr. Saborsky com um suspiro. — Aquela mulher tem uns pulmões! Eu próprio não ouvi os gritos dela, mas me contaram e, naturalmente, fui ver com meus próprios olhos.

Os dois desceram para o térreo.

Da sala de estar vinha o som de pessoas falando em voz alta. Deliberando sobre o quê? Sobre o assassinato, provavelmente.

Mr. Saborsky tomou a dianteira, o detetive fechando a retaguarda e lançando olhares penetrantes para os lados. Entraram em um aposento grande, que Föll já conhecia.

O quarto de Lady de Vahle.

Perto da parede, entre a porta interna e a janela, o Coronel Strohheimer estava inclinado sobre a mesinha de cabeceira. Quando viu os recém-chegados, foi logo dizendo:

— Nesta manhã, aproximadamente às sete e quarenta e cinco, a arrumadeira descobriu o corpo. Eu examinei o cadáver. A morte foi provocada por um tiro de revólver. O engraçado é que ninguém parece ter ouvido o tiro!

Föll parou ao lado da cama e abaixou-se junto ao corpo. Existia só um ponto de sangue na coberta, pequeno e solitário. Lady de Vahle devia ter morrido serenamente, sem sofrimento e sem dor.

Pobre, indefesa, confiante Lady de Vahle.

Na mente do detetive surgiu uma frase escrita em batom.

Föll fez um gesto para dissipar o mal-estar.

— Pobre mulher! — murmurou Mr. Saborsky.

— Uma tragédia anunciada — murmurou Föll.

Não parava de pensar em Victoria Cox-Langlely... da proposta para que fizesse aborto... de sua revolta contra o fim de seu casamento... de sua vida miserável desde então.

Föll examinou o ferimento, farejou o ar. Nenhum odor. Correu o olhar pelo quarto para ver se havia alguma pista, mas nada parecia estar fora do lugar, nem ter sido mexido. À primeira vista, não havia nenhum nicho onde o assassino pudesse ter se escondido. Föll encaminhou-se para as janelas e examinou-as uma por uma. A do centro achava-se fechada, sem, no entanto, estar trancada.

Hupert Saborsky disse:

— Deve ter acontecido de madrugada.

— *Aconteceu* de madrugada — disse Föll. — Ontem à noite esta mulher ainda estava viva, *mein Freund*.

— Claro, claro...

Fëll continuou:

— A janela do meio, vejam, está destrancada. Isso nos deixa duas alternativas: ou a duquesa foi morta por um invasor ou foi morta por alguém que se acha no castelo, e esse alguém destrancou a janela para dar a impressão de que o serviço foi feito por um invasor. Isso é interessante. Muito interessante. Bem, o caso é que a duquesa está morta. Precisamos explorar a lista de prováveis suspeitos. Nesse caso, creio que nossa provável suspeita seja uma pessoa que foi mandada, ontem à noite, para o confinamento.

— Confinamento? — perguntou o coronel.

— Reclusão — explicou Mr. Saborsky.

Fëll voltou a se debruçar sobre o corpo e tocou na mão de Lady de Vahle. Lentamente, abriu seus dedos. Uma coisa prateada caiu na coberta.

Mr. Saborsky deu um passo para frente.

— O que é isso?

— Um broche! — disse Fëll.

— Como? De quem?

— Não sei — sussurrou Fëll. — Tudo parece muito evidente — prosseguiu ele, preocupado em reproduzir os detalhes do crime. — Todos os outros quartos ficam lá em cima. Essa porta não está trancada. O assassino entra furtivamente e... O senhor trouxe sua arma de casa, não é mesmo, Coronel Strohheimer?

O coronel deixou escapar uma exclamação e se inclinou para frente.

— Arma? Que arma?

— Ora, coronel. O senhor veio armado para esta viagem, não veio? E, pelo que parece, Lady de Vahle queria que o senhor fizesse um favor para ela... — Fëll fez uma pequena pausa. Com delicadeza, completou a frase: — Ela propôs que o senhor matasse alguém, não foi?

Mr. Saborsky franziu a testa.

— Que história é essa? O coronel... matar alguém? Quem?

— Miss Cox-Langley — disse Fëll.

O coronel Strohheimer resmungou:

— Bem, se não importam, Gerry e eu temos que ir. Temos uma viagem marcada e...

Fëll disse:

— Infelizmente, coronel, ninguém pode sair deste castelo enquanto esse caso não for resolvido.

— Ninguém pode sair? O quê?

Fëll repetiu:

— Ninguém pode sair deste castelo antes que seja feito o inquérito.

— É mesmo? E quando será o inquérito?

— Talvez amanhã... ou semana que vem, quem é que sabe? Precisamos providenciar a autópsia e ouvir as recomendações do juiz de instrução. É o procedimento, o senhor sabe.

— Mas isso é um... ultraje!

Fëll não deu atenção aos protestos do coronel.

— Não estou afirmando que o senhor seja o assassino — disse Fëll com paciência. — Mas, até prova em contrário, todo mundo é suspeito.

Mr. Saborsky pigarreou e disse:

— Achei que, em vista das circunstâncias, não houvesse qualquer dúvida sobre a autoria do crime.

— Em vista das circunstâncias? Que circunstâncias?

— Ora, o senhor sabe de quem estou falando!

— Receio que não — disse Fëll. — De quem está falando?

Mr. Saborsky encarou seu companheiro.

— De Miss Cox-Langley!

— Ah, sim, sim — disse Fëll. — Miss Cox-Langley poderia sim ser a autora do crime. Receio, porém, que isso seja pouco provável.

— Pouco provável? Por quê?

— Porque ela está confinada no quarto, lembra-se?

O dramaturgo irlandês franziu as sobrancelhas com uma expressão de ironia.

— Mas quem é que garante que ela tenha ficado lá a noite inteira?

— Ah, bem! — murmurou o austríaco. — Mas isso não seria lógico.

— Como?

— Eu disse que isso não seria lógico.

— Oh! — disse o irlandês, contrariado e deitando um olhar rancoroso sobre o detetive.

Fëll balançou gravemente a cabeça.

— Sabe, coronel. Está aí mais um motivo para que o senhor e sua esposa prorroguem a partida. Há alguns pontos nessa história que precisam ser esclarecidos.

— Humpf!

O coronel murmurou uma frase indistinta e saiu arrastando os pés em direção à porta.

Quase esbarrou em *Sir Dumsley*, que vinha pelo corredor.

Fëll notou que *Sir Dumsley* estava abatido, trêmulo, com os olhos embaçados.

— Ué, o que aconteceu com o coronel? Senhores, acabo de contatar a polícia. O inspetor Burd disse que estarão aqui em meia hora.

— Inspetor Burd? Muito bem, Sir.

Sir Dumsley inspirou o ar. Aproximou-se do leito e pegou a mão da duquesa com extrema devoção. Fëll olhou para o ator, e o que enxergou foi um homem alto, magro, velho, o rosto coberto de lágrimas, despido de todas as camadas de fama e riqueza.

— Oh, o que foi que fizeram com mamãe? Ela era tão boa! Tão boa e generosa. Ela passou por uma série de problemas de saúde nos últimos três anos. Esteve hospitalizada por um período bastante longo. Faz apenas mais ou menos um ano que conseguiu recobrar suas forças e a saúde. E aqui está ela... morta... Por quê? Por que fizeram isso? Estou certo, Mr. Fëll, de que o senhor será capaz de prestar assistência ao inspetor Burd nas investigações.

Fëll o interrompeu.

— Sem dúvida, sem dúvida... Agora, *Sir Dumsley*, em relação à porta da frente... Quem é que trancou a porta da frente na noite passada?

— Eu a tranquei.

— Tem certeza disso?

— Claro que sim, Mr. Fëll.

— A que horas o senhor trancou a porta?

— Por volta das nove e meia.

Fëll sentiu-se um pouco constrangido.

— O senhor acha que Miss Cox-Langley matou sua mãe?

— Victoria? O senhor acha que foi ela?

— Essa é a teoria — respondeu Fëll, cuidadosamente.

— E o senhor acredita nela?

— Não diria isso. E o senhor, o que acha?

Sir Dumsley balançou a cabeça.

— Como é que eu vou saber? Não sei nada a respeito de tais coisas. Mas eu poderia dizer que...

— Sim? — disse Fëll.

— Bem, se considerarmos o que aconteceu essa semana, Victoria me parece ser a suspeita lógica. Ela é a única pessoa que teria razões para ver minha mãe morta.

— Parece não ter um conceito muito bom de sua ex-mulher, Sir.

— Eu já ameí Vicky. Sim, ameí loucamente. Mas... mas ela ficou louca.

— Talvez — respondeu Fëll. — Mas não esqueça que sua mãe também era um tanto... intransigente.

Sir Dumsley assentiu.

— Sim, sim, nem precisa falar... Seja como for, o alvo do assassino não era minha mãe. *Eu* era o alvo. Podem pensar o que quiser, mas a morte de mamãe é um ato de vingança contra mim.

— A frase no vidro — disse Fëll pensativamente. — Sim, já pensei nisso.

— E o que acha?

— Acho que é provável. Embora, até agora, a relação ainda não esteja muito clara.

Fëll mostrou o broche:

— A propósito... Isto estava na mão de sua mãe. Mas é quase certo que seja uma pista falsa.

— Pista falsa? Por quê?

— Por quê? Pense bem, Sir! Tudo leva a crer que a duquesa estava dormindo na hora em que o assassino entrou aqui, engatilhou o revólver, fez pontaria e atirou nela. Como, maldição, ela poderia arrancar este broche da lapela do assassino?

— Sim... sim — disse *Sir Dumsley* em tom incerto —, há algo de verdadeiro no que o senhor diz. Mas em tais ocasiões, o senhor entende, uma pessoa não é dona de si mesma, não raciocina direito. Caramba — acrescentou ele —, se os criminosos não cometessem erros, o senhor não teria emprego.

Fëll sorriu para si mesmo.

— O senhor está certo. Estamos indo muito rápido. Ouça... Ontem à noite, sua mãe se sentiu mal, sentiu alguma coisa?

— Bem — gaguejou *Sir Dumsley*. — Não sei... Pode ser. Mamãe tinha umas dores de cabeça meio repentinas.

Fëll parou um momento, franzindo as sobrancelhas em concentração.

— Não é difícil recriar os fatos em nossa mente. A duquesa vem para cá, ajudada pela irmã. Toma um analgésico e cai no sono. A partir daí, foi simplesmente uma questão de tempo. Bastou o assassino entrar no quarto, mirar e... *Pou!*

— A questão é: Por quê? — disse *Sir Dumsley*. — Por que alguém iria querer matar mamãe?

Fëll tentou emprestar um tom confiante à sua voz:

— O motivo... Vamos trabalhar em cima disso, Sir. Só uma pergunta. O que pretende fazer com os Cox-Langley?

— Mais essa! O que diria se eu mandasse soltá-los?

— Eu diria que é o mais recomendável.

— Morgan! — chamou *Sir Dumsley*.

Morgan apareceu tão depressa como se tivesse brotado do chão.

— Sir?

— Vá lá e solte Vicky. Aliás, solte os dois.

— Sim, senhor.

O mordomo saiu outra vez.

Edmund Fëll foi até a cabeceira da cama e empurrou o dossel. Viu que, atrás do dossel, havia algo escrito. Era um número, grande e vermelho. Fëll coçou o queixo pensativamente.

— Aqui diz *Um*. Também com batom... mesma cor...

— *Um*? — perguntou *Sir Dumsley*. — O que significa?

— Acho que se refere ao número de vítimas. *Uma* vítima até agora. O assassino pretende enumerar a contagem dos corpos.

— Mas isso é...! — engasgou o ator. — Quem é que faria uma coisa dessas? O senhor acha... acha que ele vai matar outra vez?

— Creio que sim — respondeu Fëll. — Bem, não há mais nada para ver aqui. Só uma informação, Sir. Precisamos falar com Mr. Brad-Burg. Sabe onde ele está?

— Francis? Eu o vi na sala de visitas.

Fëll e Mr. Saborsky encontraram Francis Brad-Burg encostado na lareira, mexendo a lenha com o pé. Estava tão imerso em seus pensamentos que não viu a chegada dos dois homens.

Ao som de uma tossezinha de desculpa, o inglês levantou vivamente a cabeça.

— Oh! — disse ele. — São vocês!

— Peço perdão, meu jovem — disse Fëll. — Achou que poderia ter sido outra pessoa? Quem pensou que fosse?

Francis não respondeu, apenas disse:

— Que tragédia, senhores! A coisa já não ia bem... Tivemos de tudo até agora. Gente andando por aí com um revólver no bolso, um tiro durante a *soirée* e, finalmente, um assassinato. Nunca achei que a realidade pudesse suplantar tão bem a ficção!

Fëll acenou com a cabeça.

— É por isso que viemos falar com o senhor, Mr. Brad-Burg.

Francis deu um olhar significativo.

— Onde está o revólver?

Francis deu de ombros.

— O revólver? Estão achando que a morte de Lady...

— Não estamos achando nada — disse Fëll bruscamente. — Apenas diga onde guardou a arma, Mr. Brad-Burg.

— Vou fazer melhor. Vou levá-los até lá. Venham...

Francis saiu andando, mas parou quando viu que Fëll não se moveu.

— Então?

— Traga para cá, *jawohl*? — disse Fëll. — Ficaremos aqui.

— Ah... Naturalmente.

Francis saiu.

Mr. Saborsky se sentou no sofá.

— Vai ser dureza! — suspirou. — Acha que o revólver...?

— Como eu disse, não acho nada — disse Fëll. — Tenho a impressão de que esse crime foi cometido por alguém que sabia o que estava fazendo. Alguém que estudou meticulosamente o terreno antes de dar o passo derradeiro.

— Misericórdia! — gemeu o irlandês. — Ou seja, todos são suspeitos. Todos tiveram tempo de analisar e sondar o terreno. A irmã da duquesa e o sobrinho estão aqui há duas ou três semanas. O coronel e a esposa, um pouco menos. Miss Cox-Langley e o irmão chegaram esta semana...

— Está se esquecendo de outras quatro pessoas — disse Fëll vivamente.

— Quem?

— *Sir Dumsley*, por exemplo.

— Ah, claro. Mas não acho que ele tivesse motivos para ver a mãe morta. Herança? Não, não... Ele já é rico.

— Quem sabe... Miss Ambros — sugeriu Fëll.

— É uma possibilidade. Mas matar a sogra? Não, Miss Ambros não é do tipo que sai por aí matando velhinhas indefesas.

— Velhinhas indefesas? Creio que aplicou mal o epíteto, meu amigo. Lady de Vahle não era uma velhinha indefesa.

— *Ok, ok*, retiro o que eu disse — suspirou Mr. Saborsky. — Qual é a terceira pessoa?

— Francis Brad-Burg.

Mr. Saborsky fez uma careta.

— Hm, não creio. Ele me parece um rapaz comum, sem qualquer iniciativa. Por que ele mataria a duquesa?

— Resta ver.

— E o quarto suspeito?

— O senhor — disse Föll.

— Eu? Por quê?

Föll assumiu um ar de dúvida.

— Pode ser que o senhor tenha cortejado a duquesa e ela rechaçou seus avanços românticos... Ou ela cortou o patrocínio de uma de suas peças, e isso deixou o senhor em apuros com os produtores. Ou pode ser que ela tenha acusado o senhor de um assassinato e, para impedir que ela revelasse o caso à polícia, o senhor teve que dar um jeito nela. Ora, *mein Freund*, as hipóteses são infinitas.

Saborsky fez uma pausa e depois deu uma gostosa gargalhada.

— O senhor... me... pegou... nessa!

Föll disse mal-humorado:

— Eu não ria se fosse o senhor. Já participei de casos em que vovozinhas eram culpadas das piores atrocidades.

— Mas eu não sou uma vovozinha! — disse Mr. Saborsky.

Francis voltou com alguma coisa na mão.

— Escondi na Sala de Armas. Dentro de um elmo...

Föll analisou o revólver. Era uma automática de calibre médio, de fabricação estrangeira. Leve... e mortal.

— George atirou em *Sir Dumsley* com esta arma?

— Sim.

— Quantos disparos?

— Um — disse Francis. — Puxa, o sujeito é um péssimo atirador. Ainda bem, claro. A bala passou a quilômetros de distância de Roy.

— Como sabe? — perguntou Föll.

— O quê?

— Como sabe que a bala passou a quilômetros de distância de *Sir Dumsley*.

— Eles estavam a menos de três metros um do outro! Roy pensou que tinha sido ferido, e...

— Ele *pensou* que tinha sido ferido?

— Sim, sim — disse Francis. — Veja, George apertou o gatilho e todos escutaram o tiro. Roy cambaleou... de susto, acho eu. George ficou muito pálido e começou a jurar que não queria atirar e coisa e tal. Roy ficou apalpando a barriga. Daí ele gritou que estava tudo bem.

— Depois? — perguntou Föll.

Francis esfregou o queixo.

— Deixe-me ver... Depois eu dei um soco em George. É, por incrível que

pareça, eu bati no grandalhão! Roy pediu que Morgan chamasse o senhor e... bem, em linhas gerais, acho que foi isso.

— E quanto a Miss Cox-Langley? Ela fez alguma coisa?

— Miss Cox-Langley? Bem, lembro-me que ela disse que não tinha sido ideia dela.

— Ideia do quê?

— Ela disse que tinha sido ideia dela que George atirasse em Roy. Foi uma história meio maluca, sabem? George (aquele gorila abestalhado!) acabou assumindo toda a responsabilidade... e por aí vai. Nunca vi uma coisa tão mal encenada!

— Quem estava no salão?

Francis enumerou:

— Eu, Felicia, Roy, Miss Cox-Langley e George. Ei... e Hector. Além dos violinistas. E de Morgan, e um ou dois criados.

— Vamos esquecer os criados. Fale dos protagonistas, Mr. Brad-Burg. Fale de Hector Samossa. Ele fazia alguma coisa?

— Essa é uma pergunta meio difícil.

— Tente — pediu Fëll.

— Eu estava conversando com George. Nós jogamos pôquer e estávamos um pouco absortos no jogo.

— Pôquer — murmurou Fëll. — Sim, eu me lembro disso.

— Hector ficou lá... sozinho... observando os outros.

— Como se estivesse tramando alguma coisa?

— Não sei — disse Francis. — Ele é um lunático, se querem a minha opinião. Tem aquele *blog* — sei lá...

— Vamos pular essas reminiscências, tudo bem? Diga-me uma coisa... Onde guardou a arma, Mr. Brad-Burg?

— Na Sala de Armas, já disse.

— Ninguém o viu?

— Claro que não. Eu fui discreto.

— Nem Hector Samossa? — perguntou Fëll.

— Não, eu teria visto. Mas por que essas perguntas?

Fëll balançou os ombros.

— Ah, *das ist der Geheimnis*. Um bom jogador nunca exhibe suas cartas.

— Está dizendo que isso é um jogo? — perguntou Francis aborrecido. — Bolas, até o senhor!

— Não, isso não é um jogo. Mas já que tocou nesse assunto, gostaríamos de

saber só mais uma coisa. É sobre um camafeu e uma tiara que, ontem à tarde, foram achados em sua bagagem.

— Camafeu? O que é isso?

Fëll olhou fixamente para Francis.

— Você não sabe, meu rapaz, o que é um camafeu?

— Ora, é evidente que não.

Fëll e Saborsky se entreolharam pensativamente.

— Quem achou os objetos foi Mr. Saborsky — prosseguiu Fëll.

— É? E como?

— Bem — disse o dramaturgo. — Lady de Vahle se queixou do desaparecimento de algumas coisas pessoais. E ela me solicitou que eu as recuperasse... Fizemos buscas e...

— Por isso as minhas gravatas estavam fora de ordem! Foram... foram vocês!

— Em prol de um bem maior, sim.

Francis balançou a cabeça.

— Faltava só essa! Não vão dizer que acharam esse camafeu em meu quarto, vão?

Fëll permaneceu pensativo, olhando para o rapaz que parecia visivelmente irritado.

“Primeiro o roubo... Depois um crime audacioso, o assassinato de Lady de Vahle. Tudo feito diante de nossos olhos. Assim mesmo, aqui estamos nós, sem saber o que fazer e para que lado ir.”

Vem o Inspetor Burd



Uma hora mais tarde, Morgan entrou apressado na sala, seguido por um homem muito alto, com cerca de cinquenta anos de idade, cabelos e bigodes meticulosamente encerados e ostentando um porte militar. Notava-se um traço de arrogância no queixo e na cabeça erguida, que inspirava certo respeito e admiração.

Atrás dele, vinham dois policiais uniformizados.

— O inspetor Burd — anunciou o mordomo.

Mr. Saborsky adiantou-se cortesmente e apertou a mão do ilustre inspetor que, no entanto, não respondeu ao cumprimento.

— Como vai, inspetor? Fez boa viagem?

O inspetor Burd livrou-se das mãos de dramaturgo com certa impaciência.

— Posso saber quem é o senhor?

Mr. Saborsky hesitou um instante.

— Meu nome é Saborsky — respondeu.

— Não, não, seu nome *inteiro*! — disse o inspetor Burd asperamente.

O rosto branco de Mr. Saborsky enrubesceu.

— Bem — disse —, meu nome *inteiro* é Hupert Saborsky. E este — disse, virando-se para o austríaco — é Mr. Föll. Edmund Föll.

O inspetor Burd olhou para Föll e fez uma rápida reverência, mas na certa não tinha nenhum interesse nele, porque logo revelou:

— Ah, Mr. Föll! Já ouvi falar nesse nome.

— Föll é detetive — completou Mr. Saborsky. — Um bom detetive.

O inspetor Burd cerrou os lábios, mas, a não ser por isso, ignorou o comentário. Com a voz baixa e determinada, disse:

— Tudo depende do ponto de vista do jornal que se lê. É por isso que eu não quero que haja algum mal-entendido. Há certas coisas sobre as quais não faço concessões. Houve um assassinato? Pois muito bem. Eu cuido do caso. Tenho um bom histórico com esse tipo de coisa. — Ele fez uma pausa. — Bem, na verdade houve resultados positivos e negativos, mas sou otimista. Eu ficaria extremamente grato se o senhor e seu colega não interferissem em minha

investigação! Este não é um trabalho para amadores.

Föll olhou para o homem com curiosidade. Paletó... uma gravata... calças com suspensório. Mais ativo, impossível!

— Creio que há um engano, inspetor — disse Mr. Saborsky vindo em favor do amigo. — Mr. Föll não é um amator. Anos atrás, na Maxingstrasse, em Viena...

—... Mr. Föll elucidou o caso das caçarolas de alumínio do príncipe da Boêmia — atalhou o inspetor. — Desculpe a minha franqueza, Mr. Saborsky, mas Viena, Belfast, Munique... não interessa! Eu cuidarei do caso, certo? Nada de interferências, certo?

— Ah, certo — bufou Mr. Saborsky, capitulando com uma notável falta de graciosidade.

Com a pasta debaixo do braço, o inspetor Burd caminhou para a porta.

Mr. Saborsky se voltou para Föll com um olhar que claramente dizia “É, meu amigo, a coisa ficou feia!”.

Föll parecia frustrado além de qualquer medida. Frustrado e também extremamente indignado.

Mr. Saborsky pigarreou. Tudo aquilo era constrangedor. Abriu um sorriso, tentando ser simpático.

— Esse camarada é um *rottweiler* que late grosso.

— *Rottweiler*? — grunhiu Föll. — Se ele é um *rottweiler*, nós seremos os bassês. Bassês pequeninos, mas implacáveis. Vamos descobrir quem matou Lady de Vahle. Ao ataque, *mein Freund*.

E com esse brado de guerra, Föll deixou a sala, muito senhor de si.

Mr. Saborsky murmurou:

— Nós seremos bassês... Ao ataque... Deus do céu!

Informados por Morgan de que os Cox-Langley estavam na Sala de Música, Föll e Saborsky rumaram para lá.

Föll ficou paralisado na porta, incapaz de fazer outra coisa além de olhar para os dois irmãos sentados perto da janela.

— Bom dia — disse Föll friamente.

George se levantou ao ouvir a voz do detetive.

— Bom dia, cavalheiros.

Pelo visto o novo nome da ironia era Victoria Cox-Langley. Longe de compartilhar a boa educação do irmão, Miss Cox-Langley sorriu zombeteiramente.

— Olá, rapazes. Até que enfim uma visita de cortesia.

Föll reconheceu que Victoria era bonita, bem proporcionada, com curvas

generosas. Mas havia uma coisa que incomodava o detetive austríaco — aquela atitude antipática, e a voz insolente, cínica e cruel. Miss Cox-Langley, até ali, mostrara uma única face: a face da mais completa má vontade.

— Não é uma visita, Miss — disse Fëll displicentemente. — Mas ficaríamos gratos se vocês respondessem algumas perguntas.

— É mesmo? Perguntas! — exclamou a mulher. — Que original!

George tocou nas teclas do piano e repetiu:

— É, que original!

Fëll disse:

— Eu sei, Miss. Mas, em vista dos últimos acontecimentos, acho que algumas respostas sinceras seriam muito bem-vindas. A começar, por que foi que você, George, atirou em *Sir Dumsley* a noite passada?

George ergueu uma sobrancelha. Parecia confuso.

— Eu... — gaguejou — eu estava defendendo Vicky.

— Diga-me. Teve a intenção de atingi-lo?

— É a primeira pessoa que me pergunta isso. Acho que só agora me dei conta disso, mas ora, ninguém pensou em me perguntar se tive a intenção de atingi-lo.

— Bem, teve? — repetiu Fëll.

— Quer dizer, de atingi-lo? — perguntou George. — Não. É claro que não.

— Foi o que imaginei — disse Fëll.

Houve um silêncio. Depois Fëll continuou:

— Ontem à noite, depois que o salão ficou vazio, procurei o buraco da suposta bala disparada pelo seu revólver. E o que eu descobri? Nada. E por que não? Porque não houve nenhuma bala, não é? Houve um estampido, som e fumaça. Estampido, som e fumaça produzidos por uma pistola de partida e balas de festim! Pareceu ser um atentado cometido impulsivamente, mas não foi. Foi tudo muito bem planejado, nos mínimos detalhes. Estou certo, Miss?

Miss Cox-Langley hesitou antes de responder, então disse:

— Mas foi bastante real, não foi? O senhor deveria ter visto a cara de Roy! Foi muito engraçado!

— Acho — disse Fëll, em tom grave — que, ontem à noite, a senhora negou ter sido cúmplice do atentado! Pelo visto, a senhora mentiu...

Miss Cox-Langley deu de ombros.

— As mulheres contam muitas mentiras.

Fëll sorriu.

— Agora, Miss Cox-Langley, quero que me responda uma questão: a senhora saiu de seu quarto em algum momento durante a noite passada?

Ela piscou os olhos, zangada.

— Não. E como poderia? Ficamos lá... com a porta trancada pelo lado de fora... como se fôssemos... bandidos!

Fëll olhou para George.

— E você?

— Eu fiquei com ela até hoje de manhã.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— E há quanto tempo vocês estão nesta sala? — perguntou Fëll.

— Deixe-me ver... — disse George, coçando o queixo. — Acho que há uns vinte minutos.

— Ouçam... — disse Miss Cox-Langley. — Essas perguntas são mesmo necessárias?

— São sim, Miss — disse Fëll. — Se for verdade que vocês não deixaram o quarto, vocês têm um álibi perfeito para a hora do crime.

— Tenho certeza de que o senhor não pode querer nos perguntar mais nada, Mr. Fëll. Só posso desejar todo o sucesso do mundo na busca do assassino.

— A senhora não está pensando em sair de Keynsworth, espero.

Miss Cox-Langley disse:

— O senhor fala de maneira muito estranha, detetive. É uma ordem?

Fëll disse:

— Apenas um pedido, Miss.

— Obrigada. Vamos ficar em Keynsworth, não é, Pinky?

A Irmã da Vítima



— Vamos lá, homem — disse o inspetor Burd.

Era 15 minutos mais tarde. O imperativo “vamos lá, homem” do inspetor foi dirigido ao datiloscopista, um rapaz magro de cabelos ruivos.

Este comprimiu os lábios enquanto endireitava o corpo.

— Pronto, senhor — anunciou.

Depois de ter empacotado as coisas, o datiloscopista saiu.

— E quanto ao senhor, Dr. Aubrey? — o inspetor virou-se para o médico que estava inclinado sobre o corpo de Lady de Vahle.

O Dr. Aubrey, vestindo um *tweed*, um *tweed* um pouco florido demais para o gosto escocês, lançou um olhar duro para o inspetor.

— O tiro atravessou o tórax e saiu do outro lado.

— Assassinato ou suicídio, doutor?

— Completamente compatível com assassinato.

— O senhor resgatou a bala?

— Sim — respondeu o Dr. Aubrey, exibindo a bala.

— Ótimo — disse o inspetor Burd. — Vamos guardá-la para compará-la com o revólver. Ah! Ah! Esse caso está quase solucionado.

Parado a alguma distância, Edmund Fëll se remexeu, contendo a ânsia de dizer alguma coisa.

Um policial enfiou a cabeça pela porta e disse:

— Vieram buscar o corpo. Podem levá-lo, senhor?

— Oh, sim — disse o inspetor Burd. — Por ora meu serviço está concluído.

Dois homens entraram no aposento. A remoção da falecida duquesa foi rápida e eficiente. O inspetor Burd acompanhou o corpo até o portão e depois voltou para falar com *Sir Dumsley*.

Fëll e Mr. Saborsky ficaram sozinhos.

Fëll olhou pela janela. As cortinas haviam sido afastadas e revelavam o verde infinito do jardim sul de Keynsworth.

O vento soprava. E, sentados em um banco, Fëll viu Mrs. Samossa e o filho.

“Mrs. Samossa foi a última a ver a irmã com vida”, pensou o detetive

austriaco. “*Talvez... Sim, ela pode ter visto ou ouvido alguma coisa.*”

— O dia está muito bonito — comentou Föll.

— Sim — disse Mr. Saborsky.

— Ensolarado.

— Sim — disse Mr. Saborsky.

— Venha — disse Föll. — Vamos dar uma volta.

Ambos saíram para o jardim.

Seguindo por uma alameda, os dois tomaram um atalho com curvas em ângulo reto. O caminho era todo cercado por canteiros dos dois lados.

Mrs. Samossa e filho estavam recostados em um banco, de onde se avistava o vale, lá embaixo.

Mrs. Samossa parecia não estar prestando atenção ao que acontecia ao seu redor.

— Olá, Madame — disse Föll.

Mrs. Samossa ergueu a cabeça de maneira levemente sobressaltada e infantil.

Föll fez uma medida por cima da mão dela.

— Como é que a senhora está se sentindo?

Ela enxugou as lágrimas com a ponta do lenço.

— Péssima — exclamou. — Horrível... Pobre Penny! Tão bondosa... sempre pronta para ajudar as pessoas! Ainda... não consigo acreditar...

— O seu xale é muito... bonito — comentou Föll. — É uma peça antiga?

— Sim, foi meu pai quem o trouxe de suas viagens. Pobre papai! Depois que fui para a Bolívia, eu só tive notícias dele por intermédio dos jornais e revistas. Havia frequentes notícias e fotografias dele, sendo recebido por um primeiro-ministro ou por um presidente, escalando uma montanha em Bombaim ou jantando com o xá do Irã.

O maxilar inferior de Mrs. Samossa se projetava para frente e seus olhos estavam tristonhos e levemente avermelhados, mas Föll conseguiu acalmá-la a ponto de responder a algumas de suas perguntas.

— Penny... morta! — suspirou Mrs. Samossa. — A gente vê sobre essas coisas no noticiário, mas... ela! Penny me elogiava, dizia todas aquelas coisas para me agradar... Mas a verdade é que ela sempre foi mais inteligente, mais bonita e mais elegante.

Föll disse, com gentileza:

— Sinto muito, muitíssimo por isso. Quero que a senhora pense bem e me diga se havia alguém com algum motivo para prejudicar sua irmã.

— *Aquela* mulher, claro! — disse Mrs. Samossa. — *Aquela* mulher... ela

chegou tão cheia de saracoteios, falando para Deus e para o mundo que não sairia daqui, que daria o troco por tudo o que Penny tinha feito contra ela.

— Mulher? Que mulher, Mrs. Samossa?

— Aquela lá... que veio da África.

— Miss Cox-Langley? — perguntou Fëll.

— Sim. Penny foi tão bondosa, não quis mandá-la embora... preferiu dar um quarto e comida para ela e o irmão dela. E o que ela deu, em troca? Matou Penny! Atirou em Penny!

Fëll ficou na dúvida.

— Só um instante, Madame! Só para confirmar. A senhora está mesmo falando de Miss Cox-Langley?

— É lógico!

— Mas... — disse Fëll. — A senhora está dizendo que Lady de Vahle foi bondosa, e que deu um quarto e comida para Miss Cox-Langley. É isso?

— Para ela e para o irmão.

— Claro, claro — disse Fëll apressadamente. — Desculpe a minha incapacidade de entender certas coisas, mas eu achei que tivesse sido o contrário! Que sua irmã quis que Miss Cox-Langley fosse embora... e logo.

Mrs. Samossa balançou vigorosamente a cabeça.

— Está enganado, Mr. Fëll. Penny não faria isso. Ela era uma duquesa. Uma verdadeira duquesa. E uma duquesa, o senhor sabe, gosta de ajudar os outros.

Fëll julgou por um momento ter perdido o juízo. O que aquela mulher dizia... *tudo* o que dizia... era totalmente fora da realidade.

Mr. Saborsky interveio. Ele não tinha o menor desejo de escutar os disparates imaginados por Mrs. Samossa. Eram confusos demais.

— A senhora levou a sua irmã para a cama, ontem à noite — disse Mr. Saborsky, tentando direcionar a conversa. — Ela passou mal, sentiu alguma coisa?

Mrs. Samossa disse:

— Eu não sei. Eu sei que Penny olhou para mim e disse: “Estou cansada, Stephy. Vou para a cama. Será que se importa?” Ela queria minha ajuda e eu ajudei. Coitada, cuidar de tantas coisas — dos empregados, dos detalhes para o jantar, da *soirée*... Acho que Penny estava esgotada, a pobrezinha. Fui com ela para o quarto. Despi Penny, coloquei-a na cama e dei um analgésico.

— Quanto tempo levou tudo isso?

— Dez minutos.

— E quando saiu, a senhora foi para...?

— Fui para meu quarto, no andar de cima.
— E a senhora não viu nem ouviu nada que fosse suspeito?
— Penny parecia bêbada... Mas eu sei que ela não havia bebido. Só chá... duas xícaras, como de costume.

Fëll franziu ligeiramente a testa.

— Duas xícaras, *como de costume*. Prossiga, Madame. De seu quarto dava para ouvir a festa no salão?

— Não — disse Mrs. Samossa.

— Então não ouviu o som do disparo?

— Que disparo?

A mulher fez a pergunta visivelmente chocada. Hector fez um sinal discreto para Fëll — um sinal muito óbvio para o detetive.

Fëll pigarreou.

— Nenhum, Mrs. Samossa. Nenhum. Quanto a esta manhã... Como ficou sabendo da morte de Lady de Vahle?

— Ouvi alguém gritando... Era a arrumadeira... ou a copeira (uma das duas.). Logo depois veio Morgan, dizendo que tinham encontrado Penny... morta.

— Seu relacionamento com sua irmã sempre foi bastante amigável?

— Não tive relacionamento com Penny. Eu não a via desde que era uma criança de dezesseis anos.

— Mesmo assim, veio visitá-la em sua passagem pela Escócia?

— Ah, sim. Eu li uma reportagem sobre Penny em um dos jornais da Bolívia. Mencionava o sobrenome de solteira dela e dizia que Penny tinha enviuvado, e eu pensei: “Preciso voltar! Preciso ir ver minha querida Penny!”. Foi um gesto de boa vontade de uma irmã. Nada mais.

Mrs. Samossa olhava e olhava para Fëll. Estava atônita.

— Quem... quem é o senhor? O senhor não é empresário, é?

— Não — disse Fëll.

— O senhor é advogado? Não tem cara de advogado.

— Eu sou — disse Fëll, conseguindo, como sempre, parecer muito modesto — detetive.

A declaração não deixou de provocar o efeito desejado.

— Oh! — disse Mrs. Samossa.

Falando, o detetive observava atentamente o filho de Mrs. Samossa. Hector, porém, não manifestou surpresa, apenas arregalou um pouco os olhos.

— E quanto a você, meu rapaz? Pode nos contar o que aconteceu ao longo da meia hora em que Mr. Saborsky e eu nos ausentamos do Salão Arco-Íris? Caso

se lembre, claro.

Hector pensou um pouco na melhor forma de condensar a história, e então começou, falando tranquila e resumidamente:

— Ah! Eu me lembro muito bem. Eu lembro, por exemplo, que George e Francis estavam jogando pôquer. Lembro também que Felicia Ambros dançava com Roy. A mulher... Victoria Cox-Langley... estava em uma mesa, bebendo como um gambá. Ela parecia meio deprimida, meio melancólica. O mordomo serviu três ou quatro taças de vinho, e ela foi ficando cada vez mais agitada.

— E depois? O que aconteceu?

— Como eu disse, Roy estava dançando com a namorada... e me lembro, muito claramente, do jeito como Miss Cox-Langley olhava para eles. Daí ela se levantou de seu lugar e fez um brinde na direção do casal. Depois... deixe-me ver... sim, depois George saiu correndo e pegou o braço dela. Ele foi um pouco rude... mas, também, com aquelas patas de babuíno! Achando que George estivesse ferindo a irmã, Roy saiu da pista de dança e veio falar com ele. George ficou muito envergonhado. Daí Roy tentou tirar o copo da mão de Miss Cox-Langley. Foi aí que George puxou a arma. Houve um estalo, e Roy caiu de joelhos. Depois, Miss Ambros fez uma cena histérica e muito desagradável.

— Que tipo de cena?

— Ela tentou atacar Miss Cox-Langley.

— Está dizendo que ela se deu conta de que Miss Cox-Langley tinha convencido o irmão a dar o tiro em *Sir Dumsley*?

Hector disse:

— Exatamente. Ela gritou: “Sua ordinária! Eu vou acabar com você!” ou algo assim. Foi como se...

— Como se estivesse fingindo?

— Não... mas havia algo errado ali. Algo... sim, errado, mas não sei o que é.

— E *Sir Dumsley*?

— Não posso dizer o que Roy realmente sentiu ou pensou naquele momento. Se foi horror...

— Parecia isso?

— Chocado, sim... e, acho, aterrorizado. Sim, tenho certeza, aterrorizado. Mas isso é bastante natural. Se eu achasse que alguém tivesse atirado em mim, teria sentido a mesma coisa. Mas daí Roy começou a dizer que estava tudo bem... que não tinha sido nada, tal e coisa. Depois, vocês chegaram...

Fëll fez uma pausa, brincando com o cordão do monóculo.

Prosseguiu:

— Pelo que vejo, esse episódio aconteceu na presença de poucas pessoas. O coronel e a esposa não estavam lá. Nem a senhora, Mrs. Samossa, nem a própria Lady de Vahle.

— Nem nós — disse Mr. Saborsky.

— Ah, bem lembrado — disse Föll. — Esse é um ponto de máxima importância. Portanto, havia pouca gente no salão naquela hora.

— É, é, havia pouca gente — concordou Hector.

Durante um minuto ou dois, Hector olhou gravemente para o detetive.

— O senhor vai ajudar a investigar o assassinato de minha tia, Mr. Föll?

— No que depender de mim, vou investigar os fatos — respondeu Föll. — Alguém precisa ser responsabilizado pela morte de Lady de Vahle, não é?

Ao ouvir o nome da irmã, Mrs. Samossa abriu novamente a sua torneira de lágrimas.

Subitamente ela começou a tossir.

Föll a encarou com certa preocupação.

— Está bem, Mrs. Samossa?

— É só... cof... esse... cof cof... vento frio. Eu acho.

— Senhores, se puderem nos dar licença — disse Hector. — Vou levar mamãe para dentro.

— *Kein Problem* — disse Föll. — Desejo melhoras, Madame.

Mrs. Samossa inclinou a cabeça e se afastou com o filho.

Miss Ambros Fala



Fazia uns cinco minutos que estavam sentados na sala de estar quando Mr. Saborsky soltou uma exclamação. Fëll, na poltrona vizinha, virou a cabeça, intrigado.

— O que foi?

— Quando mais penso nisso, mais eu me irrito! — disse Mr. Saborsky. — Essa mulher deve ser tantã. Dizer que Penny se conformou com a vinda de Miss Cox-Langley... Que maluquice! Pennélophe estava furiosa, isso sim. Acho que alguém devia agendar uma consulta psiquiátrica para Mrs. Samossa.

— Pode ser mal de Alzheimer — sugeriu Fëll. — Amnésia é um dos sintomas mais comuns.

— Mal de Alzheimer?

— Pode ser. Ou talvez Mrs. Samossa quisesse simplesmente defender a irmã, tentando mostrá-la sob a melhor luz possível. Porque numa coisa o senhor tem razão: Lady de Vahle não estava nada feliz com a presença de Victoria Cox-Langley! Fico me perguntando se Mrs. Samossa teria sangue-frio suficiente para disparar uma arma à queima-roupa.

— Não creio! — disse Mr. Saborsky. — Ela sairia voando com o coice da arma. Mesmo assim, teria que haver um motivo, não é?

— Eu realmente não sei se uma pessoa como Mrs. Samossa precisa de motivo. Inveja por causa do *status* social da irmã? Vingança por alguma mágoa do passado? Dinheiro, amor ou egoísmo... Pelo senso comum, qualquer motivo pode concorrer e levar uma pessoa equilibrada a cometer um assassinato.

— Ei, veja aquilo! — exclamou Mr. Saborsky.

Acompanhando a direção apontada pelo dedo indicador do amigo, Fëll divisou o vulto do inspetor Burd falando com Sir Dumsley lá fora, entre as sebes de teixo do jardim.

Mr. Saborsky disse:

— A coisa está pegando fogo!

Fëll não respondeu. Aproveitou a oportunidade para abordar o mordomo que ia passando pela sala.

Morgan parou e perguntou:

— Sim, senhor?

— Gostaríamos de falar com Miss Ambros.

— Eu a vi na cozinha, senhor. Quer que eu a chame?

— Não, não é necessário — disse Fëll. — Diga-me uma coisa... Ontem à noite, você viu o atentado contra Roy Dumsley, meu bom homem?

Morgan fez um aceno positivo.

— Vi sim, senhor.

A voz, baixa e pausada, tinha uma dicção saxônica.

— Nesse caso — prosseguiu Fëll —, pode nos dizer se Miss Cox-Langley bebeu a ponto de ficar embriagada?

— Não creio. Eu a servi três ou quatro vezes, mas ela parecia sóbria.

— Sóbria... Uma testemunha disse que ela estava caindo de bêbada.

O mordomo hesitou.

— Bem... pode ser que estivesse bêbada, não sei. Quando ela foi para a pista de dança... sim, ela andava um pouco cambaleante. Como se estivesse...

—... representando um papel — concluiu Fëll.

— Isso mesmo, senhor. Acho que essa é a melhor definição.

— *Danke*, Morgan — disse Fëll. — Isso é tudo.

Morgan inclinou a cabeça e saiu caminhando.

— Sujeito gozado — disse Mr. Saborsky.

— Gozado, mas bom observador. Ele viu que, num minuto, Victoria Cox-Langley estava sóbria e, no minuto seguinte, começou se comportar como se estivesse bêbada.

— Você parece que implicou com isso, meu caro.

— Pode não ser nada — disse Fëll. — Mas é bom levar em conta todos os detalhes.

Fëll, em companhia do companheiro, passou pela porta, ao pé da escadaria principal, atravessou o corredor, a sala de refeições e a porta dupla que comunicava com as dependências da cozinha, à esquerda.

Felicia Ambros, sentada numa banquetta, estava conversando com Mrs. Coleen. Mrs. Coleen respondia com palavras curtas, enquanto mexia a panela com pedaços de carneiro.

O que chamou a atenção de Fëll foi o rosto aberto e sossegado de Miss Ambros.

— Pedimos desculpas por vir procurá-la desta maneira. Mas precisamos perguntar algumas coisas...

Miss Ambros olhou ao redor, hesitante.

— Venham comigo — disse ela, levando-os até uma salinha abafada, com a mobília forrada de veludo, que naquele momento estava vazia.

— Sentem-se, por favor...

Fëll e Mr. Saborsky se sentaram.

— Miss Ambros, queremos falar sobre os eventos da noite passada.

— Sobre como George tentou acabar com Roy? Bah, aquilo foi ridículo! George não acertaria um hipopótamo! Além do mais, a arma era de mentirinha, não era?

Felicia sorriu e cravou os olhos no detetive. Fëll, por sua vez, também cravou os olhos nela.

“Aí está uma mulher que sabe das coisas”, pensou Fëll. “Capaz e madura. Talvez até capaz de cometer um crime.”

— Está bem informada, Miss.

— Coitada da velhota — disse Felicia. — Não pensei que gostasse muito dela, mas agora que morreu, não sei... Quando queria, ela era doce... até afável... mas sabem que, no fundo, ela realmente me dava medo?

— Dava medo? Por quê?

— Porque tenho a impressão... Não acha que ela era meio caduca, Mr. Fëll?

— A duquesa... caduca? — perguntou Fëll.

— Claro! E não era? Pense bem, Mr. Fëll... Ela queria que o coronel desse um tiro em Miss Cox-Langley! Um tiro! Pense... Eu faria uma coisa mais sutil, uma coisa mais difícil de detectar.

Delicadamente, Fëll perguntou:

— Uma coisa mais sutil? Como o quê, por exemplo?

— Veneno, senhores — disse Felicia. — Veneno! Além de muito mais eficiente, dá muito menos na vista.

Fëll e Saborsky se entreolharam.

Em seguida, com umas poucas palavras tranquilizadoras, Fëll encorajou-a a contar sua versão da história.

Felicia Ambros contou em tom monótono os detalhes do atentado sofrido pelo namorado na noite anterior. Ao lado do detetive, Mr. Saborsky se esforçou para fazer os comentários adequados de revolta, simpatia e compreensão.

— Sim... É claro... Que terrível... Imagine... É claro... Eu concordo...

Terminado o relato, Fëll disse:

— Curioso. Muito curioso.

Felicia inclinou um pouco a cabeça de lado.

— Querem uma dica? Uma dica sobre quem eu acho ser a assassina de Lady de Vahle? Em caráter extraoficial, lógico — acrescentou.

Fëll mostrou-se admirado.

— Ah, *das interessiert uns, Fräulein!* Vejamos, quem?

— A mulher do coronel — disse Felicia com segurança.

— Mrs. Strohheimer? Por quê?

— Porque houve uma hora em que o Coronel Strohheimer veio para o Salão Arco-Íris... ontem à noite. Entenderam? O marido... aqui embaixo... a mulher, sozinha... o caminho livre... ela vai para o quarto de Lady de Vahle. *Pá-pá...* Fácil, não?

Fëll abriu a boca, incrédulo.

Uma mulher gorda como Mrs. Strohheimer... subindo e descendo os degraus... correndo?

“*Nein, nein! Sem a mínima chance!... Niemals.*”

— É essa a sua teoria?... ou é um delírio, Miss?

— Delírio? Francamente! — reclamou Felicia, irritada. — Por que delírio?

— Porque o coronel veio para o salão por volta das 11h10, Miss — explicou Fëll. — Mas, conforme os vestígios, nada indica que o assassinato tenha acontecido antes da meia-noite.

— É mesmo? — perguntou Felicia, mordendo a unha. — Eu pensei...

— E mesmo que o assassinato tivesse acontecido antes da meia-noite, ainda faltaria descobrir um motivo. Algo que incrimine Mrs. Strohheimer. Em todo caso, vamos tomar nota de sua opinião, Miss Ambros.

O Inspetor Burd Ri



Os olhos escuros e alongados de Mrs. Margareth Strohheimer pousaram em Edmund Fëll. Repararam na estrutura cilíndrica de seu pescoço, na descomunal lente do monóculo e na suspeita substância gelatinosa do cabelo.

Mrs. Strohheimer disse, magoadas:

— Queríamos voltar para Aberdeen, mas o senhor proibiu Arthur de partir, Mr. Fëll!

“Está vestida como a favorita do sultão”, pensou Mr. Saborsky, olhando para a echarpe lilás e o cinto de couro na cintura da mulher. *“Alguém devia avisá-la de que isso não é roupa para uma mulher que já foi auxiliar de enfermagem da marinha.”*

Fëll respondeu sem demonstrar o menor abalo:

— Não era nossa intenção aborrecer seu marido, Madame. Mas, em vista das circunstâncias...

— Sim, sim... Mas é que tínhamos programado uma viagem. Arthur não gosta de adiar as coisas. Vocês acham... isto é... Arthur é suspeito?

— Não, não, Madame. O coronel não é suspeito. O fato é que *todos* são suspeitos.

— Oh! — disse Mrs. Strohheimer apertando o peito. — Isso inclui...! Pobre de mim. O senhor acha que eu... Gerry Strohheimer... sou uma assassina?

A mágoa tornou-se mais pronunciada.

— Teoricamente, estamos apenas investigando — disse Fëll, em tom muito suave.

— Aquele inspetor... — disse Mrs. Strohheimer. — Ele anda por aí como se fosse o rei de Bangladesh... ou um trapezista no picadeiro central.

Fëll estremeceu. Embora concordasse com o teor do desabafo, a sua mente lógica se recusava a ouvir alguém falando nesses termos sobre um agente da lei.

— Cada um com nossa própria linha investigativa, Madame. Não vamos nos preocupar com o inspetor, está bem?

Mrs. Strohheimer ficou mais animada.

— Como eu já disse, o senhor é um cavalheiro, Mr. Fëll. Vocês têm que me

deixar fazer tudo o que eu puder para ajudar.

— Que bom que pense assim, Madame — respondeu Fëll, diplomaticamente. — Desculpe a pergunta, mas o que pode nós dizer sobre o acontecimento desta noite?

— Receio não ter nada para dizer. Dormi a noite toda.

— Não ouviu alguma coisa, qualquer coisa que possa trazer algum esclarecimento?

— Não.

— Não ouviu, por exemplo, nenhum ruído... um estampido?

— Não.

— Passos?

— Também não.

Fëll sentiu que a mulher não tinha nada a declarar. Pelo menos nada relacionado àquele assunto. Decidiu focalizar outra coisa.

— Diga-me — prosseguiu. — Quem a senhora acha que matou a duquesa?

Ela baixou os olhos, mas abanou a cabeça e respondeu:

— Foi aquele rapaz, o boliviano.

— Hector Samossa?

— É. Olhem para ele... Ele é feio... amarelo...

Fëll disse:

— Feio? Bom, talvez ele não seja muito simpático. Mas isso não significa que ele seja o assassino. Alguns dos personagens mais vis da história eram extremamente bem-apeoados.

— É verdade. Mas Arthur diz que foi ele. E Arthur é muito inteligente, o senhor sabe.

Arthur... Arthur... Tudo era Arthur! Sempre que não sabia o que dizer, Mrs. Strohheimer invocava o nome do marido.

— Então a senhora acha que foi Hector Samossa?

— Sim, sim, foi ele. Isso é tão emocionante, não é? Parece que estamos escolhendo um cavalo.

— Exatamente, Madame. E seu cavalo é Hector Samossa.

Fëll levou habilmente a velha dama escocesa até a porta.

— Misericórdia! Que coisa de mau-gosto — comentou Mr. Saborsky. — “Seu cavalo é Hector Samossa”!

Mal o dramaturgo acabara de falar, um grunhido de franca reprovação chegou aos seus ouvidos e o inspetor Burd apareceu, um tanto prepotente e extraordinariamente seguro de si.

— Os senhores são mais teimosos do que um bando de camelos! Eu pedi para desistirem da investigação, lembram-se?

O inspetor sorriu demonstrando um ar de extrema superioridade.

— E aí, como empregaram seu tempo? Já têm o nome do assassino? Algum nome, Mr. Fëll? Algum nome, hein?

Sem se deixar abater por essa ironia, Fëll disse:

— Não. Por enquanto, não temos nenhum nome, inspetor.

— Oh, que pena! Alguma pista?

Fëll esticou as mãos.

— Absolutamente nada.

— Ah! — disse o inspetor Burd, cheio de satisfação. — Por isso é que eu fui destacado para esse caso. Porque eu sou o melhor! Há poucos homens acima de mim na sociedade escocesa. Apenas um punhado de duques, alguns marqueses e a realeza — acrescentou ele, com outro sorrisinho. — Bem, senhores. Se eu fosse vocês, desistiria da investigação. O caso foi resolvido!

— O caso foi resolvido? — exclamou Fëll. — Como?

— Foi tudo muito simples — afirmou Burd, imperturbável. — É como eu sempre digo: “Até o crime mais impenetrável não resiste a uma boa dose de sagacidade”. Vejam, elaborei um relatório com a sequência dos acontecimentos.

Burd esticou os dedos e retirou uma folha de papel do bolso.

Fëll pegou o papel e deu uma lida. À medida que lia, a cor foi se restabelecendo em seu rosto. Por fim, um sorriso aflorou em seus lábios:

— Francis Brad-Burg! É esse o assassino?

— Sim — sentenciou o inspetor Burd.

— Tem certeza?

O inspetor, que não gostava de ver ninguém questionando suas conclusões periciais, disse:

— Parece que o senhor não concorda comigo, Mr. Fëll. Mas isso não interessa. O que interessa é que o assassinato foi solucionado e o assassino será preso. Num tempo recorde, que tal? Entrei aqui às 10h15. Quais eram os fatos? Lady de Vahle estava morta, assassinada com um tiro à altura do pulmão esquerdo. (Uma autópsia poderá determinar a hora exata da morte.) Meu inquérito não ofereceu qualquer dificuldade. Com astúcia, observação e atenção, consegui descobrir que Francis Brad-Burg... está tudo escrito aí!... que o Sr. Brad-Burg é um jovem ator, que fez alguns filmes obscuros e sem qualquer expressividade. Um jovem sem dinheiro, sem onde cair morto e sem futuro na carreira.

— Isso é um absurdo! — exclamou Fëll.

— É claro que isso é um absurdo — respondeu o inspetor Burd, torcendo as pontas da barba e olhando para o austríaco com autoconfiança. — Percebe-se que esse jovem, que se acha um espertinho, não me conhece. Mas deixe estar... eu sei quem ele é. E vou...

Fell interrompeu de novo:

— *Das ist mir alles klar!* Mas não me refiro a isso, inspetor. Talvez o Sr. Brad-Burg seja culpado... *Es kann man nicht abstreiten.* Eu me refiro a outra coisa. Não me parece lógico acusar o homem com base nesses motivos. *Sir Dumsley* falou do incidente com o espelho?

Burd encarou o detetive, estreitando os olhos como um gato:

— Incidente do espelho? Que incidente do espelho?

Não gostava disso: cuidar de um caso em que pistas fundamentais eram escondidas... voluntariamente ou não.

Fell retomou a palavra:

— Como eu disse, talvez Francis Brad-Burg seja culpado. Por outro lado, é pouco provável que um homem que não reconhece uma pistola de partida saiba atirar com um revólver.

— Pistola de partida?

Por instantes, o inspetor ficou muito espantado e quase engasgou.

Fell fez um resumo parcial dos fatos da noite anterior.

— Outro ponto que deve ser considerado. Conforme deve ter visto, inspetor, a ferida de Lady de Vahle verteu só algumas gotas de sangue. *Algumas gotas*, note bem. Em circunstâncias normais, um buraco no peito, perto do coração, jorraria litros de sangue! Mas nesse caso não. A que o senhor atribui isso, Mr. Saborsky?

A pergunta pegou o irlandês de surpresa.

— Ora, eu não sei. Eu sei que não era normal.

— Ah, não era normal! — exclamou Fell. — Isso só pode significar uma coisa — e ele fez uma pausa. — Que a duquesa foi baleada depois de morta.

Houve um ou dois minutos de silêncio. Burd olhou para o detetive. Depois deu uma risada que fez pular as dobras flácidas de seu abdômen.

— *Foi baleada depois de morta?* Bobagem! Bobagem! Por essa eu não esperava. Bem, o senhor pode ficar com suas teorias. *Eu vou prender o assassino! Balar uma mulher depois de morta! Que barbaridade!*

Ele tocou a sineta chamando o mordomo.

Morgan apareceu à porta.

— Inspetor! — exclamou.

— Poderia me informar onde está Mr. Brad-Burg?

— Claro, senhor. Creio que...

— Ah, por favor, *por favor*, peça para que ele venha para cá, sim? É melhor.

— Naturalmente, senhor.

Morgan se virou e saiu.

Dali a alguns minutos, Francis entrou.

O inspetor Burd apresentou um par de algemas.

— Chama-se Francis Brad-Burg? — perguntou ele.

Os olhos do rapaz se fixaram no policial com certa curiosidade.

— Sim.

Ouviu-se o estalido de algemas e a voz do inspetor Burd, no seu tom oficial:

— Está preso, Mr. Brad-Burg, sob a acusação de assassinato em primeiro grau de Mrs. Pennélophe de Vahle! Qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você no tribunal.

— Mas...

— Poupe seu fôlego! — interrompeu o inspetor. Colocou a mão sobre o ombro do rapaz. — Senhor — disse, acenando com a cabeça em despedida na direção do detetive. — Mr. Saborsky.

— Mas...! — disse Francis mais uma vez.

Pomposamente, e com a segurança de quem está salvando a raça humana, o inspetor apressou o jovem inglês para a saída.

O Laudo



Depois do jantar, Morgan sussurrou com deferência junto ao ouvido de *Sir Dumsley*.

— Por favor, senhor, conceda-me duas palavras. Lá dentro, senhor.

Sir Dumsley ficou admirado com o aspecto do mordomo.

— O que aconteceu, homem? Acalme-se — disse ele.

— Aqui, *Sir*, venha cá.

Morgan conduziu-o até a Sala da Porcelana, à esquerda do *hall*. O ator entrou. Morgan seguiu-o e fechou a porta atrás de si.

— Bem — disse *Sir Dumsley*. — O que é?

Morgan disse:

— Há dois homens aqui, de um jornal, é o que dizem. Quer falar com eles?

— Não, é claro que não. Diga-lhes que procurem o inspetor Burd, na delegacia do condado.

Enquanto isso, depois de fazer as honras, o grupo de hóspedes se dirigiu em respeitoso silêncio para a biblioteca.

Menos Edmund Fëll e Mr. Saborsky, que preferiram tomar um cálice de conhaque no gabinete no fim do corredor.

Sentado na poltrona, os olhos apertados e enrugados, Fëll considerou mentalmente o problema do revólver...

No silêncio, puderam ouvir o relógio dar a hora.

Nove...

Dez.

10h.

Lá fora, o céu estava limpo. Um luar anêmico iluminava os campos enterrados na neve.

Toc... toc... toc...

A batida, muito leve, rompeu o fio dos pensamentos de Fëll.

Fëll olhou para a janela e, através do gelo que cobria a vidraça, viu um rosto.

Francis Brad-Burg!

Sim, era mesmo Francis Brad-Burg... com todos os traços nítidos e precisos,

tiritando de frio do lado de fora do castelo.

— Por Deus, se não é o rapaz que foi preso esta tarde! — disse Mr. Saborsky. Fëll foi até a janela, torceu a chave e correu o ferrolho. Abriu a janela.

— Sr. Brad-Burg!

Francis deslizou pelo peitoril, ofegante, com a parte inferior das calças salpicada de neve.

— Boa noite, cavalheiros! Sentiram saudades de mim?

E começou a espanar a neve da roupa.

Houve um silêncio no escritório.

— E o inspetor Burd? — perguntou Fëll, após um minuto.

— O que é que tem o inspetor Burd?

— Ele não veio com você?

— Não. Por que ele faria isso? Eu vim sozinho.

Fëll encarou o inglês.

— Mas se não... se não... você está sugerindo um... bem, algum tipo de fuga?

— Exato! — exclamou Francis. — Fuga! Esse é o termo. É incrível, não é?

Fëll e Mr. Saborsky olharam para o rapaz, confusos.

Francis disse:

— Foi uma aventura e tanto para sair de lá... enganei dois ou três guardas... caminhei por três ou quatro quadras... e por sorte, passou um táxi... que me trouxe até o pavilhão de caça...

Edmund Fëll murmurou:

— Os britânicos são à prova de tudo!

Francis se sentou diante do fogo da lareira, para aquecer os membros enregelados, e aceitou um cálice de conhaque. Mr. Saborsky guardou a garrafa, depois ele próprio sentou e olhou pensativo para o inglês.

Fëll era essencialmente um homem de ação, que não se detinha pedindo explicações.

— Se não se importar, e aproveitando que estamos sozinhos, poderia me responder uma pergunta, meu jovem?

Francis olhou para Fëll com aprovação.

— É claro. É claro... É sobre o crime?

— Na verdade, não é sobre o crime — disse Fëll. — Sobre Miss Ambros.

Francis balançou a cabeça, perplexo.

Fëll pensou consigo mesmo: “Parece que ele foi nocauteado pelo choque”.

Em voz alta, Francis disse:

— Vá em frente. Faça.

— Em sua opinião, você diria que Miss Ambros está mesmo apaixonada por *Sir Dumsley*? Ou acha que ela...

—... que ela está apenas flertando com ele? — completou Francis. — Não! Felicia está muito apaixonada por Roy. E ele por ela.

— Então não é um mero flerte?

Francis disse:

— Felicia não é do tipo que faria uma coisa dessas. Eles até já marcaram a data do casamento! Julho. Quinze de julho. O mesmo dia em que eu começarei as gravações, em Baltimore. Se bem que... que...

Aqui Francis se interrompeu.

Fëll olhou curiosamente para ele.

Francis meneava a cabeça.

— Mr. Brad-Burg?

Francis saiu de seu estranho devaneio.

— Desculpe-me — murmurou. — Estava distraído.

— Tudo bem?

— S-sim... Acho que sim.

— Problemas? — perguntou Fëll.

— Não. Não. O senhor acabou de perguntar sobre Felicia! É tudo tão... impressionante!

Fëll disse:

— Outra coisa, Mr. Brad-Burg. Como sabe, sou um detetive. E como detetive, recebo muitas vezes a incumbência de resolver casos que, digamos, estão abaixo ou acima das habilidades de um agente comum da polícia. É por esse motivo que eu vim para Keynsworth. Porque tem um ladrão em Keynsworth. Um ladrão que roubou um camafeu e uma tiara da finada Lady de Vahle.

Francis disse:

— Ah, é mesmo? E o senhor já descobriu as joias?

Fëll disse:

— Sim. Eu e meu amigo Saborsky já descobrimos as joias, meu jovem.

— O quê? Parabéns. Mas que boa notícia!

Fëll disse delicadamente:

— Sim, é realmente uma boa notícia. A má notícia é que as joias foram descobertas em sua mala de viagem, Mr. Brad-Burg.

Francis exclamou:

— Na minha mala? Mas isso é... impressionante!

Fëll disse em voz baixa:

— Não é mesmo, Mr. Brad-Burg?

— Espere aí! O senhor não está achando que eu...? Pelo amor de Deus, eu não tenho nada a ver com isso!

Fëll disse ternamente:

— Eu posso até acreditar nisso, contanto que explique como o camafeu e a tiara foram parar em sua mala... em seu quarto, Mr. Brad-Burg.

Francis disse, com mãos trêmulas:

— Alguém deve tê-los colocado lá, ora bolas.

Francis parou de falar quando a porta se abriu e *Sir Dumsley* entrou.

Sir Dumsley olhou para o amigo com uma expressão peculiar no rosto.

Francis ficou de pé, e um sorriso encabulado se formou nos seus lábios. Ele deu um passo à frente.

— Oi, Roy — disse ele.

Sir Dumsley assentiu.

— Caramba, Francis! — disse ele. — Você... foi... liberado?

— Eu... — Francis hesitou.

Sir Dumsley, com os olhos alertas, olhou para cada um dos três homens.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Durante um minuto, ninguém respondeu. Em seguida, Francis disse, com uma risada artificial:

— Não está acontecendo nada. Na verdade, meu amigo, eu não fui liberado. Eu... fugi!

Sir Dumsley comprimiu os lábios com força.

— Você o quê? Você fugiu?

Francis abriu a boca e depois, pensando melhor, decidiu ser sincero:

— Quer saber? É, é isso mesmo. Eu fugi da delegacia! Fugi e não me arrependo. Estou com frio. Estou molhado. E estou de muito mau humor. Não fiz nada. Não matei ninguém. Pode me criticar, se quiser, mas para lá eu não volto! Não-volto!

Sir Dumsley olhou para o amigo, grunhiu com desagrado, mas, finalmente, disse:

— Tá, tá, Francis, está bem. Francamente, você nem deveria ter sido preso. A polícia é assim. Não acho que o inspetor se importe a mínima se foi você, eu ou Mr. Saborsky quem matou minha mãe, contanto que possa provar que foi alguém. Bem, vamos deixar esse assunto de lado. Amanhã de manhã a gente resolve isso.

Sir Dumsley sacou um envelope e estendeu-o a Föll.

— Este é o laudo da autópsia. E... não sei...

Com o olhar vago, franzia a testa, como se estivesse intrigado.

— É... é muito estranho... — acrescentou.

— Deixe-me adivinhar! — disse Mr. Saborsky. — Sua mãe levou o tiro depois de morta!

Sir Dumsley atrapalhou-se.

— Como... como o senhor sabe disso?

Em vez de responder, Hupert Saborsky apontou para Föll.

Mas Föll não prestou atenção. Tinha tomado o envelope e retirado dele o laudo do médico-legista.

— Vejamos. Aqui diz... O exame toxicológico revelou duas substâncias no sangue da vítima: a clorfeniramina — um antialérgico — e a outra, levomepromazina, um sedativo de uso controlado. A causa da morte foi a ingestão simultânea dos dois medicamentos.

Föll estalou os dedos.

— Morgan disse que era costume de Lady de Vahle tomar uma bebida específica. Chá preto. *Chá preto!* Foi assim que Lady de Vahle engoliu a mistura letal: junto com o chá.

— Espere aí, meu caro! — disse Mr. Saborsky. — Quer dizer que Pennélophe tomou a clor-não-sei-o-quê com a levo-não-sei-o-quê, e que isso acabou causando a morte dela? E que, mais tarde, outra pessoa foi até o quarto e atirou nela?

— É possível — disse Föll.

— Mas essa é uma coincidência histórica!

Föll se virou e olhou para Francis.

— Meu jovem Brad-Burg! Tudo bem com você?

Francis estava muito lívido, e andava de um lado para o outro, murmurando alguma coisa entre os dentes.

Francis disse:

— Sim. Sim. Estou só... pensando.

Alheio à agitação do inglês, Mr. Saborsky disse de maneira brusca:

— Dois... Dois assassinos tentando matar a duquesa numa mesma noite? Diga o que quiser, mas isso é impossível!

Föll disse devagar:

— Quem falou em dois assassinos? Talvez seja *um* único assassino.

— Um assassino? Pior, meu amigo. Muito pior. Primeiro essa pessoa dopa o

chá de Pennélope. Depois, essa mesma pessoa vai para o quarto de Pennélope e dá um tiro nela! Por que, homem de Deus? Por quê?

— Talvez por garantia — disse Fëll. — Sob pressão, as pessoas fazem coisas que, em outras ocasiões, não fariam. Eu... — e ele fez outra pausa. E, com algo mais próximo de irritação do que demonstrara até ali, perguntou: — Sr. Brad-Burg, vai nos contar o que está acontecendo, sim ou não?

O inquieto Francis parou com um solavanco.

— Desculpem, *desculpem*... Eu... preciso verificar uma coisa. Com licença — e saiu a passos largos do escritório.

Foi um momento constrangedor. Fëll ficou paralisado, e *Sir Dumsley*, o único que teria sido capaz de contornar o desconforto da situação, coçou a nuca, olhando para a porta.

— O que será que deu nele?

— Creio que ele se lembrou de alguma coisa — disse Fëll pensativo.

Fëll bateu o punho na mão aberta.

— *Sir Dumsley*, nós sabemos que, ontem à noite, George Cox-Langley não atirou no senhor no pleno sentido da palavra. Que, na verdade, ele e a irmã armaram contra o senhor. Concentre-se... tente se lembrar... Havia alguma coisa... no salão... ou na cena... que não devia estar lá?

O ator, em dúvida, disse:

— Alguma coisa que não devia estar lá? Como o quê?

— Qualquer coisa — disse Fëll.

— Olhe, Mr. Fëll, quando aquele cara apontou o revólver para mim, o senhor sabe, eu não estava em condições de ver muita coisa.

— *Ja, das habe ich gezweifelt*. Mesmo assim, tente... Tente... Eu insisto.

Sir Dumsley fez um largo gesto de impotência.

— Eu lamento... De coração. Se eu tivesse visto... Mas por que a pergunta?

— Porque o seu primo... Hector Samossa... acha que havia alguma coisa errada.

— Hector disse isso?

Fëll respondeu:

— Disse.

Sir Dumsley balançou a cabeça.

— Nisso eu não posso ajudá-los. Acho que o ponto crucial dessa história é a frase no espelho. Quando penso naquela maldita frase! ‘*Você vai perder o que mais ama*’... Sabem em que eu pensei no início? Eu pensei em Felicia. Sim, *minha* Felicia. Ela é a pessoa que eu mais amo. Nunca imaginei que o alvo fosse

mamãe. Nunca!

— Não se lembra de nenhuma pessoa ameaçadora, ou que tenha feito alguma acusação ou ameaçado abertamente o senhor?

— Não.

— Nenhuma pessoa instável, desequilibrada, problemática? Ou uma pessoa de seu passado que o senhor tenha encontrado recentemente, independentemente de como o encontro possa ter parecido inocente ou casual?

— Eu lamento... Não lembro.

Fëll balançou a cabeça, muito sério:

— Bem, o lado bom é que agora já sabemos como foi que Lady de Vahle morreu. A questão é: Por que foi que ela morreu?

Diálogos



Às onze e meia da mesma noite...

Edmund Fëll saltou da cama e se espreguiçou. Embora estivesse morrendo de sono, estava inquieto demais para dormir.

Desceu para o térreo. Viu a luz da sala ligada e uma mulher instalada confortavelmente no sofá.

Mrs. Strohheimer...

Um ruído na sala fez com que Mrs. Strohheimer se voltasse, sobressaltada, e visse Edmund Fëll parado junto à porta. Seu rosto sofreu uma súbita mudança.

Ela disse:

— Oh, Mr. Fëll! O senhor me assustou!

Fëll desculpou-se enquanto se aproximava dela.

— Eu sinto muitíssimo por incomodá-la. Não era minha intenção.

Ele parou por um minuto, observando-a.

Fëll tentou identificar o sentimento que emanava dela e percebeu que procurava um sinal de superioridade, mas, a não ser uma ligeira careta de desgosto, o rosto dela não deixou transparecer nada.

Enormes toras de madeira crepitavam alegremente na grande lareira.

Eles começaram a conversar sobre banalidades e, volta e meia, Mrs. Strohheimer intercalava longas pausas e olhares não disfarçados para o relógio cujo pêndulo ia e vinha ritmicamente sobre o consolo da lareira.

“Que curioso!” pensou Fëll. “Ela fica olhando para o relógio.”

Margareth Strohheimer disse:

— Mal se pode acreditar em todos os horrores da noite passada, não é, Mr. Fëll?

— É realmente difícil, Madame.

Mrs. Strohheimer suspirou.

— Nunca me envolvi em uma tragédia antes. É como um pesadelo... tão sinistro... não consigo acreditar que seja real! — E, sem qualquer propósito definido, acrescentou: — O senhor sabia que papai tinha uma perfumaria em

Paris? O odor era delicioso! Eu vivia lá dentro, contrabandeando frascos para as minhas amigas. Meu pai conservava tudo limpo e arrumado... Foi nessa época que conheci Arthur. Arthur havia recém entrado no exército. Arthur era um verdadeiro *gentleman*, galante e bonito. Daí, um certo dia, nosso mordomo... Herbert... morreu... não, não, foi morto... pobre homem!

Föll disse:

— Puxa!

— Herbert era muito namorador, sabe? Vivia enrabichado com as garotas da vizinhança. Ninguém me tira da cabeça que o assassino foi o marido de uma amante que Herbert mantinha no Montmartre! Uma daquelas moças frívolas, que se vestem bem, mas não tem um pinga de bom senso. Enfim, depois da morte de Herbert, papai ficou muito abalado, e quis de todo jeito me mandar para uma Escola de Belas-Artes. Eu me neguei a ir. Oh, Arthur e eu estávamos tão apaixonados! Eu teria feito de tudo por ele! É lógico que papai não gostou, e disse que me deserdaria se eu casasse com o *capitão de meio soldo*.

— *Bitte*, só um instante — interrompeu Föll. — Como é que o mordomo foi assassinado?

Mrs. Strohheimer pôs as mãos no próprio pescoço.

— Estrangulado. Estava roxo e inchado... Lembro até hoje... o rosto... a pele... Oh! Foi um horror!

Mrs. Strohheimer sufocou um gemido.

“É melhor falarmos de outra coisa!”, pensou o detetive.

Mas, antes que ele tivesse tempo de mudar de assunto, a mulher disse:

— É tudo muito estranho, não é?

— O que é estranho, Madame?

Mrs. Strohheimer disse:

— A maneira como Miss Cox-Langley apareceu aqui, do nada. Arthur acha, e eu concordo com ele, que Pennélope deveria ter se informado melhor sobre os antecedentes dela.

Edmund Föll falou, na dúvida:

— A senhora está dizendo que, em sua opinião, Miss Cox-Langley atirou no peito da ex-sogra?

— Ah, não, Mr. Föll! — Mrs. Strohheimer foi veemente. Ela estava chocada. — Eu nunca diria algo assim! Não mesmo!

— Bem — disse Föll. — Talvez não tenha dito.

— Mas eu acho que ela é... bem, muito suspeita. Afinal de contas, não sabemos nada a respeito dela.

Fëll viu que a mulher continuava lançando olhares furtivos para o relógio.

— Um barulho gostoso, não? — disse Fëll.

— O quê? — estremeceu Mrs. Strohheimer.

— O tique-taque do relógio... É um barulho gostoso. “A passagem lenta do tempo, marcada pelo movimento constante do ponteiro dos segundos.”

— A-acho que sim — disse Mrs. Strohheimer, perplexa.

A gorda mulher se inclinou e, por trás dos óculos, seus grandes olhos verdes pousaram no detetive.

— O senhor acha que o assassino pode atacar outra vez?

— Sim, Madame.

— Meu Deus! E vocês ainda não têm nenhuma pista dele?

— Sem uma base concreta para investigar, é difícil chegar a alguma pista — disse Fëll. — A senhora vê, temos um crime, temos o cadáver, mas não temos um motivo.

— Acha que Arthur e eu estamos entre os alvos?

Notava-se uma ansiedade desesperada no olhar de Mrs. Strohheimer. Fëll olhou para ela com firmeza e depois disse, com toda delicadeza:

— Não, creio que não. Não há indícios, até aqui, de que a senhora e o coronel estejam entre os alvos. O mais provável é que a pessoa visada seja *Sir Dumsley*.

— Por que ele?

— Por nada em particular. São apenas hipóteses.

— Vão protegê-lo, não é? Isto é, o senhor e Mr. Saborsky vão ser os guarda-costas dele, não é?

— Receio que não. Ele dispensou a nossa ajuda.

Fëll ouviu um farfalhar de passos. Ao se virar, Fëll viu Francis Brad-Burg entrando pela porta.

Francis olhou ansiosamente para as duas figuras solitárias no sofá.

— Olá, pessoal. Pelo jeito, também não estão conseguindo dormir.

E sorriu, embaraçado.

— Venha, sente-se conosco — convidou Mrs. Strohheimer cordialmente. — Mr. Fëll e eu estávamos discutindo esse caso horroroso e...

Com um espasmo, a velha calou a boca. Franziu as sobrancelhas grisalhas.

Francis olhou para ela.

— Continue, Madame, vá. A senhora e Mr. Fëll estavam discutindo esse caso horroroso e...? Não acha que eu tenho alguma coisa a ver com o assassinato, não é, Madame?

Mrs. Strohheimer se remexeu.

— Não, não... Um rapaz decente, tão bonito, não mataria...

— Não sei não, Madame — disse Francis. Fez uma carranca feroz: — Um rapaz decente e bonito é capaz de matar, sim. Ainda mais, matar pessoas que se tornam um estorvo e que precisam ser eliminadas.

Mrs. Strohheimer disse um “Ui!” muito alarmada.

Como num passe de mágica, os traços duros de Francis se suavizaram e ele riu.

— Calma, Madame. Não sou tão mau. Estou só exercitando meu sublime e egoísta talento de ator!

Mrs. Strohheimer deu um sorriso tenso (e possivelmente constrangido).

A conversa descambou para temas previsíveis — a neve, o crime, a neve outra vez —, até que Francis se aproveitou da banalidade geral para se virar para o detetive.

— Posso trocar algumas palavras com o senhor, Mr. Föll? Coisa breve.

— *Ja, natürlich!* — disse Föll, pego de surpresa.

Pedindo licença a Mrs. Strohheimer, os dois homens se afastaram alguns metros.

— De que se trata, Mr. Brad-Burg?

Francis disse:

— O senhor é um homem compreensivo, Mr. Föll. Não fica fazendo perguntas desnecessárias. Eu gostaria que o senhor entendesse os meus motivos.

— Naturalmente.

— Eu não falaria dessa maneira com o inspetor Burd, aquele babaca. Ele não entenderia. Mas o senhor sim.

Föll fez uma mesura.

— Obrigado.

Francis prosseguiu com calma:

— É sobre aquele negócio das joias que sumiram...

— Ainda alega inocência?

— É claro, Mr. Föll! Alguém deve ter entrado no meu quarto e escondido as coisas lá para me incriminar.

— Sim, conheço a sua versão dos fatos. Mas por que fariam isso?

— E eu sei? O senhor é o detetive. Elabore alguma teoria. O senhor precisa convencer seu colega de que sou inocente e que vão procurar outro culpado, está bem?

— Outro culpado — murmurou Föll.

— Não quero que sujem meu nome, está bem? Seria o meu fim, artisticamente

falando. “Cleptomaníaco em ação! Ator arruína sua carreira e vai preso!” Não, nem me fale nisso.

— *Gut, gut...* Farei o que está me pedindo. Afinal, não temos provas concretas de sua participação no furto.

Fëll fitou atentamente o jovem.

— Quanto ao outro probleminha...

— Que probleminha?

Fëll fez um gesto sugestivo.

Francis disse:

— Ah! Aquilo... Aquilo foi outra coisa. Eu lembrei que... que... Dê-me tempo até amanhã. Amanhã eu conto tudo. Se me permite, antes de falar, gostaria de averiguar algumas coisas.

Fëll quis dizer:

— Talvez amanhã seja tarde demais!

Mas, em vez disso, disse:

— Se é isso o que quer.

Francis abaixou a voz e, num tom irreconhecível, acrescentou:

— Laços de matrimônio não se destroem facilmente, Mr. Fëll. O amor pode renascer, forte como os brotos de uma árvore. Ninguém pode segurar o amor. Ninguém...

Fëll estremeceu. Laços? Brotos de árvore? Que diabos significaria isso?

Fëll não respondeu. Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado como se estivesse ouvindo alguma coisa.

Neste momento, Felicia Ambros apareceu e veio na direção deles. Havia um ponto de interrogação em seus olhos.

Francis corou e, em um tom límpido e alegre, disse:

— Felicia, a temperatura não está gloriosa? O aquecimento central é fabuloso!

— Muito fabuloso — disse Miss Ambros laconicamente.

Uma mecha de cabelo louro caía sobre sua testa, e ela tinha um ponto de rubor em cada face.

Fëll desconfiou daquela entrada brusca. Aquele sarcasmo... Será que Francis... e ela? Um encontro à meia-noite?

Felicia perguntou:

— Você queria falar comigo, Francis?

A voz dela era agradável, com uma cadência tranquilizadora.

Francis gaguejou:

— S-sim... queria...

— Aqui estou eu. Vamos?

Francis parecia inclinado a ir atrás dela, mas a mão de Fëll pousou gentil sobre o braço dele.

— Tenha cuidado, meu jovem. Não espere até que seja tarde demais.

Alheia ao contexto do alerta, Felicia disse:

— Deixe comigo, Mr. Fëll. Eu cuido dele.

Ela sorriu, enlaçou o braço de Francis, e eles saíram juntos.

Enquanto Fëll os observava, ela se virou e lançou um olhar para ele. Ansiedade. Ou talvez medo?

Ahá!, pensou Fëll em triunfo. Eles tinham mesmo marcado um encontro. Com que finalidade?

Francis e sua acompanhante seguiram pelo corredor. Mais adiante entraram no Salão Branco e, vendo que não eram seguidos, Felicia trancou a porta.

— E aí, Francis! O que é?

Francis coçou a nuca, em um movimento estranhamente forçado e repentino.

— Caramba, Fê! Que pergunta é essa? “O que é?” Você sabe o que é! Eu quero ir embora daqui!

Felicia Ambros disse ternamente:

— Você não é a única que se sente assim. Mas não podemos ir, meu bem.

— Por que não? Por causa da... polícia?

— Sim.

Francis disse, muito sério:

— É exatamente por isso que eu quero ir embora, Fê. Por causa da polícia. Eu fui preso, você se lembra?

Felicia disse:

— Ah, Francis! Se formos embora, toda a força policial da Europa virá atrás de nós.

— Minha querida garota, ocorreu um assassinato no castelo, você se lembra disso! Um assassinato, caramba!

Felicia disse:

— E você acha que eu me esqueci disso?

Francis disse:

— Pela sua indiferença, parece que esqueceu sim.

Felicia esboçou um sorriso, deixando aparecer uma covinha extremamente sedutora.

— Não, não podemos ir.

Francis gemeu:

— Meu Deus! Nunca deveríamos ter embarcado nessa loucura. Sim, eu fui um idiota. Admito! Lamento, Felicia... Lamento e imploro a você. Vamos embora!

— Não e não!

Felicia bateu o pé, obstinada.

Francis quase chegou ao auge do desespero.

— Você não vê, querida?

— Eu vejo muito bem. Agora não é hora para se apavorar. Agora não, Francis.

— E quando é que vamos? Me diga, quando?

Felicia deu de ombros.

— Não sei, mas quando for a hora, saberemos.

A Segunda Morte



Na manhã seguinte, assim que levantou da cama, Fëll viu a viatura de polícia estacionada em frente ao castelo.

Aguçou os ouvidos para conferir se ouviria o zumbido de algum drone.

Não ouviu nada.

Descendo para o térreo, Fëll ouviu o som de vozes vindo da sala de estar.

Primeiro, a voz rouca e anasalada do inspetor Burd:

— De acordo com as evidências médicas, Lady Pennélophe de Vahle provavelmente já estava morta antes de receber o tiro no coração. Quem foi o assassino? Pois eu digo e repito: Foi Mr. Brad-Burg. O ato de fugir de nossa delegacia parece significativo para o senhor, Mr. Saborsky? Pois, para mim, parece mais do que significativo. É a prova de sua culpa! E é por isso que vim levá-lo comigo... nem que seja à força!

Em seguida, Fëll ouviu (mais fraca) a voz de Mr. Saborsky:

— Mas e se o senhor estiver errado?

A resposta do inspetor Burd:

— Meu amigo, já fui um imbecil em várias circunstâncias. Porém, em minha idade, eu já sei discernir o caráter de um homem com um simples olhar. E eu digo que esse inglês é o assassino.

Quando Fëll apareceu na porta, encontrou o ilustre representante da lei marchando febril de um lado para outro, como se estivesse no desfile de Independência.

— Bom dia, senhores — disse Fëll.

Sentado no sofá, Mr. Saborsky devolveu o cumprimento com uma inclinação de cabeça.

Embrulhado num grosso casaco, e usando uma boina verde-musgo, o inspetor Burd se virou. Seu rosto se sombreou ao ver quem era.

— Bom dia, Mr. Fëll. Antes que o senhor diga alguma coisa, já vou logo avisando. É minha prioridade prender o inglês, e peço que nenhum dos dois interfira no curso natural da justiça, ouviram?

— Claro — respondeu Fëll com humildade.

— Conte comigo — disse Mr. Saborsky.

— Ótimo, ótimo. Não gosto quando amadores do crime se intrometem em assuntos oficiais.

Fëll retorceu os lábios com a expressão “*amadores do crime*”.

Burd consultou o relógio.

— Onde será que se meteu esse mordomo? Já faz quinze minutos que ele saiu atrás de Mr. Brad-Burg!

Ele tocou uma sineta que estava sobre o console ao seu lado.

Dali a alguns minutos, Morgan reapareceu.

O inspetor perguntou:

— E então, homem?

— Eu lamento, senhor. Mas não encontrei o Sr. Brad-Burg.

— Eu já sabia disso! — declarou o inspetor, indignado. — Eu não disse? O cara fugiu. Querem prova maior de que ele é culpado pelo assassinato?

Fëll interveio de maneira educada, mas convicta:

— Olhou no quarto, Morgan?

— Olhei sim, senhor. No quarto e nas outras dependências...

Burd riu baixinho e esfregou as mãos.

— Esplêndido, esplêndido! Isso é melhor do que uma confissão! Uma fuga, hein?

Olhava para Fëll com uma espécie de sarcasmo tolerante.

Morgan perguntou:

— Mais alguma coisa, senhor?

— Não, não... Pode ir.

O mordomo saiu apressado.

Burd jogou a cabeça para trás e riu.

— Uma fuga... Ha! Ha! Essa gente é muito previsível. Se esse inglês julga que vai escapar de nós, está muito enganado. Vamos atrás dele seja onde for. Ha! Ha! Pedirei a interdição das rodovias, do aeroporto... Vamos persegui-lo... e pegá-lo. Eu, Inspetor Burd, juro isso! Ha! Ha!

A risada soou descontrolada e brutal no espaço confinado da sala.

— O que acha, Mr. Fëll? Mr. Brad-Burg é o assassino ou não é?

— Pode ser, inspetor.

Fëll falou num tom meio desanimado, o que pareceu agradar muito a seu interlocutor.

— Muito bom, Mr. Fëll. Muito bom. Fico contente em saber que o senhor finalmente reconhece que o caso já foi solucionado.

Föll disse:

— *Entschuldigung!* Eu disse: “Pode ser” que Mr. Brad-Burg seja o assassino. Por outro lado, pode ser que Mr. Brad-Burg seja inocente. Eu falei com ele, ontem à noite. Ele sabia de alguma coisa...

— É claro que ele sabia de alguma coisa! — replicou Burd. — Ele sabia que era um mentiroso de primeira categoria! Um mentiroso e um assassino!

Föll completou:

—... alguma coisa sobre a qual pretendia falar comigo, hoje de manhã. Mas, se Mr. Brad-Burg não está no castelo, onde estará? Onde? Ou será que... que...

Burd o encarou por alguns instantes. Parecia estar se esforçando para reprimir outro ataque de riso. Em seguida, exclamou:

— O senhor não entrega os pontos, hein?

Em um raro momento de descontrole emocional, Föll se empertigou. Uma mudança extraordinária ocorreu em seu rosto.

— Inspetor Burd, o senhor está me insultando. O senhor parece piamente convencido de que Mr. Brad-Burg seja culpado pela morte de Lady de Vahle. Pois eu sou capaz de apostar que Mr. Brad-Burg é inocente.

Burd olhou para ele demonstrando total espanto. E repetiu:

— O senhor não entrega os pontos.

Foi nesse momento que, com um grito selvagem e medonho, outra personagem do drama entrou em cena.

Vindo não-se-sabe-de-onde, uma ofegante e vermelha Miss Ambros invadiu dramaticamente a sala e quase caiu nos braços de Föll.

— Mr. Föll! Graças a Deus!

— Miss Ambros! O que foi que aconteceu?

Felicia Ambros respirou fundo.

— Lá!

E, com um gesto, apontou para trás.

— O que aconteceu? — insistiu Föll.

— É Francis! Eu o vi... Ele está lá! Os senhores precisam ajudá-lo.

— Acalme-se, *bitte*, Miss.

— Ele está lá — repetiu Miss Ambros, em soluços. — Acho que está... morto.

Föll estremeceu.

— Morto? Mas como?

— Alguém o matou. Ele foi assassinado.

— Assassinado? Onde?

— Ali... na Sala das Armas — disse Felicia Ambros. — Os senhores precisam fazer alguma coisa! Depressa... Depressa.

Estimulados pela chocante revelação, o trio masculino rumou para a esquerda na direção de um corredor curto que parecia terminar em uma pequena câmara mal-iluminada e sem saída.

A Sala de Armas.

— Ali!... Ali no fundo.

Aquele espaço pomposo, que no projeto original era a chapelaria do castelo, continha, ao longo da parede, balcões de vidro com troféus e armas. E continha algo mais: um corpo reclinado numa poltrona.

Fëll disse:

— Fique aqui, Miss, por favor, e não se aproxime.

Fëll ajustou o monóculo e caminhou até o homem na poltrona e pôs os dedos em sua carótida. Os lábios estavam repuxados das gengivas sem sangue em algo que se assemelhava a um espasmo de agonia. A pele estava flácida e fria e, embora não visse vestígio de contusão ou hematoma, Fëll concluiu que Miss Ambros tinha razão: Francis Brad-Burg estava morto.

Ele se lembrou do rapaz na noite anterior... e da expressão alucinada em seu rosto.

Fëll disse:

— Não sou perito em medicina legal, mas creio que esse rapaz já está morto há mais de três horas.

— Com licença — disse Burd.

Como um bisonte enfurecido, o inspetor abriu caminho, empurrando Mr. Saborsky e Miss Ambros para o lado, e parou ao lado do detetive.

Levantou as sobrancelhas quando Fëll apresentou o diagnóstico da morte do ator inglês.

— Olhos saltados... pele azulada... Os sinais característicos de morte por asfixia. Veja ali. Um cinto de camurça... apertado com força em volta do pescoço.

Burd se curvou e, segurando uma lanterna portátil em uma das mãos, se inclinou sobre o morto, fazendo um exame rápido.

Endireitou o corpo e, estufando o peito com um ar presunçoso, o inspetor disse:

— Morte por supressão de ar, hein? Um cinto de camurça passado por dentro da fivela. Um cinto feminino, resistente e estreito. De um ponto de vista puramente científico, com base apenas na lógica, dá para afirmar com toda

certeza que esse jovem foi morto por uma mulher. — Ele hesitou por um instante e depois acrescentou: — O que, porém, não faz muito sentido. Geralmente, alguém que comete um crime dessa espécie é um sujeito forte, de boa constituição física. Um sujeito do sexo masculino! Sim, sim, o assassino deve ser um homem.

Tirou o caderno de notas, molhou o lápis na língua e fez algumas anotações, muito confiante.

Föll franziu a testa. Parecendo estudar o ambiente, disse:

— Mesmo que o assassino seja um homem, não é estranho, inspetor, que os balcões... os troféus... estejam perfeitamente em ordem? Mr. Brad-Burg pode não ter sido um homem robusto, mas ele possuía agilidade, possuía pernas flexíveis. Mas vejam... Parece que ele morreu sem sequer esboçar a menor reação contra o seu agressor. Isso não é estranho? A não ser... — Ele ficou refletindo por um minuto ou dois, e então seus olhos emitiram um brilho castanho: — A não ser... *Verflucht!* Vejam! Ah, aí está a explicação.

Como um canguru asmático, Föll saltou para perto da armadura à sua esquerda. Abaixou-se e apanhou um lenço branco do chão. O lenço estava úmido.

Em vez do esperado cheiro de perfume, o lenço tinha o cheiro característico de...

— Clorofórmio! — disse Föll.

— O quê?

— Este pano... Fede a clorofórmio. Está aí a razão pela qual o assassino conseguiu asfixiar Mr. Brad-Burg com tanta facilidade. Mr. Brad-Burg estava inconsciente.

Föll entregou o lenço para o inspetor, que o examinou e cheirou com cautela.

— Sim, sim... Clorofórmio...

Föll disse:

— Parece, inspetor, que eu tinha razão. Mr. Brad-Burg era inocente.

Por uma fração de segundos, os olhos do inspetor Burd deixaram transparecer um certo respeito. Era como se ele houvesse subestimado as faculdades mentais do concorrente austríaco.

— Veremos, meu caro. Veremos...

A voz do inspetor falhou um pouco, mas finalmente ele recuperou a compostura.

— Sim, admito que possa ter me enganado a respeito de Mr. Brad-Burg. É possível ele não seja o assassino de Lady de Vahle. Em todo caso, como o senhor disse, Mr. Brad-Burg sabia de alguma coisa. Alguma coisa... quem sabe...

relacionada ao próprio assassino. E é aí que ele comete a maior besteira de sua vida. Em vez de ligar para mim (sim, afinal eu sou a autoridade constituída para resolver esse tipo de coisa!), em vez de ligar e me contar o que sabe, ele resolve confrontar o assassino. Heroísmo? Idiotice? Difícil dizer. Seja como for, eles marcam local e hora do encontro. Devido ao nervosismo, Mr. Brad-Burg vem para cá antes do horário combinado e senta na cadeira. Aí, aí... sim, sim, aí ele começa a cochilar. Quando o assassino vem, o que ele vê? O seu acusador... dormindo! O resto foi brincadeira de criança. Calmamente, o assassino embebe o lenço no clorofórmio e... consuma o crime. Tudo muito simples e silencioso. Isso abrange todos os pontos... e sobra. Esperem, eu vou pedir reforços.

O inspetor sacou seu celular e fez uma ligação.

— Alô! — disse uma voz em algum lugar.

Enquanto o inspetor Burd repassava as instruções para seu subalterno, Fëll caminhou até o outro lado da sala e identificou uma pequena abertura gradeada oculta na parede lateral. Será que o assassino teria entrado e saído por ali?

Fëll mediu o tamanho da abertura. Não, impossível! Pequena demais.

Burd desligou o telefone e se virou para a única pessoa presente que poderia dar alguma informação a respeito da descoberta do corpo.

— Acho que a senhorita me deve algumas explicações, Miss Ambros. Pode contar-me o que aconteceu?

Felicia engoliu duas vezes em seco antes de dizer:

— Sim.

— Quem descobriu o corpo? A senhorita?

— Sim, eu... eu...

— Como veio parar nessa parte do castelo?

— Eu tinha ido ao jardim. Vi a porta aberta... eu vi... Oh, Francis! — exclamou Felicia. A expressão de seu rosto mostrava uma contorção dolorosa.

— Miss, não é hora para sentimentalismos. Precisamos de respostas exatas e concisas. Eu vou formular novamente a pergunta... O que estava fazendo aqui, nessa hora da manhã?

— Eu já disse... estive no jardim. Passei por aqui e... quando olhei para cá...

— Muito bem. E o que foi que a senhorita fez em seguida?

— O que foi que eu fiz?

— É.

— Ora, eu não fiz nada. Nem podia.

— Por acaso, não tocou nele?

— Toquei... toquei, sim... Para ver se... Quer dizer... só para ver...

— E não tem mais nada a acrescentar que possa me ajudar a entender o que aconteceu aqui? A senhorita não sabe de mais nada?

A moça balançou a cabeça negativamente.

— Não.

De repente, Burd deu um berro assustador.

— Miss, chega de mentiras! Tem que ser mais convincente se quiser que eu acredite nisso.

Miss Ambros olhou para o inspetor, perplexa. Enxugou as lágrimas, trêmula e horrorizada.

— Inspetor! — interveio Mr. Saborsky, em defesa dos bons modos. — Esta mulher acabou de sofrer um choque violento. Não seria melhor deixar para interrogá-la mais tarde?

— Francamente! — resmungou Burd. — Está bem, Miss, pode sair.

Com lágrimas nos olhos, Felicia saiu, com extrema dignidade.

Voltando sobre seus passos, Fëll levantou a mão direita do cadáver. Farejou a falange dos dedos, desejando que sua memória olfativa fosse boa o suficiente para identificar qualquer aroma ou odor suspeito.

Para sua própria surpresa, Fëll sentiu... além da mistura de mofo e do aroma de cedro das vigas do teto... a suave e inconfundível fragrância de...

— Lavanda...

Sim. Lavanda.

Mas havia outro odor.

Um odor forte, mas agradável...

— Propólis — disse Fëll, pela segunda vez. — Lavanda e propólis... Isso me lembra alguma coisa. O quê?

Algo se debatia em sua mente.

Algo que ele não conseguia se lembrar...

Fëll fez um gesto, afastando o pensamento, e virou-se para Burd:

— Creio que, pelo plano geral do caso, o senhor tem razão em uma coisa, inspetor. Mr. Brad-Burg devia saber a identidade do assassino. E cometeu a indiscrição de falar com ele a sós. Mas eu discordo do senhor em uma coisa.

— No quê?

— O senhor disse achar que ele estava dormindo na hora do ataque. Não, não, outra vez não. Tenho certeza de que Mr. Brad-Burg estava acordado... *superacordado*...

Nesse momento, George Cox-Langley apareceu e se juntou ao grupo. Sem se dar conta da situação, apontou por cima do ombro.

— Ei, alguém pode me dizer o que está acontecendo? — perguntou de maneira um tanto estúpida. — Miss Ambros acabou de dizer que houve mais uma morte.

O grupo se dividiu e George pôde ver o cadáver.

— Santo Deus, o que é aquilo? Pa... parece...

— Sim, sim — disse o inspetor Burd, impaciente. — Parece um assassinato, não é mesmo? Agora, por favor, saia. Aqui não é área de circulação pública.

O gigante louro cambaleou, e abriu muito a boca. Balbuciou:

— Caramba, o quê... quem é este? Calma aí... É Francis? O cara com que eu joguei pôquer na noite retrasada! O senhor quer dizer que alguém matou Francis? Mas por quê? Isso é... inacreditável!

— Existem muitas coisas inacreditáveis — disse o inspetor.

— Mil desculpas, espero que o senhor não fique zangado. Mas eu vi Francis... de madrugada... saindo do quarto dele... Pelo visto, ele estava vindo para cá...

— A que horas foi isso?

— Devia ser umas três horas.

Burd grunhiu e empurrou o rapaz para fora da Sala de Armas.

— Obrigado, George. Eu vou tomar nota de sua declaração. Agora... vá embora, sim?

O peito arfando, George obedeceu.

Transcorreu um breve intervalo, que Fëll aproveitou para anunciar:

— Se o senhor permitir, inspetor, eu gostaria de desenvolver uma linha paralela de investigação. Estou sumamente interessado no componente humano desse caso.

Burd hesitou por alguns instantes, parecendo determinado a negar o pedido.

— Além do mais — disse Fëll, — não há nada a fazer aqui.

Burd deu de ombros. Não se podia argumentar com decisões definitivas.

— Está bem — suspirou. — Está bem. Faça como quiser.

Fëll dirigiu-se ao seu colega irlandês:

— Vamos, Mr. Saborsky. É uma tragédia, muito triste, mas não há nada que possamos fazer para ajudar esse pobre rapaz.

Enquanto saíam, os olhares de Fëll e Mr. Saborsky se cruzaram.

— Qual é o seu plano de ação, Mr. Fëll?

— Em primeiro lugar, vamos monitorar esses assassinatos de outra forma.

— Posso saber como?

— Os depoimentos, caro Saborsky. O que cada um fez, o que não fez, os

álibis...

Mr. Saborsky balançou a cabeça.

— Em tudo isso, há uma coisa que me consola.

— Que coisa?

— Pelo menos dessa vez o criminoso não deixou nenhuma de suas malditas mensagens.

Fëll disse calmamente:

— O senhor não viu?

— Se eu não vi... o quê?

— A frase... escrita com batom. No vidro da estante...

— Não olhei para lá.

— Você não olhou — disse Fëll com toda seriedade. — Mas eu olhei... Dizia: “PREPARE-SE PARA MORRER”. Muito sugestivo, não acha?

A Torre Leste



Na esteira do caos criado pelo segundo crime, *Sir Dumsley* socou o tampo da escrivaninha.

— Não consigo acreditar. Não, não consigo acreditar que seja verdade.

Fëll achou que ele parecia um menino frágil e apavorado.

Sir Dumsley balbuciou:

— Eu sei que acham que foi Felicia quem matou Francis, mas tenho certeza de que não foi ela! Felicia não cometeria... um assassinato.

Fëll disse:

— Eu concordo, *Sir Dumsley*.

Sir Dumsley olhou para o detetive sem entender.

— Sério? O senhor concorda? Então... quer dizer...

— Concordo, Sir — continuou Fëll —, mas não podemos rejeitar nenhuma possibilidade. O senhor afirma que não foi Miss Ambros quem asfixiou Mr. Brad-Burg. Muito bem. Vamos supor que o senhor tenha razão. Teria alguma outra ideia de quem pode ter sido?

Sir Dumsley respondeu que não com a cabeça.

— Não, não tenho a menor ideia. Francis era benquisto por todo mundo... Ninguém ia querer que ele morresse.

— Mr. Brad-Burg tinha irritado alguém... algum de seus outros hóspedes?

— Não. Não que eu saiba.

— Não consegue pensar em alguém que guardasse rancor dele?

— Não acredito que alguém fosse capaz de guardar rancor de Francis.

— Pense bem, *Sir Dumsley*. Ele não tinha inimigos?

Sir Dumsley passou a mão de maneira confusa sobre a testa.

— Eu não sei. Mesmo. Mas... ora, o que importa se Francis tinha inimigos ou se não tinha inimigos? Aquela frase: “Prepare-se para morrer”... O senhor não acha que essa frase diz que, na verdade, a morte de Francis foi apenas outra forma de avisar que eu serei a próxima vítima?

Fëll lançou um rápido olhar de compreensão para o escocês.

— Sim — disse ele. — Pode ser.

Sir Dumsley se recostou na cadeira e apertou os lábios.

— Raios que me partam! Meu bom amigo Francis! Existe a possibilidade de que o assassino tenha... bem... tenha vindo de fora dos muros do castelo?

Fëll abanou a cabeça, discordando.

Mr. Saborsky achava o mesmo que ele.

— Creio que podemos descartar essa possibilidade, Sir — disse o dramaturgo.

— Sir, nós... — começou Fëll. — É por isso que queremos seu consentimento para interrogar os hóspedes... ou visitas, como queira. É uma formalidade, um assunto de rotina, como se costuma dizer. Para tentar formar uma imagem do caso.

— Eu sei, eu sei... Nem precisa falar!

— Há algum local sossegado que possamos usar como QG?

Sir Dumsley pestanejou e disse:

— Por que não usam a Torre Leste? Tem uma saleta, alguns móveis...

— Já que estamos aqui, que tal começarmos pelo senhor? — disse Fëll. — A menos que não queira responder às minhas perguntas...

— Não, não, de maneira nenhuma! — disse Sir Dumsley. — Vamos seguir o *script*.

— Muito bem. Creio que, ontem à noite, o senhor saiu e foi dar um passeio?

— É verdade... O cavalo de Felicia perdeu uma ferradura, então precisei acompanhá-la até os estábulos para achar um cavaleiro que resolvesse o problema.

— Ah, então sua namorada foi com o senhor?

— Exatamente. Eu sei que parece loucura, mas... Felicia insistiu... e eu não queria deixá-la na mão.

— Muito bem. Que horas eram quando partiram para o estábulo?

— Passava pouco das onze, suponho.

— E quando regressaram de lá?

— Não sei dizer. Quase meia-noite...

— Cerca de uma hora depois de partir?

— Sim, mais ou menos.

— Passaram por alguém, ao regressar?

— Como?

— Se passaram por alguém? Mr. Brad-Burg, por exemplo.

— Naquela hora? Não, definitivamente não.

— O senhor e Miss Ambros vieram conversando?

— Sim, viemos.

— Quando chegou, falou com o mordomo?

— Falei sim.

— E ele ainda estava de pé?

— Sim.

— O que o senhor falou com o mordomo?

Sir Dumsley hesitou.

— Eu perguntei se ele havia dado corda no relógio suíço... — Fez nova pausa e acrescentou: — Ele disse que sim, eu me despedi de Felicia e fui para meu quarto.

— E que horas eram? — perguntou Fëll, suavemente.

— O quê?

— Que horas eram quando consultou o mordomo?

— Ah, sim, sim! Uma meia-noite e dez... ou quinze... por aí.

— Em nenhum momento, viu Mr. Brad-Burg?

— Receio que não.

— E depois?

— Depois eu caí na cama.

— Miss Ambros foi encontrá-lo em seu quarto?

— Sim, hoje de manhã.

— Ela pareceu agitada ou transtornada?

— Muito. Parecia fora de si.

— Ela não contou que havia conversado com Mr. Brad-Burg, ontem à noite?

Sir Dumsley pareceu admirado.

— Não. Não disse nada. Por quê?

Fëll continuou com seriedade:

— Porque ontem à noite, Sir, mais ou menos no horário em que o senhor veio do estábulo, eu estava na sala de estar quando Mr. Brad-Burg apareceu por lá. Dali a alguns minutos, uma mulher entrou e os dois se dirigiram para o salão adjacente... a sós.

— Uma mulher? Que mulher?

— Miss Ambros — disse Fëll.

Sir Dumsley, encarando-o com olhos arregalados e surpresos, disse em um tom de voz espantado:

— Felicia? A *minha* Felicia? Termine, Mr. Fëll. Acabe de me apunhalar. Eles demoraram no salão ou...?

— Alguns minutos — disse Fëll.

— Quantos?

— Cinco, seis...

— Seis?

— Talvez dez.

Fëll ficou vermelho como um pimentão.

— Não vale a pena mentir. Eu ouvi um trecho da conversa entre os dois.

Sir Dumsley disse taciturno:

— Ouviu, é?

— Sim. Eu... eu escutei do lado de fora da porta. Não consegui ouvir muito... só uma palavra ou duas.

— O que o senhor ouviu?

— Eu ouvi as palavras “força policial”, e ouvi Mr. Brad-Burg dizer: “Nunca deveríamos ter embarcado nessa loucura”... E ouvi Miss Ambros dizer algo como: “Quando for a hora, saberemos.”

— Felicia disse isso? “Quando for a hora, saberemos”?

— Sim — disse Fëll. — Mas quero preveni-lo, Sir, de que, dependendo do contexto da conversa, isso pode ter milhares de significados.

Sir Dumsley retrucou secamente:

— O senhor já falou com Felicia sobre isso?

— Não, Sir, ainda não.

A entrevista acabara, e Fëll se levantou, inclinando cerimoniosamente a cabeça, gesto que o ator correspondeu com um certo constrangimento.

— Se não for incômodo, poderia designar alguém para nos levar para a Torre Leste?

Sir Dumsley tocou a sineta.

Morgan apareceu de imediato.

Mr. Saborsky pensou: “Que rapidez! Esse sujeito ouve atrás das portas!”

Sir Dumsley disse:

— Morgan, leve os cavalheiros para darem uma olhada na Torre Leste.

Morgan se retirou, rebocando Fëll e Mr. Saborsky.

Eles caminharam pelo corredor que levava a um setor desconhecido de Keynsworth, até chegarem ao sopé de uma escada em caracol.

O mordomo tomou a frente, pela larga escada. A certa altura, toparam com a arrumadeira etíope, que juntava alguma coisa com a pá de lixo.

— Que horror — comentou Morgan. — O que é isso, Anny?

— Uma jarra de vidro, senhor.

— Uma jarra de vidro *quebrada*. Como pode ter acontecido uma coisa dessas?

— Não faço a menor ideia, senhor — disse Anny, engolindo em seco. —

Talvez...

— Talvez nada — bufou Morgan. — Dê um jeito nisso e vá arrumar as camas. A pobre etíope murmurou que sim e voltou a varrer.

Föll reparou na cor dos cacos de vidro.

“Uma jarra azul... Que cor mais exótica!”

Quando chegaram ao topo da escada, Morgan sacou a chave-mestra e abriu a única porta que havia ali. Nela se lia: *Torre Leste*.

O cômodo era pequeno e simples, com uma série de mostruários que exibiam maquetes de madeira dos projetos arquitetônicos do interior do castelo.

— Precisam de mais alguma coisa, senhores? — perguntou Morgan.

— Sim — respondeu Föll. — Traga o nosso *breakfast* para cá. *Können Sie es tun?*

— Perfeitamente, senhor.

— E mais um pequeno favor... Chame-nos Hector Samossa.

— Sim, senhor.

O mordomo saiu, fechando a porta atrás de si.

Mr. Saborsky olhou ao seu redor e disse:

— Lugar aconchegante! Uma torre convertida em estúdio... Bom. Diga-me uma coisa, meu velho. Qual vai ser a estratégia?

Com um menear de ombros, Föll disse:

— Não sei. Mas há uma regra que podemos aplicar: um barco só pode alterar sua rota se estiver em movimento. No presente momento, não sabemos os motivos do assassino. Assim, me parece sensato que comecemos ouvindo os depoimentos.

— Portanto, a escolha de Hector Samossa é aleatória?

— Alguém tem que ser o primeiro, *nicht klar?*

O Jovem Boliviano



— Mr. Samossa! — Fëll ficou de pé em um pulo cerca de vinte minutos depois, quando o jovem boliviano entrou na torre.

Hector Samossa comprimiu os lábios enquanto endireitava o corpo e olhava para os seus (assim chamados) anfitriões.

— Bem, senhores. O que estou fazendo aqui?

— Aproxime-se. Não tenha medo. Gostaríamos de conversar um pouco.

— Sobre ontem à noite?

— Certo?

— Vai demorar? Estou reeditando meu *blog* e...

Hector Samossa parecia relutante, mas Fëll apontou para a cadeira.

— Não vai demorar — disse ele. — Não quero interromper o seu trabalho mais do que o necessário.

— Que bom.

— É só uma formalidade.

Com tato, Fëll conseguiu detalhes completos de identificação e profissionalização do jovem boliviano.

— Sinta-se à vontade para me perguntar o que quiser — disse Hector, mais relaxado.

— Alguma vez já tinha conversado com Mr. Brad-Burg, ou já o tinha visto, antes de vir para a Escócia?

Não, ele não conhecia o inglês antes de vir para a Escócia. Se vira algo suspeito na noite anterior? Nem nesta, nem em noite nenhuma.

— Parece, meus caros, que foi uma perda de tempo terem me chamado para vir aqui.

Houve uma pausa bastante longa. Fëll franziu a testa, como quem reflete.

— E quanto a sua mãe... Está melhor?

Hector Samossa encolheu os ombros.

— Melhor? Pior, isso sim. Ontem, mamãe passou a maior parte do dia enfurnada no quarto. Chorando... se lamentando... Parece que mamãe e titia eram muito próximas... na infância e na juventude, bem entendido. Agora,

depois de tantos anos, as duas voltam a se ver e... o que acontece? Titia é morta!

Fëll encarou o rapaz com um olhar de agradável expectativa, que não tentava disfarçar.

De repente, Fëll notou algo singular.

— Está sem seus óculos, Mr. Samossa?

— Meus óculos? Ah, é verdade. É lamentável, mas acho que acabei perdendo meus óculos.

— Ah, é? — perguntou Fëll, interessado. — O senhor sabe quando perdeu seus óculos?

— Quando? Eu acho que... ontem à noite, na sala de gamão.

— Seus óculos eram bifocais, não eram?

— Sim. Com armações de ouro.

— Por acaso, são estes aqui?

A expressão ansiosa no rosto do boliviano imediatamente se transformou em satisfação, ao ver os óculos na palma da mão do detetive.

— Oh, que coisa maravilhosa! Onde... onde estavam?

Fëll contou que havia encontrado os óculos no bolso de Mr. Brad-Burg, naquela manhã.

— Como assim? — balbuciou o rapaz, arregalando os olhos.

— Eu revistei o corpo — disse Fëll. — Os óculos estavam enfiados no bolso da camisa.

— Mas como...

Fëll deteve a pergunta com um gesto de mão.

— Deixe que eu faça as perguntas, Mr. Samossa. Disse que jogaram gamão, não foi?

— Sim, jogamos gamão depois do jantar.

— Desculpe interrompê-lo, mas jogaram por quanto tempo? Uma hora... duas horas...

— Bem... — O rapaz refletiu um instante. — Não sei, mas acho que por volta de cinquenta minutos... uma hora.

— Quem jogou contra quem?

— Eu joguei de parceria com o coronel contra Vitoria e George.

— E o senhor usava este par de óculos?

— Sim.

— Houve algum espectador?

— Espectador?

— Alguma pessoa que ficou acompanhando o jogo...

— Ah, claro. Na verdade, todo mundo estava lá.

— Todo mundo — repetiu Fëll pensativo. — Interessante. Então, tecnicamente falando, qualquer um pode ter apanhado seus óculos?

— A-acho que sim — gaguejou o boliviano. — Ei, calma aí. Francis... Francis não estava lá. Mas como... Eu não entendo...

Fëll sorriu.

— Não entende, não é? Não entende como uma pessoa que não esteve na biblioteca, acompanhando o jogo de gamão, poderia ter apanhado seus óculos, não é? Pois eu tenho uma pequena teoria sobre isso, meu jovem.

— Que teoria?

— Ah, isso não vem ao caso — disse Fëll. E, mostrando um ar incrivelmente enigmático, acrescentou: — Uma última coisa. O senhor tem algum conhecimento sobre cera de abelha... ou algum produto derivado de cera de abelha... Mr. Samossa?

Hector examinou o austríaco, desconfiado.

— Cera de abelha? Não... não tenho nenhum conhecimento nessa área. Eu só sei que cera de abelha é um componente de alguns produtos de higiene e beleza.

— E sobre adagas? Adagas prussianas?

A pergunta pareceu embaraçar o boliviano.

— Adagas? Eu não...

— Antes que negue *algum conhecimento na área* — disse Fëll —, saiba que sabemos que o senhor trouxe uma adaga.

— Ah, sim!... É verdade. Eu trouxe uma adaga. Mas é só um item de colecionador. Comprei no aeroporto de Santa Cruz de la Sierra.

— Ou seja, o senhor não teve nada a ver com o assassinato de Mr. Brad-Burg?

— Eu? Nem sonhando!

O rosto do rapaz mostrava-se grave e firme.

— No entanto, é o tipo de coisa que um simpatizante de Che Guevara poderia ter feito, hein?

— Quem disse isso? Só porque sou defensor da causa sul-americana, não quer dizer que eu seja um assassino!

— Obrigado, Mr. Samossa. Peça à sua mãe a gentileza de subir até aqui.

Assim que o boliviano se retirou, quando Mr. Saborsky ainda estava aturdido demais para dizer qualquer coisa, Fëll explicou:

— Encontrei os óculos na hora em que inspetor falava com George Cox-Langley.

Mr. Saborsky balançou a cabeça, aborrecido:

— E o inspetor sabe disso?
— Não... e eu ficaria grato se continuasse não sabendo.
— Mas isso é uma... uma...
—... violação da cena do crime, eu sei — disse Föll suavemente. — Não precisamos criar um incidente internacional, caso concorde.

Mrs. Samossa Depõe



Com poucas palavras, mas com um olhar amigável, Edmund Fëll recebeu Mrs. Stephany Samossa na porta.

Toda vestida de preto, Mrs. Samossa ostentava um visual para lá de venerável. No alto do chapéu-coco, uma pluma de avestruz dava o ar de sua graça.

Ela disse:

— Hector me avisou que os senhores queriam falar comigo, por isto vim vê-los.

— Como está se sentindo, Madame? Deve ter sido uma subida e tanto — disse Fëll.

Ela disse com bravura.

— Eu estou bem.

— Bem o bastante para responder algumas perguntas?

— Sem dúvida...

— A senhora é uma mulher de grande fibra, Mrs. Samossa — elogiou Fëll.

— Isso é tudo tão... terrível! — ela estremeceu. — Tudo, tudo isso.

— Eu sei, Madame, eu sei. Sente-se. A propósito... Seu filho é rapaz muito inteligente.

Stephany Samossa se sentou e disse:

— Hector é um cavalheiro. Um filho em um milhão. Hoje em dia, os rapazes da idade dele vivem se drogando, ou fazendo aquelas festinhas que geralmente acabam com a morte de alguém... ou por overdose ou por excesso de álcool. Alguns amigos de Hector já foram presos várias vezes e têm antecedentes criminais que dariam para encher uma página de jornal.

— Muito triste — concordou Fëll.

Fëll estudou a mulher por alguns segundos antes de começar o interrogatório.

— A senhora não notou nada de extraordinário ontem à noite? Digamos, alguém andando no corredor, um ruído ou algo assim?

Mrs. Samossa corou, mas respondeu com tranquilidade:

— Não, eu não vi nada. — Ela olhou para Mr. Saborsky e, sem qualquer aviso, perguntou: — Será que o senhor... poderia me trazer um cálice de *brandy*?

O ombro esquerdo do Mr. Saborsky tremeu levemente. Ele olhava para a mulher com expressão incrédula.

— O que, Madame?

— Eu sempre tomo uma dose de *brandy* de manhã cedo.

— Ah! — gaguejou o irlandês. — Quer que eu providencie um cálice de *brandy*?

— Sim, sim, se puder fazer o favor.

Mr. Saborsky hesitou. A ideia de descer para buscar a bebida não era muito sedutora, mas enfim...

— Está bem, eu já volto.

Ele saiu. Mrs. Samossa virou-se rapidamente para Föll. Com um tom recriminador, disse:

— O senhor não devia confiar nesse homem, Mr. Föll.

Föll admirou-se com a atitude dela.

— Algum problema com ele, Madame?

— É claro que sim — disse ela firmemente. — O senhor não reparou na estrutura óssea... no formato... do crânio? Achatado, longo na lateral...

— *Jawohl*? — perguntou Föll, cada vez mais atordoado.

— Achei que o senhor soubesse, Mr. Föll! O senhor... um estudioso da área criminal! O crânio do Sr. Saborsky... longo na lateral... Pessoas assim têm tendências homicidas. Tendências homicidas, o senhor não sabia?

Föll começou a duvidar seriamente da sanidade de Mrs. Samossa. Refletiu por um instante. E se...? Sim, talvez fosse o caso de tentar uma estratégia diferente.

Föll inclinou-se para perto da mulher e murmurou:

— Madame, a senhora tem toda razão. Eu também acho Mr. Saborsky meio... suspeito.

— Não é mesmo? — perguntou Mrs. Samossa, remexendo os quadris, como se dissesse: “Está vendo, eu poderia ser uma boa detetive!”.

Toda ansiosa, ela disse:

— Vamos, Mr. Föll, faça as suas perguntas... antes que ele volte.

Föll tossiu.

— É para já, Madame! A senhora por acaso não sentiu falta de um cinto? Estreito... da cor vermelha...

— Cinto? Não, creio que não.

— Mas a senhora ainda não conferiu!

Stephany Samossa corou de novo.

— É verdade. Desculpe-me...

— *Keine Schade*. Próxima pergunta: anteontem à noite, quem é que serviu o chá para sua irmã? Foi o mordomo? A copeira?

— Foi Morgan.

— O chá veio num bule?

— No bule de prata, sim.

— Alguém mais tomou chá? Ou só sua irmã?

— Eu... bem... acho que só Penny. Sim, só ela. Os outros preferiram vinho... ou *whisky*, não sei bem.

— Tente se concentrar, Madame — disse Fëll, a voz suave. — Isso é muito importante. Viu se alguém... qualquer pessoa... mexeu, ou tocou, no bule enquanto a bandeja esteve na mesa?

— Não sei... Não consigo me lembrar. Isso é importante, o senhor disse?

— Muito importante.

— Talvez... — respondeu ela, confusa. — Não posso dizer com certeza. É que eu estava... o senhor vê... preocupada com Penny. Ela teve um dia muito agitado, ligando para os músicos, discutindo preços... essas coisas.

— Vou citar alguns nomes — disse Fëll. — Tente se lembrar se alguma dessas pessoas chegou a se aproximar da mesa. Vou começar... O coronel Strohheimer.

— N-não. Oh, isso é tão difícil!

— Mrs. Strohheimer — continuou Fëll.

— Sim, sim! Margareth ficou conosco por um tempo.

— E *Sir Dumsley*?

— Meu sobrinho? Sim, sim. E também a namorada dele.

— Mr. Brad-Burg?

— Sim. Ele era tão bonito... tão gentil! Agora está morto.

— Miss Cox-Langley?

— Miss Cox-Langley! Miss Cox-Langley! Ela veio, sim. Que criatura abominável!

— O irmão dela... George?

— O rapaz musculoso? Sim, também.

— E o filho da senhora, Madame?

— Hector? — exclamou Mrs. Samossa. — Claro, ele estava comigo, Mr. Fëll. O senhor deve se lembrar...

Fëll ficou encabulado.

— Ah, sim, *entschuldige Sie mir*! — Retomando seu ar austero, continuou: — Morgan disse que Lady de Vahle tinha por hábito tomar duas xícaras de chá.

— Sim, é verdade. Penny gostava muito de chá.

— Creio, Madame, que a xícara foi servida pela primeira vez pelo próprio mordomo.

— Sim.

— A senhora consegue se lembrar quem serviu a xícara pela segunda vez?

— Quem? Eu não sei...

— Eu preciso que faça um esforço, Madame. Concentre-se naquela noite... na mesa... no som dos violinos... a senhora ali sentada... ao lado de sua irmã. Pense. Pense. Ela está bebericando o chá, em goles curtos, com etiqueta e classe. Mas, então, o chá acaba... e agora, Madame? O que acontece agora? Alguém enche a xícara pela segunda vez. Mas quem? Pense. Tente se lembrar... Quem foi que pegou o bule? Quem? A senhora deve saber... Tente, Madame! Tente...

Mrs. Samossa apertou as pálpebras.

— Isso é difícil, Mr. Föll! Não consigo... Eu não consigo!... Eu me lembro da música. A música... uma valsa, eu acho. Espere! Sim, sim... Eu me lembro de uma coisa. Miss Cox-Langley... Miss Cox-Langley quase tropeçou em cima de mim... presa na cauda de meu vestido. Que mulher estúpida!... Lembro também de Hector, ao meu lado, reclamando de tudo. As pessoas indo e vindo!... O vaso de flores que caiu e derramou na toalha... o vaso que Morgan ajuntou e levou para o porão. Miss Ambros... ela abraçou Penny... Lembro que Miss Ambros tinha uma manta amarela sobre os ombros... Quem serviu o chá de Penny? Quem? Ah!...

Com um grito, Mrs. Samossa abriu os olhos.

— Foi... foi Margareth Strohheimer. Foi Margareth quem serviu a segunda xícara de chá.

— A esposa do coronel — disse Föll. — Está certa disso?

— Estou, estou sim. Estávamos conversando sobre assuntos sociais e ela, quase que sem querer, pegou o bule e... Mas por que a pergunta, Mr. Föll?

“Porque isso pode ter custado a vida de Lady de Vahle”, pensou Föll consigo mesmo.

Mudando de assunto, Föll prosseguiu:

— A que horas a senhora foi se deitar, ontem à noite?

— Por volta das onze horas.

— Como sabe o horário?

— Eu ouvi as badaladas do relógio suíço.

Föll murmurou:

— A senhora estava na biblioteca quando o relógio deu as horas?

— Não. Já estava em meu quarto.

— A senhora se lembra quem estava na biblioteca quando a senhora subiu para seu quarto?

— Acho que quase todos. Importa muito saber?

— Talvez não muito — concordou Fëll. — Eu gostaria de saber outra coisa, Madame. A sua irmã chegou a contar para a senhora que estava sendo vítima de um roubo?

Stephany Samossa disse:

— Roubo? Não, acho que ela nunca me falou nada.

— Roubo de algumas joias — acrescentou Fëll.

— Não, não, acho que não. Penny teria ficado furiosa se alguém tivesse tentado fazer isto com ela.

— Então ele nunca disse nada a respeito?

— Não... não... Acho que eu me lembraria se ela tivesse falado. E... ouça, acho que Mr. Saborsky já está vindo.

Depois de entrar, o irlandês entregou o cálice de *brandy* para Mrs. Samossa. Ela o segurou com uma negligência quase ofensiva.

Mrs. Samossa respondeu às próximas perguntas com monossílabos — a ponto de ser quase impossível subtrair alguma coisa das respostas.

Fëll resolveu dispensá-la.

— Agradeço por seu depoimento, Madame. *Bitte...* peça que Miss Cox-Langley venha para cá.

Ela se levantou e, antes de sair, disse:

— Fique de olho aberto, Mr. Fëll. A estrutura óssea... — e piscou o olho, muito segura de si.

— O que ela quis dizer? — perguntou Mr. Saborsky.

— Parece que ela cismou com sua caixa craniana — disse Fëll distraidamente.

Miss Cox-Langley Depõe



Delgada e alta, Victoria Cox-Langley era uma presença marcante e seu perfume floral logo encheu a torre.

— Sente-se, Miss.

Ela sentou-se, obedientemente.

— Parece muito feliz hoje de manhã, Miss — constatou Fëll.

— E por que não estaria feliz? — disse Miss Cox-Langley, com sua voz suave e desdenhosa. — Não devo nada a ninguém, gozo de boa saúde.

— Um conceito um tanto egoísta, Miss — disse o detetive.

A mulher deu de ombros.

— Pode ser. Eu sou o que sou, e faço o que faço. Bom. O que o senhor quer de mim?

— Nossa prerrogativa é descobrir o assassino, Miss.

— Não sei com o que o senhor acha que eu posso ajudá-los.

— Miss Cox-Langley, quero que a senhora se reporte à noite da *soirée*. Incomoda-se de falar sobre alguns eventos dessa noite?

— Não. Mas não há muito o que falar.

Fëll disse de modo despreocupado e cordial:

— Talvez sim, talvez não. Por exemplo, ouvi dizer que a senhora foi cumprimentar Lady de Vahle em sua mesa... Lembra-se disso?

— Sim.

— Também ouvi dizer que a senhora tropeçou na cauda do vestido de Mrs. Samossa.

— Foi, foi sim. Que vexame! Quase caí no colo daquela ameixa seca. Que velha! Para mantê-la assim, só com formol. E, para piorar, a velha é louca!

— Mrs. Samossa... louca? — perguntou Fëll.

— E não é? Só sendo louca para usar um vestido cuja cauda ia até Mônaco!

— *Gut, ganz genau!* — riu Fëll. — Ao tropeçar, derrubou o vaso no centro da mesa, não foi, Miss?

— Acho que o senhor está confundindo um pouco as coisas. Eu não derrubei o vaso. O vaso foi derrubado antes disso. Havia aquela mulher gorda... *Stroh-*

não-sei-o-quê... conversando com Lady de Vahle. Falavam de uma crise não-sei-onde... Nisso chegou Miss Ambros e disse: “Ui, ai... Que lindo, Lady! Ai, ui!”

— Miss Ambros usou essas palavras, Miss? “Ui, ai... Que lindo, Lady!” Tem certeza?

Miss Cox-Langley olhou para o teto, os lábios movendo-se enquanto murmurava:

— *Perdoe a incredulidade desse homem, Senhor!* Tudo bem, ela não usou essas exatas palavras, *ok*? Estou só remontando os fatos.

— Remontando os fatos? *Nein, nein* — discordou Fëll. — A senhorita está *enfeitando* os fatos.

— Deus, que demagogia! *Ok, ok*, esqueça o: “Ui, ui, ai, ai”. Eu não ouvi o que Miss Ambros disse, está bem? Não ouvi.

— Continue — disse Fëll.

— Depois de cumprimentar a duquesa, Miss Ambros deu um abraço nela. Foi aí que a manta (de um tecido largo e vaporoso) se enroscou nas flores e... puf, derrubou o vaso.

— Hmm — murmurou Fëll. — A sequência dos fatos, portanto, é esta: Mrs. Strohheimer está lá, sentada... Miss Ambros derruba o vaso... a senhora tropeça no vestido de Mrs. Samossa.

— Exatamente. Tudo bem explicadinho. Pensando naquilo... sabe... até que é engraçado...

— O que é engraçado?

— Na hora eu mal notei, mas agora, lembrando a cena...

— Diga, diga...

— Lady de Vahle estava cuspidando fogo — murmurou Miss Cox-Langley, devagar. — Estava brava, muito brava.

— Brava? Brava por que tinha sofrido algum abalo?

— Um abalo?

— Ela podia estar irritada com uma das empregadas etíopes — sugeriu Fëll.

— Ah! Sim, podia.

— Mas a senhora não sabe?

— Não, não sei.

— O que fez a seguir, Miss?

— Fui para a minha mesa e fiquei lá por cerca de meia hora.

— E depois?

— Depois? Depois eu fui para a pista de dança, provoquei Roy, armei um barraco, George veio em minha defesa, ele atirou em Roy e aconteceu todo

aquele fuzuê que o senhor já conhece de cor e salteado.

Fëll inclinou-se para a frente:

— E que sentiu ontem de manhã, Miss?

— O que eu senti?

— Sim... o que sentiu quando soube que sua ex-sogra estava morta?

— Acho que fiquei nervosa...

— Nervosa? Com o quê?

Ela mordeu o lábio.

— Com a possibilidade de ser presa, não é não? Afinal, eu tinha motivos para ver a velha morta. E, de uma hora para outra, a velha estava morta.

— Ficou mesmo tão nervosa com a possibilidade de ser presa? Querer alguém morto e matar alguém são duas coisas bem diferentes, Miss. Desejar a morte de alguém não é crime.

O detetive ajeitou pensativamente o monóculo e, passados momentos, perguntou:

— Qual era o seu plano?

— O meu plano?

— Sim. Ao vir para cá com seu irmão, a senhora devia ter um plano.

— O senhor acha que vim para a Escócia preparada para matar alguém — declarou a mulher. — Não é verdade. Vim exigir meus direitos... pacificamente.

Fëll soltou a pergunta seguinte da maneira mais natural:

— Tem um estojo de maquiagem, Miss Cox-Langley?

— É lógico!

— Noto que seu batom é cor-de-rosa.

— Prefiro cores claras.

— *Richtig* — acenou Fëll. — E cintos? Prefere couro ou...

Victoria Cox-Langley teve uma reação inesperada.

— Nada feito, Mr. Fëll! Se o senhor está tentando me sondar a respeito do cinto que matou o inglês, sinto desapontá-lo. Aquele cinto pertencia a Felicia Ambros.

Fëll olhou para a mulher como quem pede esclarecimento.

— A polícia deu uma prensa nela — disse Miss Cox-Langley —, e Miss Ambros admitiu tudo.

Fëll foi tomado de um sentimento de frustração.

O suspiro do detetive surpreendeu Miss Cox-Langley.

— Ah, estou entendendo! O senhor está em uma espécie de competição com o inspetor Burd, não é? Pois eu posso ajudá-lo, Mr. Fëll. Eu sei de uma coisa que o

inspetor ainda não sabe. — E num sussurro cúmplice, acrescentou: — Eu vi o coronel fazendo uma coisa suspeita.

Fëll olhou para ela, surpreso. Então se inclinou um pouco para perto dela.

— O coronel Strohheimer?

— Sim. Essa madrugada, eu vi o coronel Strohheimer descendo a escadaria... Ele estava com a bengala em uma mão e, na outra, um banquinho.

— A que horas foi isso?

— Umas duas e meia da manhã.

— Às duas e meia da manhã, o Coronel Strohheimer veio para o térreo...

— ... carregando um banquinho — disse ela.

— Sim, sim. Carregando um banquinho — disse Fëll. — E por que ele veio para o térreo?

— Isso eu não sei.

— Lembra-se de mais alguma coisa?

— Não — disse Miss Cox-Langley.

Muito antes de iniciar este diálogo, Fëll confeccionara uma lista das perguntas. Já fizera uma parte delas, mas chegou à conclusão de que não valia a pena prosseguir.

— Acho que já é o suficiente por hoje, Miss.

— Espero ter ajudado.

— Ajudou, Miss. Tenha a bondade de mandar o seu irmão vir para cá, sim?

Quando a porta se fechou com um estalido do trinco, Mr. Saborsky deu um suspiro.

— Isso aqui virou um telecine. *Eu vi ele! Eu vi aquele outro!* Parece que todo mundo viu alguém ou alguma coisa.

O Coronel e a Esposa



Quando George “Pinky” Cox-Langley entrou, o detetive percebeu que ele parecia nervoso e assustado.

— A sua irmã falou com você? — perguntou Fëll.

— Falou — disse George.

Fëll puxou uma cadeira para o rapaz e, encarando-o, disse amavelmente:

— Sente-se, Mr. Cox-Langley.

George Cox-Langley tinha cerca de vinte e oito anos. Um jovem de boa estatura, forte, desconcertantemente humilde, o tipo de pessoa cujo cérebro parecia pertencer a um adolescente de dezoito anos.

Ele aceitou uma cadeira e murmurou gentilmente:

— Obrigado.

— Mr. Cox-Langley... — começou Fëll em tom brando.

— Por favor, pode me chamar de George.

— Muito bem, George. Queremos falar dos assassinatos. Acho que é a melhor estratégia... principalmente depois do episódio com Mr. Brad-Burg.

George hesitou um pouco, e depois disse:

— Ainda não consigo acreditar... que seja verdade... que Francis esteja morto. Eu gostava dele. Era um bom parceiro de jogo... não trapaceava... Quem será que o matou? Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas?

— Acha que pode ter sido sua irmã, George?

Por baixo do rosto bronzeado, o rapaz empalideceu.

— Vicky? O senhor não está sugerindo que... Claro que não!

— Pense nisso, George. Houve duas mortes e, apesar das similaridades, sem nenhuma ligação aparente.

— Mas Vicky não mataria ninguém. Eu sei disso. Vicky não é uma mulher violenta. Parece-me injusto que o senhor seja capaz de pensar, por um momento sequer, que Vicky tenha matado duas pessoas!

— Então, se não foi ela, quem foi? — perguntou Fëll.

— Algum psicopata — disse George. — Algum louco.

Fëll interrompeu habilmente:

— Precisa nos contar o que sabe, George.

— Eu contaria, se soubesse. Mas não sei de nada.

— Por que exatamente sua irmã quis vir para a Escócia?

George limitou-se a piscar os olhos.

— Vicky sempre foi obstinada. E independente. Ela já viveu em Copenhague, Nápoles... sempre sozinha. Daí Vicky conheceu Roy... daí os dois se casaram... daí Roy fez aquela crueldade com ela. Antes que a coisa ficasse pior, papai me obrigou a vir atrás dela. Primeiro Vicky passou um longo período na clínica. Depois, fomos morar em Yorkshire. De lá, fomos para a Índia.

George lançou um olhar para o detetive, mas como este ficasse calado, prosseguiu apressadamente:

— Foi lá que Vicky recebeu a carta.

— Carta? Carta de quem?

— Não sei.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há um mês.

— A partir daí, houve alguma mudança no comportamento de sua irmã?

— Vicky mudou da água para o vinho, como se diz. Depois de ler a carta foi que ela decidiu vir para a Escócia.

Os olhos de Fëll brilharam.

— Uma atitude muito estranha — avaliou.

— Achei que foi muita imaturidade da parte dela — disse George.

— Você deve estar arrependido por ter vindo — continuou Fëll.

— É, eu podia estar com meus pai, na Antuérpia.

— Obrigado, George, é tudo que precisamos de você. Não há mais nada que você queira nos contar?

O rapaz levantou-se.

— Não há nada, senhor.

— Então pode ir. Ah... se não for incômodo, poderia mandar o coronel Strohheimer e a esposa para cá?

Depois de George ter saído, Mr. Saborsky comentou:

— Parece que essa carta é o estopim de tudo.

Fëll disse:

— Concordo. Quem escreveu a carta? Por quê? Onde?

Durante algum tempo, discutiram duas ou três relacionadas à misteriosa carta recebida por Miss Cox-Langley. Dali a pouco, o coronel Strohheimer e a esposa se apresentaram na torre.

Fëll fez questão de cumprimentá-los pessoalmente.

— Como vai? Como vai? Queiram entrar, por gentileza.

Mrs. Strohheimer estremeceu. Perguntou em voz baixa, trêmula:

— O senhor já descobriu qualquer coisa que possa levar ao assassino, Mr. Fëll?

— Ainda não, Mrs. Strohheimer.

— É tão horrível... tão absolutamente horrível.

— Mas aconteceu, Mrs. Strohheimer.

— O senhor vai desvendar esse caso, não vai?

Fëll puxou uma cadeira para ela.

— Faremos o possível, Madame.

Perfilado, esperando corretamente o convite do detetive para se sentar, o coronel perguntou:

— Desculpem-me, cavalheiros, mas quem são os senhores?

Como se fizesse uma proclamação real, Fëll disse:

— Este é Mr. Saborsky, diretor da *Traveling Theatrical Company*. E eu, conforme o senhor já sabe, sou um detetive.

— Sim, sim, sei disso — respondeu o coronel, impaciente. — O que eu quero saber é quem os encarregou de dirigir esse inquérito? Achei que a polícia estivesse adequadamente equipada para tomar conta do assunto.

— É a junção de duas frentes. Duas linhas combatendo o mesmo inimigo. A polícia lá embaixo e nós, aqui em cima. Além disso, coronel — explicou Fëll —, à vista do novo assassinato, somos forçados a interrogar os hóspedes.

— Perda de tempo — replicou o coronel secamente.

— O que disse?

— Eu disse que é perda de tempo. Podem interrogar os hóspedes, as camareiras, os cavaleiros, qualquer um. Duvido que descubram o assassino. De qualquer forma, tudo o que eu sei está à sua disposição se servir para alguma coisa.

— Sabem da identidade da última vítima?

Com um gesto enérgico, Fëll indicou a outra cadeira. O coronel sentou-se e respondeu:

— Claro. O tal ator *inglês*.

Fëll notou a leve reticência do militar ao pronunciar a palavra “*inglês*”.

— Bom, agora vamos ao que interessa. Primeiro o senhor... Houve uma testemunha que disse... — Fëll fez uma pausa.

O rosto do coronel tornou-se sombrio.

— Sim? Continue...

— Bem, na realidade é uma coisa insignificante — disse Fëll muito devagar.

— Insignificante?

— Oh! Não é nada. Um simples detalhe. Uma testemunha disse ter visto o senhor... de madrugada... fazendo um passeio noturno para o térreo. Pareceu um pouco... estranho. Pode não ser nada — desculpou-se Fëll. — Porém, o senhor sabe... de madrugada... no maior silêncio... as coisas assumem um aspecto bastante misterioso.

— Quem disse isto?

— Não revelamos nomes — disse Fëll candidamente.

— E esse informante anônimo disse mais alguma coisa?

— Disse. Disse que o senhor carregava um banquinho.

— Essa é boa! Muito boa — e o coronel rompeu em uma gargalhada.

— Então nega a veracidade da informação?

— Naturalmente!

— Certo — disse Fëll. — Vou registrar sua resposta — e puxou o caderninho de notas e a caneta.

— Para que isso? Para quê?

— Mera formalidade.

— Eu vou precisar assinar?

— Claro que sim, coronel. É uma declaração juramentada. É um preço a se pagar para evitar certas inconveniências futuras.

Fëll escreveu rapidamente no caderninho. Terminando de escrever, deixou o coronel de lado e virou-se para Mrs. Strohheimer.

— Madame, eu gostaria de fazer uma pergunta sobre a noite da *soirée*.

— Ai, meu Deus! Tomara que eu me lembre...

Fëll sorriu.

— Vai se lembrar, Madame. A senhora estava lá. A senhora é uma testemunha ocular. A senhora viu o que aconteceu. Preste atenção... Concentre-se... Concentre-se e tente se lembrar do acidente com o vaso de flores.

Mrs. Strohheimer franziu a testa.

— Acidente com o vaso flores?

— Envolvendo Miss Ambros — ajudou Fëll.

— Ah, sim! Isso mesmo... Foi uma infelicidade! Felicia Ambros quis abraçar Penny... A manta sobre seus ombros voou por cima da mesa e acertou o vaso de flores!

— Muito bem, Madame. Vamos trabalhar com objetividade. A senhora não

viu se Miss Ambros tinha alguma coisa na mão? Um frasco... ou vidrinho, algo assim? O laudo apontou que Lady de Vahle morreu em decorrência de uma mistura letal de remédios. Remédios que provavelmente foram ingeridos junto com o chá. A senhora não viu Miss Ambros colocando a mão sobre o bule ou a xícara de chá de Lady de Vahle?

— O senhor acha que os remédios foram colocados durante a *soirée*?

— Por que não?

— Mas, como?

— Não sei, Madame. A senhora viu alguma coisa?

— Eu não vi nada, juro que não vi.

Föll perguntou num tom de voz completamente diferente da pergunta anterior.

— A senhora não tem qualquer sugestão sobre quem seja o assassino?

Ela respondeu secamente:

— Eu sei que não podemos acusar ninguém, mas com certeza Miss Cox-Langley está envolvida.

— Miss Cox-Langley?

— Sim.

— Pode ser, Madame. Pode ser — disse Föll. — Permita-me apenas abrir um parênteses, Madame. Pelo que consta, Miss Cox-Langley estava furiosa com *Sir Dumsley*. Por que ela mataria Lady de Vahle? Ou Mr. Brad-Burg? A questão primária é: qual será a intenção do assassino? Aonde ele ou ela está querendo chegar?

Mrs. Strohheimer disse:

— Não faço ideia. Não faço a menor ideia. Mas me parece...

— Sim?

— Que o assassino esteja querendo matar toda a família *de Vahle* — completou ela com muita convicção.

“Não é uma má teoria”, pensou Föll. “Além do mais, está em harmonia com as linhas gerais do caso.”

— Muito bem, Madame. Agora sim estamos chegando a algum lugar. E o senhor, coronel? Continua negando ter sido a pessoa vista pela minha testemunha?

O coronel disse em voz baixa e irritada:

— Se for a minha palavra contra a dela... sim.

Depois de disparar um olhar reprovador para o marido, e contrair severamente os lábios, Mrs. Strohheimer perguntou, um tanto constrangida:

— O senhor deseja que eu assine, Mr. Föll?

Fëll pestanejou:

— Assinar, Madame?... Ah, bem lembrado. — E estendendo a agenda: — Aqui em baixo, nesta linha. Nome e endereço, *bitte*.

A matrona obedeceu.

O casal saiu e Mr. Saborsky inclinou-se para frente, massageando as têmporas.

— Ufa. As coisas parecem que renderam o dobro. O dobro de confusão. Há uma coisa que eu não entendo. O senhor perguntou se Mrs. Strohheimer havia visto Miss Ambros com um frasco na mão. Porém, pelo que sabemos, a própria Mrs. Strohheimer poderia ter drogado o chá de Pennélophe.

— Sim, não deixa de ser verdade. Mas, por enquanto, não temos provas disso. Temos que observar, medir, recolher provas e só aí tirar uma conclusão.

— Provas! Certo... — disse Mr. Saborsky. — Bem, e agora? Quem será nosso próximo entrevistado?

O detetive se debruçou sobre a lista de nomes.

— Vejamos! Vejamos! Mrs. Samossa? Já veio — enumerou. — Hector Samossa. Também, também... Os irmãos Cox-Langley? Já vieram. A-há! Aqui! Hora de chamarmos Felicia Ambros... a peça-chave do caso.

Miss Ambros Depõe



Felicia Ambros entrou enxugando os olhos com o lenço.

— Olá...

Mr. Saborsky, que olhava as vans com os jornalistas se apinhando lá embaixo no pátio, respondeu, sem virar a cabeça:

— Oi, Miss. Tudo bem?

Polidamente, Fëll fez um gesto e Miss Ambros se sentou.

Felicia Ambros era bela, inteligente e simples, uma combinação de qualidades muito raras entre as celebridades que a imprensa gostava de explorar de todos os ângulos.

Dois assassinatos em Keynsworth. Era terrível! Inacreditável! *Keynsworth*. Assassinato — uma palavra que Miss Ambros conseguia associar a grupos terroristas como Al-Qaeda, Talibã, Hamas, ou maridos violentos envenenando suas esposas. Mas assassinato aqui... num castelo — num castelo construído há tantos séculos — em *Keynsworth*. Incrível.

— É verdade, Miss — concordou Fëll. — É incrível.

— Nunca imaginei que um dia veria Francis naquele estado! A morte é uma coisa tão monstruosa. Tão cruel... a morte.

Fëll disse compreensivamente:

— Sim, não precisa se justificar, Miss. Seria esquisito se a senhorita dissesse o contrário. Antes de continuarmos, me diga... Como vai *Sir Dumsley*? Está tudo bem com ele?

Felicia deu de ombros.

— Não sei. Roy se nega a falar comigo. Eu não entendo... simplesmente não entendo.

Fëll disse:

— *Sir Dumsley* se nega a falar com a senhorita? Creio que isso seja fácil de explicar, Miss. Eu vou ajudá-la a entender. A senhorita não teve, ontem à noite, uma conversa com Mr. Brad-Burg... uma conversa de natureza mais ou menos íntima?

— Conversa de natureza mais ou menos íntima? Do que o senhor está

falando?

— Tente se lembrar... Quando veio do estábulo, Miss. Havia três pessoas na sala... Mrs. Strohheimer, Mr. Brad-Burg e eu. Lembra-se disso? Lembra-se do que a senhorita e o rapaz fizeram logo em seguida?

— Nós conversamos — disse Felicia.

— Sim, Miss. Mas conversaram onde?

— Numa sala ao lado. O que é que tem de errado nisso? A conversa era *reservada*. Conversamos numa sala *reservada*.

— Para todos os efeitos, não é assim que *Sir Dumsley* pensa, Miss. Ele acha que pode ter havido algo mais do que uma simples conversa.

— Algo mais? Algo mais como o quê? Um beijo?

— Talvez — disse Fëll.

— Ora, que bobagem! Por que eu ia querer beijar Francis?

— Não sei, Miss. Se não aconteceu nada entre vocês, devia falar sobre isso com *Sir Dumsley*. Creio que ele merece uma explicação. Da minha parte, meu único interesse é determinar o estado de espírito do jovem Brad-Burg horas antes de sua morte. E como a senhorita falou com ele antes da ocorrência... bem, achei que pudesse nos dar alguma informação.

— Pode estar certo de que faria tudo o que estivesse a meu alcance para ajudar — respondeu a atriz. — Mas, infelizmente, não notei nada de anormal. Embora Francis fosse um amigo, eu mesma não o conhecia muito bem.

Fëll observou-a com atenção.

— Então, Miss... O que foi que Mr. Brad-Burg queria com a senhorita?

— Pouca coisa. Ele disse: “Amanhã de manhã, vou embora daqui, Fê. A gente se vê de novo no seu casamento.” Foi o que ele disse, nada mais.

— Então, ele só quis comunicar que estava indo embora, é isso?

— Sim.

— Como a senhorita aceitou a decisão dele?

— Fiquei transtornada, claro.

— Aconselhou-o a reconsiderar?

Felicia abaixou a cabeça.

— Sim. Mas Francis estava determinado — confessou.

Seguiu-se uma longa pausa e depois, sem qualquer mudança de voz, o detetive disse:

— O cinto usado no assassinato... O cinto era seu, Miss?

— Sim... o cinto era meu.

Seguiu-se nova pausa e, por fim, Fëll perguntou:

— E como acha que seu cinto foi parar nas mãos do assassino, Miss?

Os segundos passaram, em silêncio. Ao fim de dois minutos, a atriz franziu a testa e Fëll estremeceu, ao ver a expressão dos seus olhos.

— Eu vou ser muito clara, Mr. Fëll. Para mim, o cinto foi roubado de meu quarto.

— Eu também vou ser claro. A senhorita acredita que o seu cinto foi deliberadamente roubado e que, mais tarde, serviu para matar uma pessoa?

— Sim.

— A senhorita viu o assassino entrar em seu quarto, para saber o que aconteceu?

— Não, não vi. Mas, meu Deus, só pode ter sido isso!

— A não ser, Miss, que a senhorita tenha dado o cinto para o assassino.

Felicia abriu a boca, espantada.

— Está querendo dizer que eu sou cúmplice do assassino? O senhor deve ler muitos romances policiais!

Fëll fixou o olhar impassível na moça.

— Anteontem à noite, a senhorita usava uma manta amarela, não é? Uma manta “larga e vaporosa”...

Felicia teve um movimento de surpresa.

— S-sim. Por quê?

— Porque, por conta disso, a senhorita acabou derrubando um vaso da mesa de Lady de Vahle, não foi?

— Um vaso? Oh, sim! Eu me lembro disso.

— Como foi que Lady de Vahle reagiu?

— Oh, ela teve a atitude natural de uma anfitriã. O vestido dela ficou um pouco molhado, mas ela insistiu que estava tudo bem e, depois de usar o próprio lenço para se limpar, chamou Morgan para tirar o vaso da mesa. Se me lembro bem, ela disse: “Essas coisas acontecem”.

— Em caráter pessoal, diga uma coisa: naquela hora, viu a xícara de chá na mesa de Lady de Vahle?

— Vi.

— Lembra-se quem estava na mesa de Lady de Vahle?

— Acho que Mrs. Samossa... sim, Mrs. Samossa estava lá... Também o filho dela... e, se não me engano, Mrs. Strohheimer.

— A senhorita acha que pode ter sido Mrs. Strohheimer que colocou as drogas no chá da duquesa?

— Agora que o senhor perguntou... sim, pode ter sido ela.

— A senhorita viu?

— Ver eu não vi, mas se não foi ela, quem foi? Essa mulher teve a chance... e tinha os motivos.

— Motivos? Que motivos?

Estimulada pela pergunta, Felicia narrou uma ocorrência estranha envolvendo um jovem Roy Dumsley e uma mulher chamada Margareth Van Frysler.

— Miss Van Frysler era dona de um cãozinho chihuahua. Ela adorava o bichinho. Mas, um certo dia, o cãozinho sumiu. Miss Van Frysler ficou quase louca. Depois de procurar em tudo o que é lugar, descobriram o cãozinho à beira do lago, morto havia duas semanas. O caso provocou a indignação de toda a família. E quem o senhor acha que afogou o pobre chihuahua? O meu namorado... o querido Roy!

Fëll esfregou o queixo, confuso.

— Acho que perdi o pulo do gato, Miss.

— Van Frysler é o nome de solteira de Mrs. Strohheimer — explicou Felicia. — Ela jurou que vingaria a morte do cãozinho. E aposto que os dois assassinatos estão ligado a essa vingança.

“Uma vingança orquestrada por causa da morte de um chihuahua?” pensou Fëll. Era uma teoria arriscada.

— Vamos levar sua teoria em conta, Miss. Agora desça e vá fazer as pazes com *Sir Dumsley*.

Ao deixar a torre, Miss Ambros parou junto à porta.

Ela corou e disse:

— Esclareça esses assassinatos, prenda o responsável por eles, Mr. Fëll.

Fëll balançou a cabeça. Ele disse:

— Faremos nosso melhor.

— Obrigada — e ela saiu.

Em Resumo...



O celular de Mr. Saborsky tocou. Ele atendeu o aparelho.

— Sim?

O irlandês acenou para Föll.

— É para o senhor.

Mr. Saborsky o observou enquanto Föll atendia o telefonema.

Föll reconheceu a voz de *Sir Dumsley*.

— Alô! Mr. Föll?

— Sim. Sou eu.

— O senhor já tem alguma novidade?

— Ainda não — disse Föll. — Mas creio que o senhor não precisa se preocupar muito com isso. O inspetor Burd e o departamento de investigação criminal escocês também estão trabalhando no caso... Sim, senhor... Alguma coisa mais? Não? Tchau, Sir.

Föll desligou o telefone e devolveu-o ao irlandês.

— O que ele queria?

— Só Deus sabe — disse Föll.

Föll pousou sua agenda com capa de couro e a caneta Montblanc sobre a mesa e, sentando-se, começou a escrever.

Durante os próximos quinze minutos Mr. Saborsky só ouviu os rabiscos da caneta e, volta e meia, os “Ahs!” e “Hums!” murmurados pelo detetive.

Concluindo seu exercício literário, Föll repassou a agenda para o amigo.

— Se faltar algo, fale.

Meio desconfiado, Mr. Saborsky leu:

O Homicídio de Lady de Vahle

O corpo de Lady Pennélophe de Vahle não apresentava cortes visíveis, ou contusões que parecessem efeito de golpes, apenas a marca de um tiro no peito. No entanto, o laudo médico atestou com segurança que a causa da morte foi a mistura letal de um antialérgico com um sedativo colocada em sua xícara de

chá.

Ninguém, seja quem for, se apresentou, até agora, com alguma informação sobre um provável motivo para o assassinato.

Dúvida 1: Por que o assassino escolheu aquela noite e aquelas circunstâncias em particular? Embora qualquer um entre os presentes possa ter esticado a mão sobre o bule ou xícara com a maior facilidade, ao mesmo tempo, qualquer um poderia ter sido pego fazendo isso! Por outro lado, se o assassino teve a coragem de agir abertamente e de modo tão despreocupado, como é que ninguém viu nada?!

Dúvida 2: Quem atirou em Lady de Vahle? O próprio assassino? Ou outra pessoa? Seja como for, qual foi a intenção da pessoa que atirou? Garantir a morte? Ou camuflar alguma coisa? Mas o quê?

Dúvida 3: O assassinato tem alguma coisa a ver com o cumprimento das ameaças feitas contra Sir Dumsley?

O Homicídio de Mr. Brad-Burg

Sua morte: Estrangulado por um cinto que pertence a Miss Ambros.

Fatos: Foi morto depois das três horas da madrugada (horário em que alegadamente foi visto vivo por George Cox-Langley). Tudo indica que Mr. Brad-Burg conhecia a identidade do assassino de Lady de Vahle e provavelmente seja esse o motivo pelo qual tenha sido assassinado.

Dúvida 1: Uma vez que foi usado clorofórmio para imobilizar a vítima, significa isso que o assassino premeditou o crime?

Dúvida 2: Como o cinto foi roubado do quarto de Miss Ambros?

Detalhe: em nenhum dos casos o horário do crime fornece qualquer indício real.

Com motivos: Sem motivos aparentes:

Margareth Strohheimer George Cox-Langley

Miss Cox-Langley Coronel Strohheimer

Miss Ambros Sir Dumsley

Mrs. Samossa Hector Samossa

Mr. Saborsky

Suspeitos:

Cel. Strohheimer: Prova contra ele — Nenhuma. Fato suspeito — Nenhum, exceto ter sido visto vindo para o térreo, às duas e meia desta madrugada (segundo o depoimento de Miss Cox-Langley). Atenuante: até onde se sabe, não esteve perto do bule de chá de Lady de Vahle. P.S.: perito em armas.

Margareth Strohheimer: De acordo com Miss Ambros, teve o cão de estimação afogado por Sir Dumsley, décadas atrás. Agravantes: Esteve perto da duquesa na noite da soirée.

Miss Cox-Langley: Com motivos e também a determinação. Teria acesso ao chá... mas não poderia ter atirado na duquesa, uma vez que ela e o irmão estavam trancados à chave no próprio quarto. Agravante: desde o primeiro dia destilou ódio contra Roy Dumsley (por causa de uma suposta agressão com ácido sofrida anos atrás). Também poderia ter assassinado Mr. Brad-Burg.

Mr. Saborsky acenou.

— Qual é sua opinião? — perguntou Fëll.

— Minha opinião sobre o quê?

— Sobre esses crimes — disse Fëll. — Há algum ponto que julgue estranho ou incompreensível?

— Há um detalhe que me parece estranho — respondeu Mr. Saborsky. — O broche que encontramos na mão de Penny.

Fëll disse:

— Provavelmente o broche foi deixado lá de propósito. Vou sugerir outros pontos para reflexão: de quem foi o batom usado para escrever as mensagens contra Sir Dumsley? E como os óculos de Hector Samossa foram parar no bolso da camisa de Mr. Brad-Burg?

Mr. Saborsky se levantou e, endereçando um olhar ao detetive, disse:

— Muitos mistérios. Mistérios demais. Se não precisa mais de mim, gostaria de descer e prestar minhas últimas homenagens à amiga querida amiga e patrocinadora pessoal.

Fëll assumiu uma expressão solidária:

— Quando será o enterro?

— Hoje à tarde.

— A que horas?

— Às 4h.

— Que pena, eu já tinha outras coisas em vista para hoje à tarde.

Mr. Saborsky olhou com ar curioso.

— Que coisas?

O Revólver



— Agradeço por ter se voluntariado para participar no meu pequeno projeto, *mein Freund* — disse Edmund Föll. — Agradeço muito!

Mr. Saborsky pareceu um pouco chateado. Eram quatro horas da tarde e ele e o detetive caminhavam sozinhos pelos corredores vazios do castelo.

Mr. Saborsky queria ter ido ao funeral, no qual se dizia estariam presentes políticos e policiais da região. Com isso em mente, o irlandês tentara de tudo para convencer o detetive, mas Föll estava determinado a fazer a busca atrás do revólver e rejeitou todas as objeções: (1) Que o funeral poderia ser visto no telejornal da noite. (2) Que todo mundo em Keynsworth corria perigo, perigo iminente e imprevisível, pois o assassino era misterioso e agia sem a menor consideração pela vida humana. (Assassino, no singular, ou quem sabe, assassinos, no plural.) Era preciso portanto detê-lo(s) de qualquer jeito.

— O senhor agradece por eu ter me voluntariado, hein? — queixou-se o irlandês, aborrecido. — Só para deixar claro, Mr. Föll, a polícia já revistou o castelo ontem de manhã.

— Eles revistaram os quartos?

— Ontem de manhã — repetiu Mr. Saborsky.

— Inclusive o sótão e o porão?

— Sim.

— Inclusive a cozinha e a despensa?

— Tudo.

— E não acharam rastro do revólver?

— Pelo que eu saiba, nada — disse Mr. Saborsky.

— *Machen Sie sich keine Sorgen* — disse Föll. — Uma vez que Sir Dumsley me deu a chave dos quartos, não custa fazer uma nova busca.

— E se o assassino descartou o revólver?

Föll balançou a cabeça.

— É pouco provável. Ele tem evidentemente um esconderijo que considera seguro. Venha, precisamos esclarecer logo este assunto. Aí está: o quarto do casal Strohheimer.

Entraram no quarto.

Edmund Fëll, sem perder tempo com discursos, pronunciou apenas duas palavras: *arma* e *batim*. A busca foi feita da maneira adequada. Havia pouca coisa na bagagem do coronel: roupas, um taco de críquete, um livro sobre a febre tifoide no Kuwait e um catálogo de pedras preciosas, com preços e descrições das gemas. Fëll folheou o catálogo, e voltou a guardá-lo no mesmo lugar. Havia também um estilete, comprido e pontiagudo, cuja utilidade Fëll não conseguiu determinar.

— O coronel parece ser um camarada honesto. Mas apesar disso há qualquer coisa nele...

Na bagagem feminina havia analgésicos, um chapéu de palha Payon e um álbum de fotos.

— Fotos da família, em sua maioria — disse Fëll, folheando rapidamente o álbum. — Esta fotografia deve ser da casa... em Aberdeen, não é?

— Sim. Aberdeen.

— Uma mansão vitoriana, sim senhor. Aqui... a sala de estar. Veja, eles têm um relógio antigo. O que é isto aqui? Bonequinhos de cerâmica...

Mr. Saborsky disse:

— *Matroskas*. Esse é o nome... *matroskas*.

O próximo quarto era de Miss Ambros.

Fëll ficou surpreso com o que viu no armário do banheiro: duas fileiras de todo tipo de remédios, pelo menos trinta caixas e frascos, de variadas embalagens e tamanhos, todos exibindo o selo de identificação do Ministério da Saúde.

— É uma atriz maravilhosa — comentou Mr. Saborsky —, maravilhosa. Sempre há dinheiro por trás dela, embora, para ser justo, ela atue muito bem. Tem muita personalidade, muito talento e simpatia.

Dois vestidos de lã. Uma saia com um casaco. Meias. Uma escova e um pente, usados mas muito limpos. Numa bolsa, uma variedade estonteante de artigos de beleza: xampu, condicionador, *leave-in* (creme para pentear), reparador de pontas.

— Quanta coisa para cabelo! — exclamou o dramaturgo.

Entre as folhas de um diário novo, Fëll viu um cartão-postal com uma dedicatória. Deu uma lida por cima:

Felicia,

Amo você de toda alma, de todo o coração. Você é o anjo que cuida de mim.

Estou preparado para viver com você para sempre. Linda!

Roy.

— Quanto romantismo! — murmurou Fëll.

Seguiram adiante. Segundo as anotações, o outro quarto pertencia a George Cox-Langley. Fëll postou-se atrás da porta e espiou o corredor.

— Parece que George estava longe demais para ver o rosto de Mr. Brad-Burg. E, além da distância, há outro problema.

— Que outro problema?

— Os aposentos de Mr. Brad-Burg ficavam logo ali ao lado. George disse que ouviu ruídos às três horas da manhã. Se ele estava deitado, levaria de dez a vinte segundos até vir para a porta. Em vinte segundos, Francis Brad-Burg já teria desaparecido de seu campo de visão.

— Ou seja?

— Pode ser que George não estivesse dormindo ou... — e Fëll fez uma pausa.

— Ou?

— Ou foi ele quem seguiu e matou o inglês.

Fëll revistou a bolsa de viagem de George. Encontrou um vidro de perfume da marca Magie Lâncome. O detetive destampou o frasco. O cheiro era forte e repulsivo. Fëll fez uma cara de espanto, como se aquele odor despertasse nele alguma recordação. Balançou a cabeça e voltou a guardar o frasco na bolsa. De resto, a busca foi infrutífera e eles foram para o quarto seguinte:

— Miss Cox-Langley.

Miss Cox-Langley era uma mulher extremamente vaidosa. Uma comprida capa branca, com gola de pele de raposa, estava pendurada atrás da porta. Examinaram a mala, também luxuosa. Havia vestidos de seda, botas de cano longo... enfim, só roupas de grife e calçados caros.

Mr. Saborsky balançou a cabeça.

— É como diz o lema: “Gostou? Use como quiser. É moda, use”.

— Bem, nada de armas, nem batons — disse Fëll.

Saíram. Foram rumo ao quarto de Francis Brad-Burg. Todas as coisas do inglês estavam empacotadas e seriam despachadas no dia seguinte.

— O corpo será transladado para Hampshire — disse Mr. Saborsky.

Fëll demorou-se ali um momento, com as pernas afastadas, o corpo levemente inclinado para frente, os olhos vagos e pensativos.

O quarto seguinte pertencia a Stephany Samossa.

Mrs. Samossa possuía aquela diversidade de coisas que eles já conheciam. De

novo, vasculharam os travesseiros, as gavetas e as dobras da cortina. Fëll correu os olhos pelos recortes de jornais e separou-os em três montes. Os conselhos sobre moda e beleza... artigos sobre estrelas de cinema (por quem Mrs. Samossa parecia ter verdadeiro fanatismo)... e receitas de bolo.

Mr. Saborsky tateou as bordas das malas, mas não encontrou nenhum fundo falso. Encontrou só uma caixinha cheia de pérolas, colares e anéis.

Mr. Saborsky disse:

— ‘Nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestia como Mrs. Samossa’. Todo esse luxo está começando a cegar minha visão.

Fëll levantou os olhos.

— O que disse?

— Eu disse que não aguento mais ver tanta ostentação.

— Não, não — discordou Fëll. — Foi outra coisa.

Mr. Saborsky encolheu os ombros.

— Ah, que o luxo está começando a cegar minha visão.

Fëll sorriu e uma familiar luzinha castanha se acendeu em suas pupilas.

— Luxo... cegar... visão. É uma associação interessante de palavras.

Os dois saíram do quarto, fecharam a porta e passaram para o quarto de Hector Samossa.

Apesar da busca que tinham feito ali três noites atrás, olharam o aposento de alto a baixo. Fëll chegou a se ajoelhar para ver debaixo do carpete. Prevenção inútil — tudo limpo, nem sequer um grampo. Sobre as cobertas da cama, ao lado do *notebook*, estavam algumas páginas impressas, com fotos de casas e imóveis em Glasgow. Alguns imóveis tinham sido assinalados com um círculo vermelho. Fëll estudou as cópias, mas sem chegar a uma conclusão definitiva.

— Mas que decepção! — disse Mr. Saborsky. — Nenhuma evidência, nada.

O descontentamento dele era óbvio.

Fëll cortou esses lamentos com um gesto eloquente.

— Coragem, homem! Na presente situação das coisas, não temos muitas opções.

E a coragem foi recompensada dali a dois minutos quando, depois de abrir a gaveta da cômoda, Mr. Saborsky soltou uma exclamação.

— Opa! O que é isto?

— O que foi, alguma novidade?

— Veja por si mesmo.

Fëll se aproximou. No fundo da gaveta, enrolado num pano de veludo azul, um objeto reluzente — era um revólver 9 mm.

Após o Funeral



— Eu estava certo — murmurou Föll. — Sabia que estava certo.

Mr. Saborsky tirou o revólver da gaveta e deu uma olhada.

— Aposto que é a arma do crime. Viva! Caso encerrado. Hector Samossa é o nosso homem. Ué, o que foi?

Mr. Saborsky observou que o detetive franzia ligeiramente a testa.

Föll disse:

— Sim. O boliviano esteve na mesa de Lady de Vahle e poderia ter drogado o chá dela. Sim. Mais tarde, ele poderia ter entrado em seu quarto e ter atirado nela. Mas há uma coisa que não faz sentido.

— Ah, não! O que é que não faz sentido?

— Se ele atirou em Lady de Vahle, guardaria a arma na gaveta de uma cômoda? E, ainda por cima, em seu próprio quarto? Eu digo que não, porque ele é um rapaz sensato.

Föll fez uma pausa e continuou:

— *Nein, nein*. Isso não faz sentido. É absurdo, é fantástico! Pela minha experiência, uma pessoa que planeja tão bem um assassinato não peca em detalhes tão triviais.

Virou-se para Mr. Saborsky.

— Embrulhe o revólver. Vamos levá-lo conosco.

Quando saíram do quarto de Hector Samossa, Föll sugeriu que faltava revistar um último quarto.

Föll tomou a dianteira.

Desceram alguns degraus e, depois de seguir um corredor, pararam na porta do quarto de *Sir Dumsley*. Uma das chaves serviu na fechadura.

Destrancando-a, os dois homens entraram.

Föll olhou em torno do quarto arrumado e para os quadros pendurados na parede, um quadro com meninas no porto de Brixham e outros com um leão e carneiros no pasto.

Föll começou a abrir gavetas.

— O senhor não está suspeitando do novo proprietário de Keynesworth, não é?

— perguntou Mr. Saborsky, sem entender a atitude do detetive.

— Por que não? — disse Fëll, encolhendo os ombros. — Afinal de contas, o que sabemos de *Sir Dumsley*? Só que é um ator famoso.

— Está procurando o batom?

— Qualquer coisa.

Sobre a cama viram um chapéu de feltro de homem, um par de luvas e alguns paletós e calças. No chão, se viam sapatos. O calçado era bege. Fëll olhou a gravata. Era gris, assim como o paletó e as calças.

Por mais que procurassem, porém, não encontraram nada.

— O senhor disse “novo proprietário de Keynsworth”, não foi? — perguntou Fëll. — Com a mãe morta, toda a herança fica com *Sir Dumsley*?

Mr. Saborsky disse:

— É, ele é um dos beneficiários. Também tinha a irmã dele, uma tal de Justine, que fugiu com um estrangeiro, um artista espanhol, e morava na Suíça. Mas ela morreu há pouco mais de um ano.

— E Mrs. Samossa?

— Sim, ela deve receber uma parcela. Por outro lado, espero que meu nome conste no testamento. “Companhia de Teatros Sussex: mantida por fundos privados e donativos!” Seria bom, não seria?

Fëll viu um maço de bilhetes amarrotados ao pé do abajur. Havia algo escrito neles.

A cor... o tamanho das letras!

Os bilhetes tinham sido escritos com batom.

— Estas mensagens são recentes — observou Fëll.

Um por um, o detetive foi selecionando os bilhetes. Ao total eram seis. As palavras variavam, mas o conteúdo era basicamente igual.

— Este diz: “*Você vai sofrer*” — leu Fëll. — Outro: “*Roy, eu vou fazê-lo pagar*”. E este: “*Nada vai me deter*”. Mais outro: “*Você é um homem morto!*” Está vendo? Bilhetes escritos com batom. *Du lieber Gott!* O assassino se aproveita de todos os meios disponíveis para ameaçar sua vítima. Espelhos, vidros e isto... folhas de um diário. Pelo jeito, *Sir Dumsley* já vem sendo ameaçado há mais tempo. Quando será que ele ia nos contar sobre isso?

Mr. Saborsky disse:

— Há pouco nós vimos um diário!... Entre as coisas de Miss Ambros. Espiral grande... poucas páginas... Mas isso é incrível! Quer dizer que o boliviano atirou... e Felicia Ambros escreveu as ameaças? Outra coisa que não faz muito sentido!

Fëll contou o número de folhas.

— Seis. Que dia da semana é hoje?

— Quinta-feira.

— Quinta-feira... Descontando seis dias chegamos à sexta-feira. Temos que saber em que dia da semana passada Miss Ambros chegou aqui.

— Entendi. Você acha que os bilhetes foram expedidos diariamente e assim, contando de trás para frente... Mas não, eu duvido que as coisas sejam tão evidentes. Se fosse, *Sir Dumsley* já teria notado a coincidência.

— Pensando bem, é tolice! — concordou Fëll. — Bom, valeu a tentativa. Encontrou mais alguma coisa?

— Não.

— *Na, schön*. Está escurecendo... Vamos descer. Está na hora do pessoal voltar do funeral.

Fëll tomou o companheiro pelo braço, arrastou-o para fora do quarto e dispararam juntos escada abaixo. Na sala de estar, um fogo ardia na grande grade de aço. Fëll acomodou-se numa poltrona e ocupou-se no trabalho de revisar suas anotações.

Mr. Saborsky perguntou:

— Você acredita, então, que, apesar de todas as evidências em contrário, Hector Samossa não seja culpado?

Fëll declarou, muito sério:

— Há, sim, esta possibilidade. Mas pense, meu amigo. Não faz sentido. Não faz o menor sentido.

Houve o toque de uma buzina e o ruído de um carro entrando no acesso do pátio.

Mr. Saborsky exclamou:

— Eles chegaram!

Dali a cinco minutos, uma franja falsa espiou para dentro da sala de estar.

— Roy... Roy está aí? — perguntou Mrs. Samossa com sua vozinha de contralto.

— Ele ainda não veio, Madame — disse Mr. Saborsky. — Também estamos esperando por ele. Entre, entre...

Mrs. Samossa hesitou.

— Oh, está bem, não custa esperar um pouquinho, não é?

— Claro que não. Sente-se, por favor.

Como um balão murcho, Mrs. Samossa foi para o sofá. Sua respiração vinha com dificuldade.

Mr. Saborsky disse, rapidamente:

— A senhora parece exausta, Mrs. Samossa. Posso oferecer alguma coisa?
Ela balançou a cabeça.

— Não. Não se preocupe comigo. Estou bem, na verdade.

Fëll pôde notar sua palidez por baixo do ruço.

— E aí? Como foi o funeral?

Mrs. Samossa fungou.

— Foi bonito. Veio muita gente. As pessoas amavam Penny, sabe? Quatro soldados da reserva de uma unidade militar local carregaram o caixão. Oh! Foi tão emocionante.

Antes que a imaginação da mulher alçasse novos voos, Fëll resolveu interromper:

— Seu filho veio com a senhora?

— Veio sim.

— A senhora não viu se ele parece preocupado... distraído?

Mrs. Samossa refletiu. Em seguida, fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não, não...

Fëll olhou para ela.

— Há alguma coisa que queira nos contar, Madame? Qualquer coisa?

Mrs. Samossa torcia nervosamente os dedos no seu colo.

Engoliu seco umas duas vezes.

— Não... não...

Muito exaltada, ela se despediu energicamente dos dois homens e abandonou a sala.

— Que mulher sensível! — disse Fëll.

Os carros chegaram, um depois do outro, e as pessoas que saíram deles vestidas de preto atravessaram o saguão de entrada e foram para seus respectivos quartos.

Sir Dumsley e o inspetor Burd entraram na sala.

O inspetor Burd vestia uma camisa preta com logotipo do departamento e, com consciência da própria importância, dizia:

— Combinamos assim, Sir. Mantereí dois policiais aqui. Eles vão vigiar o senhor 24 horas por dia.

— Agradeço por isso, inspetor — disse Sir Dumsley.

Fëll viu que a aparência de Sir Dumsley era chocante. Seu rosto estava cansado e infeliz.

— Não há de quê, Sir. Eu... — Burd corou. — Bem, não quero ser

impertinente, mas posso pedir um autógrafo, Sir? Para minha mulher, sabe?

— Um autógrafo? Claro, claro...

— A caneta... Aqui, no bloco de notas!

Maquinalmente, *Sir Dumsley* fez uns arabescos. Burd se inclinou com uma palavra de agradecimento.

— Obrigado, Sir. É uma grande honra. Como eu já disse, caso descubra alguma coisa, contate-me.

Parou, sobressaltado, ao avistar as figuras sentadas diante do fogo. Corou mais uma vez.

— Peço desculpas... Não sabia...

Sir Dumsley tocou a sineta e chamou Morgan.

— Acompanhe o inspetor, Morgan.

— Sim, senhor.

Morgan conduziu o inspetor até a porta da frente.

— Mr. Fëll! Mr. Fëll! — disse *Sir Dumsley*. Usava um terno de flanela cinza, mas o colarinho da camisa estava amassado e a gravata, torta. — Espero que o senhor possa lançar alguma luz sobre esse enigma extraordinário, pois confesso francamente que estou ficando louco.

— Elaboramos algumas teorias, Sir — respondeu Fëll.

Sir Dumsley aproximou-se da lareira e disse rispidamente:

— Não, não, eu não quero mais ouvir teorias, Mr. Fëll. Eu acabei de enterrar minha mãe... e, como se não bastasse, alguém está querendo me matar! Esqueça as teorias. Eu quero resultados, resultados concretos.

— Encontramos isto — respondeu Mr. Saborsky tirando do bolso um objeto embrulhado em veludo e passando-o silenciosamente para *Sir Dumsley*, que o desembalhou.

— O revólver! Excelente. Excelente.

— Estava no quarto de seu primo, Sir — disse Fëll.

— Hector? Quem diria? E o senhor... o que acha? Acha que Hector seja o assassino?

— Não. É quase certo que o verdadeiro assassino colocou a arma lá deliberadamente para incriminar seu primo. Ou, em última análise, pode ser que o rapaz tenha se apropriado do revólver de algum outro jeito. Essa é a parte boa. A parte ruim, Sir, é que encontramos mais uma coisa.

Fëll apresentou os bilhetes e disse:

— O senhor não falou a respeito disso quando nós o questionamos pela primeira vez. Por que não?

Sir Dumsley pegou as mensagens. Disse, de modo bastante incoerente:

— Não é bom contar muita coisa para a polícia.

— Não somos da polícia, *Sir*. O que eu gostaria de saber é o seguinte: por que o senhor não abriu o jogo após o assassinato em vez de ocultar um fato tão importante?

— Porque fui um tolo! Agi mal e peço desculpas por isso.

— Desde quando recebe esses bilhetes?

— Desde domingo...

— Se tudo começou no domingo, então não são de *Miss Cox-Langley*. Ela veio na terça-feira.

— Mas, se não são de *Victoria*, de quem são? E, o que é ainda mais misterioso, por quê?

— Difícil saber. É por isso que precisa manter a vigilância. Constatamos outra coisa, *Sir*. Essas páginas são de um diário de *Miss Ambros*.

— Páginas de um diário de *Felicia*!

— Acha que *Miss Ambros* esteja por trás disso?

— É claro que não! *Felicia* nunca faria isso... — garantiu *Sir Dumsley*, mas foi interrompido pelo toque da campainha da porta.

Ding-dong.

— Ah, essa não! — exclamou *Mr. Saborsky*. — Quem pode ser?

— Imagino que mais repórteres — disse *Sir Dumsley*.

— Puxa, mas que incômodo para o senhor.

— Bem, não se preocupem. Vou dar um jeito para que eles saibam somente aquilo que for do meu interesse. Cavalheiros, se me dão licença...

Sir Dumsley cambaleou um pouco para trás e então, com precisão escocesa, se retirou com passos enérgicos.

O Terceiro Atentado



Depois do jantar, Edmund Fëll e Mr. Saborsky foram para a Sala Branca.

— Foi para cá que Miss Ambros e Mr. Brad-Burg vieram ontem à noite — disse Fëll. — A questão é: por quê?

— Não sei por que razão diz isso, Mr. Fëll. Se o senhor está convencido da culpa de Miss Ambros, por que não expõe o que sabe?

Fëll disse com dignidade:

— Se eu dissesse que uma pessoa está envolvida em alguma coisa ilícita, teria que apresentar provas disso, não é?

— Sem dúvida, sem dúvida!

— Tenho razões para desconfiar do comportamento de Miss Ambros e Mr. Brad-Burg? Tenho. Mas será que isso me dá o direito de acusá-los de alguma coisa? Não neste momento.

Mr. Saborsky fez um aceno afirmativo com a cabeça.

— Justo. Muito justo.

— O que eu posso dizer é que há aspectos curiosos sobre este caso.

— Por exemplo?

— Por exemplo, a declaração de Miss Cox-Langley — disse Fëll. — Miss Cox-Langley diz ter visto o coronel Strohheimer no corredor às duas e meia da manhã.

— Meu Deus! O senhor acha que o coronel...

— Não, não. Não tire conclusões precipitadas, meu amigo. O ponto que quero frisar é que, sim, o coronel Strohheimer cometeu um crime na noite passada.

Mr. Saborsky olhou para o austríaco com desconfiança.

— Um crime?

— Sim, um crime, mas não necessariamente o assassinato de Mr. Brad-Burg. Deixe-me dizer uma coisa, Mr. Saborsky. Estive o tempo todo em dúvida sobre se o roubo e o assassinato haviam sido cometidos pela mesma pessoa.

— E agora?

— Agora eu sei que não.

Mr. Saborsky disse:

— Desculpe, não sou inteligente como o senhor. Do que o senhor está falando?

Föll olhou para o irlandês.

— Não consegue adivinhar? O que o senhor sabe a respeito do coronel Strohheimer?

Mr. Saborsky disse:

— Não sou daqui. O que sei sobre ele são boatos. Que ele mora em Abeerdenn, é pai de dois filhos, é ex-militar, reformado, acho...

— Pare! Aí está — disse Föll. — O coronel é um ex-militar. E está estatisticamente comprovado que, depois de se aposentar, muitos ex-militares se confrontam com o resultado do seu tempo de serviço. Alguns entram em pânico ao ver lixo espalhado na rua, porque era assim que os guerrilheiros escondiam os explosivos. Outros têm de se encher de comprimidos para as dores e de antidepressivos. Ainda outros acordam no meio da noite se lembrando dos colegas que foram feridos ou mortos em combate. Alguns soldados que deixaram o exército, por causa das sequelas incuráveis, chegam ao ponto de tirar a própria vida. E metade classifica a sua adaptação à vida civil como “muito difícil” ou “difícil”. A esposa me contou que o coronel havia matado *um homem* durante uma batalha. E se ele, na verdade, tiver matado dois homens, três ou mais? Agora suponha que, por causa disso, o coronel Strohheimer, ao se aposentar, tenha levado algum trauma psicológico para casa. Suponha que, para amenizar o efeito do trauma psicológico, em vez de adotar uma terapia tradicional, ele tenha se enfiado numa atividade, digamos, ilegal mas cheia de adrenalina. Suponha, sim, suponha que ele tenha se tornado um *ladrão*, como se diz por aí. Não um ladrão que rouba qualquer coisa, mas um ladrão sofisticado, um ladrão que só rouba objetos de valor, objetos raros e de bom gosto.

— Como?

O queixo de Mr. Saborsky caiu. Ele encarou Föll.

Föll prosseguiu:

— E, na minha opinião, foi isso o que aconteceu. Imagine agora o que acontece quando o casal Strohheimer vem para Keynsworth! Todo o esplendor... a riqueza... o brilho! De acordo com a minha teoria, chegou um determinado momento em que o coronel, de forma espontânea e sem planejamento, se “apropriou” do camafeu e da tiara, duas peças de valor inestimável. É claro que ele deve ter sentido receio de que seu delito fosse descoberto. Mas o sentimento de satisfação durante e imediatamente após a realização do roubo suprime o medo. Para seu azar, Lady de Vahle descobre o sumiço das joias e toma

providências imediatas. Ela liga para o senhor e pede que o senhor venha vê-la. Enquanto isso, por alguma razão desconhecida, ela atribui o roubo ao próprio sobrinho, Hector Samossa. Assim que chegamos aqui, nossa primeira ação é investigar o rapaz, atrás de um indício que confirme suas suspeitas. Mas qual é o resultado de nossa breve investigação? O senhor encontra as joias no quarto de Francis Brad-Burg! Mr. Brad-Burg, que até ali nem era sequer cogitado como responsável pelo roubo. Esta tarde, porém, os fatos começam a se esclarecer. Lembra-se que entre as coisas do coronel havia um catálogo de gemas preciosas, com dados sobre distinções de valor e preço?

Mr. Saborsky fitava o amigo, perplexo. Seus lábios abriram-se, trêmulos.

— O catálogo! Eu lembro... Então o coronel roubou o camafeu?

Fëll assentiu com a cabeça.

— Sim. Mas meu palpite é de que os roubos não foram praticados por uma única pessoa, mas por duas, que trabalham de maneira bastante entrosada.

— Duas pessoas? Acha que o coronel tem um cúmplice?

— Ou *uma* cúmplice — disse Fëll.

— Quem?

— Talvez a... esposa.

Mr. Saborsky coçou o nariz e observou, de modo cauteloso:

— Se o senhor estiver errado, será muito embaraçoso. O coronel é bem nascido, bem relacionado, serviu de modo honroso no exército e parece totalmente acima de qualquer suspeita. Vai chegar aos jornais. Se for um erro...

— Não é um erro! — disse Fëll.

— Acredita que ele fez isso?

Fëll encolheu os ombros.

— Veremos... A propósito, pedi que ele viesse falar conosco.

— Aqui?

— Aqui — confirmou Fëll.

— Quer que eu saia?

— Não, não. Finja que é meu estenógrafo, algo assim.

Às oito e meia em ponto, o coronel Strohheimer apareceu na Sala Branca. Edmund Fëll foi até ele e fez uma mesura, com sua habitual polidez.

— Oh, coronel! Entre.

— Isso é realmente necessário?

— Infelizmente, sim. Temos que cumprir as formalidades, o senhor sabe.

O coronel se aproximou, puxou uma cadeira e se sentou, dirigindo ao detetive um olhar sério e interrogativo.

— Sim, cavalheiros — disse ele —, querem alguma coisa de mim?

— Queremos sua ajuda, coronel.

— O que os faz pensar que posso ajudá-los?

— Descobri certas coisas — disse Fëll. — Certas coisas que são muito... eu diria... suspeitas.

— Coisas suspeitas sobre quem?

— Sobre o senhor.

O coronel falou secamente:

— O senhor está blefando?

— Melhor irmos logo aos fatos — disse Mr. Saborsky, que até então se mantivera em silêncio.

— Sim, conte-me tudo — pediu o coronel.

Fëll balançou a cabeça. De seus olhos castanhos irradiava um brilho estranho.

— Está bem. Mas, antes disso, deixe-me fazer uma pequena experiência. Pode pegar aquele cachimbo de urze, Mr. Saborsky?

— O cachimbo de urze?

— Sim, sim — disse Fëll. — Ali... em cima da estante. O que foi? Não consegue alcançar? Pegue... ali... o tamborete!

Mr. Saborsky pegou o tamborete e, dali a pouco, entregava o cachimbo para Fëll.

— *Danke*. Está vendo este cachimbo, meu caro coronel? Este cachimbo prova que o senhor é um ladrão.

Houve um longo silêncio e o coronel ficou imóvel, perturbado, olhando espantado para o austríaco.

— O que significa isso? — perguntou ele, num tom seco e áspero. — Está tentando me dizer alguma coisa... Insinuar, melhor dizendo.

Encorajado, Fëll desfiou sua história, que o coronel escutou com profunda atenção.

— Para apanhar o cachimbo, veja, Mr. Saborsky teve que usar um tamborete como ponto de apoio para chegar no alto da lareira.

— O senhor sabe que foi visto ontem à noite?

— Visto? — perguntou o coronel, pestanejando.

— Sim. Ontem à noite, por volta da hora em que Mr. Brad-Burg foi morto, alguém o viu vindo para o térreo.

— Quem foi que me viu?

Fëll disse suavemente:

— Miss Cox-Langley.

O coronel disse:

— O senhor não está insinuando... Eu não matei o rapaz! Juro!

— Quietos. Não estou falando do assassinato. O depoimento de Miss Cox-Langley mostra que ela viu o senhor com um banquinho na mão. Era um detalhezinho insignificante, que podia não significar nada e podia significar muita coisa. Foi aí que eu lembrei que, ontem à meia-noite, a sua esposa estava na sala de estar. Lembrei-me também que ela estava atenta, olhando fixamente para... a parede?... a lareira? Na hora não consegui saber. Então hoje, quando este fato voltou à minha memória, compreendi que, a bem da verdade, ela estava olhando para o relógio de pêndulo. Este detalhe pareceu-me curioso e significativo e eu o coloquei de lado para meditar nele. Há pouco, fui para a sala de estar e chequei o relógio de perto. Fiquei impressionado com a quantidade de safiras incrustadas ao longo das hastes do ponteiro das horas e do ponteiro dos minutos. Notei mais uma coisa — que algumas safiras tinham sido substituídas por pequenos cacos de vidro *azul*. Pude apenas pensar na arrumadeira etíope... hoje de manhã... varrendo os cacos de uma jarra de vidro... uma jarra de vidro *azul*, para ser mais exato. Foi nessa hora que as coisas começaram a tomar forma em minha mente, coronel. Ficou claro que o roubo em si, ou seja, a substituição, foi realizado pelo senhor. E assim eu deduzi o seguinte: O senhor e sua esposa vieram para esse passeio com um propósito definido. Roubar peças raras e comercialmente rentáveis. Quando Mr. Saborsky e eu começamos a investigar o sumiço do camafeu, vocês veem que as coisas não vão correr de forma tão tranquila. É preciso um plano de emergência, um plano para que não sejam pegos com a boca na botija. O senhor tem todas as informações que precisa a respeito das pessoas que estão hospedadas em Keynsworth. Há um jovem ator, Francis Brad-Burg, que deve servir. No momento devido, as joias aparecem na valise de Mr. Brad-Burg. A cartada parece temerária, mas é fundamental. O que mais o senhor podia querer? Mr. Brad-Burg é pego em flagrante. Mas, então, para seu azar, acontece o assassinato de Lady de Vahle e, como consequência do assassinato, o senhor e sua esposa são impedidos de ir embora daqui. Por que não aproveitar a ociosidade e fazer alguma coisa prática? Pouco a pouco vocês começam a dar atenção ao relógio... e um plano vai se delineando em suas mentes. A empreitada seria perigosa, e por isso mesmo excitante. Assim, de madrugada, o senhor desce para a sala de estar e, de pé no banquinho, extrai as safiras com o estilete (estilete este que encontramos esta tarde em sua mala) e as substitui pelos pedacinhos de vidro de uma ordinária e barata jarra azul.

O coronel tornou-se rígido e carrancudo, sua face escura como uma nuvem de

tempestade.

— Está dizendo que eu e minha esposa...

— Sim, sim, sim.

— Não me interprete mal, Mr. Fëll. O que é que o senhor pode provar disso tudo? A polícia vai precisar de provas dessa... ahn... alegação. Posso mover um processo contra o senhor por calúnia e difamação, sabia?

— Não esteja tão certo disso! — exclamou Fëll.

— É mesmo? E o que eu fiz com as safiras?

— Eu sei.

A expressão do coronel se transformou.

Fëll continuou, lentamente:

— Há somente um lugar onde podem estar. Refleti a respeito e cheguei a esta conclusão. Já leu D. Quixote de La Mancha, coronel? Famosa, por exemplo, é a história do camponês que acusa um velhinho dizendo que ele não devolve o dinheiro emprestado. O velhinho, um sujeito de cajado, jura que devolveu. Mas o governador Sancho percebe que ele só faz o juramento depois de passar o cajado para o camponês, para poder se ajoelhar. E descobre o dinheiro dentro do cajado, ainda sem ser devolvido.

Exibindo a indignação apropriada, o coronel olhou para Edmund Fëll com olhos de sofrimento.

— Mas eu não tenho um cajado!

— Mas tem uma bengala. Dê-me a sua bengala, coronel!

Havia alguma coisa nova nos modos do detetive, uma excitação oculta que se traía em uma centena de minúsculos sinais diferentes.

— O senhor enlouqueceu! — praguejou o coronel e, depois de dar meia-volta, deixou os dois sozinhos.

Fëll e Mr. Saborsky trocaram olhares.

— Lá se vão nossas provas.

— É necessário malhar enquanto o ferro está quente — disse Fëll.

— Acha que ele vai dar um jeito de devolver as pedras?

— Acho que sim. É quase certo que a vergonha vai obrigá-lo a corrigir a situação.

Foi então que se ouviu o estampido de um tiro e um grito estridente ao longe.

Fëll e Mr. Saborsky deram um pulo.

— É... é a voz de Miss Cox-Langley!

— Rápido... vamos... — empalideceu Fëll.

Às pressas, eles saíram correndo. Gastaram algum tempo para se orientar. Ao

chegar à sala de visitas, seguiram para a direita, rumo aos salões internos. Fëll notou que, mais adiante, Hector Samossa olhava estupidamente para dentro do Salão Arco-Íris. Era de lá que viera o grito.

Hector voltou-se para os homens que se aproximavam.

— Bem-vindos ao espetáculo!

Fëll o afastou para o lado sem nenhuma cerimônia e cruzou a porta do salão. Ficou parado, como se tivesse visto um fantasma. Entendeu a situação em um segundo.

Outro atentado! Essas foram as palavras que soaram insistentemente no cérebro do detetive.

Atentado, atentado, atentado...

Miss Ambros estava ali parada, os olhos arregalados, e um revólver fumegante na mão. A poucos metros dali, Miss Cox-Langley tinha escorregado até o chão, escorada com as costas na parede. Ela estava viva, mas o ombro esquerdo sangrava. O sangue espesso e viscoso empapava a mão direita que cobria a ferida.

Miss Cox-Langley disse com veemência:

— Ela não tem culpa. Foi um acidente.

— Um acidente? — perguntou Fëll.

Miss Cox-Langley disse, rispidamente:

— É claro que foi um acidente!

O cérebro de Fëll, naturalmente penetrante e cauteloso, percebeu que ela estava mentindo.

Não conseguia imaginar... não, realmente ele não imaginava... que tivesse sido um acidente.

Fëll andou até Felicia Ambros e tirou delicadamente o revólver da mão dela. Felicia deu um ou dois passos, cambaleando tanto que quase caiu. Fëll estendeu um braço para sustentá-la.

— O que a senhorita fez?

— Eu quis... tentei... matá-la — balbuciou Felicia. Parecia morta de susto e a respiração vinha entrecortada. — Ela é... ela é...

— Não fale nada, *bitte*. Vá para trás. Depois falaremos sobre isso.

— Essa mulher está... sangrando — disse Mr. Saborsky. — Eu vou... Temos que chamar uma ambulância.

Fëll agachou-se ao lado de Miss Cox-Langley. Pela milésima vez, ela disse:

— Foi um acidente. Ela... não queria atirar... Estávamos conversando... e a arma disparou.

— Tudo bem, Miss, fique quieta. Se falar, poderá agravar a hemorragia.
Fëll verificou a gravidade da lesão.

— É só um sangramento. Vai passar por uma intervenção cirúrgica para remover a bala, Miss, mas vai sobreviver.

Sir Dumsley entrou correndo no salão.

— Que diabos está acontecendo? Quem foi que gritou?

— Oh! Roy... — choramingou Felicia. Sua voz, sem fôlego, era baixa. — Fui eu, Roy! Eu atirei... nela!

Houve uma pausa, ao fim da qual Sir Dumsley se virou para a namorada.

— Felicia? Você atirou em... Vicky? Oh, céus!

— Atirei sim... Eu atirei.

Os dois se entreolharam.

— Mas, Fê... Você está louca, Fê?

Parou, sobressaltado.

— Mr. Fëll, o senhor está aí! Ela... Vicky está bem?

— Está sim senhor — disse o detetive.

— Oh! Está doendo muito! — sussurrou Miss Cox-Langley.

— Agente firme, Vicky! — disse Sir Dumsley. — Vamos providenciar o socorro... Morgan! Morgan! Onde será que se meteu esse homem?

— Receio, Sir — disse Fëll — que seria melhor levá-la para o pronto-socorro.

— Claro, é para já. Consegue ficar de pé, Vicky?

— Acho que sim... Não sei.

— Tente, querida! Tente... Ajude-me aqui, Mr. Saborsky!

Com outra série de gemidos de agonia, Victoria Cox-Langley se levantou, ajudada pelos dois homens. Lentamente, o trágico cortejo saiu do salão.

Felicia Ambros seguiu o trio, em estado catatônico.

— Roy... aonde você vai? Roy... meu amor.

Fëll emparelhou com ela e disse, tentando confortá-la:

— Tudo bem, Miss. O pior já passou... Ela será operada e ficará tudo bem.

Felicia olhou para o austríaco.

— Ficaré tudo bem? — perguntou ela, desconcertada. — Mas eu não quero que fique tudo bem. *Eu quero que ela morra.*

A Pessoa Errada?



Duas horas depois, ao retornar do pronto-socorro, foram saudados pelo inspetor Burd.

— E aí? Como vai Miss Cox-Langley? — perguntou ele.

— Os médicos dizem que Vicky está fora de perigo, mas deverá ficar em repouso — respondeu *Sir Dumsley* vagamente. Seus olhos analisavam o inspetor com um olhar interrogativo. — Eu acho.... quero dizer... estou um pouco confuso... Eu não sei o que o senhor veio fazer aqui, inspetor.

— O senhor não sabia que sua tia... Ela é sua tia, não?

Sir Dumsley lançou um olhar para Mrs. Samossa, perdida no meio do grupo de pessoas reunido na sala.

— Ela? Sim, ela é minha tia.

— O senhor não sabia que ela tinha me chamado?

Sir Dumsley parecia aborrecido.

— Não tinha a menor ideia.

“Ele com toda a certeza não simpatiza com Mrs. Samossa”, disse Fëll para si mesmo e, em voz alta, perguntou:

— Miss Ambros vai ser presa, não vai, inspetor?

— Sim, Miss Ambros será detida por suspeita de tentativa de homicídio.

— E o que ela diz?

— Muito pouco — disse o inspetor arreganhando os dentes. — Ela é uma figura desconfiada, eu acho. Muito ódio, mas quase nada além disso. Ela limita-se a negar o crime de uma maneira generalizada e, fora isso, mantém um silêncio obstinado. Por favor, Alaric, traga a acusada.

Ouviram o estalido de algemas e, decorridos alguns segundos, o oficial Alaric trouxe a apática e pálida Felicia Ambros.

Burd apontou o dedo para ela.

— Seria o terceiro assassinato desta mulher na mesma semana. O terceiro assassinato! Uma carreira agitada para uma novata no crime. Principalmente quando se sabe que uma das vítimas era seu próprio marido.

Varias perguntas pipocaram ao mesmo tempo:

— Marido?

— Ela matou o marido?

— Quando?

— Onde?

Como um ganso que acabou de trocar as penas, Burd sorriu:

— Chocante, não é?

— Mais devagar, inspetor, deixe-me entender — interveio *Sir Dumsley*. — O senhor disse marido? Felicia não é casada! Eu e ela estamos... noivos!

— Receio que terá de se resignar com os fatos, Sir, mas ela fez o senhor de trouxa. Nós apuramos os dados exatos no sistema: nome, nacionalidade, local de nascimento, endereço, idade, profissão. Não há dúvidas: Miss Ambros era casada. Seu marido era *Francis Henschell*... conhecido no meio artístico como Francis Brad-Burg. Achamos a certidão de casamento, os registros... Os nomes são outros, mas as fotos são as mesmas. Casaram há dois anos. Fizeram aulas de interpretação em Londres e se infiltraram no meio artístico. O plano era lesar financeiramente atores e atrizes renomados — estelionato, sem mais nem menos. Veja, está tudo aqui. O senhor, Sir, ia ser vítima de um golpe. Com os documentos que comprovam a legítima união matrimonial dos dois, e mais os turbulentos eventos da semana, Miss Ambros... ou melhor, Mrs. Henschell... será acusada de tentativa de extorsão, assassinato doloso e mais a tentativa de assassinato de Miss Cox-Langley.

Sir Dumsley estremeceu. Sua voz saiu aguda e esganiçada:

— Francis? Não!... Isso é um engano! Felicia, diga a eles que é mentira! Diga a eles, por favor!

Felicia Ambros ficou olhando para ele e, com a simplicidade de uma criança, disse:

— Não seja burro, Roy. Você acha que eu me casaria com você?... Acha mesmo? — Com o rosto desfigurado, acrescentou: — Eu amava Francis. Casei-me com ele escondido de minha família. Na época, eu trabalhava como atriz junto a uma companhia de teatro. Minha mãe era muito conservadora e religiosa. Francis e eu concordamos em manter a coisa em segredo. Ele seguiu trabalhando como ator. Fiz um teste e fui chamada para fazer alguns papéis. Não extorquimos nem tiramos o dinheiro de ninguém! Eu gostava de Francis! Meu doce Francis! Era como fazer parte da realeza. Era como me sentir casada com um rei e desempenhar o papel de princesa consorte ou mesmo rainha. Francis tinha tanto talento como ator! E eu não ficava atrás. Formávamos uma equipe.

Fiquei realmente triste quando Francis perdeu todo o dinheiro em um processo de reconhecimento de paternidade. Mas Francis era um homem inteligente. Ele bolou um plano. Disse que eu deveria me aproximar e seduzir algum ator rico. Eu pensei a respeito... Se deveria tentar ou não. Por fim decidi tentar. Fiquei empolgada com a ideia de me aventurar um pouco. Eu tinha um repertório de algumas personagens. Entre essas personagens, Felicia Ambros. A frágil e tonta Felicia Ambros.

Sir Dumsley disse, irado:

— Você está querendo dizer que você não estava apaixonada por mim... que você *nunca* esteve apaixonada por mim?

Felicia assentiu:

— Sim, eu vi na hora que poderia fazê-lo se apaixonar por mim. Fingir, enganar e atuar foi divertido, mas... mas quando Francis foi morto, a coisa tomou outra dimensão. Não era mais divertido. Meu Francis! Meu querido Francis!

— Não! Isso tudo é um pesadelo! Sim... Um pesadelo...

Os outros se voltaram, espantados. Sir Dumsley tremia todo.

— Sir, vou pedir que se controle! — interveio o inspetor. — Saiba que, com base nas provas, essa mulher será indiciada e submetida a julgamento. Vamos, Alaric. Conduza Miss Ambros para a viatura.

Burd fez uma mesura e aprontou-se para sair com sua prisioneira.

De repente, Fëll se adiantou e fez a seguinte observação:

— Um momento, inspetor. Creio que todas essas hipóteses são pouco prováveis.

Nova onda de espanto. Ninguém ali estava esperando aquela manifestação por parte do detetive.

Burd perguntou com uma inflexão meio sarcástica:

— O que quer dizer com isso?

Fëll disse:

— É evidente que essa moça atirou em Miss Cox-Langley, sua rival. Mas nenhuma teoria se sustenta contra ela por conta de outras variáveis e, por mais que tudo tenha sido bem esclarecido, não posso consentir que o senhor acuse Miss Ambros de assassinato.

Burd soltou uma de suas irritantes gargalhadas. Em seguida, exclamou:

— Que é isso, *mon ami*! O caso foi explicado. Miss Ambros é culpada! — garantiu, sem a menor modéstia.

— Se é culpada, por que ela matou o próprio marido? O que ela ganhou com a

morte do marido?

— Ganância — disse o inspetor, cheio de si. — Ela viu que o plano estava funcionando e que, quando conseguisse depenar *Sir Dumsley*, estaria rica, riquíssima. Assim, Mr. Brad-Burg se tornou um obstáculo...

— Teoricamente falando, é uma boa teoria — disse Föll. — Mas não foi isso o que aconteceu no presente caso.

Seu tom de voz era afetuoso o suficiente para que o inspetor Burd percebesse que seria inútil discutir com ele.

Föll tomou Felicia pela mão.

— Miss Ambros — disse ele. — Isso deve ser muito desagradável para a senhorita. Faria o favor de ficar lá fora, enquanto discutimos a questão?

Ele levou a moça até a porta. Felicia saiu lentamente da sala. Föll fechou a porta atrás dela.

Houve uma pausa momentânea, depois o inspetor disse:

— Francamente, esse procedimento é muito irregular, Mr. Föll!

A voz calma de Mrs. Strohheimer, um pouco elevada, disse:

— Acho que Mr. Föll vai dar uma explicação sobre isso, não vai?

Föll olhou para ela, agradecido.

— Então o senhor não acredita que Vicky tenha cometido o crime? — perguntou *Sir Dumsley*, curioso.

— Há poucas provas contra ela, Sir — disse Föll. — Posso apostar que ela será absolvida com toda a certeza.

— Isso é o cúmulo! — contestou Burd. — Já temos a ré sob custódia e...

— Inspetor, eu sei que suas intenções são boas, mas vamos ouvir uma segunda opinião — declarou *Sir Dumsley*. E virando-se para o detetive: — Ah, bem... aqui entre nós... o senhor conseguiu tirar alguma outra conclusão para este caso?

Föll abanou mecanicamente a cabeça.

— Sim, Sir. Esse caso não é um caso previsível, regular, daqueles que se vê todo dia por aí. Não, esse caso apresentou duas ou três particularidades extraordinárias. Mas a resposta de tudo, se posso dizer assim, está num frasco de perfume Magie Lâncome que eu e Mr. Saborsky encontramos hoje à tarde enquanto revistávamos as bagagens.

O coronel Strohheimer deixou escapar um som igual ao de um relincho.

— Arrombadores de uma figa!

Föll continuou:

— Como eu dizia, era um frasco de perfume feminino, mas, ao contrário do

que se lia no rótulo, o odor do conteúdo era acre e enjoativo. Ah, esqueci-me de mencionar, o frasco de Magie Lâncome estava na bolsa de George Cox-Langley.

— Na minha bolsa? — balbuciou George.

— Em casos que envolvam um número maior de pessoas, minha premissa é esta: não existem mentiras inofensivas. Se a pessoa mente é porque tem algo a esconder. Nesse ponto, a morte de Lady de Vahle teve um requinte todo especial. Primeiro pensamos que ela tivesse morrido baleada, mas, quando veio o laudo do legista, constatamos que, grosso modo, Lady de Vahle já estava morta na hora em que levou o tiro. Será que duas pessoas diferentes tiveram a mesma ideia de matar a duquesa na mesma noite? Era uma possibilidade muito remota. Aliás, seria uma coincidência fora de série. Assim, por eliminação, delimitei as coisas da seguinte forma: havia só um assassino, e ele, por uma razão que ainda fugia à minha compreensão, tinha realizado dois atentados contra Lady de Vahle numa mesma ocasião. Até aí, tudo bem. Meu passo seguinte foi me concentrar na execução da primeira parte do plano: quem é que teria colocado as drogas no chá da duquesa?”

“Na mesa estiveram várias pessoas... Mrs. Samossa... ao lado dela, o filho... Miss Cox-Langley, que acabou tropeçando na cauda do vestido de Mrs. Samossa... George... Miss Ambros e *Sir* Dumsley, que se sentaram brevemente ao lado de Lady de Vahle... e, por último, Mrs. Strohheimer. Todos estiveram lá, mas, ainda assim, seria preciso um momento... uma chance... para agir. A melhor chance é aquela em que as pessoas estão distraídas com outra coisa. O espocar de uma garrafa... a apresentação de um cantor... Nesse caso, se bem me lembro, houve uma distração — um vaso caiu... e causou um pequeno transtorno na mesa.”

Fez uma pausa e depois prosseguiu:

— De acordo com esse cenário, qualquer pessoa, com a devida paciência, poderia ter drogado o chá. Até onde entendo, as drogas agiram sobre o coração da duquesa e ela teve um colapso pouco depois de ir para a cama. O fato é que, de madrugada, o assassino entrou no quarto e, tendo atirado nela, colocou um broche entre os dedos de Lady de Vahle. Um broche que, agora eu sei, pertencia a Miss Ambros, a mesma pessoa que aqui e agora está sendo acusada do crime.

— O senhor está dizendo que houve uma conspiração para incriminar Miss Ambros? — sorriu Burd. — Ridículo!

— Justamente, inspetor. É ridículo, mas não devemos nos guiar pelos próprios sentimentos, e sim pelos fatos. É claro que, de saída, parece claro que a pessoa ideal... melhor dizendo, a pessoa óbvia... para ter organizado os assassinatos

seja Miss Ambros. Não que tivesse ficado convencido... mas me lembro de ter pensado que era uma pena que as coisas não fossem simples assim! Mas desde o início eu tinha uma forte impressão de que estávamos lidando com um crime premeditado e cometido com esperteza por alguém que quisesse afastar a polícia da pista certa. Alguém que quisesse, digamos, fazer com que a polícia acreditasse que Miss Ambros fosse a verdadeira culpada por trás dos assassinatos.

“Falamos até agora do primeiro homicídio. Vamos nos deter no segundo crime. Um crime que foi cometido porque Francis Brad-Burg suspeitou quem fosse o assassino! Não sei até que ponto chegaram as suas deduções. Acho que a princípio ele só ficou preocupado mas depois foi se tornando cada vez mais inquieto. Mas, sabendo o que sabia, Mr. Brad-Burg cometeu um erro de cálculo que revelou ser fatal — ele imaginou que poderia lidar com a situação. E não só imaginou como foi mais além! Ele marcou uma conversa com o assassino. É claro que, de modo geral, ele conhecia a identidade de seu agressor, tanto assim que ficou de costas para ele. Será que George Cox-Langley é o assassino? Dificilmente, vocês dirão. No entanto, foi no quarto de George que achamos o clorofórmio (dentro do vidro de perfume). Enquanto conversavam, Mr. Brad-Burg foi dopado e depois, com o cinto (o cinto de Miss Ambros!), estrangulado até a morte. Tudo terminou muito bem! A única pessoa que poderia ameaçar a segurança do assassino estava morta. Uma morte inevitável, do seu ponto de vista. Como podem ver, aí está outra prova do complô para incriminar uma única pessoa.

“Duas coisas chamaram minha atenção no corpo de Mr. Brad-Burg: 1.º) a presença dos óculos de Hector Samossa no bolso de sua camisa e, 2.º) seus dedos estavam untados com um creme à base de cera de abelha. Interrogado, o jovem Samossa disse que seus óculos tinham sumido na noite anterior, durante a partida de bridge. Mas essa tarde fizemos uma descoberta que colocou sua declaração em xeque. Encontramos o revólver 9 mm, usado para atirar na duquesa, numa gaveta da cômoda de seu quarto!”

— Espere aí, fui eu que coloquei o revólver lá — disse Hector. — Eu... eu o achei ali fora... perto do console do telefone.

Não fui eu que atirei! Eu juro!

Föll olhou friamente para ele.

— Não adianta jurar, meu jovem! Se você conta mentiras deliberadamente, tudo que vai conseguir com isso é que você se torne uma suspeita. Se não foi você que atirou, quem foi? Essa pergunta nos leva direto para o epicentro dessa

história. As mensagens ameaçadoras recebidas por *Sir Dumsley*. Uma delas dizia: “Prepare-se para perder o que você mais ama”. Tudo levava a crer que, por um motivo qualquer, alguém queria se vingar de *Sir Dumsley*. E a primeira pessoa a morrer foi a própria mãe. E para mostrar que não fora uma vítima aleatória, na parede atrás da cama o assassino grafou o número 1.

“O clímax das ameaças foi a última frase, ontem de manhã: “Prepare-se para morrer”. Eu mesmo, influenciado pelas evidências, achei que a culpa cabia a Miss Ambros e por isso alertei *Sir Dumsley* sobre ela. Mas então, quando ela atirou contra Miss Cox-Langley, toda minha teoria foi por água abaixo. Em vez de confirmar as minhas ideias preconcebidas, eu vi definitivamente que Miss Ambros... era *inocente*.

Os Fatos



— A questão é — disse Föll: — Por que Miss Ambros comprou um revólver e atirou em Miss Cox-Langley? A explicação disso chega a ser banal. Porque ela estava convencida de que Miss Cox-Langley era culpada pela morte de seu marido e resolveu acertar as contas com ela. Afinal, se Miss Ambros fosse a nossa assassina, por que ela armaria um plano meticuloso de estelionato e, por fim, faria uma coisa tão descuidada? Ou será que ela disse: “Eu já matei Lady de Vahle... e matei meu marido... Ótimo, agora vou atirar nessa mulher e serei presa!”? Pois eu digo: *Nein, nein und nein!*

Com esforço, o inspetor Burd se recompôs. Embora com a voz trêmula, falou com coragem:

— Ora, vamos! Não está se esquecendo de uma coisa? Miss Ambros errou o tiro, não errou?

— Mas o revólver tinha mais cinco balas. Ela não atirou uma segunda, uma terceira vez, por uma só razão: ela pode ser uma mentirosa, mas com certeza não é a assassina.

“Tudo isso nos leva aos motivos. Por que alguém estaria querendo se vingar de *Sir Dumsley*? Inveja profissional, raiva? Eu pensei muito nos motivos e nas questões envolvidas. Por exemplo, o coronel Strohheimer... O que ele teria contra um ator de cinema? Pouca coisa, para não dizer nenhuma. Ou Mrs. Strohheimer? Aí surgiu uma pequena revelação: que, anos atrás, Roy Dumsley afogou um cãozinho de estimação de uma moça chamada Miss Van Frysler.

— Miss Van Frysler? — perguntou o inspetor. — Quem é Miss Van Frysler? Mrs. Strohheimer disse:

— Eu sou Miss Van Frysler. Quer dizer... eu *era*. Mas Loly... o meu chihuahua... Isso foi há muitos... anos.

Föll disse:

— Sim, foi há muitos anos, Madame. E, por isso mesmo, eu me perguntei: Seria a morte de um cãozinho responsável por essa onda de acontecimentos? Não, era pouco provável. Daí pensamos em George Cox-Langley. Aqui havia alguma coisa. Mas, por outro lado, será que George seria capaz de arquitetar um

plano desses?

“E quanto a Victoria Cox-Langley? Ela tinha me contado que havia sido estimulada por Lady de Vahle a fazer o aborto de seu bebê. No todo, Miss Cox-Langley teria todos os motivos do mundo para destruir *Sir Dumsley*. Mas uma coisa não batia: ela não poderia ter baleado a duquesa.

“E Hector Samossa? Sim, ele poderia ter envenenado o chá. Além disso, o revólver fora encontrado em seu quarto. Mesmo assim, faltava uma coisa. Um motivo. Por que ele mataria Lady de Vahle? Ou *Sir Dumsley*? Aí chegamos ao nome da mãe, Mrs. Stephany Samossa. Eventualmente, Mrs. Samossa poderia ter interesse na morte da irmã. Pela herança... ou por alguma razão pessoal, que talvez não conhecêssemos.

Fëll ficou em silêncio por alguns instantes até retomar o assunto sob outros aspectos:

— Na noite antes de morrer, Mr. Brad-Burg estava agitado. Ele não disse por que razão, mas creio que podemos supor que ele tinha se lembrado de alguma coisa. Concentrei a minha atenção nos demais pontos. O primeiro ponto e, talvez o mais importante, consistia numa observação sobre os acontecimentos no Salão Arco-Íris, anteontem à noite: “Havia alguma coisa errada”, disse alguém. Mas o quê? Voltei para lá... reconstituí mentalmente os acontecimentos. Sim, era claro. Havia algo realmente errado naquilo. Mais uma pessoa tinha participado de toda a encenação! Quem? Quem esteve lá? George, Victoria Cox-Langley, *Sir Dumsley*, Miss Ambros, o jovem Samossa e Mr. Brad-Burg. A mulher invocada e bêbada... o rapaz armado... o homem que leva o tiro... a noiva histérica... em volta, os espectadores. Ora, a figura central fora Miss Cox-Langley. Mas... sim... mas suponhamos que mais uma pessoa do grupo estivesse mancomunada com ela. Era possível... não, era mais do que possível! Era a verdade.

“Para corroborar minha dedução, lembrei-me que George disse que, alguns dias atrás, sua irmã tinha recebido uma carta. E que fora depois disso que Miss Cox-Langley começara a dizer que precisava vir para cá, resolver alguns assuntos pendentes. Quem foi o remetente da carta? O que constava na carta?

“Pensem nisso... Da mesma forma que o inspetor descobriu a verdadeira identidade de Mr. Brad-Burg e Felicia Ambros, e quais eram suas reais intenções, imaginem que outra pessoa tenha feito a mesma descoberta. Imaginem ainda que essa pessoa tenha tirado proveito disso, cometido um crime e manobrado as coisas para que a culpa fosse atribuída a Miss Ambros! Tudo fica mais fácil, e a única pergunta que sobra é esta: Quem é essa pessoa e qual é seu grau de envolvimento com Miss Cox-Langley?

“A ironia, a grande ironia, é que, mesmo sem saber, Miss Ambros participou na execução do primeiro crime. Quando ela derrubou o vaso de flores com sua manta! Mrs. Samossa disse que, quando Miss Ambros abraçou a duquesa, a manta voou para todos os lados. E Miss Cox-Langley falou algo como: *uma manta de tecido vaporoso!* E foi uma frase dita por Mr. Saborsky que abriu meus olhos para esse fato. Ele disse, num certo momento, que certas coisas *estavam cegando a sua visão*. Uni imediatamente as duas afirmações... E se o assassino tivesse aproveitado aquela hora para colocar as drogas no chá? *A manta... voando, voando... ocultando a mão assassina... a mão que, de modo secreto e furtivo, se aproxima da xícara de chá.* E quem é que acompanhou Miss Ambros durante todo o tempo e, junto com ela, parou ao lado da mesa de Lady de Vahle? Lembra-se que, ontem à noite, Mr. Brad-Brug ficou andando de um lado para o outro, Mr. Saborsky? Agora, o que significa isso?

Mr. Saborsky respondeu imediatamente:

— Significa que ele devia ter se lembrado de alguma coisa.

— Não, não. O senhor não entendeu o que eu quero dizer. Por que ele faria isso na nossa frente?

— Porque estava nervoso.

— Mas por que na nossa frente? Se ele suspeitava quem era o assassino, tinha duas opções: contar a verdade ou guardar segredo e falar diretamente com o assassino para ver se suas suspeitas tinham fundamento. Mas ele ficou andando de um lado para o outro. Por quê? Só pode haver um motivo! Ele queria dar um sinal para o assassino. Portanto, o assassino devia estar presente na ocasião. Mas além de mim e do senhor, só havia mais uma pessoa presente. Numa definição curta, só um homem: *Sir Roy Dumsley*.

Houve um longo silêncio — como se demorasse algum tempo para que fossem tiradas todas as conclusões.

O inspetor exclamou:

— Que ideia mirabolante! Nunca, nem por um segundo, acreditarei numa coisa dessas. O senhor está dizendo que *Sir Dumsley*... a vítima... é a pessoa por trás desses assassinatos?

— Não esses assassinatos — disse Föll. — Ele idealizou só *um* assassinato — o de Lady de Vahle.

— Mas por que ele ia querer matar a própria mãe?

— Dinheiro! Lady de Vahle era uma arquimultimilionária e, por ocasião de sua morte, quase toda a sua vasta fortuna ficou nas mãos dele. Além disso, ela sempre foi uma mãe possessiva, com um ciúme tão exagerado que mantinha o

filho amarrado nas fitas de seu avental. Uma mulher enérgica, obstinada, tirânica, antiquada. Não há dúvida de que, como filho devotado, o senhor aceitava as decisões dela, Sir. Tudo isso é tolerável, menos o dia em que ela fere seriamente a sua esposa. Essa é a gota d'água. De uma hora para outra, toda a sua capacidade de iniciativa e a sua energia, adormecidas durante tantos anos, vieram à tona. Durante o período de recuperação de Miss Cox-Langley, o senhor deve ter frequentado assiduamente a clínica. E assim, o senhor e sua esposa passaram horas e horas conversando sobre seus planos para a enorme fortuna que iriam receber caso Lady de Vahle morresse. Viajar, ter um castelo, roupas e joias, ir a peças e concertos, satisfazer todos os seus caprichos... era uma espécie de conto de fadas que se ia tornar real. O senhor é paciente e disciplinado e espera a melhor ocasião. E essa ocasião vem quando um casal ardiloso tenta um golpe financeiro. O senhor pressente que a hora é boa. Se tudo for bem feito, será o fim simultâneo de dois problemas.

“Todos os detalhes do crime foram muito bem costurados, cada detalhe avaliado. Sempre achei incrível, com tantas pessoas presentes, alguém ter colocado as drogas naquele maldito chá. Sem ninguém ver nada? *Unglaublich!* Uma ou outra pessoa perceberia alguma coisa. É como quando você diz: “Eu não sei bem, mas acho que fulano esteve lá”, ou: “Eu não vi, mas dizem que ciclano foi empurrado do convés”. Entenderam? Você pode não estar certo do que sabe, mas há um resquício daquilo em sua mente. Nesse caso não. Muita gente esteve lá, e ninguém havia visto nada. Isso significava só uma coisa: que tudo foi feito numa hora em que todos os olhares estavam voltados para outra coisa. Aqui a manta amarela... Lá o vaso que cai para distrair a atenção...

“E depois temos toda a outra sequência de eventos. Victoria Cox-Langley que finge ter bebido demais e provoca o casal que está dançando... George e aquela imitação de rapaz que sai em defesa de sua irmã... *Sir* Dumsley sendo baleado e caindo como uma ovelha sacrificada. Acho que foi essa exagerada riqueza de detalhes que comprometeu um pouco o realismo da cena. Hector Samossa não se enganou: *Sir* Dumsley pecou pelo excesso de carga emocional em sua interpretação. Homem é supostamente ferido por uma bala — homem cai de joelhos — depois homem bate a roupa e diz que não foi nada. Não, aquilo era forçado demais! Tudo feito para ampliar o sentimento de repulsa que já sentíamos por Miss Cox-Langley. Sim, porque Miss Cox-Langley era a cúmplice-mor desde o começo. A cúmplice sobre quem seria jogada toda a culpa pelo assassinato que aconteceria a seguir. Mas também a cúmplice com um álibi irrepreensível. Afinal, logo após o falso tiro, o que *Sir* Dumsley faz? Ele pede

que Morgan prenda George... e *Miss Cox-Langley*... no quarto. Ela, a única que teria um motivo palpável para matar a duquesa de Vahle!... ela está agora incomunicável com o mundo exterior. Foi aí que *Sir Dumsley* deu o toque de brilhantismo a tudo aquilo. Ele sabia que àquela hora sua mãe já deveria estar morta, mas, para dirimir *Miss Cox-Langley* de quaisquer suspeitas, ele vai até o quarto e dá um tiro sem qualquer significado em *Lady de Vahle*. Pronto, isso conclui maravilhosamente toda a pantomima!

“Esse crime teria bastado para satisfazer a gana de assassino primário de *Sir Dumsley*. A mulher que até ali tinha controlado toda a sua vida afetiva estava morta. Ela, que adorava o filho... que era obsessivamente apegada a ele... que vivia exclusivamente para ele e queria que ele vivesse exclusivamente para ela! Ela!... ela havia sido riscada de sua vida para sempre. Ele estava livre de sua redoma de vidro. Além disso, o broche e os rabiscos com o batom conduziram a polícia diretamente a *Miss Ambros* e *Francis Brad-Burg*. Eles é que pagariam pelo crime.”

Mr. Saborsky coçou o nariz e perguntou:

— Está querendo dizer que *Sir Dumsley* sabia quem eles eram e qual era a real intenção deles?

— Como acabei de dizer, alguém sabia da verdadeira identidade de *Miss Ambros* e de *Mr. Brad-Burg*. Esse alguém era *Sir Dumsley*. Não sei como, mas ele soube da trama que o casal tentou tecer em torno dele. Ele não precisaria ter assumido o compromisso com *Miss Ambros*. Mas ele pensou: “E se eu usasse esses dois para meu próprio benefício? Eu poderia cometer um crime... deixaria algumas pistas levando até eles... e eu, eu sairia livre, sem um arranhão em minha reputação!”. Não é perfeito? *Sir Dumsley* amadurece aos poucos a ideia e então, na hora certa, ele escreve uma carta para *Miss Cox-Langley*, em Goa. Ele explica o que pretende fazer e afirma que, para que tudo funcione bem, vai precisar da ajuda dela. Alvorçada, *Victoria Cox-Langley* convence o irmão a vir para cá com ela. George não sabe, mas toda essa história possuía um só objetivo: reaproximar *Sir Dumsley* e *Miss Cox-Langley*. Para todos os efeitos, eles ainda são marido e mulher. Legalmente falando, o divórcio não passava de uma fraude. Uma fraude que passou a vigorar três anos atrás, depois da noite em que Penny de Vahle atacou *Miss Cox-Langley* com um vidrinho de ácido.

Mrs. Samossa disse:

— Ah! Tolice! Penny não fez isso! Quem... quem jogou o ácido foi Roy. Ele... não Penny...

Föll continuou:

— Essa foi a versão apresentada para nós. Fizeram de *Sir Dumsley* um monstro (lembro que foi esse o termo que Victoria usou perto do lago!). Mas, pelo que sei, quem decidiu a favor do aborto foi Lady de Vahle. Tudo passava por seu critério de avaliação. E ela havia decidido que não era hora de ter um neto! Victoria Cox-Langley fez muito bem seu papel de esposa rejeitada diante de mim, mas ao falar do episódio da agressão ela contou a verdade. Ela disse: “Acordei de madrugada com os braços pegando fogo. Roy estava do lado da cama olhando para mim.” Estão vendo? Ela não disse: “Eu vi Roy jogando o ácido”, mas: “Ele estava *olhando* para mim”. Por quê? Porque essa era a verdade. *Sir Dumsley* estava lá e foi a primeira pessoa a prestar socorro médico. Isso indica que Miss Cox-Langley, em partes, fez uma narrativa honesta dos fatos.

“Depois de atingir sua ambiciosa meta, e de ver que sua mãe estava morta, *Sir Dumsley* não tem mais a mínima disposição de matar ninguém. É então que Francis Brad-Burg começa a desconfiar do *amigo*. Em desespero, e sabendo que pode ser implicado no crime, Mr. Brad-Burg vê que está numa situação de risco. Se ele tivesse uma suspeita contra qualquer outra pessoa...! Mas não, ele sabe quem é o assassino. Assim, por duas vezes ele se esquivava de nos dizer o que sabe, e por duas razões. Primeiro, porque não podia acusar formalmente *Sir Dumsley*. E segundo, o que seria ainda pior, se a polícia ouvisse o seu testemunho, é evidente que ouviria também o testemunho de *Sir Dumsley*, e então (ele sabia) toda a farsa dele e de Miss Ambros seria exposta. Muito nervoso, Mr. Brad-Burg anda para lá e para cá, murmurando aquelas frases cuja função era alertar *Sir Dumsley* de que ele sabia da verdade sobre seu crime. Assim, longe de nossos ouvidos, eles combinam aquele encontro na Sala de Armas. Fatalmente, Mr. Brad-Burg vai, talvez com a esperança de que poderia pleitear um acordo. É possível que ele pensasse: “Eu vou dizer a *Sir Dumsley* que não vamos revelar o que ele fez com sua mãe.” Mas *Sir Dumsley* não quer um acordo. *Sir Dumsley* quer salvar a pele. Ele surpreende o rapaz e ataca. Durante o ataque, Mr. Brad-Burg suja os dedos com o creme à base de própolis — um creme usado pelos atores para caracterizar alguns de seus personagens. Mr. Brad-Burg morre. Os óculos de Hector Samossa são colocados em seu bolso — acho que só para despistar. Daí, como suplemento final, *Sir Dumsley* escreve outra daquelas ameaças vazias.

“Foram essas ameaças, aliás, que me convenceram de sua culpa. Ouçam como elas foram elaboradas! Elas não dizem: *Acabou*, ou: *Você vai morrer*. Não, há sempre um elemento dramático. *Prepare-se para isso, prepare-se para aquilo*, como nós vimos muito bem. Uma fraseologia muito parecida com a do cartão-

postal que ele deu para Miss Ambros. “Estou *preparado* para viver com você, etc...” Houve também aquela história dos bilhetes, de cuja existência ficamos sabendo hoje à tarde. Por que será que *Sir Dumsley* não falara nos bilhetes há mais tempo? A resposta era óbvia: *porque eles não existiam*. Depois do meio-dia, quando eu pedi que ele me desse a chave dos quartos, e disse que ficaríamos aqui para fazer as buscas, ele deve ter visto que nós também vasculharíamos o seu quarto. Assim, *Sir Dumsley*, às pressas, escreveu algumas frases bobas e largou as folhas de papel no criado-mudo, onde sabia que seriam achadas.

— Mas Miss Ambros atirou em Miss Cox-Langley! — disse Mr. Saborsky. — Como o senhor explica isso?

Fëll disse:

— Como vimos, depois da morte do marido, Miss Ambros ficou totalmente atordoada e confusa. Para ela, só existia uma culpada: Victoria Cox-Langley. Miss Cox-Langley — ela é que pagaria! E quase pagou, realmente!

Entrando pela porta, Felicia abriu caminho entre os demais e pulou sobre o renomado ator. O inspetor Burd precisou de toda a sua força para segurá-la.

— Vamos... — disse ele. — Vamos... não, não faça isso, Miss Ambros.

Soluçando, a moça suplicava:

— Solte-me, solte-me. Ele matou Francis... matou Francis...

Inteiramente alucinado, *Sir Dumsley* saiu correndo para a porta para ser barrado pelo corpanzil do oficial Alaric.

— Afaste-se de mim! — rugiu *Sir Dumsley*. — Afaste-se... eu não... matei ninguém...

— Bem, Sir... hum... Dumsley... — disse o inspetor Burd, deixando Felicia de lado. — Não estou dizendo que não acredito na sua inocência. Ela será comprovada ou não muito em breve. Em todo caso, vamos ter que conferir essa... história.

Acalmando-se aos poucos, *Sir Dumsley* olhou para Fëll:

— Então, o senhor sabe de tudo?

— Sim — disse Fëll. — Eu sei. Eu sei que para o senhor, sua mãe não passava de uma criatura descartável, Francis Henschell de um crápula e Felicia Ambros de uma oportunista. E sei também que o bom Deus deu uma capacidade formidável para o senhor. A capacidade de atuar na frente de uma câmera. O senhor é visto pelas pessoas como tendo um caráter honesto e equilibrado. Mas o senhor se afastou disso. Publicamente, o senhor continua a mesma pessoa, um ator multitalentoso, confiável, honesto. Mas, por trás da maquiagem, o senhor se tornou um assassino. Um assassino que sacrificou duas vidas. Vidas que, a seu

ver, eram totalmente inúteis.

... Mais Fatos



Miss Cox-Langley foi trazida para o Castelo de Vahle na manhã seguinte. Fëll resolveu trocar algumas palavras finais com a mulher.

— Miss Cox-Langley!

Fëll viu que o ombro dela estava enfaixado. No meio do quarto, numa cadeira de balanço, uma enfermeira tricotava um cachecol.

Miss Cox-Langley fez um gesto, zangada.

— Veio proferir a sentença de morte?

— Eu lamento, Miss — disse Fëll, ao pé da cama.

— Gostaria de acreditar no senhor. Quer se sentar?

— *Danke*, Miss.

Ele se sentou e olhou em volta. Discretamente, Miss Cox-Langley acenou para a enfermeira, que saiu sem fazer barulho.

— E muita gentileza sua vir me visitar. E a polícia?

— Vão esperar que se recupere. Depois... bem, receio que virão buscá-la, Miss.

— Estou chateada com o senhor, sabia?

Fëll olhou para ela, pensativo.

— Por que, Miss?

— Porque o senhor poderia ter sido benevolente conosco. Não viu que eu e Roy nos amamos?

— Sim, vocês se amam. Mas pessoas morreram...

— Pessoas morrem todo dia — disse Miss Cox-Langley. — Catástrofes, acidente ou assassinato... dá na mesma.

— Para mim não, Miss. Muitas catástrofes são inevitáveis e os acidentes, na maioria, são causados pela imprudência. Mas os assassinatos... ah, os assassinatos devem ser reprimidos.

— Ah, o açoite de Deus!

Fëll disse:

— Não, apenas a imperfeita justiça humana. Fico triste pela senhorita, Miss. Não precisava ter chegado a esse ponto.

— O senhor deveria fazer parte de uma ONG — disse Miss Cox-Langley. — Quando começou a suspeitar de nós?

— As evidências eram ululantes.

Ela respirou ofegante.

— Parabéns por vencer a gente. Quer saber como me meti nisso? Roy não suportou a pressão, por que eu deveria? Tolinho, ele é valente só no cinema. Mas não posso reclamar. Tudo o que Roy fez, fez por mim. O senhor viu a preocupação dele? Deveria ter visto quando eu estava com os braços... *estes braços aqui...* em carne viva! Roy quis mover céus e terra... A mãe dele, aquela velha sádica, quase morreu de medo. Medo de mim, do que eu poderia fazer... Ela era maluca! Bastava um advogado e teria sido o fim do nome de Pennélope de Vahle. Roy também não queria escândalos. Mas, pobrezinho, é claro que não podíamos ficar juntos. A mãe! O ódio dela contra mim... Roy achou melhor nos distanciar por um tempo e prometeu que procuraria uma saída, que então a gente voltaria... Eu concordei com ele. Estava enfeitiçada por ele. Louca de amor!...

“Roy trabalhou para abafar o caso. Falou com os médicos, assumiu a culpa e disse que cuidaria de mim. Eu aceitei tudo e teria aceitado muito mais caso ele tivesse pedido. Foi fácil eu fingir que o odiava. Nada mais natural, naquelas circunstâncias. Foi aí que liguei para meu irmão George, que me socorreu com a maior boa vontade. Quando meu Erik nasceu, tomei todas as providências para que ele fosse bem criado. Falei para George que eu não poderia sustentar meu filho. Insisti tanto que ele acabou concordando com a *adoção*. Nossa irmã em Düsseldorf passou a cuidar de Erik.

“Eu esperei, esperei... Eu não queria que Roy fizesse nada apressadamente. O senhor não pode calcular as noites de tortura... Estar casada e não ter a pessoa que eu amava perto de mim! Foi quando Roy pensou naquilo pela primeira vez. Depois, vivia tocando no assunto, dizendo que seria muito conveniente se a mãe morresse. Comentei que achava a ideia pavorosa, e ele parou de falar no assunto. Então Roy conheceu Felicia... Ela era estranha, foi se oferecendo como se fosse um presente da loja de doces. Roy fez algumas pesquisas sobre ela. Tudo ficou confirmado, preto no branco — Felicia, a atriz, era esposa de Francis, um de seus melhores amigos! E pior: Roy viu quais eram as intenções do casal. Ele ficou fora de si com a trapaça, mas eu sugeri que eles poderiam ser úteis para nós.”

— A senhorita sugeriu, Miss?

— Sim, Mr. Fëll. Achei que a base da trama deveria ser uma espécie de duplo alibi. Se Roy e eu pudéssemos, de alguma forma, depor um contra o outro, mas

um depoimento que justamente nos absolvesse. Então, quando Lady de Vahle morresse, com certeza suspeitariam de mim. Seria melhor, portanto, que suspeitassem desde o início. Planejamos todos os detalhes. Eu queria que, se algo desse errado, eu fosse incriminada e não Roy. Roy ficou muito entusiasmado com minha ideia. Depois que ele trouxe Felicia para cá, aconteceu o que nós imaginávamos. Francis veio atrás dela. Chegava a ser irônico: enquanto eles julgavam estar manipulando Roy, nós estávamos cevando os dois para serem testas-de-ferro de nosso engenhoso assassinato em família.

“Não importa o que os outros digam ou pensem, Lady de Vahle era uma mulher muito má. É por isso que não sinto pena dela, nem agora. Ela fez de tudo para afastar Roy de mim. Essa é a verdade! Ela não hesitou um minuto sequer. O marido, Sir de Vahle, foi um homem muito distinto. Eu o conheci, posso falar de primeira mão. Mas ela... Ela tinha ciúme de Roy e inveja de mim. Ela não suportava a ideia de nos ver juntos.

Fez uma pausa.

— Nós não queríamos eliminar Francis. E nem seria preciso se o inspetor tivesse olhado os antecedentes de Felicia. Mais as marcas de batom e o broche... As conclusões teriam sido óbvias. Mas então o senhor começou a falar e jogou por terra todas as teorias da polícia. Foi uma perda imensa para nós, Mr. Föll. Se o senhor não tivesse aberto a boca... bolas!, a polícia teria os seus culpados e nós, depois de tantos anos, teríamos ido para a nossa lua-de-mel! Mas, como diz o ditado, tudo que vem fácil vai fácil.

“Francis disse ter pensado muito no caso e, claro, deixou claro para Roy que sabia de tudo. Depois, Roy veio falar comigo e me contou tudo. Ele estava com tanto medo, tanto medo... é isso o que o assassinato faz com uma pessoa. Mas eu não vacilei. Não fiquei horrorizada. Não senhor, eu sabia o que devia ser feito. Roy e eu estávamos seguros. Não corríamos perigo, a não ser por aquele maldito inglês estelionatário. Daríamos um jeito nele — definitivamente! Eu tinha comigo o clorofórmio. Embebi um pano e o entreguei a Roy, para usá-lo em qualquer eventualidade. (A sobra eu derramei num vidro de perfume e escondi entre as coisas de George, etc.). Roy ainda teve a frieza necessária para rabiscar aquela frase que o senhor leu no vidro da Sala de Armas. Era... era perfeito! O senhor pôs tudo a perder, Mr. Föll! O senhor é o único culpado!

Föll a olhou com grande pena.

— Não fui que pus tudo a perder, Miss. A autoria de dois assassinatos, com essas particularidades, não ficaria encoberta para sempre. Eu só apressei as coisas.

— Eu só queria paz, amor...

— A senhorita terá o seu amor — acentuou Fëll tristemente. — Considere isso apenas um adiamento.

Miss Cox-Langley respirou fundo, sorriu, então, movendo sua cabeça ligeiramente para um lado, disse:

— Adiamento? Acha que Roy vai me querer daqui a 20, 30 anos?

— Já pensou, Miss, em Felicia Ambros? A perda dela foi relativamente mais dolorosa.

— Não me fale mais nisso. Aquela estúpida quase acabou comigo! Ela, o senhor está vendo, atirou em mim! Ela atirou... sem dizer nada, apenas apontou e... como se eu não fosse ninguém...

— Quem com ferro fere...

— O senhor é patético! Não quer saber o que eu penso, o que eu sinto... Fica aí falando, como se eu não valesse nada, como se... como se...

Ela baixou a voz de maneira dramática.

— Eu só peço um favor: diga a George que venha me ver. Ele... Eu preciso falar com ele. George é inocente! Ele é generoso, é bom...

Fëll pôs-se de pé.

E disse numa voz objetiva:

— Transmitirei o recado. Lembra-se que eu a aconselhei a ir embora, Miss, e que deixasse tudo para trás? Poderia ter vivido com *Sir Dumsley*, como sempre quis, longe daqui.

Miss Cox-Langley balançou a cabeça. Pela primeira vez, quase serenamente.

— Como eu falei, Mr. Fëll, não me reprove.

Fëll se inclinou e saiu.

Epílogo



Os hóspedes saíram depois do almoço.

Fëll observava a vista bucólica. Uma abertura no bosque de pinho depois da campina formava uma moldura para os morros brancos de neve atrás dele.

Havia uma fileira de veículos estacionados no pátio.

— *Alles ist gut abgelauf.*

— É, e não é para menos — comentou Saborsky olhando para o amigo. — *Sir Dumsley* foi encaminhado para a prisão e vai responder a um inquérito. Que sujeito sem-vergonha! Amanhã mesmo tomarei todas as providências para me certificar de que ele nunca receba um centavo de herança. No fim, quem se deu bem foi Mrs. Samossa. Vai ser rica e famosa.

— O dinheiro nunca trouxe felicidade — filosofou Fëll.

— Que coisa! — disse Mr. Saborsky. — Viemos investigar o sumiço de uma mísera joia e acabamos desbaratando um festival de assassinatos!

— Nada mal para dois investigadores que andavam meio desacreditados, *meinen Sie nicht?*

— Eu que o diga.

George apareceu nos degraus.

— Tudo bem com Vicky, Mr. Fëll? Ela... ela vai ficar boa?

— Sua irmã me pediu para dizer que quer falar com você, George.

O rapaz olhou de maneira interrogativa para Fëll.

— Ela quer falar... comigo? O senhor acha que eu devo ir?

Fëll disse:

— Sim, eu acho, meu jovem. Parece-me que ela está muito aflita e precisa de conforto. Por que não fica ao lado dela enquanto a sua irmã se recupera?

George pareceu surpreso.

— Se é o senhor quem diz... Sim, eu vou cuidar dela. Vicky precisa de mim... é minha responsabilidade.

George entrou no castelo.

— Tem um ligeiro retardo mental — disse o irlandês para Fëll. — Mas é um bom menino.

Abaixo deles, apareceu Mrs. Strohheimer.

— Finalmente livres! — exclamou ela. — Eu queria que Arthur viesse se despedir, mas ele disse: “Vá você, Gerry. Vá você!” E me enxotou como se eu fosse uma galinha choca. Oh! Uma galinha choca.

Ela abanou a cabeça, indignada.

Fëll sorriu.

— Ora, Madame, não faz mal.

Margareth Strohheimer suspirou.

— É, deve ser a emoção do momento. Mas graças ao senhor, deu tudo certo.

— Espero que façam boa viagem — disse Fëll.

— Muito obrigada, o senhor é um cavalheiro.

Bamboleando os quadris, Mrs. Strohheimer andou alguns metros.

— Oh, eu já ia me esquecendo — disse ela. — Arthur pediu para dar *isto* ao senhor.

— Para mim, Madame?

— Sim, ele disse que o senhor sabe do que se trata.

Fëll pegou o taco de críquete, muito admirado com o presente.

— Agradeça ao coronel por mim, Madame. Vou... vou fazer bom uso... diga a ele.

— Eu direi. *Tchauzinho*.

Mrs. Strohheimer dirigiu-se ao Rolls Royce que esperava para levá-la à estação. Momentos depois, eles ouviam o carro se afastar.

— Ah, um prêmio de consolação! — disse Mr. Saborsky. — Achei que o senhor tivesse dito que a mulher está envolvida no roubo!

Fëll murmurou:

— Sim, eu disse. Mas acredito que me enganei. Ela... Mrs. Strohheimer... não tem cara de quem esteja metida nisso. Sim... Ela deve saber da compulsão do marido e previu que ele tentaria alguma coisa contra o relógio — por isso esteve na sala naquela noite. Isso não quer dizer que seja cúmplice dele.

Fëll olhou o taco por um instante. Ocorreu-lhe uma coisa. E se as safiras... Sim, e se!

Mrs. Samossa e Hector apareceram. Nervosa, Mrs. Samossa bateu o pé no chão.

— Estamos partindo, Mr. Fëll. Mas eu culpo o senhor pela morte de Penny. O senhor deveria ter dado algum jeito, feito alguma coisa.

— O quê? — perguntou Fëll.

— Poderia... poderia ter chamado a polícia!

— E dizer o quê? O que a gente pode dizer, antes do crime? Que alguém está pensando em um crime?

— O senhor poderia ter prevenido Penny — insistiu Mrs. Samossa.

— Mas eu não sabia que ela seria a vítima!

— O senhor poderia ter prevenido Roy... poderia ter dito que conhecia suas intenções.

— Mamãe, por favor, não comece — disse Hector com uma pitada de mau humor. — Vão achar que a senhora é paranoica.

Mrs. Samossa olhou para Mr. Saborsky.

— Há outras pessoas nesse mundo que são paranoicas — disse, com a voz amarga.

— Madame? — perguntou o dramaturgo.

— Humpf — fez Mrs. Samossa. — Viemos só dizer adeus.

Fëll deu um breve sorriso.

— Vão aonde? A Glasgow, suponho.

— Sim! Como... o senhor sabe?

— Essa foi moleza! — disse Hector. — Ele viu a folha de classificados em meu quarto... Deduziu que estamos procurando um imóvel.

Fëll acrescentou:

— E também ouvi a senhora dando o telefonema naquele dia. Estava falando inglês, e quando cheguei perto mudou para espanhol. Vi o impresso em seu colo.

— É mesmo? — perguntou ela, encabulada.

— Por que a senhora não espera até se tornar proprietária de Keynsworth?

— Eu já falei para Hector. Oh, vai ser encantador!

Hector disse:

— De novo não, mamãe. Vamos... Temos que ir.

Mãe e filho foram para o Bentley.

Mr. Saborsky disse, irritado:

— Tenho a sensação de que essa mulher cismou comigo.

— É o formato de seu crânio — brincou Fëll.

— Então eles não voltam para a Bolívia?

— Não. Eu li... me lembrei ontem... que o *Signore* Samossa era narcotraficante. Foi morto foi morto em um conflito armado entre cartéis de drogas ilegais pelo controle regional.

Felicia Ambros e o inspetor Burd apareceram.

— Ah, Mr. Fëll — disse Burd. — Pensei em agradecer... ahn... pela sua ajuda.

Fëll meneou a cabeça.

— De certa forma, inspetor, eu é que devo agradecer. As suas pesquisas tiveram um caráter fundamental na solução desse caso.

Burd bateu na barriga pomposamente.

— Humilde, hein? Humildade sempre é bom.

Fëll dirigiu-se a Felicia.

— E a senhorita?

— Vou ser extraditada, não é maravilhoso? — disse ela com naturalidade.

— Ré primária — disse o inspetor. — Cumprirá uma pena *pro forma*.

Mr. Saborsky disse:

— Eu lamento por seu marido, Miss.

Os olhos de Felicia ficaram úmidos.

— Roy rasgou páginas de meu diário, pegou meu cinto, o batom... E eu nunca desconfiei dele! Pobre Francis. Ele desconfiou e morreu por causa disso.

Fëll deu um passo à frente e pôs a mão sobre seu ombro.

— Foi o melhor papel de *Sir Dumsley*. Quando ele chorou no quarto da mãe, na manhã do assassinato... Foi uma atuação soberba. — Ergueu o queixo dela.

— Coragem, Miss! Foco no futuro...

Burd fez uma careta.

— Bem, Miss, vamos. Há um avião à sua espera.

Os dois saíram.

Mr. Saborsky mordeu o lábio.

— Ela mencionou o cinto... Mas e os óculos? Por que acha que *Sir Dumsley* deixou os óculos na cena do segundo crime?

— Acho que ele quis *maquiar* as evidências — disse Fëll. — Uma jogada frustrada, digamos assim.

— O senhor tem resposta para tudo! — disse o irlandês. — E quanto ao coronel? Pelo que sei, ele não devolveu as pedras do relógio, devolveu?

Pensativo, Fëll lançou um olhar para o taco de críquete.

— Ele devolveu sim! Eu disse que estavam na bengala, não foi? Acrescente mais um item à minha lista de equívocos.
